



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA E ANTROPOLOGIA  
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: ANTROPOLOGIA

SILVIANE COUTO DE CARVALHO

**GUARDIÃES DE SABERES QUILOMBOLAS DA AMAZÔNIA BRASILEIRA:**  
relações entre mulheres, território, memórias e plantas no Médio Itacuruçá

BELÉM-PARÁ

2025

SILVIANE COUTO DE CARVALHO

**GUARDIÃES DE SABERES QUILOMBOLAS DA AMAZÔNIA BRASILEIRA:**  
Relações entre mulheres, território, memórias e plantas no Médio Itacuruçá

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia da Universidade Federal do Pará (PPGSA-UFPA), como parte dos requisitos necessários para obtenção do título de Mestre em Sociologia e Antropologia. Linha de Pesquisa: Gênero, Geração e Relações Etnicorraciais, sob orientação da Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Denise Machado Cardoso.

BELÉM- PARÁ

2025

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD**  
**Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará**  
**Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)**

---

C871g Couto de Carvalho, Silviane.  
GUARDIÃES DE SABERES QUILOMBOLAS DA  
AMAZÔNIA BRASILEIRA: Relações entre mulheres, território,  
memórias e plantas no Médio Itacuruçá / Silviane Couto de  
Carvalho. — 2025.  
212 f. : il. color.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dra. Denise Machado Cardoso  
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará,  
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-  
Graduação em Sociologia e Antropologia, Belém, 2025.

1. plantas ancestrais. 2. mulheres quilombolas. 3.  
etnografia. 4. agrofloresta. 5. Amazônia brasileira. I. Título.

**CDD 301**

---

**SILVIANE COUTO DE CARVALHO**

**GUARDIÃES DE SABERES QUILOMBOLAS DA AMAZÔNIA BRASILEIRA:**

relações entre mulheres, território, memórias e plantas no Médio Itacuruçá

**Defesa de Mestrado**

**BANCA EXAMINADORA**

**Profa. Dra. Denise Machado Cardoso**

Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia – PPGSA/UFPA  
Orientadora

**Profa. Dra. Voyner Ravena Cañete**

Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia – PPGSA/UFPA  
Examinadora interna

**Profa. Dra. Maria do Socorro Rayol Amoras**

Programa de Pós-Graduação em Serviço Social - PPGSS/UFPA  
Examinadora externa

Dedico esta pesquisa a todes quilombolas de Itacuruçá: aos presentes e àqueles que com muita saudade ficarão gravados em nossas lembranças e memórias.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente aos meus ancestrais, por suas resistências e lutas que travaram. E possibilitaram-me desfrutar do meu querido e amado território quilombola de Itacuruçá. Sem suas forças e coragem, isso não teria acontecido. Sei que muitos tombaram nessa caminhada, mas suas histórias e lutas não foram em vão. Hoje nós somos a continuação de seus sonhos por um mundo melhor e igualitário. Parte do que sou hoje como pessoa tem um pouco do aprendizado com e sobre os meus ancestrais, e os comunitários de Itacuruçá. Minha eterna gratidão aos seus ensinamentos e saberes.

Aos meus bisavôs e bisavós paternos e maternos, os quais eu não conheci pessoalmente. Mas devido a minha curiosidade pude conhecer um pouco de suas trajetórias de vida por meio de histórias que são de grande inspiração e amor. Persistiram em um período de dificuldades e negligências para dar um futuro melhor aos seus filhos.

Aos meus avô e avó paternos, dos quais conheci apenas minha avó paterna Maria Costa de Carvalho, popularmente chamada de velha branca. Quando eu era criança ela me contava as histórias dos animais que falavam “como gente” e me traziam grandes lições para a vida. O meu avô paterno infelizmente não tive o prazer de conhecê-lo, Agostinho de Carvalho. Sua trajetória de vida e a luta pelo território foi covardemente interrompida de continuar nesse plano. Entretanto seus sonhos e legado estão presentes em cada pessoa que defende e tem amor pelo Itacuruçá. Tentaram lhe enterrar, mas você se tornou semente.

Aos meus avô e avó maternos, Humberto Carvalho do Couto e Eunice Couto de Carvalho, por vocês conheci um pouco sobre o território do Itacuruçá. Obrigada pelo companheirismo, pelas histórias, saberes e ensinamentos, não os esquecerei. Sempre solícitos e atenciosos ajudavam a todos na comunidade sem distinção. Como meu avô falava “Nunca desprezei a comunidade.”. Eles são parte da história do Itacuruçá, por isso continuam vivos em nossa memória.

Aos meus pais, Agostinho Costa de Carvalho e Erci Couto de Carvalho por todos os seus esforços para que tivéssemos uma educação melhor, para mim e mais 6 irmãos. Sempre nos apoiando nos estudos e nos nossos sonhos. Obrigada por toda dedicação, esforços e compreensão mesmo quando as situações estavam difíceis, vocês foram e ainda são o meu abrigo.

Agradeço aos comunitários de Itacuruçá, as interlocutoras que tiraram um pouco do seu tempo e me receberam em suas residências, entre os cafés compartilhados e mudas de plantas. As suas vivências e experiências muito contribuíram para o êxito desse trabalho, sem as suas contribuições eu não teria colhido tantas histórias ricas e motivacionais. Vocês trouxeram vida a esse trabalho a partir de suas trajetórias e histórias de vida que muito me emocionam e ensinam.

Aos meus amigos e familiares de Itacuruçá, professoras, Agentes Comunitárias de Saúde (ACS), tios, tias, primos e primas, sobrinhos, sobrinhas e familiares pelas vivências, receptividade e carinho mesmo distante da comunidade devido a conclusão da escrita dessa dissertação.

Ao meu esposo, Thiago da Luz Ferreira, companheiro de vida e das lutas, obrigada por seus conselhos, longas conversas acompanhadas de um café, sendo compreensivo durante todos esses anos. E quando desanimava sempre me dava motivações para continuar.

À minha filha, Ticiane de Carvalho Ferreira, que tem me dado forças durante essa caminhada. Sempre atenciosa, carinhosa e compreensiva quando não podia acompanhá-la nas atividades da escola e nas brincadeiras.

À Universidade Federal do Pará (UFPA) por adotar o Processo Seletivo Especial (PSE) Quilombola e a reserva de vagas nos cursos de graduação. Aos presidentes Luiz Inácio Lula da Silva e Dilma Vana Rousseff por garantirem aos menos favorecidos o direito de estudar e cursar o ensino superior.

Ao Programa de Pós-graduação em Sociologia e Antropologia (PPGSA) da UFPA por oportunizar vagas aos estudantes indígenas e quilombolas nos cursos de mestrado e doutorado. Foi por uma dessas vagas que consegui acessar este programa. Obrigada pela receptividade, dialogando e buscando ouvir as nossas demandas enquanto estudantes indígenas e quilombolas.

Aos amigos que fiz durante a graduação, pós-graduação e aos amigos quilombolas e indígenas da pós-graduação no PPGSA-UFPA. As conversas formais e informais nos grupos, do projeto de pesquisa “Awá Surara: Quilombolas e Indígenas na academia, produção de conhecimento para o Bem Viver e a interculturalidade na universidade e na comunidade”, coordenado pelo Prof. Dr. Rodrigo Corrêa Diniz Peixoto; e também nas discussões durante as apresentações das nossas pesquisas no Caleidoscópio, evento realizado pela minha

orientadora, Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Denise Machado Cardoso. Esses grupos de pesquisa e oficinas contribuíram grandemente para a construção teórica e epistemológica necessária para esta pesquisa.

A todos os professores e professoras do PPGSA-UFPA, onde pude conhecê-los pessoalmente por meio das aulas presenciais, e os que conheci através das plataformas virtuais, devido às aulas remotas em decorrência do fechamento das universidades para evitar a propagação da Covid -19. Estes professores contribuíram nas aulas de teoria antropológica e sociológica, nas oficinas de elaboração das nossas pesquisas etnográficas, nas aulas sobre legislações, direitos quilombolas e proteção dos territórios quilombolas.

Agradeço à minha orientadora Denise Machado Cardoso pelas leituras, colaborações, ideias e dicas para estruturar melhor esta dissertação. Por todo o esforço e ajuda, mesmo quando eu estava sem ideias de como começar, ela me ajudou a ver por uma outra perspectiva. Pela compreensão quando passava semanas sem dar retorno, pois precisava organizar os meus pensamentos e leituras antes de iniciar a escrita. Obrigada por não desistir de mim.

Agradeço às professoras que participaram da minha banca de qualificação e defesa, Maria do Socorro Rayol Amoras e Voyner Ravena Cañete pelas contribuições nesta dissertação. E por me fazerem perceber que na escrita também eu poderia ir mais profundo, além do superficial.

Agradeço à Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação (PROPESP) da UFPA que em Convênio 002/2021 com a Fundação Amazônia de Amparo a Estudos e Pesquisas (FAPESPA), a qual subsidiou recursos para a celebração do primeiro edital na UFPA para concessão de bolsas de Mestrado e de Doutorado no âmbito do Programa de Ações Afirmativas da Pós-Graduação (PAF-PG). Os bolsistas foram os discentes Indígenas, Quilombolas, Ribeirinhos, Extrativistas, Pessoas com Deficiência (PcD), e Pessoas Estrangeiras em condição de vulnerabilidade socioeconômica do Mestrado Acadêmico ou Doutorado acadêmico da UFPA, Edital 14/2021 – PROPESP/PAF-PG. Por meio deste edital consegui apoio financeiro durante alguns meses, nessa minha trajetória no mestrado. O que foi substancial para investir no meu aprendizado através de cursos, e garantir a dedicação exclusiva à escrita da dissertação.

O meu mais especial agradecimento a todo o povo ribeirinho e quilombola por suas lutas e resistências em manter viva a nossa memória, histórias, saberes e fazeres do território

quilombola de Itacuruçá. Por todos os esforços, os quais nos possibilitaram chegar mais longe. Esta conquista também é de vocês, é nossa.

Às minhas amigas do coletivo “Mãe Preta: Sementes da Ancestralidade”, Priscila Torres, Ivanete Santos, Diliane Maciel, Thays Torres, Nayra Côrrea, que em um só pensamento puderam concretizar o sonho de fazer o “Jirau Medicinal Quilombola” no território do Médio Itacuruçá. Obrigada à prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Voyner Cañete por nos orientar e ajudar a construir o projeto conosco. Sozinhas as dificuldades eram muitas, mas à medida que buscamos ajuda, nós nos tornamos fortes juntas. Parafraseando o cantor e compositor Raul Seixas na sua canção Prelúdio (1974), “um sonho sonhado sozinho é um sonho, um sonho sonhado junto é realidade.”. E o provérbio Africano "É preciso uma aldeia inteira para educar uma criança".

## RESUMO

Esta dissertação posiciona-se no estudo das relações que as mulheres da comunidade quilombola Igarapé São João no Médio Itacuruçá, estabelecem com as plantas e ervas por elas cultivadas. Volto-me para os conhecimentos, práticas e cosmovisões advindas historicamente do manejo e cultivo de uma diversidade de espécies de plantas e árvores frutíferas, ervas medicinais, raízes, cascas de árvores, hortaliças e verduras. Produção que fomenta a economia local e municipal, além de configurar-se como fonte de abastecimento alimentar e formas distintas de uso pelas famílias nesta comunidade. O lugar de estudo onde realizei a pesquisa etnográfica é a comunidade ribeirinha e quilombola de Igarapé São João, no Médio Itacuruçá, está situada no município de Abaetetuba, na região das ilhas, área rural no estado do Pará, Amazônia, região norte do Brasil. A etnografia é um dos caminhos da pesquisa qualitativa por compreender o estudo a partir da observação direta das práticas costumeiras de viver de um grupo particular de pessoas (Mattos, 2011). Assim, utilizei a observação participante, a etnobiografia (Gonçalves, 2012) e a escrivivência (Evaristo, 2020), com vistas a captar a experiência vivida pelas interlocutoras desta pesquisa. Entre adocimentos, observação dos quintais, relatos sobre remédios caseiros e plantas, além de minhas lembranças de infância, experiências e convivência na comunidade quilombola do Médio Itacuruçá, percebi a diversidade de conhecimentos adquiridos e transmitidos pelas mulheres. Em face a uma crise ambiental global e o enfrentamento de conflitos ambientais (monocultivo de dendê e pecuária), o sistema de agrofloresta utilizado pelas populações tradicionais, aqui destaca-se ribeirinha e quilombola é de suma importância para a manutenção da vida e da biodiversidade.

**Palavras-chave:** plantas ancestrais; mulheres quilombolas; etnografia; agrofloresta; Amazônia Brasileira.

## ABSTRACT

This dissertation focuses on studying the relationships that women from the quilombola community Igarapé São João in Médio Itacuruçá establish with the plants and herbs they cultivate. I turn to the knowledge, practices and worldviews historically arising from the management and cultivation of a diversity of plant species and fruit trees, medicinal herbs, roots, tree bark, vegetables and greens. Production that promotes the local and municipal economy, in addition to being a source of food supply and different forms of use by families in this community. The place of study where I carried out the ethnographic research is the riverside and quilombola community of Igarapé São João, in the Middle Itacuruçá, located in the municipality of Abaetetuba, in the region of the islands, a rural area in the state of Pará, Amazon, northern region of Brazil. Ethnography is one of the paths of qualitative research as it comprises the study based on direct observation of the customary living practices of a particular group of people (Mattos, 2011). Therefore, I used participant observation, ethnobiography (Gonçalves, 2012) and writing (Evaristo, 2020), with a view to capturing the experience lived by the interlocutors of this research. Between illnesses, observation of backyards, reports about home remedies and plants, in addition to my childhood memories, experiences and coexistence in the quilombola community of Médio Itacuruçá, I noticed the diversity of knowledge acquired and transmitted by women. In the face of a global environmental crisis and the confrontation of environmental conflicts (monoculture of oil palm and livestock), the agroforestry system used by traditional populations, including riverside and quilombola populations, is of paramount importance for the maintenance of life and biodiversity.

**Keywords:** ancestral plants; quilombola women; ethnography; agroforestry; Brazilian Amazon.

## LISTA DE FOTOGRAFIAS

Figura 1- Territórios de 9 comunidades quilombolas pertencentes à ARQUIA .....	60
Figura 2- Rio e Olaria no Médio Itacuruçá .....	66
Figura 3- Igrejas Católica, Evangélica e Terreiro Tambor de Mina -Fotos Antigas.....	71
Figura 4- Igrejas Católica e Evangélica- Fotos recentes.....	71
Figura 5- Maquetes de Retiro de Farinha e Olaria feitas em papelão pelas professoras e alunos da EMEIF Professor Manoel Pedro Ferreira .....	90
Figura 6- EMEIF Professor Raimundo Bandeira .....	112
Figura 7 - EMEIF Professor Manoel Pedro Ferreira e placa de reforma e ampliação da escola.....	120
Figura 8- Primeiro Torneio de Vôlei Misto da ARQUIA.....	134
Figura 9- Unidade Básica de Saúde no Médio Itacuruçá e Placa de Inauguração da UBS.....	159
Figura 10- Cronograma oficial de vacinação da 1ª dose contra a Covid-19 no Médio Itacuruçá .....	172
Figura 11- Plantas Pepino-do-Mato e Aranto.....	178
Figura 12- Pimenteira com frutos no telhado.....	180
Figura 13- Plantas dispostas ao redor da casa de uma moradora do Médio Itacuruçá.....	181
Figura 14- Plantas dispostas nos quintais das casas.....	182
Figura 15- Plantas dispostas dentro da casa e na varanda.....	184

## **LISTA DE QUADROS**

Quadro 1- Remédios ancestrais e medicinais, seus modos de usos e indicações.....	184
----------------------------------------------------------------------------------	-----

## LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

ABNT	Associação Brasileira de Normas Técnicas
ACS	Agente (s) Comunitária (s) (os) de Saúde
ADCT	Ato das Disposições Constitucionais Transitórias
ADEPARÁ	Agência de Defesa Agropecuária do Estado do Pará
ALEPA	Assembleia Legislativa do Estado do Pará
AMIA	Associação dos Moradores das Ilhas de Abaetetuba
APROBA	Associação dos Produtores de Artefatos de Barro de Abaetetuba
ARQUIA	Associação dos Remanescentes de Quilombos das Ilhas de Abaetetuba
ASCOM	Assessoria de Comunicação
ASPEB	Administradora e Agenciadora de Benefícios Ltda
AVABEL	Associação de Vendedores de Açaí de Belém
AVC	Acidente Vascular Cerebral
CEMEP	Centro de Mídias da Educação Paraense
CFB	Ciências, Física e Biologia
CIADSETA	Convenção Interestadual das Assembleias de Deus do Serviço de Evangelização dos Rios Tocantins e Araguaia
CONSUN	Conselho Universitário
COOPROABA	Cooperativa dos Produtores de Artefatos de Barro
COSANPA	Companhia de Saneamento do Pará
Covid-19	Coronavirus Disease 2019 (Tradução livre: Doença do Coronavírus 2019)
CPT	Comissão Pastoral da Terra
Dr.( <sup>o</sup> )	Doutor (a)

EaD	Educação à Distância
EEQ	Educação Escolar Quilombola
EMEIF	Escola Municipal de Ensino Infantil e Fundamental
ESPII	Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional
<i>Et al.</i>	e outros
<i>Etc.</i>	<i>Et Cetera</i> (Tradução livre: e outras coisas)
FAPESPA	Fundação Amazônia de Amparo a Estudos e Pesquisas
FASE	Federação de Órgãos para Assistência Social e Educacional
FCP	Fundação Cultural Palmares
FIE	Formas de Integração Econômica
<i>ha.</i>	hectares
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
<i>Ibid.</i>	<i>Ibidem</i> (Tradução livre: na mesma obra, capítulo ou página)
IFCH	Instituto de Filosofia e Ciências Humanas
INCRA	Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária
IST	Infecções Sexualmente Transmissíveis
ITERPA	Instituto de Terras do Pará
LGBTQIAPN+	Lésbicas, Gays, Bi, Trans, Queer/Questionando, Intersexo, Assexuais/Arromânticas/Agênero, Pan/Pôli, Não-binárias e mais
MALUNGU	Coordenação Estadual das Associações das Comunidades Remanescentes de Quilombo do Pará
MIRITIFEST	Festival do Miriti
MOBRAL	Movimento Brasileiro de Alfabetização
MSc.	Mestre

OIT	Organização Internacional do Trabalho
OMS	Organização Mundial da Saúde
PAF-PG	Programa de Ações Afirmativas da Pós-Graduação
PANC	Plantas Alimentícias Não Convencionais
PcD	Pessoas com Deficiência
PL	Projeto de Lei
PNAE	Programa Nacional de Alimentação Escolar
PPGSA	Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia
PPP	Projeto Político Pedagógico
Prof. (ª)	Professor (a)
PRONAF	Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar
PRONATEC	Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego
PROPESP	Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação
PROSEL	Processo Seletivo
PSE	Processo Seletivo Especial
PSIQ	Processo Seletivo de Indígenas e Quilombolas
SAFS	Sistemas Agroflorestais
SARS-CoV-2	Severe Acute Respiratory Syndrome Coronavirus 2 (Tradução livre: síndrome respiratória aguda grave do coronavírus 2)
SEBRAE	Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas
SEDUC	Secretaria de Estado de Educação do Pará
SEEG	Sistema de Estimativas de Emissões e Remoções de Gases de Efeito Estufa

SEMEC	Secretaria Municipal de Educação e Cultura de Abaetetuba
SOME	Sistema de Organização Modular de Ensino
SOMEI	Sistema de Organização Modular de Ensino Indígena
Sr.	Senhor
Sr. <sup>a</sup>	Senhora
STRA	Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Abaetetuba
STTR	Sindicato dos trabalhadores e trabalhadoras Rurais de Abaetetuba
UBS	Unidade Básica de Saúde
UEPA	Universidade do Estado do Pará
UFPA	Universidade Federal do Pará
UPA	Unidade de Pronto Atendimento

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	19
<b>1.1 Minha trajetória antes e depois da Universidade</b> .....	26
<b>1.2 Percurso Metodológico - Tecendo saberes</b> .....	31
<b>CAPÍTULO 2 “TUDO VEM DA TERRA”: SOBRE A NOÇÃO DE TERRITÓRIO E MODO DE VIDA QUILOMBOLA</b> .....	36
<b>2.1 Colonialidades, dispositivos jurídicos coloniais e Brecha Camponesa</b> .....	37
<b>2.2 Da sociedade colonial à formação dos quilombos e legislações que protegem seu modo de vida</b> .....	48
<b>2.3 Território e Modo de Vida Ribeirinha e Quilombola</b> .....	58
2.3.1 Adentrando a comunidade do Igarapé São João, Médio Itacuruçá, Abaetetuba-PA.....	58
<b>CAPÍTULO 3 MEIO DE SUBSISTÊNCIA E NATUREZA: TRAJETÓRIAS DOS QUILOMBOLAS NO ITACURUÇÁ</b> .....	78
<b>3.1 Mulheres e homens entre movimentos: Roças, Olarias, Religiões, Escolas e ARQUIA</b> .....	79
3.1.1 O trabalho nas instituições informais em tempos antigos e atuais: Olarias e Roças.....	79
3.1.2 A participação das mulheres quilombolas nas instituições religiosas no Itacuruçá.....	105
3.1.3 Processo de escolarização: História da luta pela educação no Itacuruçá.....	110
3.1.4 As lutas e a participação das mulheres na ARQUIA.....	129
<b>CAPÍTULO 4 SABERES ANCESTRAIS E MEDICINAIS DAS MULHERES QUILOMBOLAS DO TERRITÓRIO DE ITACURUÇÁ</b> .....	137
<b>4.1 A subsistência pela agricultura familiar e cuidados ambientais: Gênero, território e ancestralidade</b> .....	138
<b>4.2 A saúde pelas plantas: Visão das parteiras, “curandeiros” e as mulheres no Itacuruçá em tempos antigos e atuais</b> .....	142
4.2.1 A conquista da Unidade Básica de Saúde (UBS) pelos Moradores de Itacuruçá.....	158
4.2.2 A pandemia da Covid 19 no território de Itacuruçá.....	168
4.2.2.1 Saberes e Cotidiano.....	177
<b>4.3 Fatores prejudiciais ao território de Itacuruçá e as mudanças climáticas</b> .....	191
4.3.1 Expectativas sobre o futuro no território quilombola de Itacuruçá.....	201
<b>5 CONCLUSÃO</b> .....	204
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	208

Vá em busca do seu povo,  
Ame-o;  
Aprenda com ele;  
Planeje com ele...  
Comece com aquilo que ele sabe,  
Construa sobre aquilo que ele tem.  
(Kwame Nkrumah, líder político africano,  
um dos fundadores do Pan-Africanismo.)

## 1 INTRODUÇÃO

Esta dissertação posiciona-se no estudo das relações que as mulheres, da comunidade quilombola e ribeirinha Igarapé São João no Médio Itacuruçá, estabelecem com as plantas por elas cultivadas. A partir de uma perspectiva sócio-antropológica volto-me para os conhecimentos, práticas e cosmovisões advindas historicamente do manejo e cultivo de uma diversidade de espécies de plantas e árvores frutíferas, ervas medicinais e ancestrais, raízes, cascas de árvores, hortaliças e verduras. Produção que fomenta a economia local e municipal, além de configurar-se como fonte de abastecimento alimentar e formas distintas de uso pelas famílias nesta comunidade. O lugar de estudo está situado no município de Abaetetuba,<sup>1</sup> na região das ilhas, área rural no estado do Pará, região norte, Amazônia Brasileira.

O cultivo de plantas, raízes, cascas, ervas e óleos têm sido muito frequentes em comunidades tradicionais indígenas, populações rurais, povos de terreiros, quilombolas e ribeirinhos através de gerações, por meio da oralidade e vivências cotidianas nos territórios. Conhecimentos transmitidos, majoritariamente por mulheres mais velhas, por meio de parentes, seja avós, mães e/ou tias, ou até mesmo por pessoas próximas como vizinhas e amigas nas comunidades como apontam pesquisas de Ana Célia Guedes (2018), Sueli Silva (2019), Lanna Beatriz Peixoto (2020) entre outros autores e autoras.

No Itacuruçá, as mulheres mais velhas foram e ainda são as principais responsáveis pelos saberes das plantas e remédios caseiros, cuidados em saúde pois ao longo de sua vida foram parteiras e puxadeiras<sup>2</sup>, entretanto devido ao avanço da idade são poucas mulheres mais

---

<sup>1</sup>A cidade de Abaetetuba fica aproximadamente por via rodoviária a 118 km de Belém, capital paraense. No caso da comunidade quilombola do médio Itacuruçá, Igarapé São João, a distância aproximada é de 134 km da comunidade até a capital do Pará.

<sup>2</sup>Atividades tradicionais femininas, as parteiras e puxadeiras auxiliam as parturientes antes do parto seja fazendo massagem, “encaixando” a criança que ainda não está na posição nos últimos meses de gestação; durante o

velhas que temos no Itacuruçá. Este estudo é de grande relevância tendo em vista a preservação da memória e os saberes das mulheres sobre as plantas e ervas ancestrais e medicinais para que as próximas gerações busquem e valorizem esses conhecimentos em saúde. Soma-se a isso também a ausência de pesquisas sobre esses saberes na comunidade do Médio Itacuruçá.

De forma geral as mulheres da comunidade de Itacuruçá estão presentes nos mais diversos locais, seja nas escolas, em diferentes espaços religiosos como nas igrejas Evangélicas, Igreja católica e no Terreiro de religiões de matriz africana, na área da saúde presentes no posto de saúde, nas residências e nos roçados de mandioca, açaí e outros. As mulheres se fazem presentes majoritariamente realizando as mais diversas ocupações. Entretanto, atualmente percebe-se algumas divisões entre homens e mulheres nos locais de trabalho e alguns espaços sociais no território.

Estes trabalhos caracterizam-se pelo cuidado expressos através de cosmovisão no ensino, na cultura e na saúde pela perspectiva socioambiental. As mulheres têm grande contribuição pois desenvolveram habilidades e conhecimentos que foram fundamentais para a vida comunitária. Os cuidados com o ensino, plantas, remédios se relacionam com temas socioantropológicos diversos como gênero, quilombo, memórias, crenças, cura, território, animais, plantas, espaços e saberes que foram repassados de mãe para filhas e na vida comunitária até os dias atuais, refletindo no modo de viver e conviver com diferentes seres.

Os saberes das populações tradicionais, apresentam um grande arcabouço de conhecimentos de alta complexidade adquiridos e adaptados a um meio ambiente ecológico no contato direto da relação humano e não humano.

[...]Suas atividades apresentam-se complexas, pois constituem formas múltiplas de relacionamento com os recursos, e é justamente essa variedade de práticas que assegura a reprodução do grupo, possibilitando também uma construção da cultura integrada à natureza e formas apropriadas de manejo[...]. (Edna Castro, 2000, p. 169)

Dessa forma, os conhecimentos presentes no cotidiano de comunidades tradicionais, aqui abordados mais especificamente quilombolas e ribeirinhos, nos mostram a complexidade de saberes seja sobre animais, agrofloresta, biodiversidade, solo, rios, várzeas, igarapés, coivara, fabricação de casas, canoas e barcos, olarias, plantas, remédios caseiros.

---

trabalho de parto e pós parto auxiliando a parturiente e a criança sobre os primeiros cuidados, alimentação, limpeza etc. E quando havia algum machucado ou torção de músculos, rasgadura elas eram procuradas.

Cosmologias de populações partícipes e inseridas nesse meio ambiente diverso, em uma relação de simbiose durante gerações. Segundo Castro (2000, p.169) essas populações “[...] Esquadrinham ainda referências fundadas em suas experiências coletivas sobre o tempo de vida das espécies, suas formas e funções, bem como os usos que delas fazem os humanos”.

Nesse sentido a (re)construção da memória e da noção de território pelos ribeirinhos quilombolas é acionada por concepções e interações que demarcam a defesa de seu território e modo de vida. Identidades políticas e sociais específicas denominadas de acordo com as condições territoriais que vivem, na proteção de seu patrimônio histórico-cultural e territorial. Um bem-viver com diferentes seres em uma interação agroecológica em favor da manutenção dessa biodiversidade e recursos naturais.

[...] Encontramos nos denominados ribeirinhos, na Amazônia, uma referência, na linguagem, a imagens de mata, rios, igarapés e lagos, definindo lugares e tempos de suas vidas na relação com as concepções que construíram sobre a natureza. Destaca-se, como elemento importante no quadro de percepções, sua relação com a água. Os sistemas classificatórios dessas populações fazem prova do patrimônio cultural. O uso dos recursos da floresta e dos cursos d’água estão, portanto, presentes nos seus modos de vida, como dimensões fundamentais que atravessam as gerações e fundam uma noção de território, seja como patrimônio comum, seja como de uso familiar ou individualizado pelo sistema de posse ou pelo estatuto da propriedade privada. Em regiões afastadas do alto Juruá e do rio Negro, o extrativismo continua sendo elemento essencial nos sistemas de produção. A caça, a pesca e a coleta de seringa, da castanha e de outras espécies florestais na região amazônica estão associadas à agricultura. O esforço despendido no trabalho é organizado em função da acessibilidade aos recursos. (Ibid., p. 169-170)

Assim, a comunidade de Igarapé São João do Médio Itacuruçá é marcada pelas vivências ribeirinhas, por conta das suas relações com o Rio Itacuruçá e também quilombola, devido a uma herança histórica dos primeiros moradores que formaram a comunidade a partir da resistência frente ao processo de escravidão, por meio da formação de quilombo.

Sobre os mocambos, comunidades quilombolas, comunidades negras rurais, diversos estudiosos como Abdias do Nascimento (1980), Beatriz Nascimento (1985)<sup>3</sup>, Kabengele Munanga (1996), Flávio Gomes (2015) e outras, mais recentes como Givânia Maria Silva, Joana Carmen do Nascimento Machado, Zélia Amador de Deus e tanto mais participantes do movimento negro, movimentos sociais que se dedicam a relatar e registrar as diversas temáticas que afligem a população quilombola, trazem a nossa história para demonstrar os

---

<sup>3</sup> Citado por Alex Ratts (2007, p.117-125).

nossos costumes, cultura, resistências e lutas da nossa população frente a negligências durante séculos no Brasil.

No período da escravidão e mesmo após a abolição, não houve políticas públicas direcionadas à este público da sociedade, o qual foram “esquecidos” pelo Estado, que os deixou sem um mínimo de amparo social e econômico. Situação agravada com as políticas públicas de incentivo para imigrantes, europeus, italianos, norte-americanos, portugueses, entre outros. Políticas de branqueamento social e econômico, como a Lei de terras (Brasil, 1850) e outros investimentos aos colonos europeus, sedimentando e configurando-se em diferentes tipos de colonialidades por meio do racismo estrutural que se desenvolveu no Brasil.

No período do Brasil Colônia instaurou-se o capitalismo em seu processo de colonização através da exploração e apropriação de terras e dos recursos naturais. Inicialmente houve no período pré-colonial, de forma intensa, o extrativismo e a exploração do Pau Brasil para o mercado externo, conhecido como ciclo econômico do Pau-Brasil, com a utilização da escravização dos povos indígenas que aqui habitavam e ocasionou diversos conflitos com esses povos.

A partir da metade do século XVI até o século XVIII, com o início da colonização do território brasileiro, começa um novo ciclo econômico, o Ciclo da cana de açúcar. Foi considerada a primeira atividade agrícola e industrial do Brasil durante o período colonial e com comércio exportador. Uma das características fundamentais que ocorreu foi a institucionalização do sistema de plantation, monocultura de commodities, onde se planta apenas um produto específico em grandes extensões de terra e fazendas. Esse sistema contribuiu para a consolidação do agronegócio e a economia rural agroexportadora. Já nesse período ocorreu a introdução, também, do tráfico e escravização de povos africanos.

Excetuando os índios, o africano escravizado foi o primeiro e único trabalhador, durante três séculos e meio, a erguer as estruturas deste país chamado Brasil. [...] O negro está longe de ser um arrivista ou um corpo estranho: ele é o próprio corpo e alma deste país. Mas a despeito dessa realidade histórica inegável e incontraditável, os africanos e seus descendentes nunca foram e não são tratados como iguais pelos segmentos minoritários brancos que completam o quadro demográfico nacional. Estes têm mantido a exclusividade do poder, do bem-estar e da renda nacional. É escandaloso notar que porções significativas da população brasileira de origem europeia começaram a chegar no Brasil nos fins do século passado como imigrantes pobres e necessitados. Imediatamente passaram a desfrutar de privilégios que a sociedade convencional do País, essencialmente racista, lhes concedeu como parceiros de raça e de supremacismo eurocentrista. Tais imigrantes não demonstraram nem escrúpulos e nem dificuldades em assumir os preconceitos raciais contra o negro africano, vigentes aqui e na Europa, se beneficiando deles e preenchendo as vagas no mercado de trabalho que se negava aos ex-escravos e seus descendentes. Estes foram literalmente expulsos do sistema de trabalho e produção à medida que se aproximava a data abolicionista de 13 de maio de 1888. (Nascimento, Abdias, 1980, p. 253).

A partir da década de 1960 na Amazônia houve avanço de projetos “desenvolvimentistas” com grandes empreendimentos no estado do Pará, como a construção da rodovia Belém-Brasília, exploração de ouro, seringueiras, minério de ferro-Carajás, e outros. Na região do Baixo Tocantins no Pará, como exemplo temos a Usina Hidrelétrica de Tucuruí, a formação e instauração do complexo industrial e portuário da empresa Albrás/Alunorte, em Barcarena e etc. Essas empresas instalam-se em diversas comunidades tradicionais e trazem como consequências uma série de problemas socioambientais, entre eles, de saúde devido a exposição da população à produtos químicos, despejo de resíduos e contaminação no solo e nos rios, que leva ao extermínio de animais além da mudança nos cursos de rios, e deslocamentos forçado das pessoas para outros locais devido a construção destes projetos.

Essas diferenças de cosmovisões entre povos tradicionais e perspectivas “desenvolvimentistas” capitalistas vem desde o período colonial. Estes que se apropriam dos recursos naturais, subalternizam a natureza, fauna e flora e os saberes das mulheres e dos povos tradicionais, deixam como consequências desastres ambientais e conflitos socioterritoriais através da espoliação e expropriação dos territórios dessas populações até os dias atuais.

Por outro lado, as comunidades tradicionais, aqui destacam-se as comunidades ribeirinhas e quilombolas são vistas como alternativa em face ao sistema opressor e repressor. Entretanto muitas foram e ainda há as dificuldades apresentadas por esta população para garantia de seus direitos, como em casos de necessidade e acompanhamento à saúde, educação, transporte etc.

Essas comunidades encontram-se distantes na concepção cosmológica e geográfica dos centros urbanos. Portanto, encontram certas dificuldades de acesso a tratamentos que necessitam de recursos tecnológicos específicos. Em contrapartida, as populações rurais e tradicionais quilombolas desenvolveram saberes a partir de um conhecimento prático na relação ser humanos e não humanos (plantas-animais-seres). Aprendizados passados de geração a geração e que em algumas comunidades ainda se mantém esses conhecimentos ancestrais e atuais.

Nesse sentido, fortalece-se uma cultura e saberes de resistência dessas comunidades que têm formas múltiplas de trabalho e uso de recursos naturais, com produções que grande parte abastece o comércio circunvizinho e local; são comunidades autônomas em que as

decisões são feitas em coletividade com todos os moradores, fruto das organizações históricas validadas pelo grupo, além da vinculação destas comunidades com o seu território.

Com os saberes dos povos africanos e afro-brasileiros existiram, e ainda existem, diferentes tipos de atividades econômicas, sociais, religiosas, medicina popular entre outras. E que, via de regra, estas atividades mantêm-se através do contato direto com a natureza, recursos naturais de onde retiram sua alimentação, produtos para construção, fabricação de remédios, móveis, e também a vinculação com os seres que ali vivem como animais e seres sobrenaturais que protegem a natureza; além de outras vivências e experiências que podem variar de acordo com o modo de vida em cada comunidade a depender de características sociais, geográficas, culturais, econômicas, organizacionais, religiosas e outras.

Com a queda do sistema colonial e a instauração do sistema capitalista as colonialidades permaneceram nas estruturas sociais e institucionais dos países e trouxeram transformações ao longo do tempo, (Aníbal Quijano, 2005) de forma intensa nos últimos anos. A partir de uma conjuntura global, com a ascensão de setores políticos da direita e extrema direita ao poder. Aumento dos desequilíbrios ambientais em consequência à intensificação e avanço do desmatamento, queimadas e garimpos ilegais no Brasil, mudanças climáticas e milhares de pessoas refugiadas climáticas.

Fatores relacionados à saúde pública e sanitária em risco com a situação pandêmica do Novo Coronavírus (SARS-CoV-2 ou Covid-19), e omissão do governo de Jair Messias Bolsonaro, durante a pandemia, com a população. Todas essas colonialidades advindas do antigo sistema e mantidas no sistema capitalista tiveram como saldo desastres ambientais e crise no mundo.

Este estudo inicia-se com o cenário pandêmico, em que no ano de 2020 fomos atingidos pela pandemia provocada pela contaminação e disseminação da Covid-19. Entre adoecimentos, observação dos quintais, relatos sobre remédios caseiros e plantas, além de minhas lembranças de infância, experiências e convivência na comunidade no Itacuruçá, percebi a diversidade de conhecimentos adquiridos e transmitidos por mulheres do território ribeirinho e quilombola do Médio Itacuruçá.

A pesquisa é uma etnografia que foi construída a partir de relatos autobiográficos, através da Etnobiografia, onde busca-se conhecer a história de vida das pessoas vinculadas às suas comunidades, suas representações e seu modo de vida. (Marco Antônio Gonçalves, 2012). Nesta pesquisa utilizo a narrativa de vida, construída pelos comunitários de Itacuruçá; E, em especial, me coloco em primeira pessoa, pois sou nascida e criada neste território

ribeirinho e quilombola. Assim, falar sobre a minha vivência nesta comunidade é também falar sobre este território, aliado aos conhecimentos teóricos do fazer antropológico com o olhar de dentro, por quem é moradora da comunidade quilombola na qual também pesquisa.

Desta forma, utilizei também a Escrivivência (Conceição Evaristo, 2020) como recurso teórico-metodológico e epistemológico para relatar sobre os conhecimentos, sentimentos, memórias e expressões vindas da oralidade, experiências vividas e experimentadas por mulheres e homens da comunidade quilombola de Igarapé São João, Médio Itacuruçá.

A pesquisa de campo foi feita depois da 1ª dose da vacina contra a Covid-19, mas ainda mantendo as recomendações sanitárias, uso de máscaras facial e distanciamento entre as pessoas. Durante estes anos me desloquei para a minha comunidade onde pude realizar a observação participante e coletar os dados e as informações desenvolvidas através de conversas informais, entrevistas não dirigidas, registros fotográficos e questionários. Participaram 4 mulheres quilombolas da comunidade supracitada.

Este trabalho vem contribuir para registrar a relação de mulheres quilombolas e a medicina tradicional através de usos de plantas cultivadas e utilizadas por elas, conhecimentos ancestrais e atuais, das comunidades de Itacuruçá, zona rural do Município de Abaetetuba, estado do Pará. Como objetivos específicos procurei compreender a importância da luta e resistência das comunidades quilombolas no que se refere à terra e território, frente às colonialidades e projetos “desenvolvimentistas”, pela proteção e continuidade de seu modo de vida. Busquei anunciar os saberes e fazeres das mulheres quilombolas do Médio Itacuruçá, sua participação nas diferentes instituições formais e não formais, e também sua contribuição em relação ao cultivo de plantas ancestrais e medicinais, as práticas de cuidado e as formas de utilização dessas plantas no conhecimento tradicional.

Faz-se necessário, portanto, levar em consideração que o objetivo deste trabalho não é confirmar e/ou comprovar a validade científica das plantas sobre as doenças, mas demonstrar como a população quilombola busca o enfrentamento dos malefícios da saúde através de seus próprios conhecimentos e de sua relação estreita com os saberes dos rios e das florestas.

### **1.1 Minha trajetória antes e depois da Universidade**

Minha relação e participação no trabalho configura-se, além de autora, por meio da pesquisa participante, e ao mesmo tempo sujeito de pesquisa, escrituragem, pois nasci e fui criada no quilombo de Igarapé São João no Médio Itacuruçá, Abaetetuba, Pará, Brasil. Meus

ascendentes maternos e paternos também viveram e ainda vivem neste lugar. Dessa forma, utilizei as entrevistas com os moradores locais, conhecidos e familiares, e posteriormente a análise destas entrevistas para descrever a importância do território, as memórias e as plantas cultivadas pelas mulheres.

A temática abordada neste estudo está intrinsecamente relacionada com a minha trajetória pessoal, das memórias que tenho durante a infância e adolescência, convivendo com meus pais, avós materna e paterna e meu avô materno<sup>4</sup>, tios maternos<sup>5</sup>, tia materna, sobrinhos, sobrinha, irmãos e irmãs, primos e primas, professoras da Escola Municipal de Ensino Infantil e Fundamental (EMEIF) Professor Manoel Pedro Ferreira desde o período infantil e fundamental, amigos e amigas que fiz durante a minha convivência nesta comunidade.

E a partir de 2015, as vivências durante a minha formação acadêmica em psicologia na Universidade Federal do Pará (UFPA), proporcionaram-me experimentar novas possibilidades de conhecimentos, contatos com pessoas de origens diferentes, povos indígenas de diversas etnias, pessoas de diferentes comunidades quilombolas e povos africanos, também estrangeiros como americanos e pessoas da cidade de Belém, Castanhal, Jurunas etc. Conheci pessoas em Ananindeua, onde passei a morar para estudar a graduação<sup>6</sup>. Ambientes, culturas e pessoas diferentes do qual estava acostumada a relacionar-me.

O que me aproxima destas pessoas e o que me distancia? A convivência com essas pessoas me trouxe aproximações e esclarecimentos sobre a minha classe social e racial, algumas experiências e dificuldades que também eram compartilhadas com os demais colegas da universidade, tais como: dificuldades na escrita acadêmica, linguagens acadêmicas, normas acadêmicas da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT), trabalho em equipe com os grupos em sala. Todos esses aspectos foram importantes para perceber o quanto a educação nos interiores e periferia é precarizada. Apesar das diferenças de locais de origem, línguas nativas, as dificuldades nos aproximam.

Comecei a entender que foi somente a partir das lutas e conquista de espaços que conseguimos estar ali, que antes nos era negado como remanescentes de quilombo, indígenas, pessoas com deficiências, pessoas da periferia, e através de um processo de lutas pela garantia de direitos que conseguimos adentrar estes espaços colonizados.

---

<sup>4</sup> Não conheci meu avô paterno, meu pai também não chegou a conhecer seu pai.

<sup>5</sup> Não conheci meu único tio paterno.

<sup>6</sup> Retornava para a comunidade nos feriados, férias, e aos finais de semana quando não tinha muitos trabalhos acadêmicos.

Conclui a graduação no final de 2019. No ano seguinte, mês de março, iniciei as aulas nas disciplinas do mestrado pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia da UFPA (PPGSA-UFPA). Entretanto logo tivemos que paralisar as aulas, pois nesse período fomos atingidos por uma pandemia provocada pela contaminação e disseminação de um vírus, denominado de Novo Coronavírus (SARS-CoV-2 ou Covid-19).

A Organização Mundial de Saúde (OMS) decretou Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional (ESPII) para a Covid-19 em 11 de Março de 2020, o que nos obrigou a manter medidas de isolamento social, reforço nas práticas de higiene das mãos e ao espirrar, utilização de máscara facial, evitar aglomeração de pessoas, fechamento total de alguns estabelecimentos de serviços não essenciais, chamados de lockdown, com fins de diminuir a propagação deste vírus, que desde o final de 2019 já fazia milhares de vítimas em alguns países.

Consegui retornar para a minha comunidade de origem, depois de um ano e meio<sup>7</sup> com objetivo da vacinação. Presenciei um contexto transformado por um vírus pandêmico. Faz-se imprescindível abordar um pouco sobre minha história, pois na medida que analiso os dados da minha vivência estou também descrevendo a pesquisa.

Neste contexto encontrei dificuldades para iniciar a pesquisa devido o fechamento de locais públicos como escolas, universidades, igrejas, creches entre outros estabelecimentos. Tive que mudar meu tema da dissertação pois inicialmente seria sobre Educação Escolar Quilombola (EEQ) na comunidade do Médio Itacuruçá (Igarapé São João), e como as escolas estavam fechadas, em decorrência do isolamento social, não era viável no momento.

Adoecemos, meu esposo, nossa filha e eu, e por isso evitamos o deslocamento para a nossa comunidade de origem. Naquele período não havia testes, mas os sintomas eram prováveis da infecção pela Covid-19. Resolvi me manter durante esse período em Ananindeua. Tive receio de viajar, pelos cuidados com meus pais que já são idosos, além de que eles também mantêm contatos com meus avós maternos<sup>8</sup>, e pelas suas condições de idade e saúde eram ainda mais vulneráveis a esse vírus.

Retornei ao território de Itacuruçá para a vacinação da 1ª dose contra a Covid-19 no dia 28 de abril de 2021. Ao chegar à comunidade logo pude perceber que algumas paisagens também se modificaram, como a ampliação e reconstrução da igreja católica, o espaço do

---

<sup>7</sup> Desde o final do ano de 2019, evitei o deslocamento para a comunidade devido à pandemia da Covid-19.

<sup>8</sup> *In memoriam*: 24 de dezembro de 2021 e 02 de novembro de 2022.

barracão no centro comunitário. Durante minhas andanças, passei por várias casas, notei que os quintais mudaram um pouco, plantas que antes não tinham na frente, e| ou ao redor das casas, como por exemplo, capim-marinho, cana de açúcar, árvore de mamão, de abacate, bananeiras, mangueiras, cacau, agora de forma preponderante se tornam parte da paisagem. Outras com plantas ornamentais e flores tanto na frente em vasos quanto ao lado pelos corredores de casas e até mesmo dentro das casas como enfeites na mesa e na janela. Durante a pesquisa e a partir das informações levantadas e relatadas pelos e pelas participantes, as mulheres são as principais responsáveis pelo cultivo dessas variedades de plantas em seus quintais.

Isso me fez recordar de que durante a pandemia e devido a reclusão em casa, eu já vinha plantando também algumas espécies de remédios caseiros como boldo e gengibre, que peguei na casa da minha sogra<sup>9</sup>, e que utilizei quando estava com coceira e dor na garganta, dor de cabeça. Eram os cuidados através das plantas ancestrais e medicinais que eu conhecia e que minha mãe utilizava quando adoecíamos. Quando veio a pandemia esses cuidados se fortaleceram. Em uma de nossas conversas minha mãe contou que fez uma garrafada<sup>10</sup>, antes da vinda da vacina, com ervas e seiva de plantas para fortalecer o sistema imunológico e pulmão porque ela ouviu nos noticiários da televisão que a Covid-19 afeta principalmente esses sistemas.

Comecei a perceber a grande variedade de plantas, e o uso de plantas ancestrais e medicinais pela minha mãe, avó e tias na tentativa de fortalecer a defesa do organismo e evitar as doenças. Lembrei também de uma ocasião marcante, quando fui visitar uma colega quilombola estudante de pedagogia na UFPA. Ela me mostrou algumas plantas medicinais e ancestrais já conhecidas por ela. Essas plantas ficavam dispostas na área de serviço da casa alugada e estavam plantadas em garrafas pets e vasos feitos com materiais reutilizados como caixas de leite, e embalagem de água sanitária. As plantas e ervas eram utilizadas para temperos nos alimentos e na preparação de remédios caseiros.

Ela me perguntou se eu sabia qual era uma determinada planta. Respondi à ela que não sabia, então retrucou: “Tu não é quilombola? Eu compro algumas coisas, mas remédios e temperos quando preciso venho aqui e pego.”. Esta afirmação me fez refletir sobre o conhecimento de diferentes tipos de plantas, saberes através dos cuidados de como cultivá-las

---

<sup>9</sup> E minha prima de segundo grau materna. Também com origem na comunidade do Médio Itacuruçá.

<sup>10</sup> Uma mistura de diferentes plantas.

e modo de utilização. E para além disso, a questão voltada para o “ser quilombola” pela ligação com esses conhecimentos aprendidos em comunidade ao longo de gerações.

Durante meu trajeto na pesquisa também me aprofundi com mais afinco temas voltados para práticas alimentares saudáveis e cuidados em saúde, pois em maio de 2022 descobri, através de exames de sangue, problemas na tireoide. Por um período de 1 ano vinha sentindo alguns sintomas que me afetou e que me impossibilitou de continuar a pesquisa, os quais foram: cansaço excessivo, fraqueza no corpo, dores de cabeça, queda de cabelo, manchas e coceira no corpo, alterações menstruais e outros.

Fiz diversos exames que não mostravam nenhuma alteração, até que um médico que estava presente na comunidade pediu exames específicos, que constatou hipotireoidismo. Precisei evitar comidas ultra processadas, com grande quantidade de conservantes, e condimentos, os quais estava acostumada a consumir devido à uma rotina corrida entre estudos na universidade, cuidados em casa e família.

Minha mãe quando soube logo foi me dando chás para desintoxicar o corpo, ervas que ela cultivava no quintal, e através dela e dos cuidados das mulheres percebi a quantidade de plantas medicinais existentes. Foi nesse período também que passei a compreender a importância de alimentos sem uso de agrotóxicos e naturais para uma vida em equilíbrio com um ciclo de benefícios consigo mesmo e com a natureza ao redor.

Com o objetivo de cuidar da minha saúde física e mental<sup>11</sup> nesse período de pandemia, e ficar mais próximos dos meus pais e minha avó materna, resolvemos nos mudar para a comunidade. Ao chegar um misto de sentimentos me invadiu estava feliz porque estava na casa dos meus pais, ainda com os cuidados da máscara facial e distanciamento social<sup>12</sup>, conversamos e depois do almoço fomos nos deitar para descansar da viagem<sup>13</sup>. 30 minutos depois sofremos um assalto<sup>14</sup>.

A situação de insegurança intensificou houve assaltos em outras residências durante o dia, tentativa de assalto nas moradias à noite, e um latrocínio ocorrido no dia 03 de maio de 2022, de forma trágica um jovem da comunidade veio à óbito ao reagir, deixou uma filha e sua esposa.

---

<sup>11</sup> Em virtude da reclusão em casa e a situação geopolítica global era frequente o estresse, o que piorava a minha condição de saúde.

<sup>12</sup> Cuidados que muitos consideravam até excessivo.

<sup>13</sup> O trajeto que levamos para chegar até a comunidade durou uma manhã das 7 às 12 horas porque fomos de ônibus, e foi necessário três ônibus até o local.

<sup>14</sup> Não lembro o dia exato, mas foi no mês de abril de 2022.

Sentir na pele os problemas vivenciados na comunidade. Como os moradores afirmam a comunidade mudou bastante, antes até se podia dormir com as portas e janelas abertas, mas com o passar do tempo começaram a fechá-las e mais recentes as casas estão com grades. Nos últimos anos e depois do ocorrido os moradores começaram a colocar as grades, o que fez diminuir drasticamente o número de assaltos. É importante descrever estes fatos, pois são mudanças consideráveis que modificou a rotina e fazer no Igarapé São João, Médio Itacuruçá.

A construção e/ou reconstrução de um passado histórico reforça o que somos e para onde queremos ir, fortalece nossa identidade quilombola e a história de Itacuruçá. Que ao longo do tempo passou por mudanças até chegar aos dias atuais. Essas transformações requerem aprofundamentos, pois foram concebidas dentro de um contexto mais amplo, de avanços e de enfrentamentos cotidianos.

Assim, desde os tempos antigos até os dias atuais a comunidade possui um posicionamento político de enfrentamento à falta de políticas públicas e o racismo estrutural do Estado. E também se insere ao mesmo tempo nessa trama de um mundo globalizado e instituições (re) construídas pelo sistema capitalista como fazendas, empresas, agronegócio que nos afetam, entretanto busca-se a luta pela (re) existência. Uma trajetória histórica complexa e cheia de contrastes e conflitos.

Para construir uma definição no tema de estudo, o primeiro embate ocorre no campo teórico-prático, onde um conceito precisa de algumas delimitações para que se possa generalizá-lo de forma a defini-lo e aplicá-lo no cotidiano das pessoas. Sabe-se que as comunidades quilombolas são diversas no sentido de costumes, saberes, fazeres, uma ampla diversidade de manifestações religiosas e culturais, e além disso estão inseridas em espaços geográficos diferentes entre si, sejam inseridas no espaço rural (campo) ou localizadas dentro da cidade (centro), e todo esse contexto modifica de certa forma a maneira de pensar e agir, comportamento social e cultural nas diferentes comunidades.

Então, para entender melhor sobre este conceito do “ser quilombola” é que resolvi mergulhar mais a fundo neste território e compreender de forma teórica e prática as implicações e o que circunscrever a temática das comunidades quilombolas no que se refere a terra e território, mulheres, memórias e plantas. Foquei o meu projeto de pesquisa para estudar a relação do cultivo de plantas ancestrais medicinais pelas mulheres na comunidade quilombola do Médio Itacuruçá, Abaetetuba, Pará, Amazônia Brasileira.

## 1.2 Percurso Metodológico - Tecendo saberes

O estudo das relações entre as mulheres e o cultivo de plantas na comunidade quilombola do Médio Itacuruçá, de forma preponderante, partiu da minha experiência e inserção em campo durante a vacinação contra a pandemia de covid-19. Durante a 1ª dose da vacina, que ocorreu no mês de abril de 2021 e na ocasião da 2ª dose, que ocorreu no mês de junho de 2021. E em julho e novembro de 2021 fiz algumas visitas rápidas na comunidade. Essas viagens foram pontuais com duração de uma semana aproximadamente em cada mês. No ano seguinte, mês de maio de 2022, passei a morar na comunidade juntamente com esposo e filha.

Assim a pesquisa de campo se desenvolveu no período de 2021-2023, no qual estabeleci a temática a ser estudada e o início da produção antropológica. A abordagem dos estudos da Antropologia Social, por meio da história local, trouxe-me arcabouços para analisar os relatos e as experiências vindas da oralidade de 4 mulheres ribeirinhas e quilombolas de Igarapé São João no Médio Itacuruçá.<sup>15</sup>

Nesta pesquisa sócio-antropológica busquei através da etnografia, que é um dos caminhos da pesquisa qualitativa, e segundo Carmem Lúcia Guimarães de Mattos (2011, p.51) “Compreende o estudo, pela observação direta e por um período de tempo, das formas costumeiras de viver de um grupo particular de pessoas: um grupo de pessoas associadas de alguma maneira.”. Portanto, a convivência contribuiu de forma a compreender o conteúdo das falas das interlocutoras durante as conversas informais e entrevistas. A pesquisa participante e as observações, os quais foram essenciais para captar a experiência vivida por mim como também pelas interlocutoras em uma relação de intersubjetividade e trocas de conhecimentos.

A investigação teve início a partir da curiosidade sobre as histórias dos meus ancestrais na comunidade de Itacuruçá, iniciei as conversas com meus pais, meu avô e minha avó materna sobre o território quilombola e cuidados em saúde. Depois fui identificando durante minhas visitas às casas os quintais atrativos de plantas e também por indicação das demais mulheres da comunidade, sobre aquelas que têm conhecimentos dos remédios caseiros e cultivam plantas ancestrais e medicinais.

As entrevistas das 4 mulheres quilombolas foram marcadas com antecedência de acordo com os horários que elas mais tinham disponibilidades. Portanto ocorreram todas no

---

<sup>15</sup> As interlocutoras foram identificadas por pseudônimos para preservar suas identidades e privacidade. Os pseudônimos foram escolhidos por elas, que nesse caso optaram por nomes de plantas.

período da tarde, horário em que elas estavam com mais tempo livre.<sup>16</sup> As entrevistas duraram em média 1 hora de tempo, mas sempre lhes deixava à vontade para encerrar caso elas tivessem algum compromisso quando avançava no horário. O limite máximo estipulado para a duração de cada entrevista foi de até duas horas de tempo<sup>17</sup>, pois as questões colocadas mobilizaram muitas lembranças e sentimentos, e eu não lhes interrompia quando elas aprofundavam os assuntos, contando suas experiências e história de vida, de forma a exemplificar uma dada situação. Assim a maioria das entrevistas ocorreram durante duas tardes<sup>18</sup> e uma que chegou a três tardes devido à quantidade de informações e experiências da interlocutora.

Em todas as entrevistas sempre tinham filhas (os), netas (os), sobrinhas (os) e bisnetas (os) por perto prestando atenção e muitas das vezes até contribuindo no que as interlocutoras relatavam. A experiência foi muito proveitosa e prazerosa em uma relação recíproca de informações, saberes e mudas de plantas.<sup>19</sup>

A descrição dos dados partiu do conceito da etnobiografia, que para Gonçalves (2012) é a relação da problemática entre o etnográfico, características do modo de vida de uma comunidade, personagem com representações, e o biográfico trazendo a história de vida de moradores desta comunidade, por exemplo.

A noção de etnobiográfico problematiza, por assim dizer, o etnográfico e o biográfico, as experiências individuais e as percepções culturais, refletindo sobre como é possível estruturar uma narrativa que dê conta desses dois aspectos na simultaneidade, ou seja, propõe, a um só momento, repensar a tensa relação entre subjetividade e objetividade, pessoa e cultura (Gonçalves, 2012, p.20).

Gonçalves (2012) aborda ao longo do texto, “Etnobiografia: biografia e etnografia ou como se encontram pessoas e personagens”, que a construção da autonarrativa, histórias de vida dependem da partilha com outros, experiências elaboradas em conjunto nas relações. Uma experiência que não se encerra a nível individual, mas é construída em um meio geográfico e sociocultural. Desta forma “A imbricação entre a criação pessoal de um eu e a

---

<sup>16</sup> É importante destacar que a maioria das vezes que eu chegava no horário marcado elas estavam ainda terminando os afazeres de casa ou vindo do roçado. Sendo que muitas das vezes elas paravam de fazer algo para conversar comigo.

<sup>17</sup> As entrevistas seguiram um roteiro semiestruturado de questões mobilizadoras de forma que as deixava livres caso elas não quisessem responder. Entre as nossas conversas surgiam outras questões que eram colocadas de forma a completar o meu entendimento sobre determinado assunto. Elas também perguntavam temas que não tinham conhecimento. Posso dizer que as entrevistas ocorreram de ambos os lados.

<sup>18</sup> Tivemos que interromper algumas entrevistas devido a compromissos das interlocutoras em outros espaços da comunidade, por isso precisei marcar outro dia para finalizá-las.

<sup>19</sup> Fui presenteadada com mudas de plantas por algumas interlocutoras e também as presenteei com sementes e mudas que elas não tinham em seu quintal.

formulação sociológica de um self depende de outrem para que ganhe sentido” (Gonçalves, 2012).

Utilizei a Escrivivência como recurso teórico-metodológico e epistemológico, termo cunhado por Conceição Evaristo (2020) para relatar sobre os conhecimentos, sentimentos, e expressões vindas da oralidade vividas e experimentadas em comunidade por mulheres e homens negros, experiências diferenciadas pela condição de nacionalidade afro-brasileiros. Nas palavras de Evaristo (2020) apesar da “[...] experiência tão específica [...] consigo compor um discurso literário que abarca um sentido de universalidade humana. Percebo, ainda, que experiências específicas convocam as mais diferenciadas pessoas”.

Nessa perspectiva busco escrever e descrever diversos sentidos e experiências que são humanas. “Escrivivência nunca foi uma mera ação contemplativa, mas um profundo incômodo com o estado das coisas. É uma escrita que tem, sim, a observação e a absorção da vida, da existência.” (Evaristo, 2020, p. 34).

Minha relação e participação no trabalho configura-se, em uma dupla condição, pois além de autora sou também sujeito de pesquisa, afinal nasci e fui criada no quilombo de Igarapé São João no Médio Itacuruçá. Meus ancestrais maternos e paternos também viveram e ainda vivem neste lugar. Assim busco uma escrita da minha convivência e também das e dos moradores quilombolas desta comunidade, valorizando a riqueza da nossa oralidade, que possui outras cosmologias a partir do contexto territorial, social e ambiental. Portanto na Escrivivência “[...] ao escrever a si próprio, seu gesto se amplia e, sem sair de si, colhe vidas, histórias do entorno. E por isso é uma escrita que não se esgota em si, mas, aprofunda, amplia, abarca a história de uma coletividade.” (Evaristo, 2020, p.35).

Escrivivência, em sua concepção inicial, se realiza como um ato de escrita das mulheres negras, como uma ação que pretende borrar, desfazer uma imagem do passado, em que o corpo-voz de mulheres negras escravizadas tinha sua potência de emissão também sob o controle dos escravocratas, homens, mulheres e até crianças. E se ontem nem a voz pertencia às mulheres escravizadas, hoje a letra, a escrita, nos pertencem também. Pertencem, pois nos apropriamos desses signos gráficos, do valor da escrita, sem esquecer a pujança da oralidade de nossas e de nossos ancestrais. Potência de voz, de criação, de engenhosidade que a casa-grande soube escravizar para o deleite de seus filhos. E se a voz de nossas ancestrais tinha rumos e funções demarcadas pela casa-grande, a nossa escrita não. Por isso, afirmo: “a nossa escrevivência não é para adormecer os da casa-grande, e sim acordá-los de seus sonos injustos”. (Ibid., p.30)

Desta forma, os relatos trazidos pelas interlocutoras mostram a vivência na comunidade e características sociais, ambientais e territoriais sobre o assunto. Os critérios de participação da pesquisa são: mulheres que cultivam plantas na comunidade quilombola do

Médio Itacuruçá, que possuem papel de liderança ou reconhecimento por parte das demais, moradoras da comunidade que pertencem ao território e possuem vinculações de parentescos, atividades socioeconômicas, culturais e religiosas.

O estudo possui uma perspectiva integrada de análise de diversos instrumentos como entrevistas, observações, análises de documentos, artigos, fotografias, teses, dissertações e materiais disponíveis na internet em sites, vídeos, documentários e, além de materiais não publicados como livros, cartilha, monografias, e documentos sobre a comunidades feitos pelos próprios moradores. De acordo com Arilda Schmidt Godoy (1995), na pesquisa qualitativa busca-se “[...] o fenômeno a partir da perspectiva das pessoas nele envolvidas, considerando todos os pontos de vista relevantes. Vários tipos de dados são coletados e analisados para que se entenda a dinâmica do fenômeno”.

Como a pesquisa teve início no contexto pandêmico da Covid-19, para evitar a propagação do vírus tivemos que nos adaptar à esta nova realidade que se apresentava. Desta forma, tomamos todos os cuidados sanitários (uso de máscara facial, distanciamento de 1 metro e meio, higienização das mãos e ventilação) tendo em vista que para a construção dos dados conversei com os moradores mais velhos da comunidade, nossos grãos, bibliotecas vivas do nosso quilombo, lideranças quilombolas, pois são guardiões de parte da nossa história, conhecimentos e memória. Eles por condições do processo natural de envelhecimento e baixa do sistema imunológico estão mais vulneráveis ao vírus, além das comorbidades de doenças que já lhes afetam, sendo necessários cuidados redobrados devido ao novo coronavírus.

Conversei com as mulheres, idosas e lideranças, que cultivam e fazem usos diversos de plantas no dia a dia, para identificar suas relações com as plantas, lutas e memórias na comunidade. Conversei também com algumas pesquisadoras e lideranças da juventude formadas que pertencem a este território, para buscar informações que serão de suma importância sobre o desenvolvimento social, político, educacional, religioso e outros aspectos que mostram o modo de vida local, os saberes e experiências dos moradores.

Nesse contexto estabeleci, a partir das leituras e do cenário acima descrito, para a consolidação da escrita e organização dos dados coletados por meio de entrevistas, documentos e histórias contadas pelos moradores locais, conhecidos e familiares, para trazer um pouco da relação entre memória, plantas e território, e a análise destes conteúdos para descrever a importância das plantas cultivadas pelas mulheres. As plantas também possuem histórias e trajetórias marcadas, pois percorreram gerações.

Além do texto introdutório, essa dissertação é composta por mais três capítulos. No primeiro capítulo discutimos sobre a luta pela terra e território, modo de vida na comunidade ribeirinha e quilombola do Itacuruçá, influência das colonialidades desde o Brasil colônia até os dias atuais. No segundo capítulo construímos um pouco da trajetória e história do processo de socialização, a participação das mulheres em diferentes instituições na comunidade como nas escolas, igrejas e as lutas pela organização da Associação dos Remanescentes de Quilombos das Ilhas de Abaetetuba (ARQUIA) a partir do protagonismo dos moradores e das mulheres quilombolas. E no último e terceiro capítulo abordarei sobre as mulheres quilombolas, as parteiras e “curandeiros” com relação aos cuidados com a saúde, além do conhecimento de plantas e ervas ancestrais e medicinais.

## CAPÍTULO 2 “TUDO VEM DA TERRA”: SOBRE A NOÇÃO DE TERRITÓRIO E MODO DE VIDA QUILOMBOLA

A terra é o meu quilombo, o meu espaço é o meu quilombo.  
Onde eu estou, eu estou, quando estou eu sou  
(...) Ó paz infinita, poder fazer elos de ligação  
numa história fragmentada.  
África e América e novamente Europa e África.  
Angola. Jagas.  
E os povos do Benin de onde veio minha mãe.  
Eu sou atlântica.  
(Beatriz Nascimento, 1989)

Início este capítulo com os versos de Maria Beatriz do Nascimento, historiadora brasileira, professora, roteirista, poeta e ativista pelos direitos humanos de negros e das mulheres negras. Beatriz em seus primeiros versos, retrata “A terra é o meu quilombo, o meu espaço é o meu quilombo”, aqui insere-se a noção de território, quilombo como espaço de liberdade, de trajetórias que precisam ser reconstruídas por “elos de ligação numa história fragmentada.” pela colonização, o qual separou continentes e gerações “África e América e novamente Europa e África.”. Sobre essa perspectiva, proponho-me a desenvolver este capítulo.

Desde o processo de exploração socioeconômica e ambiental dos países subdesenvolvidos e desenvolvidos ocorreram diferentes tipos de colonialidades fundamentadas por meio de estruturas coloniais em áreas de políticas públicas com vista a permanência e fortalecimento, mecanismos de desenvolvimento e controle, do capitalismo mundial, moderno e eurocêntrico.

Percebe-se que desde o sistema colonial até os dias atuais, as comunidades quilombolas possuem um posicionamento político e ambiental de (re)existência: à falta de políticas públicas direcionada a esta população; frente às violências e subalternização de seu modo de vida, e também ao racismo estrutural, paternalismo e machismo, colonialidades sedimentadas pelo Estado.

Ao longo deste capítulo discutiremos algumas dessas colonialidades, elencando alguns dispositivos e legislações que fundamentam a estrutura e sustentam esse sistema eurocêntrico moderno. Em contraponto abordaremos discussões sobre as lutas e enfrentamento pela

garantia de direitos ao território quilombola, as conquistas a partir da visão decolonial. Apresentar um pouco sobre o processo de formação e história do Itacuruçá que nos traz valores comunitários e ressaltam o bem viver inseridos no contexto de comunidade negra rural quilombola, localizada nas ilhas de Abaetetuba no estado do Pará, Amazônia Brasileira.

## **2.1 Colonialidades, dispositivos jurídicos coloniais e Brecha Camponesa**

Para os autores da teoria decolonial como Aníbal Quijano (2005), afirma que “A América se constitui como o primeiro espaço/tempo de um padrão de poder de vocação mundial e, desse modo e por isso, como a primeira identidade da modernidade.”

Uma das primeiras formas de violência utilizadas na construção da identidade na modernidade foi por meio da Colonialidade do Poder. Essa colonialidade constrói-se pela divisão dos povos através da racialização destes com objetivos de estigmatizar e controlar alguns grupos em proveito de outro, tentando diluir suas diferenças, nomeando-os e denominando-os com sentidos e significados propagados pela visão eurocêntrica. (Quijano, 2005).

Essa colonialidade do poder – que ainda perdura – estabeleceu e fixou uma hierarquia racializada: brancos (europeus), mestiços e, apagando suas diferenças históricas, culturais e linguísticas, “índios” e “negros” como identidades comuns e negativas. (Catherine Walsh, 2009, p.14).

Na Colonialidade do Poder, o homem branco europeu heterossexual cristão seria o “centro” (eurocentrismo), nesse ponto de vista apenas o restante dos povos seriam racializados e enquanto que o europeu seria o “modelo de sociedade”. Os demais povos nativos como os grupos indígenas e população negra “às margens” da sociedade.

Assim instituiu-se uma forma de trabalho forçado através da escravidão destes dois povos, subalternizando-os e deslegitimando aspectos de sua língua, cultura, modo de vida e religião. Podemos citar alguns dos dispositivos jurídicos que colocaram a população negra em uma posição de exploração, sem direitos sociais e individuais durante séculos no Brasil.

O Brasil foi um dos últimos países do mundo a abolir a escravidão<sup>20</sup>, enquanto que em outros países já tinham adotado o trabalho assalariado. No caso do Brasil a mudança ocorreu de forma lenta e gradual mesmo com tantas revoltas da população negra e dos abolicionistas.

---

<sup>20</sup> Havia muita resistência por parte de barões e traficantes de escravos que ganhavam dinheiro às custas dessa exploração e trabalho forçado.

A escravidão no Brasil trouxe de vários países da África milhões de pessoas negras escravizadas nas plantações de café, algodão, cana de açúcar, engenhos e etc. Na comunidade do Médio Itacuruçá, Igarapé São João, uma das interlocutoras entrevistadas relata sobre a existência de um porto onde os escravizados eram deixados.

Meu pai conta que tinha um porto escravo né. Tinha um porto que eles faziam o embarque e desembarque de escravos. E meu pai e minha avó sempre contou... não era aqui era mais lá... mais pra lá pro no final do... das cabeceiras daqui do Igarapé São João mesmo. [...] lá era um porto de embarque e desembarque. (Entrevista “Catinga de Mulata”, 2023).

“Catinga de Mulata” (2023)<sup>21</sup> inclusive traz a memória sobre os seus ancestrais, pois ela chegou a conhecer sua avó paterna que foi submetida a escravidão, e relata que “[...] a mãe dele [a mãe de seu pai] mesmo, ela não era daqui ela veio embarcada lá, veio embarcada pra vir pra cá. O nome dela a gente sabe, entendeu, a gente só não sabe da origem dos pais dela [...].”

Com o objetivo de povoamento, no Brasil houve políticas públicas de forma a atrair imigrantes estrangeiros como colonos europeus, italianos, norte americanos, portugueses entre outros. Uma das formas de atração desse contingente ocasionou-se por incentivos como a Lei nº 601 de 18 de setembro de 1850, conhecida como Lei de Terras. Essa lei estabeleceu que possuísem terras apenas aqueles que pudessem comprá-las, tirando dos povos indígenas que aqui habitavam o direito de ter a posse das suas próprias terras e a população negra que foram escravizadas a impossibilidade de no início adquirir terras aqui no Brasil, o que fez provocar uma série de conflitos territoriais e violências com os africanos e povos originários, povos indígenas do Brasil.

Essa lei persistiu por muitos anos, até ser revisada durante o golpe militar e empresarial de 1964, no que foi instituído o Estatuto de Terras, Lei n. 4.504 de 30 de novembro de 1964. Sem ter uma organização de fato da Reforma Agrária no Brasil e com todos os seus percalços, esta lei até hoje ainda está em vigência.

Com o cenário europeu em mudanças ocorridas pela Revolução Industrial e o trabalho assalariado, Guerra de Secessão e outras. Aqui no Brasil, além das numerosas revoltas e a

---

<sup>21</sup> Identifica-se como negra. Ela nasceu e se criou na comunidade assim como seus pais, avós e avós paternos e maternos moravam no Itacuruçá. Nasceu com a ajuda de parteira no Itacuruçá. A maior parte da sua vida morou na comunidade, nas suas falas diz “Eu passei 18 anos pra Belém. Aí já faz 18 que eu moro aqui de volta. Quando eu fui pra Belém eu já tinha só o meu primeiro [filho].” Conheceu avó e avô paternos, já na parte da mãe conheceu só o seu avô materno, porque quando a sua avó morreu ela era pequena e por conta de sua idade não lembra da avó materna. Idade de 53 anos. Lavradora, Evangélica, Assembleia de Deus. Estudou até a 4ª série na comunidade.

crescente luta abolicionista, foi criada a Lei nº 2.040 de 28 de setembro de 1871, conhecida como Lei do Ventre Livre.

A partir da promulgação desta lei todos os filhos e filhas que nascerem de mulheres escravizadas estavam “livres”, entretanto essa “liberdade” era bem restrita porque de acordo com esta legislação as crianças continuavam sob poder do dono da fazenda e não tinham direito de escolha. Entre outras atividades, essas crianças tinham que conviver na senzala e|ou barracões, acompanhar seus pais em tudo o que faziam e obedecer ao Senhor dono da fazenda até a idade de 8 anos.

Depois desse prazo, o Senhor tinha a opção de escolher se ficaria utilizando os seus serviços até a idade de 21 anos ou se receberia uma indenização por parte do governo. De toda forma, muitos fazendeiros utilizavam as brechas dessa lei em seu proveito.

Entre as histórias dos antigos moradores de Itacuruçá, contam que uma senhora chamada Izabel, que morava na comunidade, mesmo nascendo no período da Lei do Ventre Livre ainda assim foi submetida à escravidão. Depois das revoltas dos movimentos negros e abolicionistas pela efetiva libertação da escravidão, Izabel teve filhos e filhas e sua geração permanece até os dias atuais no Itacuruçá<sup>22</sup>. Salomão da Costa Santos e Érika Suzane da Costa Santos (2023) informam em seus relatos.

[...] Ela [bisa vó Izabel] nasceu na vigência da Lei do Ventre Livre e contava que ainda foi submetida a trabalho forçado. Relatava que seus antepassados e pais nasceram sob o período de escravidão, onde trabalhavam de maneira forçada na agricultura, em plantação de cana e nos engenhos que produziam urucum e em fazendas na criação de bois, cabras, bodes e ovelhas. (Santos, S.C.; Santos, E.S.C., 2023, p. 26)

Outra legislação que seguia a mesma lógica de “libertação” foi por meio da Lei nº 3.270 promulgada em 28 de setembro de 1885, conhecida como a Lei dos Sexagenários, que tornou “livre” todos os escravizados com 60 anos de idade ou mais. Uma lei economicamente viável aos Senhores, pois por esta lei os fazendeiros não tinham nenhuma responsabilidade com as pessoas idosas escravizadas, sendo estas pela idade não possuindo mais forças para o trabalho duro, eram deixados de lado.

---

<sup>22</sup> Segundo relatos dos interlocutores, Izabel teve duas gerações de filhos e filhas em Itacuruçá. A primeira geração onde teve filhos e filha com um Português. E a segunda, quando se juntou com o seu João Colete e tiveram filhos. Assim como Izabel, o seu João Colete também era descendente de pessoas escravizadas.

Meu avô materno, nascido e criado no Itacuruçá<sup>23</sup>, relata que a comunidade foi formada por descendentes das pessoas escravizadas e estas viviam próximas aos locais das fazendas.

Que a gente conhecia a história pelos nossos antepassados, nossos avós e bisavós nos contavam que haviam aqui escravos... A gente tinha conhecimento da história que a gente é descendente remanescente dos escravos. Mas aqui houve uma mistura, minha bisavó também casou com um... um português. Então, é... houve uma grande mistura entre os negros e os Senhores dos escravos. (Salomão Santos, Ubuntu [...], 2021, 01:28)

Os engenhos de cana de açúcar e as fazendas que usavam mão de obra escrava eram bem frequentes, alguns moradores mais antigos relatam as histórias sobre esses lugares. Salomão Santos e Érika Suzane Santos, (2023, p. 26) relatam que “Isso fica comprovado na história que era contada por minha bisavó, Izabel de Souza Pinheiro, [...]. Ela contava que existe um lugar que foi uma fazenda e que até hoje é chamado de "fazendão". E o Sr. Salustiano Severino de Sena (77 anos), em 2023, conta sobre a história de um “fazendão” no Itacuruçá:

Ali no médio Itacuruçá que tinha também o engenho que lá era o fazendão, lá que falavam que era uma fazenda, e ainda cheguei a morar lá, fizemos casa, depois que eu me casei, e tinha muitas coisas antigas desse casarão que era conhecido como fazendão, era uma fazenda, engenho de beneficiar urucum, isso eu ouvi falar muito, ainda vi muitas ferragens velhas lá. (*Ibid*, p. 26).

“Azaleia”<sup>24</sup> também relata sobre o porto de escravizados, um casarão que existia no Médio Itacuruçá com 11 janelas.

[...] já o papai não, o papai com a mamãe eles já comentam bastante como foi formada [a comunidade] né. Que tinha [...] os donos de comércio, de engenhos né... que vinham traziam os negros para trocar com mercadoria, aqui nesse porto [...] era aí que era troca que acontecia as trocas. O papai deve saber, eles contam assim. Agora faz tempo que eles não sentam para contar assim, essas histórias assim. [...] O papai conta desde o engenho [...] de cana de açúcar que tinha aí na entrada do rio, onde eram

---

<sup>23</sup> Conheceu seu avô, mãe e padrasto. No período em que nasceu teve ajuda de parteira no Itacuruçá. Foi Lavrador (Aquele que realiza seu trabalho na lavoura; agricultor), Oleiro (Aquele que trabalha em olarias na fabricação de telhas e tijolos) e Mestre Carpinteiro civil e naval, Evangélico na Assembleia de Deus. Estudou até a 4ª série na comunidade. Durante a maior parte de sua vida morou no Itacuruçá, por um intervalo de 10 anos foi morar em Saré, Distrito Industrial (Ananindeua), mas sempre retornava todo final de mês ou períodos alternados para resolver pendências, pois mesmo morando em outra cidade tinha lavoura, olaria e criação de animais na comunidade com seus filhos. Regressou em 2008 e administrou a olaria até o final de sua vida em 24 de dezembro de 2021 com 89 anos. Como ele mesmo falava “Nunca desprezei [a comunidade], dei essa volta lá, mas todo o mês tava aqui.”. (Meu avô materno, 2019). Entrevista concedida a Thiago da Luz Ferreira: inédito. Belém: Trabalho de Conclusão de Curso, 2019.

<sup>24</sup> Identifica-se como Negra e Quilombola. Nasceu em um hospital de Abaetetuba. Se criou na comunidade assim como seus pais, avós e avós, bisavós e bisavós nasceram e se criaram na comunidade. Ainda chegou a conhecer sua bisavó paterna e avô materno. Saiu da comunidade por um período de 5 anos para estudar Ensino Superior através do PSE Quilombola em Belém. Retornava sempre que podia e quando tinha férias e/ou feriado. Atualmente mora na comunidade e é enfermeira na Unidade Básica de Saúde do Itacuruçá. Idade de 38 anos, Evangélica, Assembleia de Deus.

bastante pessoas que trabalhavam nesse engenho. [...] o primeiro quilombo a ser formado foi aqui atrás da capela... aí onde era essa região aí da Tia Inácia. [...] O meu pai conta que tinha uma casa muito grande, mas é lá no centrão né, lá no... eu esqueço o nome que eles falam lá o local [...] e tinha uma casa muito grande que ela tinha onze janelas... e até hoje a gente encontra... pregos... dessa casa [de madeira], para fusos... Até hoje... um tempo desse o papai encontrou... porque como a maré enche lá, aí a areia vai... vai saindo e vai aparecendo né... aí o papai ainda encontrou ainda um vergalhão assim... de lá. (Entrevista “Azaleia”, 2023).

Durante as visitas na casa dos meus avô e avó maternos, onde estavam sempre juntos na sala, trouxeram as lembranças de outros antigos moradores de Itacuruçá. Meu avô materno não conheceu seu pai, pois ele faleceu quando meu avô ainda era pequeno, mas chegou a conhecer seu avô. Sua mãe já tinha filhos do primeiro casamento. Depois que seu esposo faleceu, casou-se novamente e teve filhos e filhas que atualmente possuem descendentes no Itacuruçá. Meu avô contava que conheceu um senhor já idoso e que tinha sofrido durante o período da escravidão. O avô do meu avô que cuidava desse senhor.

[...] era seu Aleixo. O nome do filho dele era Raimundo, mas esse aí já não era escravo... O nome do meu bisavô eu não sei o nome dele... o meu avô que era Antônio. Antônio Nilo de Carvalho, meu avô. O meu bisavô eu não conheci, eu conheci meu avô... porque eles ficaram, foram livres, e aí ficou... [...] até morrer. [...] e o sepultamento dele [do seu Aleixo, que foi escravizado] quem fez foi meu avô. (Entrevista meu avô materno, Thiago da Luz Ferreira, 2019)<sup>25</sup>

Parece que a mãe da velha Bah foi escrava, e a velha Baheles trataram dela até morrer. Tem um [senhor] das cabeceiras que tem 102 anos [...] Ele ainda tá esperto esse velho ainda vai pra roça. Ele mora lá pro Alto [Itacuruçá]... o nome dele é Procópio.<sup>26</sup> (Entrevista minha avó materna, Thiago da Luz Ferreira, 2019)<sup>27</sup>

Todas as entrevistadas e em conversas com os mais idosos relataram histórias sobre os moradores de Itacuruçá descendentes de pessoas escravizadas. É importante ressaltar que quando questionadas sobre a escravidão e a questão quilombola na comunidade, muitos sentimentos se afloraram nas entrevistadas. Medo, tristeza, busca por reconhecimento, receio, alegria e saudades pelas lembranças dos ancestrais, amor e outras emoções se apresentaram nos semblantes e na fala delas durante as conversas. Duas interlocutoras, “Rosa” e “Azaleia”, se emocionaram bastante durante as entrevistas.

“Rosa”<sup>28</sup> ao ser questionada sobre ser quilombola conta a sua experiência enquanto mulher preta. Enfatizou que algumas pessoas negras ainda não se reconhecem como tais,

---

<sup>25</sup> Entrevista concedida a Thiago da Luz Ferreira: inédito. Belém: Trabalho de Conclusão de Curso, 2019.

<sup>26</sup> *In Memoriam*: Faleceu em 29 de novembro de 2024, Seu Procópio, o homem mais velho do Itacuruçá com 108 anos.

<sup>27</sup> Entrevista concedida a Thiago da Luz Ferreira: inédito. Belém: Trabalho de Conclusão de Curso, 2019.

<sup>28</sup> Identifica-se como Negra e Quilombola, nasceu com a ajuda de parteiras em Moju. Conheceu seu avô materno que era negro, bisavó materna era indígena e tio materno era negro. Não chegou a conhecer seu bisavô paterno,

efeitos do racismo global perpetuado pela imagem racializada do negro apenas como escravizado, o que dificulta o reconhecimento por algumas pessoas.

É porque eu venho assim ...os meus antepassados eram negros, eram negros e foram escravos, hoje eu sou livre, mas meus antepassados eram escravos. foram negros que vieram da África, aí olha...eu venho dessa linhagem né, mas tem muito preto igual eu, que não gostam de ser negro...eles não gostam de dizer que é preto que eu fico até com medo de falar.É..um dia desses eu falei assim ‘é pois é...nós negros né...’, aí a menina... [olha estranhando]. Aí eu disse pra ela ‘Porque eu me considero negra.’, aí ela me olhava assim... e eu pensei: ‘tu é mais pretinha que eu, cara, e tu não tá te considerando...’. Tem também algumas pessoas pode até ser clara mas tem aqui olha...de negro, é a boca, é o nariz, é o cabelo..., mas vai falar...num aceita. (Entrevista “Rosa”, 2023)

“Rosa” ainda trouxe em sua fala, lembranças de 4 episódios de racismo que aconteceram. Um foi quando “Rosa” e sua tia foram para uma entrevista de emprego e concorreram a duas vagas de atendente na Marisa, uma nova loja em Belém na época. Elas tinham acertado todas as perguntas, estavam bem apresentáveis.

[...] Eles queriam mulheres para trabalhar, eu era uma neguinha, magrinha, bonitinha, peito em cima, magrinha e o cabelo assim, mesmo bacana [...] Quando eu e a minha tia, nós fomos fazer a prova, saiu assim por exemplo: você tem tantas...coisas pra vender [...] Aí eu fiz as contas [...] Aí eu falei “Tia nós vamos ser aprovadas, nós não erramos nenhuma.”. Adivinha quem foi que passou? Duas mulheres... bem brancas. Elas passaram e não eram bonitas pra trabalhar lá na Marisa...Aí eu falei “Tia mas olha...”. Aí eu naquele dia eu falei “É por causa da cor.”. (Entrevista “Rosa”, 2023)

Ela também narrou os dois episódios de racismo que aconteceram com sua neta em uma outra cidade. “Rosa” se emocionou bastante ao relatar essa história. A neta iria fazer uma apresentação da sua turma no dia da consciência negra na escola que estuda, o tema era sobre quilombos e zumbi dos palmares. A mãe organizou a roupa, turbante, pesquisou a música, e “Rosa” expressa nas suas falas.

[...] A música falava assim como eles eram, que não era que quem tinha dado a liberdade aos negros não era a princesa Isabel, mas era o Zumbi dos Palmares, aí foi falando que os negros fugiam, contando a história assim na música. Aí eu disse ‘Égua [...] bacana!’ Ela [a mãe] disse ‘... pois é mamãe eu tô ensinando’. E a dança eu disse assim ‘... não é samba porque naquele tempo...’ um dia desses tava ali. ‘... não tinha samba. O negro não sambava...tá...era assim...’. Aí eu fui fazendo o gesto. [...], a dança, o instrumento e ensaiou durante a semana para a apresentação. [...] Quando faltava dois dias a professora ligou...e disse [...] que ela [a neta] não ia apresentar mais essa coisa, que ela [a neta] ia [...] [apresentar] na consciência negra era da Chiquinha Gonzaga, uma música da Chiquinha Gonzaga ... é nordestina. Era negócio de Frevo.

---

mas segundo relatos de seu pai ele era português. Questiona-se “Hoje eu fico assim...eu digo assim ‘eu nem sei nem de que tribo né era a minha bisavó, eu não sei...’. Durante sua infância morou em Ananindeua, Distrito Industrial, Bairro Saré. Aos 20 anos de idade casou-se com um dos meus tios maternos e veio morar com ele no Itacuruçá em maio de 1987. Finalizou o Ensino Médio pelo Sistema de Organização Modular de Ensino (SOME) na comunidade. Idade de 57 anos, la vradora aposentada, evangélica, Assembleia de Deus.

Aí a [...] [mãe] ligou e disse ‘Professora...a minha filha não vai sair...eu quero saber porque que a senhora...veio me a visar agora pra um dia eu ensaiar com a minha filha, pra noutro dia ela apresentar que eu tô uma semana ensaiando sobre a dança, já tem a roupa tudo...eu consegui a música tudo, ensinei ela tudinho... ela vai tocar...’ como é o nome daquele instrumento? ‘...agogô.’. Aí ela [a mãe] disse ‘então eu ensaiei, ela ainda erra, e tem mais uma coisa professora, Chiquinha Gonzaga isso daí não tem nada a ver com consciência negra’, aí diz que ela [a professora] ficou calada e disse ‘bem então ela [a neta] não vai sair’. Aí ela [a mãe] disse ‘... não, tudo bem! Não se preocupe que ela não vai sair’. Aí me falou, aí ela [a mãe] ficou assim né ... aí ela [a mãe] engoliu. Aí a [...] [neta] pintando as coisas, ela disse ‘Mãe é essa cor aqui que a professora me chama, ela só me chama de pretinha lá na sala de aula, pretinha vem cá...’. Aí a [...] [mãe] pegou e ligou pra mim e disse [contou toda a história]. Eu falei ‘o quê [...]?’ [...] aí ela [neta] começou a chorar e disse ‘[...] Eu tô falando a verdade, a professora só me chama de pretinha lá.’ ”. (Entrevista “Rosa”, 2023)

Ao relatar sobre o racismo sofrido pela neta, “Rosa” se emocionou e até hoje alerta para ela para não se deixar abater, e ter amor por ser negra.

[...] Eu disse eu vou colocar diante de Deus, sabe eu dobrei meus joelhos e eu tava chorando aí eu até falei assim, olha eu até falei assim ‘Deus, eu não entendo...’ porque é Silvine [Se emociona]...aí eu falo assim ‘Poxa Deus ...o preto, branco, ele...ele morre...o mesmo sangue e só muda essa cor...’. Aí eu disse ‘poxa e tem gente assim’, aí eu chorando, e disse ‘Deus porquê, porquê tú deixa acontecer isso, desse racismo, preconceito, tudo isso Deus.’[se emociona] Aí eu fiquei pedindo e falando aí veio um versículo lá que eu não sei onde tá na bíblia e olha que eu leio a Bíblia, assim: pode o leopardo mudar a cor dele, as manchas? Não, ele é assim.. foi assim que deus fez. É assim...uma coisa assim que fala...aí eu ah tá. Deus sabe o que ele faz. [...] (Entrevista “Rosa”, 2023)

[...] E sempre [...] eu digo “[...] não abaixa a cabeça pra ninguém!” eu falo pra minha neta, ‘Você é negra mas olha...negro tem que ter a alegria assim...não é orgulho..mas essa cor, eu amo a minha cor.’ Porque quando a gente coloca orgulho já é uma coisa muito forte. Eu amo a minha cor. A palavra que eu vou usar é o amor, eu amo. Porque se eu for colocar orgulho, eu vou querer ser mais do que o outro. Aí eu falo pra ela ‘...Então minha filha, não abaixa a cabeça!’ . [...] eu já sofri muito, mas na quele tempo a gente ficava calado.[...] (Entrevista “Rosa”, 2023)

E o último episódio de racismo que veio na lembrança de “Rosa”, aconteceu com uma de suas irmãs. Todas essas histórias de racismo ocorreram a partir de pessoas brancas.

[...] A minha irmã sempre conta que ela foi comprar um sapato... aí ela chegou lá e perguntou quanto era o sapato em uma loja. Aí, ela [sua irmã] disse ‘...Ei mana eu fiquei muito sentida’, aí [o vendedor] disse ‘... ah é muito caro, você não tem condição...Você não tem condição de comprar é muito caro’ e ela [irmã] tava com o dinheiro. Aí ela [irmã] disse ‘tá’. Quando ela [irmã] ia saindo... aí ela [irmã] olhou assim... e voltou pra loja. Aí ela [irmã] viu esse cara que tinha atendido aquela branca né e disse pra ela [irmã] que era muito caro e que ela [irmã] não tinha condição..aí ela [irmã] viu..quando ele saiu assim..e veio outros fregueses né e tinha um moreno lá que trabalhava e ela [irmã] foi falar com o moreno...e disse assim ‘quanto é?...’. O mesmo sapato... ‘Quanto é esse sapato?’, aí ele [vendedor moreno] disse ‘Esse sapato tá tanto.’ Aí ela [irmã] disse ‘Então veja que eu quero.’. Ela [irmã] disse ‘...o meu dinheiro deu pra comprar...E o branco não me falou o preço e disse que eu não tinha condições porque era muito caro, e o dinheiro que eu tinha [...] deu pra mim comprar... foi por causa da minha cor.’ (Entrevista “Rosa”, 2023).

A entrevista com “Azaleia” foi marcante pois além de lembrar dos antigos moradores de Itacuruçá, ela também se emocionou ao falar do seu João Colete<sup>29</sup>, pai do seu avô de criação, conhecido como seu Gongóm.

[...] O seu Dilo, eles dizem que ele era descendente [das pessoas escravizadas]. E eu falei pra elas que tem um jornal, tinha um jornal do seu João Colete, pai do meu avô que eu considero...que criou meu pai né, que era vovô Gongóm, que eu considero muito e então ele foi escravo né...descendente de escravo o finado João Colete. E eu conheci ele.[...] Como eu não conheci meu avô, pai do papai eu já vim conhecer o vovô gongóm já, porque criou meu pai, foi quem nos criou junto com meu pai, foi quem deu todo o apoio pro meu pai...[se emociona] eu sinto falta dele, saudade dele.[...] Meu avô foi tudo [se emociona]...Tinha na universidade... o jornal dele. E ele foi quem deu as mãos pro meu pai, ele nos criou aí eu considero ele [se emociona]. Eu sinto falta dele, muitas coisas boas, até hoje eu sonho com ele. Sonho muito com ele. Ele foi um homem guerreiro pra mim. Muito guerreiro meu avô.[...] (Entrevista “Azaleia”, 2023).

Mesmo com todas as legislações feitas durante o período da escravidão, a população negra sempre lutou pela sua liberdade e vida digna por meio de diversas revoltas, movimentos abolicionistas. Ciro Flamarion Cardoso (1987) nos mostra através de pesquisas, de vários autores sobre o período colonial e escravidão, que houve muitas formas e estratégias organizadas pelos Senhores para diminuir a resistência da população negra, e também tentar diminuir as fugas e causar “menos prejuízos financeiros” aos Senhores de engenhos e barões, além de reduzir suas despesas com alimentação e vestimenta para as pessoas escravizadas.

Uma dessas estratégias organizadas por estes Senhores foi a Brecha Camponesa, que consistia na concessão de um lote de terra da sua propriedade para que alguns escravizados pudessem plantar, uma vez na semana, e desta forma prover sua alimentação. Caso houvesse excedente dos gêneros alimentícios os escravizados poderiam vender para o dono da fazenda e/ou no mercado local, e comprar e/ou trocar por alimentos, vestimenta e utensílios.

Ocorria que o Senhor barão, dono dos engenhos, nesse tempo cedia um espaço de terra da sua propriedade para que as pessoas escravizadas pudessem fazer sua plantação, e com isso “foram feitos processos de arrendamento, onde os que foram escravizadas pagavam a meia (divisão da produção), sobre a terra que por eles era ocupada com suas lavouras[...]” (Santos, S.C; Santos, E.S.C., 2023, p. 26).

---

<sup>29</sup> Casado com Izabel de Souza Pinheiro, teve filhos e filhas. Seu André Biza era filho dele. André Biza foi casado com a Tia Inácia, conhecida como uma das antigas parteiras veterana na comunidade. Uma grande parte dos jovens adultos da comunidade foi ela quem pegou no processo de parto. Também realizava massagens diversas e tratava as doenças com remédios feitos a partir de plantas cultivadas na comunidade.

Neste caso podemos perceber de acordo com *Ciro Flamarion Cardoso* (1987) que a Brecha Camponesa está relacionada com uma ampliação econômica por meio de atividades mercantis do próprio fazendeiro, e em alguns casos da abertura do proto campesinato escravo nas atividades mercantis locais. Deriva-se daí o nome Brecha Camponesa, pois para este autor seria uma analogia à brecha na muralha de uma fortaleza, uma brecha para o escravo, “[...] “um espaço”, situado sem dúvida dentro do sistema, mas abrindo possibilidades inéditas para atividades autônomas dos cativos”. (Ibid., p. 122)

Assim os Senhores, por meio do sistema da Brecha Camponesa, manteriam os escravizados dentro de suas propriedades através da vinculação destes com o amor à terra, por meio do roçado, entretendo-os e distraíndo-os “com esse pequeno direito de propriedade” e “se liguem ao solo pelo amor da propriedade: o escravo que possui nem foge, nem faz desordens”. (Cardoso, C.F., 1987, p. 105)

No estado do Pará há relatos do sistema da Brecha Camponesa.

Depois de 1750, o Pará recebeu alguns milhares de escravos negros, introduzidos primeiro por uma companhia pombalina de comércio. Obviamente, também neste caso surgiu um protocampesinato escravo. A fonte mais explícita que achamos a respeito foi uma monografia manuscrita do naturalista *Alexandre Rodrigues Ferreira*: “... costumam alguns senhores de engenho distribuir para cada escravo, as jeiras de terras que ele necessita, com relação ao seu estado; ferindo de cada semana, um até dois dias, para neles trabalhar cada um na sua roça; donde não só tiram os escravos a farinha, o milho, e o feijão de que se sustentam, eles, suas mulheres e seus filhos, nestes dias em que trabalham para si; mas também, pelos dois, três, quatro ou cinco meses em que não moem os engenhos. E o caso é que, por experiência certa, não somente tiram os pretos das terras que lavram a farinha precisa para o seu sustento; mas chegam a vender quase todos os gêneros de lavoura, além de muitas criações; até ajuntarem as somas com que se libertam, a si e a seus filhos”. (Cardoso, C.F., 1987, p.98)

Este autor ressalta que apesar de adquirirem algum ganho com a venda dos alimentos produzidos, nem todos os cativos eram autorizados a alforriar-se, mesmo tendo em alguns casos condições econômicas para tal. Haja vista que para os Senhores alguns escravizados era mais vantajoso mantê-los no sistema do que “dar a liberdade” a estes (Cardoso, C.F., 1987, p.100).

Desta forma a Brecha Camponesa inicialmente usada pelos senhores para evitarem a fuga dos escravizados e mantê-los no sistema escravista e colonial. Em contrapartida davam aos escravizados uma certa autonomia de produção alimentícia além de revelar a eles, o medo dos Senhores das rebeliões e fugas.<sup>30</sup>

---

<sup>30</sup> Alguns estudiosos como *Clóvis Moura* (1988), *João José Reis* (1992), *Flávio dos Santos Gomes* (2015), e outros autores e autoras nos mostram que as rebeliões e fugas eram frequentes e diversas.

Essa pequena brecha pode ter dado uma certa “vantagem” aos cativos, pois nesta perspectiva havia possibilidade de em qualquer espaço de terra, saberiam produzir sua própria alimentação e meio de subsistência. A agricultura utilizada pelos escravizados africanos em suas comunidades, na terra que produzem, podem ter resquícios das características socioculturais da agricultura feita em África, pois durante séculos algumas destas comunidades preservam o modo de fazer na agricultura como aquela feita por seus antepassados, cultivada por descendentes de africanos.

Meu avô materno contava que no Itacuruçá existia “um Senhor que era ‘dono’ de toda essa área”, barão, dono de engenhos e escravizados.

Esse terreno era só de um dono. Esse dono não era nem ... nem daqui ele era...ele era... ele era... português. O dono desses terrenos aqui ele era Português...Essa área tudinho só era dele...Era... Ele era português. Ele ainda teve escravo [...]. Era escravidão nesse tempo. Aqui ó, o dono desse terreno mesmo também teve escravo... já eu conheci outro...já... o que morreu por último aqui, que ficou com essa faixa dessas terras todas, era filho desse camarada. O pai dele eu não conheci, mas o filho eu conheci...também teve escravo. Aí pra cima... isso aqui tinha umas três... mais ou menos aqui de escravos aqui[...] (Entrevista meu avô materno, Ferreira, T.L., 2019<sup>31</sup>)

Uma vez ele [sogro de “Rosa” e meu avô materno] veio aqui e tal. Aí eu conversando com ele, ele disse assim: ‘Eu me lembro’, [...] desde quando entrava lá não sei aonde, tú entra lá do pontilhão é... 14 km pois é. [...] foi e falou ‘Isso aqui era só um “dono”, aí ele foi falando, tal lugar assim, lá pro alto era só um “dono”.’ (Entrevista “Rosa”, 2023).

[...] ele [meu avô materno] ainda chegou...era no tempo do avô dele [...]. Ele [sogro de “Rosa” e meu avô materno] disse assim: ‘Eu ainda cheguei a vê algumas coisas nessa casa, que era muito bonito, um casarão, que era o dono de todas essas terras, aí ele morava.’ (Entrevista “Rosa”, 2023).

As pessoas negras sofriam diversos tipos de violências durante o período da escravidão e as mulheres negras também eram violentadas. Segundo relatos esse “dono das terras” ficou muito doente e faleceu deixando um filho. Meu avô materno ainda chegou a conhecer o filho desse “dono das terras”. Ele fez vários filhos nas mulheres escravizadas, o que fez ficar os descendentes na comunidade até hoje. As famílias que atualmente moram na comunidade do Itacuruçá descendem e herdaram essas terras destas quilombolas.

Aí o que aconteceu? Esse dono, ele tinha um filho. Esse filho aí tinha esses escravos. Aí tinha umas escravas bonita...uma preta bonita...aí o filho já foi ficou e fez um filho. [...] Aí disse, o que aconteceu? “Aí o filho [desse Senhor “dono das terras”] fez um filho naquela .... naquela pretinha lá...aí quando viu...aí morreu o cara. [...] (Entrevista “Rosa”, 2023)

Aí eu falei assim ‘Porque Couto? [...] tem Couto preto e Couto branco, porque que os Carvalho são claros e os Couto são mais escuros?’. Foi essa pergunta que eu falei pra ele [sogro de “Rosa” e meu avô materno]. Se os Carvalho são claros e os Couto são escuros. Aí ele [sogro de “Rosa” e meu avô materno] falou ‘ah é uma história... Os

<sup>31</sup> Entrevista concedida a Thiago da Luz Ferreira: inédito. Belém: Trabalho de Conclusão de Curso, 2019.

Carvalho sempre foram claros mesmo... aí esse cara ele era Carvalho alguma coisa assim...Aí ele pegou e tinha os trabalhadores dele, os escravos, que ele colocava a terra. Olha... só que era longe. E aí eles chegaram e falaram assim ‘Seu fulano, a gente quer, a gente tá trabalhando mas a gente quer... deixa eu fazer uma casinha lá, fazer uma rocinha lá pra mim?’ Aí ele [“dono das terras”] ‘tá faz’. Aí ele pegou aquele pedaço que aquele cara deu pra fazer a rocinha, não deu a terra [a posse da terra]. Aí assim foram feitos, foram fazendo.. aí com esse negócio dá aqui, fulano começou a fazer uma casinha, fez a rocinha, pá, pá...Aí [o Senhor “dono das terras”] morreu. (Entrevista “Rosa”, 2023).

Hoje eles falam [assim]: ‘Não, eu herdei isso aqui, era terra que veio do meu antepassado, não era só um dono.’ [...] aí disse assim, aí era assim [...] me dar aqui esse pedacinho aí já tomou conta [...] aí foram ficando. [...] ele [sogro de “Rosa” e meu avô materno] disse [assim]: ‘É...era só um dono.’ Mas foram fazendo um sítio foi...foi...aí foi fazendo seu cantinho e tomou conta. (Entrevista “Rosa”, 2023).

Com todas as manifestações contrárias à escravidão, fugas e rebeliões, a luta dos abolicionistas, além da mudança no cenário industrial e trabalho assalariado europeu, e o Brasil ainda manter o sistema escravagista, as inúmeras revoltas da população negra contra o sistema de escravidão. Todos esses movimentos impulsionaram o Estado brasileiro a abolir a escravidão, entretanto havia muita resistência dos fazendeiros.

A última lei que é considerada o marco da “abolição da escravidão”, foi a Lei nº 3.353 de 13 de maio de 1888, conhecida como a Lei Áurea. Com a população negra “liberta”, eles não tiveram nenhum amparo econômico e social do governo, geralmente analfabetos, sem a posse da terra<sup>32</sup>, sofrendo as mais diversas violências. Além disso, mesmo antes de todas essas legislações que levou anos para uma abertura de fato da extinção da escravidão, a população já resistia ao sistema escravocrata como exemplo temos as formações de quilombos.

## **2.2 Da sociedade colonial à formação dos quilombos e legislações que protegem seu modo de vida**

Na sociedade atual, mesmo após a abolição da escravidão, ainda ocorre resquícios nos comportamentos das pessoas, diversos tipos de preconceitos e racismo contra a cultura e a população negra.

Para tentar desmistificar alguns desses “pré- conceitos” com a população negra e afro-brasileira, é fundamental entendermos a perspectiva decolonial e a interculturalidade crítica. Através dessa perspectiva podemos conhecer e trazer um pouco da história, das diversidades de línguas, povos, dialetos, culturas e religiões da população africana, que por muito tempo foi diminuída e ignorada por meio da visão colonial de homogeneizar esses povos com

---

<sup>32</sup> Sem uma documentação que comprovasse que as terras em que eles estavam ocupando eram de posse coletiva e uso pelas populações quilombolas.

objetivos desumanizador e explorador nas mídias hegemônicas e sociais. O que faz com que conheçamos muito pouco sobre o continente africano e seus 54 países como nos mostra Flávio dos Santos Gomes (2015).

Entre os escravizados havia reis, príncipes, rainhas, guerreiros, princesas, sacerdotes, artistas e um sem-número de agricultores, mercadores urbanos, conhecedores da metalurgia e do pastoreio. Ao atravessar o Atlântico, entraram em contato com um ambiente de trabalho intenso, de exploração e de produção de riquezas. O sistema colonial nas Américas se nutria cada vez mais de mão de obra escrava, para trabalhar na terra e na agricultura voltada para o mercado mundial. Os primeiros africanos nas Américas foram pioneiros, adaptando linguagens, moradias, alimentação, idiomas e culturas. Ergueram fazendas e engenhos; plantaram cana-de-açúcar, café, milho, arroz, mandioca e algodão. Retiraram ouro e prata de montanhas ou rios, além de ajudarem a desenvolver diversas cidades e seus arrabaldes. Foram lavradores, mineradores e pastores. Trabalharam demais, receberam castigos e maus-tratos sem cessar, e conheceram índices de mortalidade altíssimos. Mas o mar de dor da exploração a que foram submetidos fez também encontro com os oceanos culturais — entre arranjos familiares, crenças religiosas e cosmologias — em margens sem fins que eles forjaram.

Essa diversidade reflete-se nos movimentos de revoltas pois “[houve] várias formas de protesto. Insurreições, rebeliões, assassinatos, fugas e morosidade na execução das tarefas se misturavam com a intolerância dos senhores e a brutalidade dos feitores.” Flávio Gomes (Ibid., p.9). Por meio da não aceitação da escravidão surgiram o que conhecemos como comunidades quilombolas, quilombos.

De acordo com Alfredo Wagner de Almeida (2011), o conceito de quilombo passou por diversas definições que foram construídas socialmente a partir de cada contexto histórico, desde 1740 com o Conselho Ultramarino. No entanto as definições coloniais, diminuíram a visão de resistência dos quilombos, colocando-os como fugitivos, com a condição de isolamento geográfico dos centros urbanos e com uma quantidade pequena de pessoas que habitavam aquela comunidade, e que produziam somente para o consumo, pois não podiam comercializar no mercado.

Essa visão durante muito tempo foi deturpada pois os quilombos mantiveram relações comerciais com a cidade e outros locais, como é o caso da comunidade quilombola de Itacuruçá. Meu avô materno foi oleiro e lavrador, também exerceu a profissão de “Mestre Carpinteiro”<sup>33</sup> civil e naval. Começou a trabalhar cedo, construiu barcos, canoas grandes, casas

---

<sup>33</sup> Como ele gostava de ser chamado.

até aos 50 anos de idade<sup>34</sup>. Assim como seu padrasto<sup>35</sup>, meu avô trabalhava em lavoura e carpintaria. Aprendeu com o seu padrasto o ofício de carpintaria. E faziam relações comerciais com nos igarapés de Belém, Abaetetuba, Igarapé Miri, Moju e outros.

Em uma das conversas do meu avô com “Rosa” podemos identificar as transações comerciais entre o padrasto dele que vivia no Itacuruçá e o avô de “Rosa” que morava no Moju. Em seguida, uma fala de Manoel de Jesus Pinheiro que fazia canoa e vendia nos municípios de Belém e diversos locais.

Meu avô por parte da mamãe no Moju tinha terras, o meu avô ele tinha condições... Pra tu saber... tem gente que diz que o mundo é grande mas eu conversando com o velho [meu avô] [...] disse assim: ‘Ei [...] tú sabias que eu conhecia teu avô?’. Eu disse ‘o meu avô?’. Ele disse ‘sim, eu tinha 13 anos<sup>36</sup> eu já era crente.’. Ele disse ‘o meu pai precisava de um... aquelas coisas... de alto falante né?’. Ele disse ‘aí nós ficamos sabendo, o meu pai soube que lá no Moju no Camorituba... o teu avô tinha pra vender’... e ele [avô de “Rosa”] fazia festa assim... O meu avô, pai da mamãe era devoto de... acho que era São benedito, Santa Clara ... era um santo que ele era devoto. Aí a comunidade onde ele morava...era uma vila e ele coordenava tudo... aí quando faziam festa o meu avô era grande ali, sabe...ele era coisa assim, naquele tempo ele era da política, ele era delegado...ele mandava e desmandava. E aí o quê que aconteceu? Aí ele fazia tudo isso, e o velho [...] disse que ele chegou lá com o pai dele aí compraram [...]. (Entrevista “Rosa”, 2023)

Aqui o Itacuruçá é a da montaria<sup>37</sup> que o pessoal diz né. “Terra da Montaria” porque independente das ilhas de Abaetetuba, é o único lugar que faz canoa só é o Itacuruçá. Outros lugares não fazem canoa, fazem casco aquele de três tábuas a diferença. Mas a canoa mesmo é só aqui no Itacuruçá. [...] Tinha o pessoal que iam vender montaria para a Ilha das Onças lá defronte de Belém, e os igarapés lá, aqueles furos e igarapé né... Aí ia pra lá, aí eles levavam em torno de 50 montarias, eles iam 6, 7 pessoas cada um levava 5, 6 canoa.[...] Como eu tô te falando não é lucrativo agora ... já foi lucrativo, mas agora não é mais lucrativo. (Manoel de Jesus Pinheiro, Documentário “Gapuiando, Identidades e Saberes do Rio-Mar de Abaeté”, 2018, Eliana Pojo, 10:56).

A visão decolonial faz referência ao termo quilombo, como aponta Kabengele Munanga (1996), à palavra de origem dos povos africanos de língua Bantu, Kilombo, que no Brasil foi introduzido como Quilombo para definir as comunidades negras, cujos membros destes povos foram trazidos para serem escravizados, mas, que resistiam ao sistema escravista.

A palavra quilombo tem a conotação de uma associação de homens, aberta a todos sem distinção de filiação a qualquer linhagem, na qual os membros eram submetidos a dramáticos rituais de iniciação que os retiravam do âmbito protetor de suas linhagens e os integravam como co-guerreiros num regimento de super-homens invulneráveis às armas de inimigos (10). O quilombo amadurecido é uma instituição transcultural

---

<sup>34</sup> Nasceu no ano de 1932.

<sup>35</sup> Meu avô chamava seu padrasto de pai, pois foi quem o criou desde pequeno.

<sup>36</sup> Foi no ano de 1945.

<sup>37</sup> Nome popular utilizado na comunidade para se referir à canoa.

que recebeu contribuições de diversas culturas: lunda, imbangala, mbundu, kongo, wovimbundu, etc (Munanga, 1996, p.60)

Outras definições decoloniais de quilombo foram afirmadas através de vários estudiosos e estudiosas, evidenciando a luta e resistência do povo negro por séculos e gerações, como exemplo temos Maria Beatriz do Nascimento, mais conhecida como Beatriz Nascimento (1982)<sup>38</sup> que se dedicou a estudar o quilombo a partir de uma perspectiva de continuidade histórica. Características culturais, políticas e sociais que ainda permanecem nas comunidades quilombolas desde os tempos dos antigos quilombos.

[...] seria a vida do homem – e dos homens – continuando aparentemente sem clivagens, embora achatada pelos vários processos e formas de dominação, subordinação, dominância e subserviência. Processo que aconteceu, ao longo desses anos, com aqueles que, em nossas abstrações, se englobam na categoria de negros. (Nascimento, M. B., 1982, citado por Ratts, 2007, p.110).

Abdias do Nascimento (1980) constrói junto com a perspectiva de Beatriz Nascimento e cunha o termo passando a nomeá-lo como Quilombismo, um conceito de análise e método, pois possui em seu processo e origem um movimento de concepção histórica, cultural e política da população afro-brasileira.

Desta realidade é que nasce a necessidade urgente do negro de defender sua sobrevivência e de assegurar sua existência de ser. Os quilombos resultaram dessa exigência vital dos africanos escravizados, no esforço de resgatar sua liberdade e dignidade através da fuga ao cativeiro e da organização de uma sociedade livre. A multiplicação dos quilombos fez deles um autêntico movimento amplo e permanente. Aparentemente um acidente esporádico no começo, rapidamente se transformou de uma improvisação de emergência em metódica e constante vivência das massas africanas que se recusavam à submissão, à exploração e à violência do sistema escravista. O quilombismo se estruturava em formas associativas que tanto podiam estar localizadas no seio de florestas de difícil acesso que facilitava sua defesa e sua organização econômico-social própria, como também assumiram modelos de organizações permitidas ou toleradas, frequentemente com ostensivas finalidades religiosas (católicas), recreativas, beneficentes, esportivas, culturais ou de auxílio mútuo. Não importam as aparências e os objetivos declarados: fundamentalmente todas elas preencheram uma importante função social para a comunidade negra, desempenhando um papel relevante na sustentação da continuidade africana. [...] foram uma unidade, uma única afirmação humana, étnica e cultural, a um tempo integrando uma prática de libertação e assumindo o comando da própria história. A este complexo de significações, a esta *praxis* afro-brasileira, eu denomino de quilombismo. (Nascimento, A., 1980, p. 255)

---

<sup>38</sup> Citado por Alex Ratts (2007, p.109-116).

Muitos foram os movimentos negros e quilombolas que lutaram para garantir direitos e dignidade. As falas das entrevistadas e os moradores novos e antigos relatam conflitos de terra no Itacuruçá, antes de conseguirem o título como comunidade quilombola. Muitos foram os enfrentamentos e as lutas para garantir primeiro o direito de viverem e permanecerem nas terras. Depois vieram as lutas para a titulação e reconhecimento como quilombos e quilombolas.

A partir da exposição dos fatos ocorridos e sua datação, a luta pela terra precedeu até mesmo a constituição federal. Pois desde a abolição da escravidão (1888) até a promulgação da chamada constituição cidadã brasileira (1988), passou-se um século em que a população negra e quilombola estiveram ausentes de um mínimo de amparo legal. Aqui tento colocar uma parte da história de Itacuruçá vivenciada durante esse período.

Sempre fui muito curiosa e gostava de ouvir histórias, e uma delas me intrigou, quando descobri que meu pai, não conheceu seu pai. Meu pai evitava falar sobre isso. Depois de um tempo, minha mãe me contou.

Meu pai não chegou a conhecer meu avô paterno. Antes do meu pai nascer, quando a minha avó paterna estava grávida de 6 meses, meu avô sofreu uma série de conflitos por causa de terra. Onde a mãe e o pai do meu avô paterno moravam, da minha bisavó e meu bisavô paternos. Nessa terra meu avô tinha um roçado de cana de açúcar, e enquanto ele e mais algumas pessoas plantavam, os Senhores que eram irmãos, vinham e arrancavam dizendo que a terra não era deles. Esses Senhores queriam tomar a terra que era do meu avô paterno, terra que sua mãe herdou das primeiras quilombolas.

Em 1956, em um dia de trabalho no roçado, depois de desavenças entre esses Senhores e meu avô, o inesperado aconteceu. Foi pego em uma emboscada e não resistiu aos ferimentos nas costas provocados por bala vindo de arma desses Senhores. Esses irmãos depois do acontecido foram embora para Belém e não voltaram mais. Foi um dos primeiros casos de morte por questão de terra. O avô paterno do meu pai, meu bisavô, questionou na justiça por 15 anos para conseguir ganhar a causa e garantir o direito pela lei para permanecer na terra.

“Catinga de Mulata” ressalta em sua fala que a sua mãe conseguiu o título individual da terra antes de emitirem o título coletivo quilombola por meio ARQUIA. Em meados de 1980, sua mãe havia entrado na justiça por conta de conflitos com relação à sua terra e inclusive chegou a ser intimidada por um Senhor estrangeiro que queria tomar as terras de sua mãe. “[...] na época que eu me lembro que eu tinha uns 7 ou 8 anos, 10 por aí....”.

Não sei se tu já ouviu falar do conflito com o pessoal da seringa? [...] Teve o conflito com o pessoal da seringa, que eles vieram comprando terra pra plantar seringa. Então na época nós já trabalhava lá no centro.... né e aí começou a briga na justiça. Eu não me lembro mas parece que foi 14 anos... de briga na justiça, pra mamãe entendeu, ficar nesse pedaço lá. Por quê? Porque eles compraram uma parte alí onde o Ceará morava...tú já ouvistes falar no finado Ceará?...Então, assim eles compraram essa parte lá e vieram plantando seringa. Né e aí a minha mãe disse que...aí eles vieram que queriam o nosso pedaço que a gente trabalhava, a mamãe disse que não, que ela não vendia [...] na época não tinha documento de lá. É porque assim, como era dos pais dela mas aí nessa época não se ligava para documento. [Já era herança dos antigos que na época não tinham documento.]. (Entrevista “Catinga de Mulata”, 2023).

[...] Então eles venderam porque eles eram herdeiros tudo junto, entendeu. Aí eles venderam pra esse homem...Esse homem não era daqui, ele era estrangeiro. [...] Aí quando foi um dia, ele veio aqui na casa da minha mãe. Aí ele disse assim ‘É...eu vim aqui atrás da [...] [mãe de “Catinga de Mulata”]’. Ele falou e nós era tudo piquichichito, e olha o terçado... querendo tomar conta da terra que não era dele. Tá entendendo. Aí ele disse assim ‘Mas ela é cabeça quente, ela vai ficar cabeça fria’. Ele falou assim. Mana nós ficamos morrendo de medo porque cabeça quente pra cabeça fria, na verdade ele tava ameaçando de morte. E aí a minha mãe disse ‘Não, eu não vou...não vou é... me debater com ele, não vou conversar com ele, eu vou pelo certo que é a justiça’ né e a minha mãe foi procurar a justiça. [Ele queria intimidar para vê se ela deixava o terreno ou vendesse pra ele] Como sempre eles fazem né [...] mete medo pra intimidar pra pessoa ‘ah não, eu vou porque se não ele vai me matar’ e aí só que a minha mãe não desistiu não. Nós ficamos lutando lutando e graças à Deus tamo lá até hoje.[...] Antes dele dar pro Ceará, eles ainda plantaram seringa lá, plantaram muita seringa só que não foi pra frente.[...] Que era a markJacob, a antiga Mark Jacob o nome da empresa. (Entrevista “Catinga de Mulata”, 2023).

“Azaleia” ressalta uma morte brutal ocorrida na comunidade de Itacuruçá devido à questão da terra, uma das primeiras mortes por conflitos de terra nesta comunidade quilombola.

O meu pai fala que teve primeiro...teve uma morte de conflito de terra né...eu não sei o nome... que o homem cortou, picou o outro com terçado, e foi juntado num paneiro. Foi...a primeira morte, o meu pai fala que foi a primeira morte cruel... aqui da comunidade foi esse desse homem, que ele picou o outro e foi juntado num paneiro. E o paneiro que eles falam, é o paneiro de...[...]era um paneiro que era feito...era...não é Araricá que fala, era...é...esqueci o nome do paneiro [material que faz o paneiro], e foi nesse...em um desses paneiros que foi juntado o corpo do homem [...] por causa de terra foi...[...] Então eu acredito que esse conflito de terras vem desde antes né. [...] (Entrevista “Azaleia”, 2023).

A partir destes conflitos e até mesmo a defesa do território com a própria vida, lutas e também com participação, pressão e insistência da população negra e quilombolas, movimentos de defesa dos direitos humanos, conseguiram garantir através da Constituição da República, ampliar a visão, ainda colonial, das comunidades quilombolas a partir de um novo olhar sobre os quilombos e os quilombolas, na luta pela garantia de direitos à terra, e outras reivindicações dos movimentos negro e quilombola.

Assim, uma retomada surge a partir da Constituição do Brasil, promulgada em 05 de outubro de 1988, no Ato das Disposições Constitucionais Transitórias conforme o Art. 68, em que faz referência ao direito do título da terra à essas comunidades, estabelece que: “Aos remanescentes das comunidades de quilombos que estejam ocupando suas terras é reconhecida a propriedade definitiva, devendo o Estado emitir-lhes os títulos respectivos.”.

Esse novo olhar para o quilombo, mesmo que ainda com certo controle do Estado, trouxe o reconhecimento destes territórios como direito legal de propriedade para reparar o dano da escravidão. Além disso, a titulação, vinculação e pertencimento étnico com a comunidade trouxe a importância da identidade dos quilombolas, a autodefinição.

Na constituição federal brasileira também temos os artigos 215 e 216 que reconhecem o multiculturalismo de seu povo, garantem e valorizam a identidade étnica construída por toda forma de expressão. Considera patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, modos de criar, fazer e viver, as criações científicas, artísticas e tecnológicas, as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais e os sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico. Além do tombamento de todos os documentos e os sítios detentores de reminiscências históricas dos antigos quilombos.

Ratificados também pelos artigos 285, 286 e 322 da Constituição do Estado do Pará; a Lei Estadual nº 6.165 de 02 de dezembro de 1998 que dispõe sobre a Legitimação de Terras dos Remanescentes das Comunidades dos Quilombos e dá outras providências, e o Decreto Estadual nº 3.572 de 23 de julho de 1999, que define as atribuições do Instituto de Terras do Pará (ITERPA)<sup>39</sup> no processo de Legitimação de Terras dos Remanescentes das Comunidades de Quilombos, e a Instrução Normativa 02/1999, que estabelece os procedimentos adotados pelo ITERPA e as comunidades requerentes sobre o sistema de abertura, processamento e conclusão dos atos administrativos para a titulação e legitimação do território quilombola.

Por meio das histórias contadas pelos antigos moradores de Itacuruçá, estudos realizados e organização dos comunitários através da ARQUIA. Esta teve representação inicialmente de 8 comunidades quilombolas do entorno de Itacuruçá<sup>40</sup>, com a demarcação da

---

<sup>39</sup> Instituto criado pela Lei nº 4.584 de 08 de outubro de 1975.

<sup>40</sup> São Alto Itacuruçá, Baixo Itacuruçá, Campopema, Jenipaúba, Acaraqui, Igarapé São João, Arapapu e Rio Tauerá-Açú. Houve uma retificação no dia 22 de janeiro de 2014 o qual foi publicada no Diário Oficial do Estado nº 32.567 com a seguinte alteração leia-se “Alto e Baixo Itacuruçá, Jenipaúba, Acaraqui, Igarapé São João (Médio Itacuruçá), Arapapu, Tauerá-açu, Arapapuzinho e Rio Ipanema.” Desta forma houve a retirada da comunidade de Campopema e inclusão de duas comunidades quilombolas, Arapapuzinho e Rio Ipanema. Totalizando 9

área total de 11.458,5310 hectares<sup>41</sup>. Conseguiram reunir e dialogar com o governo do Estado do Pará que na época era o governador Almir José de Oliveira Gabriel, conhecido como Almir Gabriel, e em 05 de junho de 2002 - Processo n.º 2001/274.554 foi outorgado o Título de Reconhecimento de Domínio Coletivo a nível estadual o qual foi expedido através do ITERPA.

A nível federal por meio da Fundação Cultural Palmares (FCP) as comunidades que compõem a ARQUIA foram certificadas como quilombolas somente em 2012<sup>43</sup> e com a Portaria n.º - 177, de 31 de agosto de 2012 publicada no Diário Oficial da União em 03 de setembro de 2012.

Esse processo de territorialização<sup>2</sup> ocorreu com base nas lutas sociais do Centro da Pastoral da Terra e Sindicato dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais, tendo como base legal o Art. 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias (ADCT), endossado pelo programa Raízes que tinha como base legal o Decreto n.º 4.054, de 11 de maio de 2000. (Rosenilda Botelho Gomes, 2023)

Muitas foram as lutas de antes para conseguirem o título de Itacuruçá como território quilombola e o direito à terra que estavam ocupando. E as lutas de hoje, não menos importantes também, são pela garantia de seu modo de vida, subsistência e (Re)existência frente ao avanço de grandes empreendimentos como as fazendas bovinas e dendê que entraram nestas comunidades.

É teve esse da seringa que era a antiga Mark Jacob. E recente, não tem muito tempo nós tivemos o conflito aqui com o pessoal do dendezal. Né eles novamente também tentando tirar as terras aí e compraram pra lá e já queriam invadir o restante.[...] Isso é recente, o dendezal daí é recente, não tem muito tempo não. Só que quando eles vieram que já queriam expandir...quando eles compraram lá já era registrado quilombola, né... já era registrado quilombola. [...] Foi ilegal justamente. Aí começou o conflito né por conta disso e aí a secretaria de agricultura junto com as autoridades máximas se uniram né...e já... fizeram não sei o quê pra lá com eles. Eu sei que fizeram um acordo né e aí eles já ficaram com essa parte pra lá e nós já ficamos... do tubo pra cá que tem alí [...] que já é fronteira lá com eles. [...] O acordo foi eles ficarem pra lá e a gente pra cá, pra nós não mexer com eles e nem eles mexer com nós.[...] Não fez diferença nenhuma, porque nós não prejudica eles mas eles nos prejudicam porque eles jogam o veneno lá na terra, aonde nós andava nós brincava, nós pegava nosso peixe, nós não pode mais né. Então eu digo assim [...] nem beber da água que nós bebia e nós tomava banho não pode mais por conta do absurdo de veneno que eles jogam lá. Aí tem gente que diz assim 'Ah mas o randap [Roundup] não contamina'. Meu Deus! [...] Em pequena quantidade ele pode não fazer tanto mal, tanto dano mas em grande quantidade como eles jogam lá [...] tem aquela nascente lá e essa nascente

---

comunidades quilombolas com o título coletivo no território e ao redor do Itacuruçá. A comunidade do Bom Remédio, expediu seu título quilombola por intermédio da ARQUIA em 05 de maio de 2002, mas foi apenas desta comunidade. No geral a ARQUIA corresponde ao território formado por 10 comunidades quilombolas em Abaetetuba.

<sup>41</sup> Houve uma retificação pelo ITERPA juntamente com a ARQUIA no dia 17 de dezembro de 2010, estabelecendo uma área total de 9.076,1909 ha. (hectares).

<sup>43</sup> Dez anos após a titulação feita pelo ITERPA.

ela joga lá na pacoca [...] lá onde sai... não tem o...como é...a pacoca que a gente chama que...é aquela baía grande lá de Abaeté. [Rio Maratauíra e Baía do Capim]. Ela joga lá, porque ela vai direto aqui pelo Acaraqui, ela desemboca no Acaraqui e o rio Acaraqui desemboca nela. [...] Então não somos só nós aqui que somos afetados ... é muita gente. (Entrevista “Catinga de Mulata”, 2023).

Olha eu gosto de tomar banho no Igarapé né..aí essa coisa de boi aí... essas fazendas que têm aí. Eu fico assim...aí teve um tempo né que eles...porque tava prejudicando assim muitas...[o filho mais velho] [...] também disse “Égua, eu já vi mamãe.” Pior que vai e vaza tudinho. Aí teve...esses donos tinham que pagar, mas só que...a comunidade de lá principalmente do Acaraqui na catita...Tauéra, [...]. Aí eles se reuniram pra acabar com isso. Aí tá...só que...é gente pobre... não tem advogado. Sabe quem foi? ...Quando foi uma vez [...] eu venho de ônibus. Aí eu disse “Ei tá todos os boi aí?”. O cara disse assim “É...olha, pobre vai mexer com gente cheia da grana...Nós...eu tava nessa luta, dona. Aí coloca um advogado e a empresa manda uns dez. Aí pronto o advogado ganha. A empresa ganha porque eles estão..olha aí..faturam muito mas prejudicam né.” Aí eles tavam falando que muitas coisas prejudicam...porque o boi, as fezes, a urina tudo. (Entrevista “Rosa”, 2023)

É importante notar que as comunidades quilombolas de Itacuruçá ao longo do tempo têm sido cercadas por fazendas de dendê da empresa Biopalma e fazendas de criação bovina como a fazenda de Hernandes Carvalho e outras que estão situadas próximas ou sobrepostas ao território quilombola de Itacuruçá.

Pode-se perceber nas falas de “Catinga de Mulata” que esses empreendimentos afetam o modo de vida ribeirinho e quilombola de Itacuruçá e de outras comunidades próximas como também contamina as nascentes de água que desemboca no rio Maratauíra de Abaetetuba. “A água potável, a água doce irá acabar porque as nascentes estão sendo prejudicadas. As nascentes estão em nosso território, esses empreendimentos estão afetando nossa comunidade.”. (Protocolo de Consulta Alto Itacuruçá, 2022, p.14)

O veneno e os dejetos bovinos contaminam os rios e os peixes que são fontes de recursos naturais e de subsistência da comunidade, além de outros agravos vindo em consequência tais como doenças, “pragas” e outros que vamos abordar nos demais capítulos.

A Convenção nº 169 adotada na 76ª Conferência Internacional do Trabalho em 27 de junho de 1989, é considerada o primeiro instrumento internacional que trata especificamente sobre os direitos à consulta pública, prévia de forma livre e informada dos povos indígenas e tribais, para a defesa de seu modo de vida, religiosidade, cultura, economia e outros. Dessa forma o dispositivo jurídico que assegura a autonomia, existência e permanência e modo de vida dos povos nas suas comunidades de origem, Convenção nº 169, não está sendo respeitado. No seu artigo 13º da Convenção 169 da Organização Internacional do Trabalho (OIT), assim dispõe:

1. Na aplicação das disposições desta parte da Convenção, os governos respeitarão a importância especial para as culturas e valores espirituais dos povos interessados, sua relação com as terras ou territórios, ou ambos, conforme o caso, que ocupam ou usam para outros fins e, particularmente, os aspectos coletivos dessa relação. 2. O uso do termo terras nos artigos 15 e 16 incluirá o conceito de territórios, que abrange todo o ambiente das áreas que esses povos ocupam ou usam para outros fins.

Nesse ponto deve-se levar em consideração os termos terra e território e suas relações com as populações tradicionais. A terra é um elemento de ligação que estabelece diversas relações de permanência e cosmovisão do grupo, que contribui na continuidade da cultura ao longo de gerações. No tempo e espaço, no qual lutaram e ainda lutam para garantir seu direito de permanência na terra de seus ancestrais e seu modo de vida.

A territorialidade é um fator fundamental na identificação dos grupos tradicionais, entre os quais se inserem os quilombolas. Tal aspecto desvenda a maneira como cada grupo molda o espaço em que vive, e que se difere das formas tradicionais de apropriação dos recursos da natureza. São as terras de uso comum, em especial as “terras de preto”, cuja ocupação não é feita de forma individualizada, e sim em regime de uso comum. O manejo do espaço territorial “obedece à sazonalidade das atividades, sejam agrícolas, extrativistas e outras, caracterizando diferentes formas de uso e ocupação do espaço que tomam por base laços de parentesco e vizinhança, assentados em relação de solidariedade e reciprocidade” (Sundfeld, 2002, p. 78-79).

Quando um sentimento de pertencimento é gerado dentro de um grupo social ocorre o processo de identificação entre as pessoas neste grupo, autoidentificação, autoatribuição, através de objetivos em comum, por exemplo as lutas em comum, saberes, vivências, modo de vida, conflitos em comum, as terras de uso em comum. A partir do momento em que as convergências de diferentes aspectos sociais e espaciais se consolidam, ocorre um processo de territorialização.

Territorialização remete a amplos processos de reorganização social que, fundados no estabelecimento de uma conexão entre sujeitos sociais e um segmento espacial, implicam: 1) na criação de uma nova unidade social e no surgimento de uma identidade étnica diferenciadora; 2) na constituição de normas e instrumentos políticos especializados; 3) na redefinição do controle social sobre terra, recursos ambientais e trabalho; 4) na reelaboração da cultura e de sua relação com o passado. (Pacheco de Oliveira, 2022, p. 17).

No caso dos quilombolas podemos citar a luta pela terra, pois ela é o que sustenta a comunidade, é um bem coletivo que traz a subsistência através da plantação de roças de mandioca, do cultivo de diversas espécies de plantas frutíferas, ervas e remédios caseiros, é saúde porque traz bem-estar produzir e cultivar seu próprio alimento, e acima de tudo sem uso de veneno.

A terra que é transformada em território por meio da vida em comunidade é um elemento de ligação e integração, pois é marcada por relações sejam genealógicas, econômicas, educativas, religiosas, afetivas que atingem cada pessoa, por meio de sua história social e cultural, as vivências coletivas e com os ancestrais constroem a autodefinição como parte do grupo social no qual tem pertencimento. E com esse reconhecimento a partir de grupos diferenciados estabelecem suas identidades políticas em busca de seus direitos.

Operar com a noção de território e territorialização exigiria bem mais do que explorar analiticamente a dimensão socioespacial. Primeiro de tudo, os limites deste lugar precisariam estar claramente definidos; segundo, necessitariam, de algum modo, ser reconhecidos pelos que ali vivem; terceiro, instauram uma distinção entre os que se consideram como seus legítimos donos e aqueles que estão fora desse espaço. Ou seja, falar em território implica em um trabalho de delimitação de comunidades políticas, na pressuposição de uma identidade coletiva e no estabelecimento de direitos (Pacheco de Oliveira, 2022, p. 17).

Com a delimitação do território quilombola todo e qualquer projetos vindos de empresas e/ou programas seja local, municipal, estadual e/ou federal que lhes afetem de forma negativa ou positivamente, o Estado deve consultar as comunidades que ali residem, nos seus territórios ancestrais segundo seus próprios critérios e ressalvas. Devendo-se ter total transparência e envolvimento com as comunidades, nos processos e atividades que lhes abrangem, como nos mostra o art.7º da Convenção 169, da OIT.

Art. 7º. Os povos interessados deverão ter o direito de escolher suas, próprias prioridades no que diz respeito ao processo de desenvolvimento, na medida em que ele afete as suas vidas, crenças, instituições e bem-estar espiritual, bem como as terras que ocupam ou utilizam de alguma forma, e de controlar, na medida do possível, o seu próprio desenvolvimento econômico, social e cultural. Além disso, esses povos deverão participar da formulação, aplicação e avaliação dos planos e programas de desenvolvimento nacional e regional suscetíveis de afetá-los diretamente.

Essas legislações, direitos os quais foram conquistados com árduas lutas, buscam colocar em prática o direito à identificação, titulação das terras, participação e permanência das comunidades quilombolas, além da inserção de políticas públicas voltadas à população negra e quilombola frente a um processo de exclusão territorial pelo “(des)envolvimento” vindos por meio de grandes empresas, capital estrangeiros, latifundiários e grileiros.

## 2.3 Território e Modo de Vida Ribeirinha e Quilombola

### 2.3.1 Adentrando a comunidade do Igarapé São João, Médio Itacuruçá, Abaetetuba-PA

Houve muitas lutas pela titulação desses territórios em que conseguiram ser oficialmente delimitados e reconhecidos como territórios quilombolas. Com o processo de demarcação e fortalecimento da identidade das comunidades remanescentes quilombolas. Entretanto ainda há muitas comunidades que estão no enfrentamento na justiça para conseguirem o título de remanescentes de quilombos.

Segundo o último censo 2022 realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), atualmente temos no Brasil aproximadamente 1,3 milhão de quilombolas distribuídos em 1.696 municípios.<sup>42</sup> O Pará tem 135.033 pessoas autodeclaradas quilombolas e é o 4º Estado em número de quilombolas no Brasil, ficando atrás apenas da Bahia, Maranhão e Minas Gerais, respectivamente. O Estado do Pará apresenta, segundo o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA), 339 comunidades quilombolas com títulos expedidos<sup>43</sup>. É um dos Estados que mais regulariza as terras quilombolas.

Ainda de acordo com o IBGE 2022 dois municípios do Estado do Pará destacam-se também em relação ao número de quilombolas. O município de Abaetetuba, lócus desta pesquisa, ocupa a 5ª posição na lista dos municípios que têm o maior número de pessoas autodeclaradas quilombolas, com 14.526 pessoas quilombolas, e em 7ª posição Baião com 2.857 quilombolas. Ambos municípios localizados na Região de Integração Tocantins. Neste ranking a 1ª posição fica com o Senhor do Bonfim| BA (15.999), 2ª Salvador| BA (15.897), 3ª Alcântara| MA (15.616), 4ª Januária|MG (15.000), e 6ª posição Itapecuru Mirim (MA).

Abaetetuba<sup>44</sup> é um município do Brasil localizado na região Norte, Estado do Pará, distância de 102 km da capital Belém, situado na mesorregião do Nordeste paraense, pertencente à microrregião de Cametá, margem direita da foz do Rio Tocantins. É uma cidade

---

<sup>42</sup> Primeira vez na história que a população quilombola conseguiu ter sua identificação listada no censo do IBGE.

<sup>43</sup> Dados atualizados até 19 de maio de 2022.

<sup>44</sup> A cidade de Abaetetuba [foi fundada em 15 de agosto de 1895 (há exatamente 72 anos atrás, em 1823, o Pará declarava à independência de Portugal)], [...] era chamada de Abaeté, que na língua indígena Tupi significa "homem forte e valente" ou "homem verdadeiro", os termos *abá* significa (homem) e *eté* (verdadeiro). Com a publicação do Decreto-lei Estadual 4.505, de 30 de dezembro de 1943, o qual estabelecia que no Brasil não deveria haver mais de uma cidade com o mesmo nome. Dessa forma constatou-se que no estado de Minas Gerais havia uma cidade homônima. E como Abaeté de Francisco de Azevedo Monteiro era a mais recente, ficou sujeita a mudança de nome, então foi-lhe acrescentado o sufixo "tuba", (oriundo do termo "*tyba*" da língua nheengatu (derivada do tupi) que significa "ajuntamento"), para diferenciá-lo do município de Minas Gerais o qual era homônimo. Formou-se o topônimo indígena 'Abaetetuba', que na língua tupi significa "ajuntamento de homens verdadeiros", ou "lugar de homem ilustre".

da Amazônia dentre tantas outras. Assim forma o Baixo Tocantins que é composto pelos municípios de Moju, Barcarena, Acará, Tailândia, Igarapé-miri, Baião, Abaetetuba, Limoeiro do Ajuru, Cametá, Mocajuba e Oeiras do Pará. Sendo Abaetetuba a cidade pólo desta região.

A partir de sua localização geográfica ao norte, Abaetetuba faz limites com o município de Barcarena, atravessa o Rio Pará, Maratauíra, e Baía do Capim, três distritos da Ilha de Marajó (Ponta de Pedras, Malato e Muaná), ao sul e oeste faz fronteira com os municípios de Igarapé Miri e Moju, ao Leste temos Baía do Marapatá, Limoeiro do Ajuru e Cametá.

Nos aspectos culturais, temos datas festivas e comemorações na cidade e nos interiores. Temos a festa de Reis (no dia 6 de janeiro), carnaval em fevereiro, as festas juninas com os seus magníficos cordões de pássaros, danças de quadrilhas juninas, além do famoso Festival do Miriti (MIRITIFEST) que destaca o Artesanato de Miriti, as músicas, danças regionais e pratos típicos da região. A cidade de Abaetetuba é conhecida como a capital mundial do brinquedo de miriti. Também tem-se a festa religiosa do Círio da Padroeira da Conceição. E a semana de Arte e Folclore de Abaetetuba.

Analisando melhor os dados do município de Abaetetuba, de acordo com o IBGE 2022 temos uma população de 158.188 pessoas é a 7ª cidade mais populosa do Pará.<sup>45</sup> Apresenta 14 comunidades quilombolas com 14.526 pessoas autodeclaradas quilombolas. Destas, 51, 82 % vivem em territórios quilombolas, e aproximadamente 98 % das pessoas que vivem no território quilombola também se declaram quilombola. Em relação à população em geral, os que se declaram quilombola correspondem a 9,18 %.

Sobre os Territórios Quilombolas oficialmente delimitados no país foram identificados 494<sup>46</sup>, com população de 167.202 quilombolas. O censo também revelou que 12,6% da população quilombola reside em territórios oficialmente reconhecidos. O Estado do Pará, no município de Abaetetuba destaca-se com relação ao número de população quilombola residente dentro de Territórios oficialmente delimitados, com a 2ª posição no conjunto das comunidades de Alto Itacuruçá, Baixo Itacuruçá, Bom Remédio/PA (5.638)<sup>47</sup>, pertencentes à

---

<sup>45</sup> Acesso em 06-08-2023. Disponível em:

<https://sidra.ibge.gov.br/tabela/9578#n6/all/v/all/p/all/c2661/all/d/v4728%202,v1004709%202/l/p,+c2661,t/cfg/cod,/resultado>

<sup>46</sup> Esse número deve ser superior haja vista que de acordo com nota de rodapé 47, houve problemas com relação ao mapa de alguns territórios, mas que independente da questão territorial geográfica a quantidade de pessoas foi contabilizada junto com os demais dados do questionário do censo 2022 realizado pelo IBGE.

<sup>47</sup> Segundo a recenseadora que entrevistou os/as moradores/as do território quilombola de Itacuruçá, as comunidades do Médio Itacuruçá, Arapapu e Arapapuzinho foram incluídas dentro do mapa de Bom Remédio, pois os mapas

zona rural da região de ilhas no município de Abaetetuba. A 1ª posição fica em Alcântara/MA que tem a maior população quilombola residente (9.344), em 3ª fica a comunidade de Lagoas/PI (5.042).

Abaetetuba possui 73 ilhas e 14 comunidades remanescentes de quilombo, sendo algumas destas situadas na região das ilhas. Como pontos atrativos possui a praia de Beja, um dos distritos de Abaetetuba, além da região das ilhas com balneários, trilhas ecológicas com uma vegetação exuberante de áreas de várzea, areião e igarapés de águas geladas e cristalinas. Um povo hospitaleiro e alegre. Abaetetuba também já foi e ainda é conhecida como a “Terra da Cachaça”, que nos versos da música “Esse Rio é minha rua” de Paulo André Barata e Ruy Barata em 1974 nos revela sobre a nossa cultura de Abaeté,

[...] Rio abaixo, rio acima  
Minha sina cana é  
Só em falar na mardita<sup>48</sup>  
Me alembrei de Abaeté. [...]

Havia muitos engenhos de moer a cana de açúcar para fazer garapa e principalmente a cachaça. Além dos engenhos de urucum que movimentaram a economia em tempos atrás, e que se utilizavam de mão de obra escrava. Hoje em dia esses engenhos encontram-se desativados.

Atualmente um desses engenhos que produzia e ainda produz uma quantidade pequena de cachaça artesanal em Abaetetuba para um grupo de pessoas deste município, é “O engenho do Pacheco” localizado no rio Furo Grande e foi tombado em fevereiro de 2010 pelo Departamento de Patrimônio Histórico do Estado do Pará.

A principal economia vem das atividades de extrativismo e beneficiamento de produtos agroflorestais como açaí, cacau, frutas como jambu, tucumã, buriti e outras. A agricultura de mandioca, arroz, jerimum, feijão etc., piscicultura, pecuária, criação de pequenos animais como patos, galinhas, porcos entre outros. Olarias.

O rio Maratauíra de Abaetetuba facilita o transporte de pessoas e produtos para Belém, Barcarena e outras cidades próximas; pelo rio Tocantins até Igarapé Miri, Cametá, Mocajuba, Baião e sul do Pará. A área de serviços e comércio é uma das mais movimentadas com indústria de pequeno a médio porte, nos ramos de bebidas, móveis, madeira, oleira-cerâmica, estaleiros de carpintaria naval e civil entre outras.

---

vieram todos com este nome. Os quais foram corrigidos por ela a partir dos territórios geográficos que pertencem. De acordo com a recenseadora talvez deva vir a atualização nos próximos censos.

<sup>48</sup> Nome popular para se referir à cachaça.

Abaetetuba é uma cidade com elementos históricos, culturais, paisagísticos e turísticos, como as cidades da Amazônia. Ao longo dessa região existem rios, furos e igarapés, Baías do Marapatá, Baía do Capim e outras. Todas essas comunidades são conhecidas pelos nomes dos rios em que estão situadas.

A comunidade quilombola do Médio Itacuruçá, alvo desta pesquisa, localiza-se ao longo do rio e, atualmente, no ramal do Itacuruçá. Está inserida na região das ilhas de Abaetetuba.<sup>49</sup> O ITERPA expediu o Título de Reconhecimento de Domínio Coletivo no ano de 2002 a 9 comunidades quilombolas que compõem a ARQUIA, entidade política e jurídica representativa destas comunidades.<sup>50</sup>

Das 9 comunidades supracitadas, 7 destas comunidades situam-se dentro do território quilombola de Itacuruçá. Ao longo do ramal e rio Itacuruçá localizam-se as comunidades de: Tauerá-açu, Igarapé São João (Médio Itacuruçá), Baixo Itacuruçá, Ipanema, Alto Itacuruçá, Arapapu e Arapapuzinho. Outras 2 são comunidades próximas de Itacuruçá, as quais são Genipaúba e Acaraqui.<sup>51</sup>

Estas comunidades interligam-se geograficamente, mas também mantêm diversas relações entre si e com outras circunvizinhas, de trocas por relações de parentesco, econômicas, culturais, políticas, educacionais, religiosas e outras. As comunidades listadas estão localizadas na confluência dos rios Urubuéua, Fátima, Igarapé Vilar, rio Itacuruçá, Rio Tauerá-açu, Rio Ipanema, Rio Abaeté, Furo Acaraqui, rio Genipaúba, rio Arapapu, Igarapé do Arapapuzinho e Furo do Gaita.

Assim o território ARQUIA forma um polígono irregular, um aglomerado territorial quilombola, composto por 9 comunidades quilombolas em Abaetetuba.

---

<sup>49</sup> A distância da comunidade do Médio Itacuruçá até a cidade de Abaetetuba pelo Ramal é de 35 km.

<sup>50</sup> A comunidade do Bom Remédio localizada em Abaetetuba expediu seu título quilombola por intermédio da ARQUIA também em 2002, mas foi apenas desta mesma comunidade. Por isso aqui não está contabilizada junto com as demais comunidades, além de sua localização estar mais distante do território de Itacuruçá.

<sup>51</sup> As comunidades quilombolas de Tauerá-Açu, Genipaúba e Acaraqui ficam há mais ou menos uma hora de distância de carro daquelas, pois situam-se dentro de outros ramais. São as comunidades que localizam-se mais distantes, entretanto ainda estão dentro do polígono de demarcação que compõem o território quilombola da ARQUIA.

**Figura 1- Territórios de 9 comunidades quilombolas pertencentes à ARQUIA**



**Fonte:** Isaias Neri Rodrigues, ex-presidente da ARQUIA, Gestão 2019- 2023.

De acordo com levantamento realizado pelas Agentes Comunitárias de Saúde (ACS), a comunidade do Médio Itacuruçá, local de estudo, tem atualmente aproximadamente 398 famílias, sendo que existem famílias com poucos membros de 4 a 5 pessoas, outras possuem mais de 10 pessoas no núcleo familiar. O território de Itacuruçá é formado coletivamente por núcleos familiares que ao longo do tempo foram se ramificando. Pode-se perceber que quase todas as pessoas dentro desse território possuem algum grau de parentesco sanguíneo.

No Itacuruçá todos os moradores e moradoras apresentam um grau de parentesco, ramificações de um núcleo familiar. No que se refere a minha genealogia nesta pesquisa e com a curiosidade de conhecer e aprender um pouco mais dos meus ancestrais, percebi essa ligação de parentesco sanguíneo na comunidade, tanto no parentesco paterno e principalmente materno, pois o núcleo familiar da minha mãe é numeroso. Isso é devido ao fato de que a avó materna da minha mãe teve dois casamentos, no primeiro teve filhos e filhas. No segundo casamento o marido também tinha filhos e filhas do primeiro casamento, e do segundo também tiveram filhos e filhas. Assim as famílias foram crescendo exponencialmente e foram se ramificando.

Maria Bárbara Cardoso (2012, p. 60) afirma que as relações de parentesco na comunidade são bem presentes, “Hoje, a comunidade ribeirinha quilombola do Médio Itacuruçá é ocupada pelas famílias dos parentes, dos descendentes dos casais fundadores. Todo esse espaço é definido pela descendência e pelas trocas matrimoniais.”. Portanto a vinculação

com a terra é presente na comunidade por apresentar além da fonte de subsistência, uma herança familiar dos primeiros moradores locais.

Dessa forma, as terras são passadas de geração a geração. Isso também é fruto de processo de lutas e reconhecimento como comunidade quilombola em 2001, passando a ter um vínculo coletivo com a terra, devido à titulação coletiva da terra quilombola. Como é mostrado na pesquisa de Cardoso, M. B. (2012), que por conta disso, as terras “não podendo assim ser vendida. Dessa forma, percebemos que a única maneira de alguém integrar-se à comunidade será por meio do matrimônio.”.

Com o crescimento das famílias, as pessoas no geral viviam, e ainda vivem, da agricultura, então foram organizando-se os movimentos sociais de luta, identidade e reconhecimento. Logo no início foi através do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Abaetetuba (STRA) o qual foi fundado em 1972<sup>52</sup>, e até hoje muitos moradores do Itacuruçá são associados, identificando-se como trabalhadores rurais.

A economia eram as roças de milho e arroz<sup>53</sup> [...] era plantado né. Aí depois das roças foi caindo as lavouras né. Aí [...] tinha muitos que trabalhavam com o madeirame [com o serrote de duas pontas cortavam a madeira e construíam canoas, casas etc.]. Depois foi moderando né, veio os engenhos né. Aí dos engenhos veio as olarias. [...] (Domingos Pinheiro, Documentário “O Dendê chegou, a fartura acabou”, 2022, Negritar Produções e Race & Health, 01:15)

Ao longo do tempo a comunidade do Médio Itacuruçá junto com as demais passaram a ser reconhecidas e denominadas como comunidades ribeirinhas. Em 1986, segundo Cardoso, M. B. (2012) a articulação e movimentos de luta e busca por direitos era através da Associação dos Moradores das Ilhas de Abaetetuba (AMIA)<sup>54</sup>, até meados do final de 1990 pois “[...] se dizia que os seus moradores eram considerados ribeirinhos.”.

Assim a contribuição de organizações foi essencial na busca de melhorias e direitos. E percebemos “[...] a atuação na comunidade de organização de ações coletivas de iniciativa

---

<sup>52</sup> “O STRA é um dos movimentos que historicamente desde a década de 1970 vêm tomando espaço na sociedade abaetetubense. Foi fundado em 30 de julho de 1972, pela necessidade de organização dos trabalhadores do município, que naquela época estavam inconformados com sua situação de vida. Desta forma havia necessidade de organização, a partir do que os trabalhadores rurais, líderes de comunidades rurais iniciaram trabalhos de mobilização e conscientização dos trabalhadores rurais.” (Diselma Brito, 2015, p.16).

<sup>53</sup> As pessoas continuam fazendo as roças da maniva de mandioca para fazer a farinha de mandioca e derivados, cultivam açaí, cacau, cupuaçu, ingá, mangas e outras árvores frutíferas, além de pequenas hortas de plantas medicinais e alimentícias.

<sup>54</sup> “[...] fundaram a Associação dos Moradores das Ilhas de Abaetetuba (AMIA) em 1986 com a perspectiva de valorização e representação dos povos das comunidades das ilhas [...]” (Dayana Viviany Souza, 2020, p. 56) .

externa à Comunidade. Esse foi o caso da organização APROABA (Associação dos Produtores de Artefatos de Barro de Abaetetuba) fundada em [02 de julho de] 1988 [...]” (Ferreira, T.L.,2019,p.57). Essa associação envolvia as olarias de todo o município de Abaetetuba.

Após os ciclos das fazendas que entraram em declínio, e os outros ciclos, a agricultura. Foram surgindo as olarias. A gente acha aproximadamente uns 100 anos [que] elas surgiram, as primeiras olarias. Foi a grande fonte da economia da comunidade não só da comunidade, mas também na década de 80 do município de Abaetetuba... A gente tinha aqui na comunidade em torno de umas 56 olarias...é, isso em pleno funcionamento. Sempre foi a família é...trabalhando na olaria tudo em torno duma, duma unidade de produção artesanal. Sempre essa foi a...a grande visão. (Salomão Santos, Ubuntu [...], 2021, 03:14).

Meu avô materno chegou a ser presidente da APROABA, além de outros moradores de Itacuruçá. Ele relata sobre o início e as dificuldades na associação que se manteve até por volta de 2011.

[...] A ideia da sociedade era melhorar bastante. Essa sociedade teve cento e pouco sócios, só que não deu certo, era o município todo de Abaetetuba. [...] É por isso que não saiu. Tinha cento e poucos sócios, tinha cento e poucas olarias. Quando nós acabamos com a sociedade, sabe quantos tinha? vinte e dois sócios". (Ferreira, T.L., 2019, p. 57-58)

Houve muitas dificuldades nessa associação que definiu pois os produtores vinham de diversas ilhas, “A ampliação do número de associados, o aumento da complexidade das operações gerenciais envolvidas e ao mesmo tempo a redução da intensidade dos laços sociais não formais dos membros estão entre as possíveis razões do insucesso da iniciativa.” (Ibid., p.58).

A partir do final da década de 1990, começaram a discutir na comunidade o título de remanescentes de quilombo, e após estudos realizados pela Diocese de Abaetetuba e outros movimentos negros para reconhecimento dos direitos políticos e territoriais, constataram que este território do Itacuruçá tinha características de comunidade negra rural ou remanescente de quilombo.

Em 1999, o “Programa Raízes” do Governo do Estado do Pará, o Sindicato dos trabalhadores e trabalhadoras Rurais de Abaetetuba (STTR) e a Comissão Pastoral da Terra (CPT), começaram uma série de reuniões com as comunidades que fazem parte deste território. Após um processo longo de reuniões, houve um consenso entre os membros das comunidades que a melhor opção era conduzir o processo coletivamente. Pois assim, teríamos mais forças para nossas lutas e reivindicações. Em 31 de março de 2001, foi feita a assembleia geral de fundação da associação com 130 sócios fundadores de [...] [10] comunidades. Em julho de 2002, em um processo conduzido pelo ITERPA, foram entregues os títulos coletivos à ARQUIA, na comunidade do Rio

Genipaúba, um contendo [...] 1 [10] comunidades e outro apenas uma, Assacú, pois geograficamente essa comunidade é distante das demais e, por isso, o seu título separado [...] (Santos, S.C.; Santos, E.S.C., 2023, p. 36)

E assim foi construído mais um movimento de luta política em que os moradores de Itacuruçá até hoje são associados. A partir da constatação do território quilombola ou comunidade negra rural, as lideranças e moradores das comunidades de Itacuruçá, Genipaúba e Acaraqui começaram a se movimentar juntaram-se, associaram-se e criaram em 2001 a ARQUIA, entidade representativa das comunidades quilombolas de Abaetetuba.

O objetivo, por meio do título coletivo, era de proteger as terras contra invasores e assim usufruir com legalidade do seu território, modo de vida, e ancestralidade protegendo o local, histórias, resistências e memórias de onde nasceram e foram criados pelos seus avós e bisavós. Dessa forma construíram o seu estatuto social que rege estes territórios por meio do reconhecimento dos moradores como sujeitos quilombolas através da ARQUIA o qual foi imprescindível.

Como afirma Maria Bárbara Cardoso (2012): “O direito à terra e de ser quilombola foi arduamente tema de discussão na Comunidade de Itacuruçá [...]”. O que durante pesquisas e entrevistas foi constatado que a comunidade de Itacuruçá além de ser ribeirinha por estar situada às margens do rio Itacuruçá, é também quilombola devido aos seus primeiros moradores e ancestrais.

Os trabalhadores de Itacuruçá sempre participaram de forma ativa de todos esses movimentos políticos de busca por direitos para suas comunidades. Atualmente os movimentos da ARQUIA e o STRA possuem o maior número de associados no território.

Desta forma podemos dizer que a identidade política e social ao qual os moradores de Itacuruçá identificam-se está relacionada, ao espaço territorial em que vivem (ribeirinhos); à sua trajetória e história dos seus ancestrais na comunidade (quilombolas); e também aos ofícios no qual trabalham como meio de subsistência e modo de vida (Agricultores e Oleiros). São identidades que muitas das vezes se completam, portanto, não são excludentes.

Os mais velhos, ao trazer as memórias e as histórias de Itacuruçá, relatam sobre os moradores antigos logo no início de povoamento, contam que havia pessoas “libertas” através da lei do ventre livre, escravizados que vinham se esconder nestas áreas e outros que foram cuidados até a sua velhice por seus companheiros e companheiras.

Meu pai, lideranças da ARQUIA, meu avô materno e minha avó materna contam que “um dos antigos moradores foi tirar os documentos, e perguntaram a data de nascimento dele, já era bem idoso. Aí fizeram uma “entrevista” com ele. E ele contou todas as histórias, daí veio a questão quilombola”.

Segundo relato oral dos anciões da comunidade, ela existe há mais de 300 anos. Eu ainda era adolescente e minha bisavó Izabel de Souza Pinheiro, que faleceu aos 113 anos de idade, nos contava que existiam senhores donos de escravos que usavam da força do trabalho nos engenhos, movidos à força da água, na produção de urucum e de cana para produção de cachaça, nas fazendas e na criação de animais. (Santos, S.C.; Santos, E.S.C., 2023, p. 25- 26).

De acordo com Salomão Santos e Érika Suzane Santos (*Ibid*, p. 26) a partir de relatos orais vindo por meio da memória e lembranças sobre os antepassados, e as histórias ainda atuais e contadas pelos moradores sobre o Itacuruçá, “[...] a comunidade quilombola de Igarapé São João, é que em seu contexto histórico, ficou comprovado que ela não foi povoada por escravos fugidos, mas por escravos que viviam na própria comunidade.”.

Por meio das entrevistas com os mais velhos, contata-se que apesar da divisão em diferentes comunidades no Itacuruçá. Minha mãe e meu pai e demais moradores registram que não existia essa divisão entre Baixo, Alto e Médio Itacuruçá, Arapapu, Arapapuzinho, Ipanema e Tauerá<sup>55</sup>.

Os núcleos familiares que viviam nestes territórios deslocavam-se nesta área e não tinham um paradeiro para morar dentro destes espaços, ou seja, todas essas comunidades “era um Itacuruçá só de ponta a ponta”, como relata meu pai, um só território apenas, o território de Itacuruçá. E acrescenta que “a divisão aconteceu quando começaram a organizar os representantes e as agentes de saúde, faz mais ou menos 30 anos, e foi antes da formação da ARQUIA e foram dividindo”.

“Catinga de Mulata” nos relata que não existia essa estrada principal que atualmente dá acesso à comunidade, eles deslocavam-se por um caminho “[...] não tinha [essa divisão] era só...era só Itacuruçá mesmo. Não tinha Alto, nem Baixo e nem Médio. Já veio existir Alto, Baixo e Médio depois que começaram a abrir os ramais aí que eles foram fazendo essa divisão. Era só um território.”.

---

<sup>55</sup> Algumas pessoas não sabem dizer ao certo até onde vai o Alto Itacuruçá, Médio Itacuruçá, Baixo Itacuruçá, Ipanema e outras comunidades vizinhas.

Nesse período as pessoas moravam próximas ao Igarapé São João, na “beira”<sup>56</sup> do rio Itacuruçá. Meu avô narra as lembranças da comunidade que atualmente é o Médio Itacuruçá, “Aqui eu conheci, aqui era praticamente três casas só que eu conheci...”. Com o passar do tempo, os núcleos familiares foram se ramificando e as moradias foram se espalhando para o “centro”<sup>57</sup>, ramal que atualmente é povoado.

Ainda tem um caminhozinho por aí... Aí depois já que abriram esse estrada aqui. Não era povoado. Era uma casa...ixi...lá longe. Era mais povoado lá pra beira, pra cá não. Na verdade, a minha avó morava na beira do Igarapé né...que é a mãe do meu pai...Aí pra cá mais um pouco morava a mamãe, já veio fazer a casa dela mais pra aí. Mas o meu avô mesmo morava na beira do Igarapé São João. (Entrevista “Catinga de Mulata”, 2023).

Minha mãe traz a lembrança de que antes de eu nascer até o meu primeiro ano de vida, morávamos em um lugar que atualmente denominamos de Médio Itacuruçá, localizado na área de várzea, ao longo do rio Itacuruçá. Quando eu tinha 2 anos de idade, nos deslocamos para área que está inserida no ramal ainda dentro do Médio Itacuruçá. Portanto, parte do território fica inserido na área de várzea e a outra parte ao longo de um ramal. Minha mãe relata que eram poucas pessoas que moravam no ramal do Médio Itacuruçá. Assim como “Azaleia” nos relata sobre as poucas moradias no “centro”, a escola e um caminho que dava acesso à escola e a outras localidades.

Que eu lembro que a gente morava lá na frente do campo né, era única casa que tinha lá, e a... a da Rula logo aí e a da minha tia logo ali na frente. Poucas casas. E tinha a escola e então essa área da escola lá era tudo mato .... e a gente varrava pelo mato... por causa do sol... pra ir pra escola.[...] Até então....quando eu...quando eu me entendi, esta rua não tinha, ela era tipo um caminho. Agora eu não lembro se era aqui ou se era um que tem aqui atrás. Que o papai fala que era por aí o caminho, que eles iam andando pra ir pro Pontilhão pegar um carro que era...que era coberto e levava...a gente chamava Pau de Arara...que ia pra Abaetetuba. Então tinha que ir andando daqui pra Abaetetuba. Quando não, ia ter que ir no barco né, pra Abaetetuba. (Entrevista “Azaleia”, 2023)

Às margens do rio Itacuruçá ainda estão localizadas muitas olarias. Herança dos antigos engenhos. Na década de 1980 era em torno de 56 olarias no território todo de Itacuruçá. Hoje já reduziu bastante o número delas. De acordo com Salomão Santos (Ubuntu [...], 2021, 14:40) “[...] no Médio [Itacuruçá]...a gente tinha em torno de 27 olarias, [...] só estavam 10 [olarias]. 17 já haviam sumido mesmo do mapa. E dessas 10, apenas umas 4 ou 5 estavam

---

<sup>56</sup> Moradias próximas ao rio Itacuruçá.

<sup>57</sup> Estrada

funcionando hoje.” Nessas olarias fabricam-se de forma tradicional e artesanal<sup>58</sup> as telhas e tijolos.

Na figura 2, mais precisamente ao fundo do lado direito, podemos observar uma das olarias que ainda persistem ao longo do tempo através de gerações na comunidade.

**Figura 2- Rio e Olaria no Médio Itacuruçá**



**Fonte:** [w.w.w.google.com.br/maps](http://w.w.w.google.com.br/maps). Captura da imagem: ago.2012. Acesso em: 29 /01/ 2022.

Estas olarias, em geral, foram construídas às margens do rio, pois facilita o embarque do barro ou argila<sup>59</sup>, da lenha<sup>60</sup> e do escoamento dos materiais (barro, telhas, tijolos, madeiras)<sup>61</sup>, pelo rio através de embarcações como os batelões<sup>62</sup>. Estes também utilizam como meio de transporte para grande quantidade de pessoas até os eventos, nas festividades das igrejas, e outras comemorações nas comunidades pelo rio.

---

<sup>58</sup> Ainda com equipamentos rústicos e trabalho manual, no começo o maquinário mais sofisticado utilizado era uma forma de telha. Primeiro era amassado o barro ou argila com os pés utilizando-se apenas do peso corporal e da força física dos trabalhadores. E, depois, colocavam o material na forma da telha. Em tempos recentes, o barro é amassado na maromba que funciona a motor de óleo, e a telha é prensada em um equipamento rústico que se utiliza do peso corporal para dar forma à telha. O tijolo é feito de forma similar onde o barro é misturado na maromba, passando por uma máquina que dar forma do tijolo de 6 furos e depois é cortado manualmente pelo trabalhador em um equipamento já no tamanho ideal.

<sup>59</sup> Matéria-prima para fabricação tradicional e artesanal de telhas e tijolos.

<sup>60</sup> Utilizada para a queima, durante o processo de cozimento, das telhas e dos tijolos.

<sup>61</sup> Atualmente esses materiais são transportados também em caminhões pelos ramais e cidades próximas.

<sup>62</sup> Embarcações de grande porte, fundo no meio, feitas de madeiras e forradas com toldo, movidas por motor a óleo diesel em geral descobertos. Por este motivo pode ocorrer acidentes de escarpelamento, como já ocorreu com uma prima minha.

Tanto as olarias, como batelões, canoas e rabudos<sup>63</sup> participam como diversos meios da paisagem, seja no trabalho, no lazer, no dia a dia para transporte e constroem parte da história deste território ribeirinho e quilombola. A maioria das pessoas moravam próximas ao rio Itacuruçá, o qual também era por onde as pessoas deslocavam-se com mais acessibilidade aos outros locais transportando materiais, pessoas e produtos para a venda.

[...] nesse período o acesso à comunidade era mais pelo rio, não havia ramal e sim apenas um caminho que levava à comunidade por onde o cavalo trafegava, facilitando o transporte da mandioca da roça, até o retiro 1 [ 1 Lugar da fabricação da farinha [de mandioca].] (Orquídea Pastana, 2015, p.36)

Com a abertura do ramal do Médio Itacuruçá,<sup>64</sup> Baixo Itacuruçá, Alto Itacuruçá e outros, as ACSs começaram a distribuírem-se e organizarem-se de acordo com o espaço das residências, pois cada ACS ficaria responsável por um determinado número de casas e famílias, a fim de realizar suas funções tais como marcar consulta médica em Abaetetuba ou no Pontilhão e auxiliar os doentes de diversas maneiras.

Nessa época ainda não havia Unidade Básica de Saúde (UBS) nas comunidades de Itacuruçá. As dificuldades eram muitas para conseguir abranger todo o território, já que era somente “Jasmim”<sup>65</sup> que era a ACS dessa área toda.

Eu fui a primeira [ACS] daqui [do Itacuruçá] [...] faz 31 anos [...] Já [tinha a divisão entre médio, alto e baixo Itacuruçá]. Só que quando eu entrei, eu trabalhava nas três áreas que era no Alto [Itacuruçá] e eu ia até no seu Dilo, era lá da capela do Alto até no seu Dilo a minha área. [...] Só eu. Aí agora que entrou mais [ACSs] que diminuiu as famílias e já foi dividido. Agora tá mais fácil já porque já tá tudo mastigado como diz o pessoal. No começo era trabalho mesmo. Trabalho bruto porque pro cara remar de lá do Alto [risadas]. (Entrevista “Jasmim”, 2023)

É nesse contexto ribeirinho e quilombola que nasci, no ano de 1995 no Hospital Santa Rosa<sup>66</sup> localizado na cidade de Abaetetuba. Naquele período já tinha embarcação à motor<sup>67</sup> e

---

<sup>63</sup>Embarcação de pequeno porte, similar a uma canoa, acoplado um motor veloz proporcionando rapidez no transporte.

<sup>64</sup> A abertura do Ramal do Pontilhão até o ramal que dá acesso a outras comunidades quilombolas de Itacuruçá e circunvizinhas foi realizada pelos próprios moradores e segundo os relatos ocorreu por volta de 1989. A abertura do ramal do Santo Expedito foi em meados de 1999 pois já morávamos no Médio Itacuruçá.

<sup>65</sup> Identifica-se como negra. Nasceu com a ajuda de parteira do Itacuruçá e se criou na comunidade onde até hoje mora. Conheceu os seus avôs materno e paterno, as avós não chegou a conhecer. Sua bisavó paterna chegou a conhecer, a senhora Izabel de Souza Pinheiro, conhecida como Izabelona. A mãe desta senhora passou pelo período da escravidão. Estudou até a 4ª série na comunidade. Idade de 57 anos, ACS no processo de aposentadoria, Católica.

<sup>66</sup> Desde 2020 é um Hospital Regional do Baixo Tocantins que atende municípios de Abaetetuba, Cametá, Moju, Igarapé-Miri, Baião, Mocajuba, Barcarena, Oeiras do Pará, Acará, Tailândia e Limoeiro do Ajuru.

<sup>67</sup> Antes o trajeto pelo rio Itacuruçá, era apenas a remo em canoas e cascos de pequeno porte feitos de troncos de árvores pelos moradores.

o transporte de ônibus, devido a abertura do ramal do Médio Itacuruçá, os quais possibilitaram melhorar o acesso até à cidade de Abaetetuba e regiões próximas.

Sou filha, neta e bisneta de agricultores, oleiros e carpinteiros. A última de 7 irmãos (4 homens e 3 mulheres, incluindo eu). Meus bisavôs e bisavós paternos e maternos, avôs e avós maternos e paternos, meu pai e minha mãe foram nascidos<sup>68</sup> e criados na comunidade quilombola do rio Itacuruçá, a qual pertence. Minhas vivências de infância e adolescência, parte da minha criação que ocorreu no contexto desta comunidade, deve-se a dedicação e educação proporcionada pelos meus pais e as experiências coletivas com os parentes e moradores locais.

Durante a minha infância lembro de brincar no quintal com meus irmãos, sobrinha e sobrinhos, primos e primas, amigos e amigas, pegar fruta na árvore. E também me lembro que nesse período não tinha energia elétrica<sup>69</sup>. Então precisávamos organizar a comida cedo e dormir cedo pois a única luz que tínhamos durante a noite era a lamparina à óleo, além das noites enluaradas, e precisávamos banhar logo ao cair da tarde, e em seguida jantar e dar um tempo para depois dormir, por volta de 7:30 à 8 horas da noite.

Quando cresci um dos meus questionamentos sobre as minhas origens na comunidade de Itacuruçá, foi por que o nome da comunidade é Itacuruçá? Por algumas vezes me fiz essa indagação. Cada lugar tem um nome e cada nome possui um significado atribuído pelo grupo que o nomeou. No caso da comunidade em que nasci e cresci dentro do Itacuruçá, segundo os moradores antigos.

[...] a comunidade já teve outros nomes, pois antigamente a chamavam de Igarapé do Engenho. Ele acredita que foi dado esse nome por conta do engenho que ali existiu, onde suas máquinas eram movidas por força das águas, e neste mesmo lugar foi construída uma olaria de seu pai, que depois pertenceu a ele [...] Essas terras eram conhecidas como "Terras de Santo", e na comunidade Igarapé São João não foi diferente. Ela também já foi conhecida como Igarapé Bom Jesus. (Santos, S.C.; Santos, E.S.C., 2023, p. 27).

Nos tempos mais próximos e atuais, a chamam de Médio Itacuruçá, Vila Nossa Senhora de Nazaré do Pau Podre e outros ainda a chamam de Igarapé São João, vila São João.

O termo Itacuruçá é originário da língua tupi guarani onde o vocábulo "ita-" significa pedra e o vocábulo "-curuçá" significa cruz, ou seja, o encontro da pedra com a cruz. O denominativo composto S. + S. enquadra-se respectivamente em litotopônimo (minerais) e hierotopônimo (religião). (Talita de Sá *et al.* 2022, p. 12)

---

<sup>68</sup> Por meio de parto tradicionais realizados por parteiras da comunidade. Dos entrevistados apenas eu e "Azaleia" nascemos em um hospital, os demais interlocutores nasceram com ajuda de parteiras.

<sup>69</sup> As comunidades de Itacuruçá conseguiram acesso à energia elétrica somente no ano de 2001.

A comunidade recebeu esse nome, pois de acordo com os moradores, ao longo do rio Itacuruçá podemos encontrar inúmeros pedrais no leito e nas margens do rio, o que pode afetar a navegação em período de maré baixa. Como naquele tempo o acesso à comunidade era pelo rio, devido a esse fator dificultava o transporte de embarcações de grande porte.

Dessa forma a comunidade de Itacuruçá possui vinculações que podemos vislumbrar pelo significado do seu nome com a natureza e religião. A natureza na comunidade é bastante diversa, antes quando tinham poucas pessoas era mais mata. Atualmente ainda existem diversidade de animais e plantas. Entretanto a comunidade foi aos poucos se modificando, e começaram a construir as residências. Assim como o número de pessoas no Itacuruçá aumentou, as igrejas, notadamente as neopentecostais evangélicas aumentaram também.

Olha eu acho que a evangélica sempre teve, só que não era assim muita gente. Porque essa católica já quando ela começou, também eram poucas famílias. Aí depois que foi aumentando mais. Logo no começo era o Pajeroba, o brozico, o seu Dilo, Manoel Ambrósio, o Biní, Beringola, Cala boca era esses outros que começou. [...] Mas essa evangélica, ela é antiga [...]. (Entrevista “Jasmim”, 2023).

No que se refere à religiosidade, atualmente temos no Médio Itacuruçá várias Igrejas Neopentecostais Evangélicas e 1 Igreja Católica.<sup>70</sup> Nesta última, ocorrem celebrações e “[...] as comemorações de forma muito intensa das padroeiras Nossa Senhora do Perpétuo Socorro<sup>71</sup> [Nossa Senhora de Nazaré do Pau Podre<sup>72</sup>] e Santana, o termo cruz seja o evidenciador dessa religiosidade que faz analogia a esse vocábulo.” (Sá et al, 2022, p. 12). E também reflete no nome da comunidade Igarapé São João, Nossa Senhora de Nazaré.

---

<sup>70</sup>Havia também um terreiro de tambor de mina, mas agora não fazem seus cultos e reuniões. A localização do espaço onde esses centros religiosos estão situados ficam próximos uns dos outros. O antigo terreiro ficava quase em frente à igreja neopentecostal evangélica e a igreja católica a uma distância de uns 100 metros destas. Nesse caso, esses locais de cultos religiosos estão localizados em uma encruzilhada de três ramais e próximas umas das outras.

<sup>71</sup>As festas ocorrem no Baixo Itacuruçá esse ano de 2024, aconteceram nos dias 10 a 17 de novembro.

<sup>72</sup>As festas ocorrem no Médio Itacuruçá.

**Figura 3- Igrejas Católica, Evangélica e Terreiro Tambor de Mina -Fotos Antigas**



**Fonte:** Arquivos dos moradores do Médio Itacuruçá e google maps, 2012. À direita uma das Igrejas Neopentecostais Evangélicas da Assembleia de Deus, ao centro a única Igreja Católica presente no Médio Itacuruçá, e à esquerda a antiga casa de tambor de mina de madeira.

Portanto a denominação geográfica do nome Itacuruçá, possui a descrição de características da natureza e cultura de forma associativa no nome, “pois a motivação toponímica desse lugar revela que o ser humano manteve relação com a natureza e com sua cultura, transfigurando para seu nome tais aspectos.” (Sá *et al*, 2022, p. 12).

**Figura 4- Igrejas Católica e Evangélica- Fotos recentes**



**Fonte:** Acervo pessoal, 2024. À direita uma das Igrejas Neopentecostais Evangélicas do Médio Itacuruçá que atualmente é a Sede Administrativa do campo das Assembleias de Deus de Itacuruçá. Está passando por um processo de ampliação que começou no mês de novembro de 2024. (A lanchonete do canto esquerda foi demolida para ser jogado material para construção da lanchonete do canto direito, inaugurada em 2024) e à esquerda a única Igreja Católica presente na comunidade já ainda em reforma que começou desde outubro de 2020 e segue em andamento.

As interlocutoras não sabem dizer ao certo quais cultos religiosos tiveram início no Médio Itacuruçá. Entretanto, relatam pontos interessantes sobre os festejos na comunidade dos tempos antigos como a Tiração de Reis ou o Reisado depois que já veio a atual Igreja Católica.

Olha...é...eu me lembro da história que meu pai conta... agora depois de nós já... só a...igreja mesmo evangélica e a católica né. Mas o meu pai contava que eles se reuniam aqui na casa do meu avô Salú<sup>73</sup> que era bem aqui atrás.[...] Aí eles tiravam reis dias de...de...coisa assim de... dessa época de...de São João, eles iam eles tiravam reis<sup>74</sup>, faziam festa né aí nessa casa do tio Salú.[...] Nessa época só existiam eles mesmo. [Era só eles que faziam essa atividade]. Aí depois já que já fizeram a Pau Podre [Igreja Católica Nossa Senhora de Nazaré do Pau Podre] e foi que já veio né fazendo os cultos e as reuniões. Mas nessa época mesmo atrás eram só esses, negócio de reis que eles tiravam, aí iam pedir... fazer... tinha a aquele São Cosme e Damião eles pediam ovo disque, o pessoal fazia um pedido né e o pessoal dava ovo, dava bombons... (Entrevista “Catinga de Mulata”, 2023).

Sobre o terreiro de Tambor de Mina não tive informações pois o pai de santo<sup>75</sup> da casa não mora na comunidade já faz mais de 12 anos.<sup>76</sup>

Na comunidade também existiram três terreiros de umbanda: um conhecido como Cacoriê, do senhor José Maria Rodrigues de Carvalho (Zé Maria), já falecido, que ficava dentro do Igarapé João Dias; outro de uma senhora chamada Olinolita Olita Sena Marques da Silva (Ninim), 74 anos (falecida), que ficava ao lado de sua residência; e o terceiro, do senhor Raimundo do Espírito Santo da Costa (Pajeroba), 79 anos, também já falecido, que fazia os cultos na sua casa. Após a sua morte, um neto ficou com o ofício, que é o único terreiro atualmente da comunidade, mas acontece culto poucas vezes porque o mesmo reside em Belém atualmente. (Santos, S.C.; Santos, E.S.C., 2023, p.33).

Eu conversei com ele no ano de 2021, no entanto não tive muitas informações. Durante nossa conversa ele disse que saiu da comunidade em busca de emprego em Belém, trabalhou como garçom, nas atividades do terreiro e em outros locais. Não teve a possibilidade de estudo, mas com o dinheiro do seu trabalho seus patrões compraram uma casa própria para ele. A antiga casa de terreiro vendeu para seu tio que mora ao lado. Entretanto segundo informações, ainda há pessoas que fazem as reuniões de terreiro nas comunidades do Alto Itacuruçá e no ramal mais pro “centro” do Médio Itacuruçá.

Atualmente na comunidade do Médio Itacuruçá tem os devotos na Igreja Católica à Nossa Senhora de Nazaré. O que deriva o primeiro nome identificado da comunidade logo no

---

<sup>73</sup> O Sr. Salustiano era padrinho do seu pai. O Sr. Salustiano era aquele da mesma história dos pescadores do pau podre.

<sup>74</sup> Era vinculado à Igreja católica.

<sup>75</sup> Neto do Sr. conhecido como Pajeroba.

<sup>76</sup> Está morando em um bairro do Guamá. Continua a fazer as reuniões do terreiro no espaço de sua residência atual

início como Nossa Senhora de Nazaré do Pau Podre. Os mais antigos contam a história do porquê desse nome, devido a uma história dos antigos pescadores da comunidade.

Às margens do Médio Itacuruçá localiza-se a Comunidade Nossa Senhora de Nazaré do Pau Podre, que recebeu esse nome a partir de um conto local. Segundo os moradores dois “lanceadores” de camarão, Salustiano e Vicente, em uma madrugada, estavam no Rio Piquiarana e ao retirar a rede para colher o camarão observaram que nela havia um pau, pegaram o pau e tiraram no rio, pouco depois em nova puxada de rede o pau novamente estava lá, e novamente foi jogado para fora, e, mais uma vez, em outra puxada de rede o pau reapareceu, quando então os dois pescadores decidiram guardá-lo na canoa, e verificaram que seu formato parecia o de uma Santa, decidiram então que desse pau seria esculpida uma Imagem de Nossa Senhora de Nazaré por Castilho um artesão da região, e dessa forma, surgiu o nome da Comunidade Nossa Senhora de Nazaré do Pau Podre, que é referenciada com um Círio a cada primeiro domingo do mês de Outubro<sup>77</sup>. (Maria Luiza Ávila, 2019, p.10)

“Jasmim” nos conta que a mesma imagem, que os pescadores encontraram e foi esculpida, ainda está até hoje no espaço da igreja católica da comunidade. Nas suas falas relata um pouco sobre como era o ritual nos primeiros festejos da Santa Nossa Senhora de Nazaré do Pau Podre e as mudanças que teve durante esses anos até agora.

Aí já mandaram esculpir essa imagem. Aí o Salú que fazia a festa né, aí depois que ele morreu, aí doaram aí pra Igreja. [...] tem é a mesma. [do mesmo pau que tinha a imagem] Essa uma [imagem] que tá aí na Igreja era do velho Salú. Mas já foi feito uns restauros nela, porque ela tava partida parece. Mas ainda é a mesma. [...] Já faz uns cinco anos eu acho que foi restaurada. Mas a história mesma [é bem antiga], ixi ele já morreu já faz tempo. Aí nesse tempo que festejavam ela, né que eles faziam aquelas festas que rezavam a semana inteira. Aí no último dia fazia a festa dançante. Aí no primeiro dia levantava o mastro, aí no último é abaixava o mastro, tem tudo isso, essas festas antigas. [...] É em setembro que festejam ela. [Ainda] Fazem mas é aqui na Igreja já. Mas já é mais moderno já. Que antes era uma semana, agora já é 3 dias, aí já não tem o negócio do mastro [...]. (Entrevista “Jasmim”, 2023).

Houve diversas mudanças com o passar dos anos. Comentei com “Jasmim” que quando eu era criança, lembro que na Igreja Católica da comunidade tinha uma cruz grande de madeira no centro da calçada que fica na frente da igreja. E hoje já não tem mais pois retiraram, sumiu um marco de como era antes.

Lembro que eu era pequena e ficava encantada com aquela cruz enorme. Nas minhas idas às outras comunidades quilombolas de Abaetetuba, percebi que nas igrejas católicas têm uma característica de construção e a cruz logo na frente, então no Médio Itacuruçá já retiraram a cruz na frente que era o marco. Jasmim relatou: “Eu acho que essa cruz ainda foi o velho pingão [avô materno de “Jasmim”] que fez.”

Segundo um dos coordenadores da Igreja católica do Médio Itacuruçá, essa cruz foi colocada quando fizeram as Santas Missões Populares, na criação da comunidade. “As

---

<sup>77</sup> Neste ano de 2024 devido às eleições municipais foi realizado nos dias 22 à 29 de Setembro.

missões populares foram grupos de pessoas que se reuniam e saiam em missão nas casas das pessoas pregando a palavra e convidando as pessoas a fazerem parte da comunidade. Primeiro fundou-se a [Igreja católica] do Baixo Itacuruçá, depois do Alto Itacuruçá e somente depois a nossa”.

A família de “Jasmim” participava ativamente das primeiras reuniões da Igreja católica no Médio Itacuruçá. Durante seu relato conta que seu avô materno conhecido como Velho Pingo “fazia culto [Igreja Católica] das crianças, ele era até bem engajado na comunidade.” Sua família doava o espaço de sua casa para fazer as primeiras reuniões da Igreja Católica na comunidade.

Logo no começo era ali em casa,<sup>78</sup> que eles faziam [as reuniões]. Que não tinha igreja. Aí depois fizeram uma capelinha de madeira.<sup>79</sup> Aí depois já fizeram aquela outra que foi demolida pra fazer essa outra agora. Já são três igrejas com essa. [...] Primeira era ali em casa que faziam, até as missas quando o padre [onde aconteciam as ladainhas] vinha era tudo lá que não tinha Igreja. Aí depois levantaram uma zinha de madeira, aí depois fizeram aquela uma que foi demolida pra fazer essa outra. Que aquela uma tava tudo rachada as paredes. (Entrevista “Jasmim”, 2023)

Sobre a manifestação religiosa das igrejas neopentecostais evangélicas, os moradores relatam que por volta de 1948 chega no Itacuruçá a primeira missionária vinda de Guajará de Beja a irmã Deodata Lobato Maciel e anuncia as boas novas do Evangelho. Salomão Santos e Erika Suzane Santos (2023, p. 31) relatam que Deodata “morava no Guajará de Beja (Abaetetuba), onde já professava sua fé em Jesus Cristo, sendo que o primeiro culto evangélico aconteceu no Igarapé João Dias, na casa de Isaías Maciel (irmão de Deodata).”

Segundo relatos, dos 5 primeiros moradores e suas famílias que “aceitaram à Jesus” em Itacuruçá, 3 deles são meus ancestrais pelos meus avô e avó maternos: foram o pai da minha avó materna, o avô materno da minha avó materna e o avô materno do meu avô materno<sup>80</sup> e o pai de criação (padrasto) do meu avô materno. Apenas uma mulher dos antigos moradores de Itacuruçá foi citada na lista.

As primeiras reuniões da Igreja Evangélica foram organizadas na casa da família do avô e avó dos meus avó e avô maternos. Como minha mãe relata, suas memórias desse período

---

<sup>78</sup>Área do ramal do Médio Itacuruçá.

<sup>79</sup>Segundo Pastana (2015) aproximadamente no ano de 1980 “foi construído um barracão e depois foi levantada a igreja católica de madeira e só depois foi feito em alvenaria.”

<sup>80</sup>A avó e avô maternos da minha avó materna eram os mesmos avó e avô maternos do meu avô materno. Ou seja, a família da minha mãe, tanto por parte da minha avó e do meu avô, as mães deles eram irmãs legítimas do mesmo pai e da mesma mãe. Meu avô e minha avó materna eram primos legítimos.

ainda estão presentes, “Começou na casa [...] onde o meu pai e minha mãe moravam<sup>81</sup> e depois passou para uma igreja de madeira onde [até hoje] tem o alicerce<sup>82</sup> [de alvenaria]. E depois passou para uma igreja lá no baixo. [Baixo Itacuruçá]”.

Minha mãe também comenta que a família do avô paterno do meu pai<sup>83</sup> frequentava os cultos evangélicos. “Eles [na igreja] tinham uma banda, cada um tinha um instrumento.”. Depois que a igreja foi mudada para o Baixo Itacuruçá, o meu avô materno ainda guardava esses instrumentos antigos de sopro, como a tuba.

A primeira Igreja Neopentecostal Evangélica foi no Baixo Itacuruçá em 1970<sup>84</sup>, quando foi oficializado o campo de Itacuruçá. Pastana (2015) ressalta que nesse período foi iniciado a construção e o lançamento da pedra fundamental feito pelo pastor Abner Cantão da Igreja Evangélica Assembleia de Deus do Itacuruçá. O pastor responsável pelas Assembleias de Deus era Samuel Bezerra Cavalcante, ele morava em Abaetetuba. Nas palavras da minha mãe,

Samuel Bezerra era o pastor presidente, tinha uma Igreja no Baixo Itacuruçá, uma em Abaeté, no Ajuí, e no Panacuera. Não era muita igreja como é hoje, cada lugar tinha uma igreja. Ele vinha em dias de ceia, uma vez no mês em cada igreja. Tinha também as pessoas que moravam na comunidade e organizavam os cultos durante as semanas. (Minha mãe, 2024)

Por volta de 1987 enquanto os cultos aconteciam no Baixo Itacuruçá, com as reuniões, começaram a construir e expandir as igrejas para outras comunidades. Incluindo no Médio Itacuruçá, como “Rosa” nos relata abaixo.

Hoje é diferente e foi mudando. [Antes] foram limpando e ainda não tinha essa congregação [no Médio Itacuruçá]. Eu me lembro que aqui eles tinham feito o baldame mas onde é o púlpito tinha o mamoeiro parece... eu ainda cheguei a vê. Era tudo descoberto. Eu me lembro que ainda eu vim em um culto que eles fizeram nessa congregação. Aí, ainda não estava construída, faltava ainda e muito. (Entrevista “Rosa”, 2023)

Segundo os mais antigos, nos anos de 1991 a 1993 houve uma separação do campo de Itacuruçá dando origem ao campo de Ajuá. O pastor era Arim de Carvalho Chagas. Pastana

---

<sup>81</sup> O local era próximo à casa antiga de madeira onde meu avô e avó maternos moravam na área de várzea no Médio Itacuruçá.

<sup>82</sup> Ainda ao lado da casa onde meu avô e avó materna moravam, área de várzea.

<sup>83</sup> O avô paterno do meu pai era irmão da mãe da minha avó materna.

<sup>84</sup> Antes a chamavam de sede, atualmente a sede administrativa situa-se no Médio Itacuruçá, no ramal.

(2015) nos informa que “No ano de 2012 houve a necessidade de construir um novo templo conhecido como Monte Sinai.”

Atualmente, a Assembleia de Deus em Itacuruçá tem mais de 400 membros. É um campo, como se denomina no meio evangélico, dele já se desmembrou outros três campos. Possuindo três templos na comunidade Igarapé São João [Médio Itacuruçá] (Sub-Sede, Peniel e Monte Sinai)[...] Existe também a Assembleia de Deus da Convenção Interestadual das Assembleias de Deus do Serviço de Evangelização dos Rios Tocantins e Araguaia (CIADSETA) fundada no ano de 2012, na localidade do Rio Itacuruçá e tem três templos (Monte das Oliveiras, Emanuele Filadélfia), com 45 membros e aproximadamente 100 (cem) congregados. (Santos, S.C.; Santos, E.S.C., 2023, p.31-32)

Com o passar dos anos os campos foram se desmembrando e atualmente existem diversas Igrejas Neopentecostais Evangélicas Assembleias de Deus no território de Itacuruçá.

### CAPÍTULO 3 MEIO DE SUBSISTÊNCIA E NATUREZA: TRAJETÓRIAS DOS QUILOMBOLAS NO ITACURUÇÁ



**Sankofa é "retornar ao passado para ressignificar o presente e construir o futuro".**

**Abdias do Nascimento, Símbolo *Adinkra* para sankofa**

Abro este capítulo com o símbolo da Sankofa, o que para mim representa a trajetória de vida em comunidade, uma luta coletiva em busca de direitos, “Eu sou, porque nós somos.” Retornar ao passado para aprender quem nós somos, ressignificar o presente e construir o futuro, sintetiza identificar os processos e definir para onde queremos ir. Olhar para o passado para construir o futuro.

Neste terceiro capítulo proponho-me a fazer esse retorno, construiremos, junto com os interlocutores e interlocutoras, um pouco da trajetória e história do processo de socialização, trabalho, educação e movimentos políticos, a partir do protagonismo dos moradores e das mulheres quilombolas das comunidades de Itacuruçá, por meio de seus saberes e fazeres ao longo de gerações. Qual é a base atual da economia quilombola? O melhor seria falar em múltiplas estruturas socioeconômicas, pois fatores geográficos, demográficos, e processos políticos histórico-culturais interferiram na montagem dela.

Assim, algumas atividades dentro das comunidades quilombolas persistem apesar do passar do tempo, como as atividades econômicas da agricultura e olarias. A luta por uma educação que valorize os saberes das populações. Além do respeito às religiões afro-brasileiras, as comunidades quilombolas e os saberes das mulheres neste local. A luta por uma associação quilombola que busca conquistas e melhorias ao seu povo.

Com o avanço da revolução industrial e capitalista faz-se essencial discutir em que sentido estas atividades permanecem, em que perspectiva e modo produtivo elas se

desenvolvem neste contexto, qual a motivação para elas continuarem resistindo ao longo destes anos.

### **3.1 Mulheres e homens entre movimentos: Roças, Olarias, Religiões, Escolas e ARQUIA**

#### 3.1.1 O trabalho nas instituições informais em tempos antigos e atuais: Olarias e Roças.

A formação do sujeito dentro de um grupo social nos mostra diferentes aspectos de sua cultura e identidade, além de evidenciar construções de acordo com suas fases de vida, da infância até a velhice. No entanto, características de raça, classe social entre outros fatores modificam os processos e trajetórias do sujeito. Aqui vamos abordar trajetórias de mulheres e homens quilombolas das comunidades de Itacuruçá, ilhas de Abaetetuba, Amazônia, Pará.

Minha história não começa por mim, pois os nossos passos vêm de longe, nossa luta é ancestral. Meu pai não chegou a conhecer seus avô e avó maternos, somente seus avô e avó paternos. Minha mãe conheceu sua avó e avó maternos, mas não conheceu seu avô paterno<sup>85</sup>, apenas sua avó paterna e o padrasto do seu pai. Voltando até a 4ª geração anterior a mim, meus ancestrais já trabalhavam na roça e viviam no Itacuruçá. Ao conversar com a minha mãe sobre seus familiares, suas avós paterna e materna, que eram irmãs do mesmo pai e mãe, trouxe as lembranças com elas na roça. E mais além quando minha mãe conta sobre seus bisavós maternos que criaram seus filhos e filhas trabalhando na roça, “não tinham ajuda do governo, trabalhavam, plantavam e colhiam, trabalhavam com algumas famílias. Era assim que eles viviam.”. As interlocutoras também ressaltaram que seus pais e mães, assim como seus avôs e avós trabalhavam na roça e na olaria, e a maioria delas também trabalhavam nas mesmas atividades dos seus ancestrais.

Os moradores do Médio Itacuruçá são remanescentes de quilombos e seus antepassados trabalhavam em engenho, com semente de urucum, roças e olarias<sup>5</sup>[Olaria sf. Fábrica de louça de barro, manilhas, tijolos e telhas.]. Após a extinção dos engenhos, as olarias se multiplicaram às margens do rio Itacuruçá e em alguns igarapés que lá existem, os trabalhos da agricultura também mantêm a economia local. (Pastana, 2015, p.37)

Desde os tempos de nossos ancestrais, as mulheres por diversas situações já exerciam um papel de além de donas de casa, mantenedoras do lar, chefes de famílias, trabalhavam para sustentar a sua família, e muitas tinham papel de lideranças. Como “Jasmim” (2023), relata

---

<sup>85</sup> Faleceu ainda jovem devido à doença.

durante a sua entrevista “A mamãe trabalhava na roça e na olaria, acho que ela não gostava de tá na casa. [risadas]”

As mulheres iam pra roça sim, levavam comida pra fazer na roça. Porque olha eu falei com a [...] [uma senhora da comunidade], um dia desses...[...] [ela] disse assim: ‘O meu pai abandonou a minha mãe com todas nós. Nós era pequeno, só que ele arranjou outra mulher. Aí quando ele trabalhava a mamãe tinha que dar dinheiro, ela pedia dinheiro pro papai. Só que a mulher dele, a outra não gostava da gente por ficar pedindo dinheiro, mas era porque nós não tinha o que comer. Quando foi uma vez a minha mãe disse assim: Ninguém vai pedir mais nada tá. Todos vamos trabalhar’. Aí ela disse assim: ‘E todos nós, todos nós ia pra roça fazer...o velho [meu avô materno], nós trabalhava com o velho [meu avô materno]. O meu irmão hoje ele mora pra Belém, ele tá bem. Ele foi pra lá trabalhou um tempo no ver-o-peso carregando peixe, tudo...hoje ele tem a casa dele. Quando meu pai ficou velho, ficou doente, foi ele e nós que fomos cuidar’. Que era os filhos que ele abandonou. Aí ela disse, ela tava falando [assim] ‘Então a minha mãe, foi uma guerreira ....[...].’ (Entrevista “Rosa”, 2023)

A minha mãe sim. Eu não sei se as outras mulheres eram assim. Mas a minha mãe ela sempre foi ativa né... Na casa...A gente depois...Até hoje ela conta que... a partir do momento que a pessoa começava a comer, que nós começava a comer... pegar comida...tomar mingau...ela já saía...deixava com a minha irmã mais velha e ia pra roça até umas 10 horas ela vinha...porque ela sabia que nós ia tá chorando pra querer mamar...Aí ela vinha pra nós mamar. [Risada] (Entrevista “Azaleia”, 2023)

Inclusive elas também faziam atividades que hoje em dia os homens são unânimes como o “apanhar açaí” e o trabalho nas olarias. Muitas eram as dificuldades naquele período e as mulheres faziam esforços a mais nas atividades diárias, até mesmo há casos de mulheres que chegavam a apanhar açaí grávidas.

[...] E para extrair o açaí, os agricultores são representados de forma diversificada, envolvendo tanto os homens, quanto as mulheres, em idades variadas (adolescentes, jovens e adultos). Os que utilizam tecnologias artesanais para subir nas palmeiras, usam a peconha, que é feita da própria folha da palmeira do açaí e também da saca de fibra, a qual é enrolada, e em seguida dá-se dois nós na ponta em forma de círculo. E para armazenagem dos frutos é utilizada a rasa (paneiro fechado, feito de arumã); o facão, o terçado e a faca de pão, para fazer o corte do cacho, lembrando que esses últimos são instrumentos mais avançados (atuais), utilizados no processo da coleta. (Rosenilda Botelho Gomes, 2019, p.87)

Em uma das conversas que temos em família, minha irmã contou que a nossa mãe estava grávida já nos meses finais para o meu nascimento. Ela estava com um terçado limpando o quintal de casa, quando de repente passou um tatu perto dela, então a minha mãe começou a correr pelo mato com um “barrigão” atrás do tatu. Minha mãe até hoje, já aposentada, ainda é bastante ativa. E naquele período, mesmo grávida ela cortava palmito para vender e outros trabalhos que ela fazia, entre as atividades diárias de casa. Também podemos perceber nas falas de “Azaleia” e “Catinga de Mulata” sobre as atividades das mulheres e também a figura essencial das parteiras para auxiliar as mulheres nos seus trabalhos de parto.

[...] Mas ela sempre foi assim minha mãe. É... ia pra roça... **vai ainda pra roça, minha mãe gapuiava. Minha mãe apanhava açai... é ia caçar com o papai de noite**, cortar peixe. Então a mamãe sempre foi... é a mamãe sempre foi do trampo [trabalho], a tiva. (Entrevista “Azaleia”, grifo nosso, 2023)

Das [mulheres] que apanha açai tem muitas... aliás eu acho que praticamente quem já não apanhou [açai] assim mesmo é essa geração mais nova. [...] Eu por exemplo eu **apanhei açai até grávida**<sup>86</sup>. Só a geração mais atual que não apanha [açai] tanto, mas **tem algumas que ainda apanham [açai] ainda**. E outras não. [...] Todas as minhas filhas apanharam açai. Eu tava grávida [...] eu apanhei açai por exemplo, eu apanhei açai de tarde... quando foi 07 horas da noite eu tive ela. [...] Já ajudou a parir. [risa das] E foi rápido oh, quando me deu dor, menina, quando o papai foi buscar [a parteira]... E quem pegou [...]... já foi a... tia Lucinta. Quando o papai chegou com a Lucinta, ela [a filha recém-nascida] já tava em cima da cama. [...] (Entrevista “Catinga de Mulata”, grifo nosso, 2023)

Em alguns casos, as mulheres tinham uma rede de apoio e cuidados por meio de familiares, sogros, amigos, filhos mais velhos e outros, que ajudavam de alguma forma. Por exemplo, antes de eu nascer meus pais moravam com a minha avó paterna, já idosa, no território que hoje conhecemos como Médio Itacuruçá, área de várzea do Itacuruçá. Minha avó paterna, mãe solteira<sup>87</sup>, criou seus dois filhos, com a ajuda e apoio de seus sogros. Meu pai era filho mais novo, sendo que ele já tinha um irmão mais velho<sup>88</sup>, de dois anos de idade, quando meu pai nasceu. Eram irmãos de pai e mãe do mesmo casamento.

Para manter a família minha avó paterna além de trabalhar na roça de mandioca, milho, arroz, feijão etc, também gapuiava<sup>89</sup> camarão no Igarapé. Ela pegava uma quantidade pequena de camarão, o tanto que desse para fazer a mujica de camarão, um tipo de mingau feito com a carne do camarão e farinha de mandioca.

Meus avô e avó maternos tiveram 11 filhos juntos (9 homens e 2 mulheres). Além destes também chegaram a cuidar de mais 3 sobrinhos, quando eram ainda pequenos (2 mulheres e 1 homem) como filhos junto com os demais. Uma das irmãs, por parte de pai, da minha avó materna separou-se do esposo e não teve condições de criar seus filhos sozinha. E então seus irmãos e irmãs, ajudaram a criá-los juntamente com os filhos sanguíneos, e os sobrinhos foram separados e cuidados por eles.

---

<sup>86</sup> Há relatos e tenho lembranças de outras mulheres grávidas que apanhavam açai também.

<sup>87</sup> Esposo sofreu um atentado quando minha avó paterna estava com 6 meses de gravidez, com mais alguns meses já seria o parto onde nasceria o meu pai.

<sup>88</sup> Não conheci meu tio paterno, pois faleceu de infarto antes de eu nascer.

<sup>89</sup> A gapuia do camarão ocorre no período quando a água do rio tá baixa e lenta, chamam de água morta e de quebra. Esse tempo ocorre por influências da lua. Quando chega o período de água morta, as pessoas esperam a água ficar bem baixa e vão ao Igarapé para pegar o camarão que pode ser com a mão ou por armadilha chamada de matapi. Minha avó pegava com a mão, ela ia no igarapé, fazia uma espécie de poço, cavava na lama e construía uma barreira circular de lama em volta, para o camarão não escapar e revirava dentro dessa espécie de poço, até que o camarão começava a pular. Não necessitava de matapi pois pegava com a mão o camarão.

Recordo alguns episódios da minha infância. Quando o meu irmão mais novo dos homens, meus três sobrinhos<sup>90</sup>, tenho-os como irmãos, meus primos e primas, amigos e amigas que fiz durante minha infância e adolescência, brincávamos no quintal, apanhávamos fruta na árvore, tomávamos banho de rio, banho de chuva, brincávamos seja dia de chuva ou sol.

Durante a pesquisa pude perceber um ponto importante na relação em comunidade o apoio e cuidados da família, parentes e amigos em momentos em que a pessoa mais necessita para ajudar e “dar a mão”.

Quando os dois filhos da minha avó paterna ficaram maiores, eles foram morar com seus avô e avó paternos. Meu pai começou a trabalhar cedo na roça, para conseguir se manter junto com seus mais velhos. E por volta de 1975 trabalhou em uma das olarias que tinha na comunidade. Era tudo manual porque era difícil ter acesso à maquinaria, amassavam o barro no pé, e depois colocavam na forma para fazer as telhas, tudo manual. Na atividade de olarias, homens e mulheres trabalhavam juntos. Como é ressaltado por “Catinga de Mulata” que assim, “as mulheres tanto faziam tanto o que o homem fazia né, que eu [...] ainda faço até hoje... entendeu, não existe assim [por assim dizer] ‘Ah não, mulher só pode fazer isso...’. Não, a gente ia pra roça, a gente ajudava. Eu ia junto com o meu pai, eu me esforçava”.

As mulheres também trabalhavam na olaria, a minha sogra trabalhou muito. Eu já trabalhei na olaria... [...] Elas trabalhavam muito na olaria. Ela pisava o barro, porque na época eles não tinham o motor, então era pisado o barro. Ela pisava toda a tarde, ela pisava barro, pra fazer a bola [...] Elas pisavam aí o barro ligava, ficava aquela, fazia aquela liga, aí eles faziam aquela bola na, na coisa de madeira, já ficava na forma da telha. (Entrevista “Catinga de Mulata”, 2023)

Enquanto meu pai e seu irmão trabalhavam na olaria e na roça junto com as mulheres, minha avó ficou trabalhando em casas, como doméstica. Minha avó paterna não teve condições de estudar, não sabia ler e escrever e nem assinar seu nome.

Naquela época o acesso à educação era restrito. Então os homens e as mulheres faziam o que podiam para trabalhar, e em alguns casos o trabalho doméstico era ainda visto como papel da mulher, sendo que também quando muitas das vezes as mulheres saíam para trabalhar em casa de famílias, com a promessa de estudar, sofriam diversas violências o que fica explícito nas falas de “Azaleia”.

---

<sup>90</sup> Meus 3 sobrinhos (2 homens e 1 mulher) são filhos da minha irmã mais velha. Meu pai e minha mãe cuidaram deles, ainda pequenos, junto com seus filhos sanguíneos. Minha irmã separou-se do pai dos filhos dela e não tinha condições financeiras de criá-los sozinha.

Mas eu percebo assim que...o trabalho doméstico mesmo era mais pra ela [a mãe]. O papa i nunca deu a mínima assim pra...as coisas doméstica, mas ela não.... Eu lembro que a [...] minha irmã mais velha, ela... ela teve um tempo que... ela foi morar pra Belém com uma família... pra trabalhar né. Que eles vinham com esse intuito de pedir pra trabalhar que iam estudar...colocar pra estudar. Não colocaram ela pra estudar nada, servia de besta pra lá, e quando...um dia ela chegou falando pra mamãe o que eles faziam com ela né, e a mamãe não deixou mais ela ir. E a mamãe não deixou mais, nenhuma de nós sair de casa assim pra ir trabalhar em casa de família por causa disso. Aí ela ficou cuidando de nós. (Entrevista “Azaleia”, 2023)

Uma tia materna da minha mãe<sup>91</sup> também não sabia ler e escrever para se manter, ela trabalhava na roça, fazia roupas e acessórios de crochê, tapetes com materiais recicláveis, como tapetes de sacolas plásticas<sup>92</sup>, tapetes de retalhos de pano amarrados na saca para vender. Também fazia cocada, doce de maracujá, bolo, pastilha de gengibre muito apreciada pelas pessoas principalmente quando estavam com tosse ou dor de garganta. Seu esposo trabalhava na roça e na olaria.

As condições financeiras não lhes davam opção de trabalho, alimentação, moradia, sendo que todos precisavam contribuir para a subsistência da família, até os filhos pequenos já ajudavam os pais. Os tempos eram difíceis e organizavam-se de acordo com a natureza. “Azaleia” ressalta “[...] Apesar de todos os sofrimentos que eles passaram né, eles conseguiram passar pra gente...é...um, um... respeito, é...conseguiram passar pra gente é dignidade né. Que hoje em dia se somos o que somos é por causa deles, que eles nos incentivaram. [...]”

A gente é ...queimava roça,<sup>93</sup> a gente capinava [...] levava a comida pra fazer na roça, tinha vezes que a gente não tinha comida pra levar. Então o que a gente levava pupunha entendeu para a gente comer na roça e às vezes, muitas vezes nós fomos sem ter nada, nós levava o sale a farinha ... lá na roça nós armava arapuça, que hoje muita gente já nem sabe o que é arapuça [...] pra pegar rolinha<sup>94</sup> [ Risada] [...] Tinha peixe. Mas aí assim quando nós ia pra roça então pra lá..lá pro centro tem Igarapé, mas aí a gente não sabia fazer esse negócio dessas tapaagem que falam entendeu. Nós fomos aprender depois. Então a arapuça era muito mais fácil, porque a gente cortava a vara, tú conhece arapuça? [...] Nós amarra no meio da roça aí pegava rolinha, pegava jabuti. Nós pelava lá mesmo. Já levava o limão, o sal e a farinha [...] Nós assava lá, comia e quando dava a hora de vir embora, a gente vinha embora. (Entrevista “Catinga de Mulata”, 2023)

---

<sup>91</sup> Irmã da minha avó materna. E mãe da minha sogra.

<sup>92</sup> Minha mãe ainda tem um tapete que ela encomendou para a sua tia fazer.

<sup>93</sup> Coivara: Processo comum de limpeza de uma determinada área para fazer roçado de maniva, frutas, açaí, caju, cacau, piquiá, cupuaçu e outras árvores, utiliza-se o sistema de agrofloresta. A limpeza ocorre através de atear fogo controlado em uma pequena área pois como não se usa adubos químicos na plantação, o fogo além de limpar a área, deixa as cinzas no solo e isso já serve de adubo natural para a plantação que ocorre após um ou dois dias depois da limpeza da área.

<sup>94</sup> Uma espécie de passarinho

A casinha do meu pai era de...miriti, assim...metade de parede né e o assoalho era...era dois...era três esteio corrido assim porque não teve condições de assoalhar. Então era só coberta e tinha as paredes de miriti porque pra gente trocar roupa, tipo era quarto...Era lá na frente do campo [campo de futebol]...que a gente morava...[...] A mamãe trabalhou [na olaria]...a mamãe trabalhou, nós trabalhamos. Quando a viúva era viva né, e a mamãe ia pra lá e nós íamos carregar tijolo pra lá com ela. Então desde pequenininho a mamãe já nos colocava ali pra gente ir fazendo alguma coisa. Nesse tempo não tinha celular, não tinha televisão né. [Risadas]. Ou vai ou...[...] [Os tempos eram difíceis]. Mais difícil... era mais difícil sim, era. Eu lembro que meu pai ele cortava lenha o dia todo, e às vezes chegava de tarde, não tinha o que nós comer... e ele ia comprar fiado, comprava duas sardinhas, nós éramos 7 irmãos e...9 com eles dois né, e ainda tinha os filhos tipo que iam pra lá, os sobrinhos dela. A mamãe sempre foi uma mãezona de abraçar todo o mundo. E aí ela tinha que fazer aquela sardinha com arroz, e dividir pra cada um, um pouquinho. Então ela era guerreira de dividir aquele pouquinho pra todo o mundo. Foi tempos difíceis mas... assim que eu agradeço muito a Deus por esses tempos que nos ensinou a ser quem nós somos hoje.[...] Unidos, muito unidos. (Entrevista “Azaleia”, 2023)

Em meio aos trabalhos, as mulheres não tinham tanta atividade de lazer, “Rosa” e “Jasmim” brincavam ou tinham a atividade de lazer na escola nos intervalos de aula, ou até mesmo nas disciplinas de educação física. “Catinga de mulata” relata que tinha atividades de lazer nas igrejas, indo de barco para os ensaios do grupo de mulheres da Igreja Neopentecostal Evangélica Assembleia de Deus, conhecido como “Círculo de Oração.”

Olha pra falar a verdade eu nem tive muita infância [risadas]. Porque nesse tempo a mamãe trabalhava na olaria, trabalhava na roça... Aí eu de manhã fazia as coisas que nesse tempo não tem...não...e também era um monte de trabalhador que comiam tudo na casa nera? Aí tinha que fazer mingau, fazer almoço...é amassar açaí e fazer tudo na casa e de tarde eu estudava. [...] Aí não tinha muito tempo pra brincar. [risadas] Nesse tempo era trabalho bruto né, porque a gente tinha que amassar açaí com a mão. A roupa era lavada com a mão, a água tinha que ir buscar no porto. Aí depois já cavaram o poço aí tinha que puxar a água. Agora não, agora tá tudo fácil. [...] Tinha a gente brincava de casinha, brincava de pira [risadas] essas brincadeiras de crianças, de roda. Quando tinha um tempozinho a gente ainda brincava na escola. E quando chegava na casa era só trampo [só trabalho]. (Entrevista “Jasmim”, 2023)

Não tinha tempo para isso. A única era o jogo de futebol através das aulas de educação física do SOME [Sistema de Organização Modular de Ensino]. Foi a única vez de todo esse tempo com a idade que eu tô que eu joguei bola. Outra vez foi no salto à distância, campeonato de salto à distância. [...] (Entrevista “Rosa”, 2023)

Não tinha muito assim porque era mais tempo trabalhando. Quando a gente saía assim, era mais pra igreja né pela parte da manhã. Dia de sábado a gente ia pro ensaio que era a tia Kida que nos levava lá pra baixo de canoa, canoa da tia Branca. E dia de domingo a gente ia pra escola dominical, aí o culto à noite. Então não tinha tanto [atividades de lazer] como ainda não tem né amiga? (Entrevista “Catinga de mulata”, 2023)

Assim como meu pai, meu avô materno também começou a trabalhar cedo. Meu avô foi mestre carpinteiro, construía casas, rabetas<sup>95</sup>, canoas, barcos e batelões no Itacuruçá até os seus 50 anos. Na época a nossa comunidade era conhecida por fazer estas embarcações que eram comercializadas em Abaetetuba e na capital do estado. Meu avô trabalhou por muito tempo nesse ofício. Depois passou a trabalhar na lavoura de mandioca e açaí, atuando nas mesmas atividades que seu padraço<sup>96</sup>, carpintaria e lavoura. E mais tarde também exerceu como oleiro, trabalhou e depois administrou na olaria, fazendo pagamento de trabalhadores, incluindo seus filhos, netos e seu genro, o seu sócio. Seus tios e irmãos mais velhos já desenvolviam as mesmas atividades em outra olaria. Meu avô falava com orgulho sobre o trabalho de seus filhos, “os filhos também estão na mesma profissão lavoura, açaizal e roça.”

O padraço do meu avô materno, também possuía roçado de açaí, onde retirava para o consumo. Diferentemente de hoje que a produção também se destina para a venda, porém ainda é mantido um percentual para o consumo familiar. Meu avô trabalhou na atividade de olaria e lavoura até os últimos dias de sua vida.

Minha mãe relata que quando ela era criança brincava na olaria de seu pai, e suas avós paterna e materna, ensinavam ela a fazer panelinhas de barro para as brincadeiras de “comidinhas”, mas a mesma forma também era feita nas panelas de barro da época. Aqui se percebe a passagem de conhecimentos nas brincadeiras, modo de fazer as panelas de barro. Suas avós também contavam histórias de causos, como do curupira e visagens. Entre brincadeiras e histórias minha mãe aprendia sobre o modo de vida e cultura quilombola em comunidade.

Meu avô e minha avó também trabalhavam na roça para manter a família, os filhos ajudavam como podiam. Quando adolescente minha mãe ajudava nas tarefas de casa, varria a casa, fazia comida à lenha, também tinha o tempo que brincava no quintal, pegava as frutas das árvores, atividades de lazer como banho de rio e outras. Ajudava o seu pai na olaria, ajudava a sua mãe em casa.

A atividade que despendia maior esforço era de encher água do rio todo o dia<sup>97</sup>, porque a casa ficava em terra e o porto do rio era mais longe. As pessoas tinham que caminhar uma

---

<sup>95</sup> Estas são embarcações, de pequeno à médio porte, motorizadas, que atingem velocidade consideráveis, podem ser cobertas (com toldo) ou descobertas.

<sup>96</sup> Quem o criou desde pequeno.

<sup>97</sup> Ainda não tínhamos acesso à energia elétrica e nem água encanada nas casas, que só chegou a partir de 2001. Sobre acesso à internet através de fibra óptica em 2021, que começou a ser instalada com diferentes valores acessíveis às pessoas em suas casas na comunidade. Antes o acesso era através de antenas ou operadoras de internet via satélite e poucas famílias tinham a possibilidade de pagar por esse serviço.

distância de uns 100 metros até chegar em casa para armazenar a água. Quando a água do rio estava grande enchiam água para lavar roupa, quando a água do rio estava seca para começar a subir, e bem parada, enchia água pra beber, coava e enchia no filtro de barro, enchia no bidão de barro. Essas panelas de barro eram feitas pelas mulheres. “Rosa” relata sobre como armazenava o açaí.

O açaí colocava assim na garrafa e enfincava um pau assim e amarrava assim porque a água do rio gelava e não deixava azedar o açaí, e eu fazia... Quando a comida era muito salgada, eu dizia assim: ‘Égua, eu vou deixar aqui’, e o [marido] [...] dizia, ‘os peixes vão comer’. Aí eu dizia ‘Não, que eu tô olhando’. Só pra vê se saia mais [o sal], pra mim não tá toda hora, né, mas eu fazia. (Entrevista “Rosa”, 2023)

A mamãe contava, quando a mulher tinha filho, pegava um prego, e pegava esse prego e metia no fogo. Era um prego assim grande... E quando aquele prego tava vermelho eles pegavam e colocavam dentro do pote, da tina com água de onde a mulher fosse beber. Aquilo era pra purificar [a água]. (Entrevista “Rosa”, 2023)

Naquela época não tinha energia elétrica e geladeira, a comida era salgada e quando sobrava de um dia, armazenava em um local e podia-se esquentar no outro dia. E assim foi sua infância e adolescência. Depois minha mãe se “juntou” com o meu pai e aos 19 anos casou.

Depois que os dois filhos cresceram e se casaram, minha avó paterna foi morar com eles. Quando ela ficou idosa, enxergava pouco e também foi perdendo a audição, então ela foi morar com o meu pai e minha mãe. De forma espontânea fomos adotando um sistema de comunicação pelo toque. Ela conseguia reconhecer os parentes e pessoas mais próximas pelo toque, ela tocava o rosto, braço, cabelo e barriga e também quando havia alguma pergunta rápida que ela queria fazer, as respostas poderiam ser através de toque também, de forma que batidinhas para sim e arrastar a mão na pele para não. Ou quando as perguntas eram mais complexas tínhamos que falar um pouco mais alto e próximo aos ouvidos dela. Assim funcionava a nossa comunicação.

Lembro que conversava bastante com minha avó. Ela gostava de contar histórias no fim de tarde. As histórias que tenho recordações vagas, sendo difícil contá-las de forma completa pois eu ainda era criança. Mas lembro-me que eram sobre animais que tinham sentimentos e também falavam como gente, onde no final sempre tinha-se uma lição para a vida. Ou aquelas de assombração, que mesmo com medo pedia para ela contar mais uma. Eu ficava encantada e adorava essas histórias, e sempre pedia para ela contar histórias como de costume, sempre no final da tarde para começo de noite, antes da janta. “Azaleia” também traz as lembranças sobre sua infância.

[...] a gente ia pro Igarapé tomar banho no Igarapé...o nosso lazer é...Igarapé, bola [futebol] [risadas], vôlei, jogar peteca, espeta, pular corda, amarelinha, a gente tinha um monte de brincadeiras. De noite a gente brincava bole-bole [Risadas][...] A gente brincava bambolê também, só que eu sou zero em bambolê [risadas]... pira-esconde, chuta litro... (Entrevista “Azaleia”, 2023)

ah era...ah era assim...era muito boa, era.. a gente era feliz e não sabia [Risadas].[...]Mas assim...era...era muito legal, tipo quando tava caindo... chuva a gente saía pra tomar banho na chuva, a gente ia pegar fruta. De noite, por exemplo quando era luar né, a gente sentara assim... socava arroz...gergelim, a mamãe plantava muito arroz, aí a gente socava o arroz, pra... jantava e depois da janta tinha o mingau. Aí a gente sentava...no quintal no luar e ficava contando histórias lá e eu tava lá. Era na lamparina e não tinha luz... era legal...Depois [da vinda da energia] tudo mudou. (Entrevista “Azaleia” 2023)

A falta de energia elétrica de alguma forma contribuía para a contação de histórias, pois antes de 2001<sup>98</sup> não tínhamos acesso à rede de energia elétrica e era bem corriqueiro as histórias antigas sobre a comunidade, sobre visagens, causos de assombrações. As contações de histórias era uma forma de colocar os valores fundamentais e as vivências na e em comunidade, como não maltratar os animais, respeito ao meio ambiente e natureza, valorização e respeito pelas pessoas. Essas relações estão interligadas na comunidade pois vinculam-se com a natureza ao redor o que estabelece, por conseguinte seu modo de vida e subsistência em equilíbrio.

A inter-relação entre homem e natureza atravessa as atividades econômicas no Itacuruçá, pois são primordialmente orientadas por uma Economia Substantiva, em detrimento do conceito da Economia Formal, o qual amplamente é utilizado. Thiago Ferreira (2019) aborda essa diferença em sua pesquisa de monografia.

[...] Por outro lado tem-se o significado da economia substantiva. O significado substantivo de economia mantém relação com as necessidades básicas da sociedade, de abrigo, alimentação, lazer, e todas as necessidades materiais. Nessa relação ocorre “[...] uma interação institucionalizada com o meio natural”.(POLANYI, 2012, p.9). Onde a dependência homem e natureza é indissociável. Apesar deste conceito pode levar à conclusão de que a economia seria apenas relações destinadas a suprir as necessidades materiais. Evidencia-se que são os meios e não as necessidades que são materiais. A satisfação das necessidades de subsistência por meio do palpável, dito de outra forma, por meio da institucionalização das formas obtenção da subsistência (atividades de trabalho) com a natureza, é que são tratadas aqui como “economia substantiva”. Por outro lado, o significado de formal tratado neste trabalho é primordialmente referido as necessidades materiais [...]. A origem do significado formal demonstra uma relação de finalidade. Um processo de meios e fins, a alocação otimiza determinado recurso. Esse conceito formal mais lógico do que social, não consegue incorporar uma série de outras questões que não tenham um objetivo final

---

<sup>98</sup> A partir deste ano começaram a organizar a estrutura com postes e fiação para a chegada da energia elétrica.

de maximização. Com isso deixa de lado o principal foco da economia substantiva que é a subsistência humana.[...] (Ferreira, 2019, p.19)

Desta forma as populações quilombolas para manterem-se e sustentarem-se dos tempos antigos até hoje, de forma a suprir suas necessidades básicas na alimentação, moradia, remédios, transporte tiveram que organizarem-se coletivamente e estabeleceram um sistema alternativo que pudesse garantir sua subsistência, em grupos de ajuda mútua, por exemplo. O que muitas das vezes utilizavam o sistema de trocas pela reciprocidade por meio de vínculos de parentesco, conhecidos, manifestações religiosas, trocas de favores, tecnologias, conhecimentos, produtos e instrumentos ou ferramentas como nas olarias, os batelões, canoas, camarão, remédios e óleos extraídos de plantas, estudos etc. Aqui também há uma diferença entre as trocas por reciprocidade pela dádiva e as trocas mercantis.

Muito se confunde a troca com a reciprocidade. Isso se deve a noção de que na troca mercantil supõe-se haver uma espécie de reciprocidade na medida que os sujeitos envolvidos na troca satisfazem suas necessidades mútuas. Todavia a reciprocidade da dádiva de certa forma seria a permuta entre dois sujeitos. Porém esta permuta não se dá por meio de relações de utilidade como na economia neoclássica. Mas sim por meio de outro tipo de relação. Ao invés de uma troca que preza pela maximização de um benefício próprio, a dádiva preza pela relação com o outro. “[...] nas prestações totais das sociedades antigas ou primitivas uma forma de relação que ele chama de 'dádiva-troca' e que se diferencia da troca Mercantil na medida em que associa uma moral, um valor ético, a transação econômica”. (SABOURIN, 2008, p. 131). Esse tipo de relação é um dos pontos de maior importância da teoria da dádiva. Para parafrasear Marx (1996), esta relação não se dá por meio de representantes de mercadorias, mas sim por membros de um grupo que mantém uma preocupação pelo conjunto do grupo. (MAUSS, 2003). Outra característica que se pode analisar na dádiva e na reciprocidade refere-se a forma de permuta. Enquanto a reciprocidade pode ser pensada como um arranjo de trocas por pares, a dádiva é tratada como uma permuta coletiva, aceita por todo o grupo. Mesmo assim ambas se diferem da troca utilitarista. (LAVAL, 2006 *apud* SABOURIN, 2008, p. 135). Em essência a relações de permutas baseadas pela dádiva estão banhadas por relações do que se convém chamar, honra e prestígio. [...] Enquanto que nas trocas utilitaristas a prioridade é o benefício próprio, é a saciedade de uma utilidade. Na troca recíproca há todo um contexto ético moral, determinando as ações de permuta. Em diversos tipos de sociedade humana a reciprocidade foi identificada, como uma forma de manter ou criar relações amistosas entre um grupo. Segundo Lévi-Strauss (1960/ 1977: XLVI-LII *apud* Sabourin, 1999) "as estruturas elementares do parentesco são ordenadas pelo princípio de reciprocidade". A reciprocidade nesse sentido seria caracterizada por toda prestação efetuada entre o grupo que na qual não houvesse a expectativa imediata e nem certeza de um retorno. O principal ponto seria manter e reproduzir a sociabilidade. (CAILLE 1998:76 *apud* SABOURIN, 1999). (Ferreira, 2019, p. 24-25).

As formas de sociabilidades construídas, por gerações, nas comunidades quilombolas foram múltiplas, pois foi necessário para a proteção, o estabelecimento de organização a partir dos espaços, estratégias coletivas para a sobrevivência dos grupos, autonomia para produzir e pela liberdade das opressões sofridas.

Como exemplo temos os Mutirões que podem ter diversas motivações. No Itacuruçá geralmente são formados para fazer o trabalho comunitário com os moradores locais, o que se inclui as doações de material telhas, tijolos, alimentação e a mão de obra os quais foram movimentados para por exemplo as construções de escolas, barracões, igrejas e lanchonetes nos espaços comunitários. Meu avô materno gostava de ajudar a comunidade, quando era necessário ajudava para construção de espaços comunitários, ele doava material, telha, tijolo e cimento, seja na construção das igrejas católica e evangélica, escola, barracões e etc., ou quando era necessário ajuda para outras questões fazia doação em dinheiro, o que lhe cabia no orçamento.

A ajuda mútua também pode incluir o Sistema de Meia<sup>99</sup>, através da criação de animais como porco, galinha, patos, caças, peru, picote, carneiro, boi e outros. Também podemos fazer o sistema de meia através da agricultura nas plantações de maniva, açaí, frutas entre outras. O que contribui para o consumo próprio na alimentação, e sustento pois parte destes produtos também são vendidos na cidade ou na comunidade. Entretanto, em tempos antigos ocorriam outras formas de comercialização como a troca de produtos (sem necessariamente o uso do dinheiro) trocava-se farinha por milho, peixe por açaí entre outros.

Há evidências de que a cultura do sistema de Meia vem desde os antigos moradores de Itacuruçá.

Além dos motivos de idade, há também os motivos de autonomia, que faziam com que alguns moradores quisessem desenvolver suas próprias atividades para assim poder ter a liberdade de diversificar a sua produção. Esse objetivo era alcançado por meio da ajuda mútua. Segundo [...] [Entrevista Pinheiro, 2019] houve um tempo em que uma das olarias foi “legalizada”, passando os trabalhadores a trabalhar com sua carteira assinada. [\*] Quando eu tinha a idade de 30 anos, eu trabalhei de carteira assinada nessa olaria lá [...], trabalhei cinco anos, mas eu trabalhava e o dinheiro que sobrava eu fazia roça de meia com outros. Então chegou um momento em que eu mesmo dei baixa na minha carteira e saí, porque eu já dava conta de me sustentar com a minha roça. [\*] ([Entrevista] PINHEIRO, 2019). Nesse momento entende-se que a prática de roça de meia atua por meio da ajuda mútua e reciprocidade como estratégias econômicas que proporcionam o alcance de autonomia produtiva. Elas parecem ser percebidas pelos membros da comunidade até como mais estáveis e sob seu controle do que relações de trabalho formal. Além disso, pode-se supor simplesmente que o nível de remuneração salarial formal é menos satisfatório do que as formas de renda

---

<sup>99</sup> O sistema de meia ocorre geralmente entre duas pessoas conhecidas, amigas ou parentes, onde estas por fatores diversos decidem fazer uma associação informal com a concessão de metade da produção ou do produto em acordo entre estas pessoas. Estas contribuem juntas visando o crescimento e/ou material para que os dois usufruam pela metade do bem cuidado por eles. Aqui o foco principalmente é a relação estabelecida entre as duas pessoas, respeito e confiança; Além de “colherem juntos o fruto de seus trabalhos”.

não monetária e relações de reciprocidade e ajuda mútua que podem existir na comunidade. (Ferreira, 2019, p.60)

Durante as observações em campo, pude constatar outro sistema de troca por reciprocidade. No retiro para a produção de farinha de mandioca, os moradores que possuem animais de criação pedem, ao responsável pelo retiro, as cascas da mandioca para ser utilizada como alimento de galinhas e porcos, por exemplo. Ocorre assim, uma relação de reciprocidade onde as pessoas que criam esses animais, utilizam como alimento para estes um dos subprodutos da mandioca, e como forma de reciprocidade geralmente disponibilizam-se para ajudar a descascar a mandioca. Ao final levam consigo as cascas que ajudaram a descascar<sup>100</sup>. Assim todos se beneficiam de forma mútua, os moradores, os animais e o responsável pelo retiro de farinha de mandioca.

Além disso, como nos mostra Ferreira (2019, p. 46) há outras formas de reciprocidade “[...] através da doação de maniva<sup>101</sup> para outros membros da comunidade que desejam fazer roças. Observa-se que esta doação não carrega nenhuma responsabilidade de devolução (obrigatoriedade). Dá-se para não estragar, dá-se para ajudar o próximo.”.

A sociabilidade criada pela reciprocidade é com isso fruto de formas de prestação coletivas ou em pares. O conjunto dessas formas de prestação contribuem para integração econômica. A reciprocidade da redistribuição e domesticidade proporcionam um espaço de socialização e integração produtiva. [“] A lógica de reciprocidade motiva uma parte importante da produção, da sua transmissão, mas também, do manejo dos recursos e dos fatores de produção. O acesso gratuito. à água dos açudes, às terras de vazante, às pastagens comuns do fundo de pasto, à mão-de-obra da comunidade (por meio do convite de trabalho ou do mutirão), constitui uma redistribuição dos fatores de produção. Trata-se de uma gestão compartilhada de bens coletivos, mas também de uma forma de dádiva produtiva, uma forma de solidariedade na produção [”] (SABOURIN, 1999). A redistribuição com isso é influenciada pela reciprocidade. Essas FIE [Formas de Integração Econômicas] atuam dessa forma em conjunto. Entretanto são norteadas pela reciprocidade. E é isto que as diferencia da instituição “mercado”. [“] A reciprocidade como forma de integração ganha enorme poder na sua capacidade de usar a distribuição e a troca como métodos subalternos. A reciprocidade pode ser alcançada mediante um compartilhamento do fardo do trabalho, de acordo com regras definidas de distribuição, como quando as coisas são feitas "em revezamento". [”] (POLANYI, 2012, p. 307). (Ferreira 2019, p.26)

Na comunidade do Igarapé São João, Médio Itacuruçá, as principais fontes de renda eram e ainda são as olarias responsáveis pela fabricação de telhas e tijolos. Também a

---

<sup>100</sup> Vale ressaltar que não são obrigados a descascar, mas tendo como valor o prestígio e em gratidão se oferecem a ajudar a descascar a mandioca junto com os demais.

<sup>101</sup> A parte do tronco ou talo que vai dar origem à maniva (planta que produz o tubérculo da mandioca, do qual se faz a farinha de mandioca).

agricultura com plantio de maniva, que dar os tubérculos da mandioca e conseqüentemente a produção da farinha de mandioca nos retiros e alimentos derivados. Os roçados de arroz, milho, feijão, gergelim, jerimum etc. e também o plantio e manejo do açai.<sup>102</sup>

**Figura 5- Maquetes de Retiro de Farinha e Olaria feitas em papelão pelas professoras e alunos da EMEIF Professor Manoel Pedro Ferreira**



**Fonte:** Arquivo pessoal da pesquisadora. À direita uma maquete da olaria feita em papelão e à esquerda uma maquete de Retiro de Farinha de Mandioca feita também em papelão. Fotografias realizadas no dia 28 de Abril de 2021, durante a vacinação da 1ª dose da vacina contra a covid-19 na EMEIF Professor Manoel Pedro Ferreira localizada no Médio Itacuruçá - Abaetetuba-PA.

Sobre o trabalho na agricultura, tenho lembranças de quando meus pais tinham uma pequena plantação de gergelim no quintal de casa. Lembro ainda quando a minha mãe colocava no sol o gergelim para secar e torrar e depois pilávamos o gergelim no pilão, espanava para sair a casca, adicionávamos açúcar e comíamos, era uma delícia. O arroz também era pilado no pilão de madeira, que até hoje temos em casa, e depois espanava para sair a casca e fazer mingau de arroz, ou o arroz mesmo para acompanhar a comida. Esse período de colheita e secagem do gergelim era de acordo com o clima geralmente no período do verão.

Assim como Ferreira (2019, p.35) aborda que “Durante o processo de pesquisa observação, [...] destacou-se o clima como um dos fatores determinantes das atividades econômicas desenvolvidas na localidade.”. Ferreira (2019) nos revela que as múltiplas

<sup>102</sup> Estas atividades são intensivas no Itacuruçá e utiliza-se a mão de obra e/ou cooperação familiar composta por filhos, netos, primos, sobrinhos, genros entre outros conhecidos e amigos (Ferreira, 2019, p. 50).

atividades econômicas de olaria, agricultura da maniva, açai, cacau, caju, cupuaçu e outras frutas são uma “forma de sustentar [a] subsistência durante as mudanças de clima que afetam a produção.”. Portanto, de acordo com o clima, é mais favorável trabalhar em determinada atividade do que em outra, pois a comunidade tenta de acordo com suas condições se adaptar à natureza. E nesse período em que o clima não está favorável os quilombolas facilitam a distribuição de materiais, mutirões e produtos através das trocas destes recursos.

Esse sistema de escambo ainda existente na comunidade é um subproduto da influência que o clima emprega sobre as atividades. Pois muitas vezes a produção atrasa por conta do clima, e a saída encontrada para obter-se recursos para um novo ciclo de trabalho torna-se dependente desse tipo de permuta, a única que pode dar continuidade no fluxo de bens quando tornasse inviável por meio do mercado.[...] a comunidade se dota de amparos institucionais como anteparo as instabilidades, descontinuidades e riscos com os quais se depara, tanto na relação com a natureza e seus ciclos - como a mudança de estações do ano - quanto na relação com o grupo local e outros grupos. [...] “A gente fica na olaria ‘tariando’”. Tariar é um termo utilizado na localidade para denotar *um esforço a mais* em fazer uma determinada ação ou atividade. Possíveis sinônimos para o verbo “tariar” são: administrar, adaptar, adequar, aguentar-se, se virar, improvisar. Essa frase revela muito sobre a forma de provimento da subsistência na comunidade, a qual a domesticação e ajuda mútua são suporte. (Ferreira, 2019, p. 43 - 44)

O trabalho dos barreiristas são essenciais para as atividades das olarias pois são eles, unânimes os homens que trabalham nessa profissão, que retiram o barro do rio e com o barro se faz as telhas e tijolos. Essa atividade também depende do clima e da maré cheia ou baixa para ser executada, como relata um dos barreiristas que começou cedo nesta profissão.

Primeiro veio a roça, da roça veio o negócio da...da montaria né, trabalhar no serrote e depois chegou a olaria, os engenhos aí veio a olaria. Eu trabalhava em barro né desde de...desde de novinho, né. Nos meus 12 anos eu trabalhei com barro, que a profissão aqui é barreirista, mas barreirista é aquele cara que conhece o trabalho. Então ele sabe onde dar para encher o batelão. Ele sabe onde tá o minério para tirar, porque se ele não conhecer não adianta ele ir que ele não tira... Aí então ele tem aquele nome, já traz aquele nome de barreirista mas é porque ele tem o conhecimento... Um barreiro desse aí onde nós estava ele passa um tempo aí. Por exemplo, em um ano, no inverno o cara para de tirar ele, porque a terra quebra muito. Aí o cara só volta no verão que aquela terra já deslizou, escorregou ali naquele lugar, aí ele já vem ficar mais na flor da terra, o barro. Mais perto porque no inverno não tem como tirar porque ele vai ficando muito pro fundo da terra devido a altura da terra, o nível da terra...Quando é pra ir lá eles me chamam, ele vem me procurar aqui, a gente é conhecido amigo né. Aí a gente vai lá, eu com o meu filho vamos, aí nós vamos tirar. Aí a gente sai sete horas da noite, conforme a maré, cada um dia vai só dobrando de hora...Aí você tem dias de você chegar aqui...lá pras cinco horas, seis horas da tarde. Passa o dia inteiro aí fora. Quando é aqui dentro do rio, aí quem tira pra outros rios como lá pro rumo de Igarapé Miri, no Miritipucú...é...é três horas de viagem daqui até lá. É distante... Foi aonde eu criei meus filhos né. E eu agradeço né [risadas] por esse serviço porque não tinha outro meio de sobrevivência aqui era...era esse serviço aí. (Valdecir, Ubuntu[...], 2021)

Com as dificuldades cria-se também outras formas de trabalho além destas como a criação de animais, comércio, batedores de açaí, venda de verduras, frutas e outros trabalhos necessários a contribuir no período que estiver baixa de produção da atividade principal. “Dessa forma a diversificação produtiva é imprescindível para a subsistência. Com isso nota-se que diversas famílias desenvolvem mais de uma atividade ao mesmo tempo.” (Ferreira, 2019, p.44)

As plantações e o trabalho nas olarias são possíveis devido ao rio na comunidade, por conta da utilização do barro e deslocamento, e também uma condição natural para o desenvolvimento de plantas por meio das áreas de várzeas<sup>103</sup>, o que proporciona condições favoráveis à plantação. Estes trabalhos ainda persistem desde o início da formação desta comunidade quilombola, mantendo ainda uma cultura de resistência do passado até os dias atuais.

Observa-se que essa relação com o Rio é um dos pontos de extrema relevância para a economia da comunidade do Médio Itacuruçá. Em momentos de necessidade de subsistência, o rio passa a ser fonte principal de subsistência, a pesca de camarão, peixe, a possibilidades da vida de um ecossistema receptível a animais como a capivara, o camaleão, entre outros que fazem parte da alimentação na comunidade. O rio é essencial na vida dos ribeirinhos quilombolas, também é o local de convivência por meio de recreação no banho. Além de propiciar a existência de atividades como construção de barcos, canoas, que acabam por gerar outras atividades, como a da pintura de barcos. (Ferreira, 2019, p. 33-34).

Há outras atividades que são subprodutos das atividades de olarias e roças como a extração do barro<sup>104</sup>, construção e pinturas de barcos, móveis, canoas, tecelagem de paneiros<sup>105</sup> e do tipiti<sup>106</sup> entre outras. É importante ressaltar que ainda hoje existem estas atividades tradicionais neste local.

Lembro em minhas vivências quando, por solicitação e insistência minha, pedir à minha mãe para me ensinar a fazer paneiro, saberes e fazeres que ela aprendeu com suas avós e mãe. O paneiro é utilizado para se colocar os frutos retirados da floresta como o açaí, cacau,

---

<sup>103</sup> Áreas alagadas e fertilizadas pelas enchentes e vazantes das águas.

<sup>104</sup> A extração do barro é feita de forma unânime por barreiristas, homens no barreiro, local em área de várzea entre braços de rios. Quando a maré seca, cava-se até observar o barro. Este material é a matéria-prima utilizada na fabricação de telhas e tijolos para construção de casas.

<sup>105</sup> Os paneiros são cestos fabricados majoritariamente por mulheres de forma artesanal e manual com a fibra da palmeira do Miriti (*Mauritia flexuosa*) para colocar açaí, e outras frutas, utensílios etc. Os moradores carregam estes cestos nas costas ou na cabeça.

<sup>106</sup> O tipiti é um cesto cilíndrico trançado com a tala de galhos do miritizeiro também, fabricado por mulheres, e é utilizado como espremedor da massa da mandioca, de onde escorre o líquido venenoso (ácido cianídrico).

bacaba, buriti<sup>107</sup> etc., e levados nas costas ou na cabeça, facilitando assim a sua locomoção. Do mesmo material que se faz o paneiro também se faz o matapi<sup>108</sup>; o tipiti<sup>109</sup>. Esses utensílios fabricados por alguns moradores têm como matéria-prima a fibra do miriti. Do tronco e dos galhos do miriti, faz-se também artesanatos como os famosos brinquedos de miriti de Abaetetuba<sup>110</sup>. Sendo esses conhecimentos repassados de geração em geração.

Os saberes e fazeres com as plantas também envolve os diversos sabores na culinária. Por exemplo a maniva, que é a planta mais cultivada na comunidade. Dessa planta não se perde nada. Utiliza-se a folha da maniva para se fazer maniçoba, um prato muito apreciado na comunidade e conhecido na culinária paraense. O processo de preparo da maniçoba ocorre da seguinte forma: Após a folha da maniva ser higienizada e seca, deve ser moída. Depois cozinhá-la por uma semana aproximadamente sempre adicionando água, e os acompanhamentos como porco, bucho, charque, chouriço, e outros temperos até completar o período de cozimento.

Além do modo de preparo da comida ser típica no fogão à lenha em panelas de barro, deixando a comida com um sabor maravilhoso e jeito de cozinhar específico dos saberes das mais velhas e que de certa forma as memórias estão se perdendo, preocupação presente nas falas de “Azaleia”.

[...] É bom a gente aproveitar esses nossos idosos, porque eles tão...tão indo tudo embora, [...] tão nos deixando e nós não temos aquela lembrança que eles tinham...o papai conta e o vovô falava também que a comida era feita na panela de barro, né e cavava parece a terra. Eu não sei como era que eles faziam o negócio, e colocava a panela de...no fogo. Eu não sei como era o negócio lá. E quando eles tira vam disque meia hora de tempo a panela ainda ta va fervendo ainda (risadas)...de tão quente que era a panela. (Risadas). [Tudo isso] É ser quilombola essa luta deles, manter a memória [viva] com certeza. (Entrevista “Azaleia”, 2023).

Do tubérculo chamado de mandioca também se retira o caldo, que é feito o tucupi, muito apreciado em pratos típicos da culinária paraense, como o pato no tucupi, durante

---

<sup>107</sup> Fruto da árvore de miritizeiro. Da massa desse fruto se extrai o vinho e mistura com farinha de mandioca. Um prato muito apreciado nas refeições. E também do vinho de buriti se faz o mingau, o famoso mingau de buriti ou mingau de miriti como é mais conhecido.

<sup>108</sup> Armadilha para pegar o camarão no igarapé.

<sup>109</sup> Instrumento no qual se coloca a massa da mandioca, depois de amassada, para secar, sendo uma das etapas do processo de produção da farinha.

<sup>110</sup> Abaetetuba é a Capital Mundial do Brinquedo de Miriti que é comumente encontrado no Círio de Nazaré no Pará, durante as procissões, representando algum pedido ou alguma benção alcançada. Desde 2010, o brinquedo de miriti é considerado Patrimônio Cultural Imaterial do Estado do Pará, pela Lei Estadual Nº 7.433/2010.

períodos festivos e religiosos do Círio de Nazaré, por exemplo. No mesmo processo que se retira o tucupi também é separada a goma da mandioca para fazer a tapioca. No modo de preparo é utilizada a mandioca dura, já descascada, limpa e moída ralada. A massa é colocada em um pano de onde se separará a goma do líquido, sem adicionar água, e espreme bem até sair um líquido com cheiro forte, esse líquido é reservado e separado para fazer o Tucupi. O líquido é fervido por um período de aproximadamente 3 dias. Adiciona-se água à medida que o caldo for fervendo, a água vai evaporando. Então deve-se acrescentar mais água. Alguns temperos são colocados no caldo como alho, cebola, jambu, pimenta a gosto. E assim se chega até o ponto certo de utilizá-lo como molho na comida.

A tapioca é feita da goma da mandioca da mesma massa da mandioca dura que foi ralada e coada em um pano, para separar o caldo<sup>111</sup>. A parte da goma da mandioca é acrescentada água e decantada em vários processos de acréscimo e retirada de água até a água ficar bem clarinha. Assim saberemos se a goma está sem o líquido ácido da mandioca. Após a água estiver clara, retira-se a última água e deixa a massa secar em temperatura ambiente, peneira-se a goma para deixá-la solta, depois adiciona-se uma pitada de sal. E enfim é colocada em um recipiente esquentado a fogo baixo, e adicione os flocos da goma da tapioca sem deixar espaços entre eles. Os pedaços pequenos da goma juntam-se e formam um disco de massa, a tapioca.

Também da massa da mandioca se faz a farinha de mandioca. No retiro de farinha de mandioca, após chegar o período de colheita dos tubérculos da planta<sup>112</sup>. Ela deverá ficar de 4 a 5 dias em um reservatório com água para que amoleça. Depois de amolecida, a mandioca é descascada, amassada e colocada no tipiti para escorrer o líquido. Após escorrida, a mandioca é peneirada para que assuma uma consistência mais fina. Por último é colocada em um tacho de metal, aquecido por fogo no forno e torrada. Tem-se o conhecimento desde o modo de plantio até a fabricação de diferentes pratos a partir dos componentes da mandioca.

Em algumas comunidades quilombolas que tem como trabalho por intermédio da agricultura, para sustentarem a sobrevivência e condições de renda do grupo, será requerido um conhecimento tradicional, um saber da terra de acordo com as condições da natureza (a

---

<sup>111</sup> Foi explicado anteriormente o processo para fazer o Tucupi.

<sup>112</sup> O período de colheita da mandioca é de aproximadamente 1 ano e 4 meses até 1 ano e 8 meses após o plantio.

lua, maré, estações, animais etc.). Saberes que foram ensinados por gerações anteriores por meio de observação da natureza. Sendo também a noção de tempo e espaço e outros aspectos coletivos na comunidade foram medidas através de uma relação direta com as experiências vividas com a natureza, com os fenômenos naturais e os saberes repassados pelos ancestrais. Essa cosmovisão e forma de organizar tempo e espaço ainda hoje influencia o período de plantação, de gapuiar o camarão e outras atividades.

No Itacuruçá, antes de 2001 como não havia energia elétrica, tudo era medido pela observação constante da natureza por meio da posição do sol e/ou sensação térmica (intervalo entre sol nascente e o sol poente), fases da lua (nova, minguante, crescente, cheia), da maré (vazante, lançante, enchente, cheia, morta), para definir o período do dia, estações do ano, tempo de plantar, colher e outras atividades individuais e coletivas.

Com o trabalho nas roças, olarias e organização das atividades domésticas, a jornada diária geralmente iniciava cedo. O tempo antes das novas tecnologias eram de acordo com os fenômenos naturais. Também não tínhamos água encanada, havia apenas o poço cavado pelos próprios moradores no quintal de casa.

As atividades domésticas e de lavoura organizavam-se em torno do sol nascente e poente, pois ao anoitecer ficava mais difícil devido à falta de luz, sendo necessário a utilização das noites enluaradas ou a utilização de lamparinas e porongas<sup>113</sup> para iluminar os espaços. Em uma das conversas com minha avó e meu avô materno, eles falavam que se guiavam no horário pelo sol, acordavam por volta das 4:30 às 5:00 horas da manhã e sabiam o horário próximo do “meio-dia” pois o sol começava a ficar “mais quente” e logo quando iniciava o pôr-do-sol, antes do anoitecer, organizavam o jantar cedo. Tudo tinha que ser organizado mais cedo, para a gente dormir e acordar também noutro dia cedo.

[...] E ele [avô de “Azaleia”] dizia assim... ele conhecia a hora através do sol né. Ele tava na roça. Aí ele tirava o chapéu e ele olhava pra cima assim, [e dizia] ‘É tal hora, olha bora almoçar que é tal hora.’ A gente podia olhar no relógio, era o horário [...] (Entrevista “Azaleia” 2023)

Os seres da natureza também se impõem nestes espaços. Em conversas com minha mãe, ela relata que na casa onde minha avó materna morava<sup>114</sup>, eles organizavam a janta cedo

---

<sup>113</sup>Luminárias feitas de forma artesanal com latas pequenas de óleo, onde coloca -se querosene e um barbante, algodão ou cordão de fio que é umedecido nesse óleo.

<sup>114</sup>Área de várzea do Médio Itacuruçá.

na cozinha que ficava nos fundos da casa e iam comer no quarto da casa. Ela dizia que depois de anoitecer, na cozinha fazia “visagem”, barulhos de bicho do mato roendo, vultos, barulhos mexendo nas panelas etc. Mas depois parava, então de certa forma eles conviviam com isso, e não lhes fazia mal. Os mais velhos relatam diversos causos e histórias que eles presenciaram.

Nesta mesma casa que a minha avó e avô materno moravam, tempos depois foram morar juntos, um dos meus tios maternos, a esposa e seus dois filhos pequenos<sup>115</sup>. O meu tio saía para caçar à noite, ou às vezes ia passar a noite na olaria para queimar telha e tijolo, e a sua esposa ficava com os dois filhos na casa. A minha irmã mais velha junto com os seus 3 filhos e esposo moravam na outra margem do rio. Então a esposa do meu tio pedia para a minha irmã deixar a minha sobrinha dormir com ela na casa porque não conseguia dormir direito, ouvia uns barulhos estranhos dentro da casa. Então a minha irmã deixou a minha sobrinha ir dormir na casa da esposa do meu tio. No outro dia a minha sobrinha contou tudo o que viu e ouviu. Elas e os meninos foram jantar cedo trancadas dentro do quarto e não apagavam a lamparina do quarto. O restante da casa ficava na escuridão e era nesse espaço que fazia barulhos. Como narra a minha sobrinha,

[...] Aí eu ia dormir, aí quando era 6 horas da noite, 6:30 ela falava que era pra gente jantar cedo pra nós dormir cedo porque quando dar um certo horário a gente ouvia tipo andando assim...pela casa com um barulho de corrente, e ...boto pulando na água, dava pra escutar boto pulando na água. Ia pra cabeceira da ponte e se empurrava dava pra escutar. E vinha um negócio forte debaixo do assoalho tipo fogo assim debaixo do assoalho<sup>116</sup>. Aí ela fazia a gente jantar cedo e ficava...ficava quieta, ela mandava a gente ficar quieta que iria passar, até que certa hora ia passando aquilo...Tenho certeza que começava [os barulhos] às 19:00 horas e terminava umas 20:00 horas da noite, uma hora de tempo tipo assim, porque às 18 horas da tarde nós já íamos jantar. E toda noite era a mesma coisa, toda noite [...] E uma vez também que a gente foi pro culto [igreja neopentecostal evangélica]. Aí depois que a gente chegou do culto, a gente foi deixar primeiro eles [...] na casa deles. Aí quando eu olhei pro outro lado do rio que era a minha casa, eu vi um homem [jovem negro vestido de] branco, aí eu falei ‘Olha mamãe quem é aquele homem sentado na frente de casa?’. Aí depois quando rapidinho eu virei assim de novo não tinha ninguém mais. Aí a mamãe falou assim que...que eu tava doida, que não tinha nada na frente de casa. Mas eu vi sim aquele homem [jovem negro vestido de] branco sentado na frente de casa. Aí ele sumiu, desapareceu. (Minha sobrinha, 2024)

Ao ouvir essas histórias da minha sobrinha e dos mais velhos os relatos me chamam a atenção o barulho que elas ouviam de correntes sendo arrastadas pelo chão, e o homem jovem negro vestido de branco. Quando ela me contou essas histórias na minha cabeça só me

---

<sup>115</sup> Depois que meu avô e avó materna foram passar um tempo morando em Ananindeua, deixaram a casa com um de seus filhos.

<sup>116</sup> A casa era alta levantada por uns esteios de madeira e o assoalho todo de madeira.

fazia relacionar com a questão da escravidão. Ela completou: “Lembro que a bisa [bisavó materna] dizia que fazia muita visagem lá na casa porque os escravos sofreram muito. Que os senhores acorrentaram eles.”. Então essas histórias presenciadas pelos moradores falam também de um período que aconteceu na comunidade de Itacuruçá e que ficou na memória dos comunitários. As histórias de visagens, vultos, assombrações e barulhos de correntes nos fazem lembrar um passado não tão distante do território.

Assim, sobre os aspectos culturais, artísticos, culinários, histórias, crenças, costumes a respeito da memória presente das raízes quilombolas, (re) constroem-se por meio da cultura repassada de forma oral e as tradições transmitidas pelos mais velhos, atualmente ainda estão presentes na comunidade quilombola Médio Itacuruçá. Entretanto, deve-se levar em consideração a sabedoria repassada pelos mais velhos, de forma a ser registrada, valorizada e (re) significada pelos mais novos, em defesa de um bem coletivo, por meio dos seus saberes e fazeres, frente à passagem dos nossos anciãos na comunidade.

Houve algumas mudanças ao longo do tempo no trabalho da agricultura, olaria e produção da farinha de mandioca. E algumas atividades econômicas modificaram-se, por exemplo, atualmente ainda há os trabalhadores que cultivam arroz, feijão, abóbora, milho, gergelim, mas diminuí consideravelmente o número. A influência do comércio e a industrialização destes produtos foi um fator que se impôs levando esses alimentos a preços mais baixos até a redução destas atividades por produtores rurais que ficaram sem estrutura financeira para conduzir suas lavouras. Nas falas de meu pai ocorre a “[...] falta de estrutura porque sai mais barato comprar de fora do que plantar. A mão de obra ficou muito cara, não tem gente pra trabalhar no sol durante os 6 meses de plantação até a colheita. Antes tinha que plantar para contribuir na alimentação.”

Muita coisa...mudou tudo [risadas]. Mudou tudo. É...é...a comunidade que ficou mais povoada né. Os comércios apareceram mais comércios, que eu lembro quando eu me entendi era só do seu Apolônio...o comércio. Era o único comércio que tinha aqui no Médio Itacuruçá. [...] (Entrevista “Azaleia”, 2023)

“Azaleia” traz a memória sobre as palavras de seu avô. Emocionada ela fala sobre os ensinamentos que seu avô trazia e a previsão na diminuição da cultura dos roçados.

[...] e ele [avô de “Azaleia”] falava que ele [avô de “Azaleia”] antes dele morrer, ele falava, ‘Eu posso até não vê, mas vai ter tempo aqui neste centro que um vai gritar pro outro e não vai ser ouvido. A voz não vai ser ouvido...’. [...] É a cultura acabando. Entendeu, porque antes tinha várias roças né, aí tu gritava pro outro, ‘Uh!’. Aí o outro respondia ‘Uh!’. Hoje em dia tu morre e ninguém te responde, sabe. E aí eu fico nessas lições dele que ele nos dava assim que até hoje eu lembro assim dele tá falando [...] (Entrevista “Azaleia”, 2023)

Meu avô materno dizia que eles produziam farinha [de mandioca], arroz, milho, e outros alimentos. “[...] A lavoura agora diminuir mais, quando eu estava mais novo não, a gente produzia era muito. Hoje em dia a gente está fazendo só pra não deixar de fazer, porque ainda se come a farinha [de mandioca]. (CARVALHO, H 2019)”. (Ferreira, 2019, p. 50). E ressalta que “Agora o que tá sendo mais produtivo é o açaizal e lavoura.”<sup>117</sup> Devido ao avanço da idade do meu avô, a lavoura e açaizal são os filhos dele que tomam conta. Seu padraço produzia açaí naquele tempo, “Era só pra beber, agora não, agora se faz mais pra negociar, beber e vender. Mas mais se vende do que bebe.”<sup>118</sup>

Hoje em dia as plantações estão mais voltadas para a maniva, açaí, frutas (cacau, abacaxi, bacuri, cupuaçu, cana de açúcar etc.), plantas medicinais e algumas verduras para utilização doméstica, o excedente vendem na própria localidade ou na cidade de Abaetetuba.

“Azaleia” coloca sua preocupação com relação ao trabalho da agricultura e da olaria, atividades que os jovens não têm interesse. “Rosa” traz o relato de que as mulheres para conseguir o dinheiro delas era necessário trabalhar bastante e até mesmo em várias atividades. “Catinga de Mulata” vai além e diz que as mulheres que faziam estas atividades antes estão ficando idosas, por isso já trabalham menos. E as mais jovens estão procurando estudar para ter um trabalho menos cansativo. “Jasmim” também ressalta que as mulheres hoje em dia têm mais acesso a cursos, recebem auxílios e a modernização foi mudando algumas atividades que elas faziam.

Teve muitas mudanças mesmo, porque a agricultura hoje em dia tá se perdendo né. Os jovens não querem mais saber de...de roça, de... cortar uma lenha. Eles não querem mais saber disso. Então eu acredito que daqui com mais .... uns 20 anos se pegar 20 anos, a agricultura ... vai desaparecer. Igual como a olaria tá desaparecendo né. [...] Eu acredito que se não ter uma .... uma preservação assim dessa cultura .... vai acabar. Daqui com uns 15 a 20 anos vai acabar ... a agricultura. (Entrevista “Azaleia”, 2023)

É por conta que...elas foram ficando já idosas, doentes né. Então elas já não conseguem fazer [as atividades da roça, de apanhar açaí etc.] por conta da saúde... né. Já são bem poucas, que ainda fazem esse tipo de atividade. E as mais novas também não querem né. Quem é que quer um trabalho braçal pesado nesse sol quente, aí já são bem poucas. [...] querem estudar para ter um trabalho melhor né e menos cansativo. (Entrevista “Catinga de Mulata”, 2023)

Olha ... porque tudo vai modernizando né. Aí já vão adquirindo outras coisas. Aí hoje já tem o bolsa família né. Aí tem esses cursos que elas fazem. Aí já vão é.. assim se desenvolvendo melhor. Aí elas já não querem mais esses trabalhos né. Olha hoje ninguém quer mais amassar açaí com a mão né. [risadas]. Se falarem em amassar com a mão é uma briga [risadas]. É bom mas ninguém quer andar com a mão preta e com a unha ruída. [risadas]. Todo mundo tem a sua máquina [de bater açaí], tem sua

<sup>117</sup> Entrevista concedida a Thiago da Luz Ferreira: inédito. Belém: Trabalho de Conclusão de Curso, 2019.

<sup>118</sup> Entrevista concedida a Thiago da Luz Ferreira: inédito. Belém: Trabalho de Conclusão de Curso, 2019.

máquina de lavar né... Aí tem algumas que fazem esses cursos. Aí já fazem um crochê, uma coisa, uma costurazinha. Aí já não vai se empatar em Olaria. (Entrevista “Jasmin”, 2023)

Olha.. o serviço de olaria tu vê que é só homem né. Eu vi, uma olaria dali do Demetrinho, quando ele era vivo. Quando eles iam trabalhar...era mulher que trabalhava. Era umas três [...] essas três mulheres trabalharam... Isso a mais de 25 anos atrás.[...] Aí elas trabalharam. Hoje não [as mulheres não estão trabalhando mais nas olarias apenas os homens.]. Aí depois disso eu não vi mais mulheres [trabalhando nas olarias]. Isso porque elas queriam trabalhar pra ter o dinheiro delas.[...] Eu ainda trabalhei na olaria [ com o marido]. Eu cheguei a bater telha [...] Na farinha [de mandioca], eu coava, descascava a mandioca. O que eu não fazia era mexer a farinha. Já fui passar lenha [com marido] [...] E hoje eu fico pensando, ‘Égua, eu já fiz um bocado de coisas’. Antigamente era preciso, hoje não. Hoje já tem o bolsa família que ajuda muito. Tem muita gente que diz que não ajuda, “ajuda”, sabia? Ajuda porque eu ia fazer serviço porque a gente não tinha dinheiro. Porque a gente queria sabonete. Queria ter um leite e não tá só no chá, né o café. Comprar 100 gramas de café, tinha que regar. E hoje não. Hoje o bolsa família tem ajudado e outras coisas. (Entrevista “Rosa”, 2023).

Apesar de todas as dificuldades no trabalho pesado da roça e da olaria, é importante ressaltar que essas atividades são tão importantes e garantem o sustento, alimentação e dignidade para a comunidade de Itacuruçá. Com as diversas mudanças ao longo do tempo no Itacuruçá, atualmente percebe-se algumas diferenças entre homens e mulheres nos locais de trabalho. Nas atividades das olarias, “tirar” o barro e “apanhar” o açaí, os homens são unânimes. Em tempos passados existiram mulheres que ‘apanhavam” açaí e também trabalhavam nas olarias<sup>119</sup>, pois os trabalhos eram mais voltados para a agricultura e olarias. “Azaleia” faz essa distinção dos trabalhos dos homens e das mulheres.

É olaria é mais é homem. A roça é por igual, homem e mulher é porque a mamãe roça também. Apanhar açaí também, não tem, não tem diferença também que tanto homem quanto mulher né apanha. Só que tipo...diminuiu né, diminuiu muito porque antes as mulheres, elas eram mais... apanhavam açaí direto. Hoje em dia não. Elas não querem nem saber, vão desbulhar. (Entrevista “Azaleia”, 2023)

As minhas filhas apanharam açaí. Eu não sei subir, mas a gente ia pro mato debulhava. Hoje as mulheres falam assim: ‘Ah, eu vou estudar. Sabe, eu vou estudar, eu quero ter meu dinheiro, eu quero me formar.’ Porque só pra te ver, eu terminei meu Ensino Médio... eu já tava com neto. Aí eu tentei fazer [a prova do Processo Seletivo Especial (PSE) Quilombola], mas aí por causa da minha saúde, por causa da saúde, aí eu disse ‘Não’. Eu tive AVC. Aí não teve, eu disse: ‘não, eu não vou esquentar a cabeça’. Porque, porque tu vai esquentar a cabeça ali nos estudos. [...] Aí eu pensei ‘Égua, eu já tenho os meus filhos e agora eu tô cuidando de neto’. Aí eu disse ‘Ah não, eu vou ter que deixar [o neto] e ir pra Belém’. Hoje não, tem [PSE-Quilombola] em Abaeté.[...] Mas naquele tempo era mais pra Belém. Aí eu disse ‘Eu ir pra Belém e deixar meus filhos aqui, pra fazer a universidade pra lá, não.’ Mas eu gostava assim

---

<sup>119</sup> Neste aspecto as mulheres que “apanhavam” açaí mesmo grávidas e trabalhavam em olarias, são diferenciais. Hoje estas atividades são tradicionalmente desenvolvidas por homens, sobretudo pelo uso de força física. O que nos faz quebrar alguns estigmas com relação à mulher.

[de estudar, ler]... sabe. Aí hoje muitas...olha eu vejo assim e digo 'Poxa!'. Muitas senhoras, jovens senhoras...[estudando] (Entrevista "Rosa", 2023)

Hoje elas estão presentes em diferentes espaços comunitários, diversificaram o ambiente de trabalho. Contudo ainda há algumas restrições de cargo para as mulheres nos ambientes religiosos, seja católico e igrejas neopentecostais evangélicas na Assembleia de Deus. Mesmo assim elas participam dos cultos religiosos destas denominações. Há também a participação delas nas religiões afro-brasileira presente no Itacuruçá<sup>120</sup>.

Nas residências e nos roçados de mandioca, açaí e outros locais, as mulheres se fazem presentes majoritariamente realizando as mais diversas ocupações. Participam também dos movimentos de educação e na associação quilombola ARQUIA estão reivindicando melhorias e protagonizando lutas em benefício coletivo.<sup>121</sup> Elas são maioria com funções essenciais aos cuidados da saúde, na UBS.<sup>122</sup> "Azaleia" comenta que as mulheres procuram mais diversidade de atividades, entre estas o cultivo de plantas ancestrais e medicinais, e coloca que os homens não se interessam muito.

Ah...meu Deus.[risadas] Porque...somos mais inteligentes.[risadas]. Não, eu acho que assim, as mulheres elas tem mais um jeitinho assim né. Apesar de...não sei, a gente procura, nós mulheres...a gente procuramos, tudo a gente procura pra fazer. Os homens já não. Os homens já querem mas...se eles tiverem só uma coisa pra fazer, eles querem fazer só isso. E nós mulheres não, a gente quer diversidade, vai faz uma coisa aqui, faz uma coisa ali.[...] É a gente caçar serviço na verdade é isso mesmo. (Entrevista "Azaleia", 2023)

Durante as observações pude perceber que assim como em outras comunidades, por conta de todas estas atividades que as mulheres participam, elas chegam a possuir "[...] carga de trabalho diária superior a dos homens, mas em se tratando de momentos de lazer e descanso elas sempre destinavam um período inferior para usufruir." como nos informa também Denise Cardoso (2000, p. 4). No dia marcado das entrevistas, quando eu chegava em suas residências elas ainda estavam ocupadas, seja com atividades domésticas, reuniões, na igreja, na UBS, roça, entre outras tarefas da rotina diária dessas mulheres.

Novas atividades estão surgindo com as tecnologias e as antigas estão com dificuldades em continuar, como ressalta "Jasmim" que as olarias estão definhando devido a dificuldade de acesso do barro, ao preço elevado dos materiais e aos salários diários. Dessa forma, o dono

---

<sup>120</sup> Tópico abordado mais à frente.

<sup>121</sup> Tópicos abordados mais à frente.

<sup>122</sup> Vê adiante no capítulo 4.

da olaria não está conseguindo manter. A baixa produção é apontada por Salomão Santos (Ubuntu [...], 2021) devido que os oleiros não se atevem à chegada da tecnologia, maquinários.

E a olaria também já não tem quase. E as olarias que tem já estão quase tudo parando que tudo tá caro, o barro tá caro, a lenha tá cara... A diária tá cara. Aí o [proprietário] que trabalha na olaria, já não tá tendo condição de manter. [...]. O barro tá muito longe e caro. [...] As mulheres iam pra ajudar os maridos, porque só o que eles ganhavam não dava. (Entrevista “Jasmim”, 2023)

Aqui na comunidade já não querem... Muitas olarias já fecharam porque já não tem a... matéria prima, né que já não tão achando aquele barro bom. Eu falei pro menino que tira [o barro]... Ele disse ‘E tem que ir em tal lugar que tem barro bom’. Aí quando ele trazia, o [marido] dizia ‘ê, com esse barro não dá para fazer telha’. Ele dizia ‘Ah pra tal lugar...’, mais longe. Aí mas já tá caro lá, o cara tá cobrando tanto aí já tava difícil. Antes, logo que eu vim morar aqui no Itacuruçá, ali na beira alta tirava barro bom, sabe. Nessa beirada quando a gente passava o pessoal tava tirando barro, aqui no São João, eles ficavam mexendo aí foi acabando. Aí foram cada vez mais longe. [...] Aí limpa aquilo, vai tirando até chegar no barro. [...] Aí já tá difícil. [...] (Entrevista “Rosa”, 2023)

Chega o desenvolvimento, a tecnologia, a mecanização, ninguém se atevem a esse processo né. Por falta de dinheiro para fazer investimento nas máquinas e equipamentos, porque eram unidade familiar, unidade é... artesanal e não tinha recurso pra isso. Então ela começa a entrar na decadência né e hoje mesmo está bem declinado esse processo. (Salomão Santos, Ubuntu [...], 2021)

Azaleia elenca algumas mudanças no Itacuruçá ao longo do tempo. Durante as entrevistas percebi que as interlocutoras, “Rosa”, “Catinga de Mulata” e “Jasmim” ressaltaram que a tecnologia, “progresso” vindo através da energia elétrica e outros equipamentos, máquinas, etc., mudaram alguns aspectos na comunidade. Para elas, em alguns pontos a mudança foi positiva e em outros foi negativa.

[...] Aí já veio... a escola ampliou. Aí já veio a Unidade de Saúde. Já abriram mais um ramo tipo... né ali. Já veio a iluminação pública, energia pública. Já veio a prova dos quilombolas. Muita coisa mudou, mudou muito, muito mesmo. Já veio a internet né [...] mais recente. (Entrevista “Azaleia”, 2023)

Mudou... Mudou e nós ficamos tudo vadios. É... porque... olha... eu tive quatro filhos, eu descia com os meus filhos, [...] não tive quem me ajudasse. Eu tinha que descer o miritizeiro segurando num pau assim, quando tava muito liso. Eu ia lá quando a água tava baixa. Eu ia lá no final e vinha com a panela e andava mais de dez metros da cozinha pra chegar lá no fogão. Eu andava dentro da casa, mais de dez metros. Aí colocava na Tina [pote de barro] a água. Aí amassava açaí na mão e ainda tinha que... que eu passava a água ia passando assim no pano pra vê se ficava aquela água clara, quando eu tirava sabe... era umas três tinas. Na terceira, a água era clarinha. Aí pegava batia açaí. Assava a comida e ainda ia pro mato tirar... e tudo era na hora já tava tudo... sabe. Aí o... quando o [...] [marido] chegava o neném já tava banhado, tudo pronto, lavava roupa né. Hoje tem máquina. [...] E hoje que tem tudo [...] tem geladeira, só abre pra tirar o açaí e as coisas geladas. Tem fogão. Tem máquina pra ti bater roupa, né tem tudo e atrasa tudo. Atrasa tudo... E ainda compra... e ainda liga ‘Ei, eu quero tá um litro de açaí’, que já vem batido. ‘Ei traz um frango aqui pra mim’.

Tú já nem saí da tua casa e tudo atrasado. A tecnologia ajuda e ao mesmo tempo atrapalha, e nós vira vadio. (Entrevista “Rosa”, 2023)

Mudou muito...olha ...muitos... em muitos pontos a mudança foi boa...em outros porque tudo tem os prós e os contra né [risadas]...Em outros o ruim foi que... a violência aumentou né, e aí... as drogas que a gente não via, hoje na nossa comunidade a gente já ...Então o que foi de ruim foi esse lado né da violência. [...] Bom. O lado bom é que... veio a energia, com a energia né a gente já pode ter... uma vida melhor né, porque antes quando não tinha a energia só era peixe salgado... (Entrevista “Catinga de Mulata”, 2023)

O que faz mal pra população?... O que eu acho é a droga que vai envolvendo a juventude né, droga e álcool. [...] Porque antes não tinha essas coisas, aí vai chegando o “progresso”, mas a perversidade também vai chegando junto. (Entrevista “Jasmin”, 2023).

As mudanças no tempo e espaço, neste sentido, podem ocorrer no cotidiano destas comunidades, por exemplo por imposições ou acontecimentos externos à esta realidade. Com o avanço da tecnologia, a violência também vai aumentando. Ferreira (2019) enfatiza que com isso dificultam e/ou diminuem as razões para as estratégias econômicas não formais a partir dos grupos de ajuda mútua, como o sistema de criações de meia e as trocas. “A gente cria e quando o animal já está bonito, ficando adulto, eles vêm e levam. Eu tinha um patarrão, e quando fui ver de manhã já tinha sumido.” (*ibid.*, p.61)

Uma série de fatores pode contribuir para o enfraquecimento dessas relações [relações de reciprocidade e ajuda mútua]. As principais provavelmente vêm da intensificação das relações de mercado, mas outras questões também apareceram nas entrevistas. De acordo com moradores um destes fatores é aumento -concreto ou apenas “sentido” - o nível de criminalidade aumentou. Com isso essas estratégias, como exemplo a “criação de meia”, estão cada vez mais inviáveis. (Ferreira, 2019, p.60)

Durante a nossa viagem para tomar a segunda dose de vacina contra a covid-19 no Médio Itacuruçá<sup>123</sup>, fomos visitar nossos parentes<sup>124</sup>. Visitamos o tio materno do meu esposo e que mora na comunidade. Em meio à nossa conversa, meu esposo perguntou sobre o poço que eles fizeram para criar peixes, tinha várias espécies. Então ele respondeu que roubaram todos os peixes, quebraram o reservatório e escoaram toda água. A quantidade era em torno de 27 peixes. “A criminalidade está muito grande, antigamente não era assim. As casas não tinham porta, era só mesmo a porta do quarto. Podia ficar as coisas tudo do lado de fora que ninguém mexia. [...]” (Ferreira, 2019, p.61).

---

<sup>123</sup> Essa foi a terceira ida à comunidade no período da pandemia de covid 19.

<sup>124</sup> Seguimos todos os cuidados recomendados, máscara facial, distância e ventilação do ambiente.

Nesse momento lembrei de um período, em que não tínhamos energia, minha avó, minha mãe, meus parentes e as pessoas em geral no Médio Itacuruçá diziam que dormiam de janela aberta e ninguém entrava e nem levava nada. O tio do meu esposo disse que antes não tinha janela, era tudo aberto mesmo e as pessoas viviam bem porque não levavam nada de ninguém. Meu esposo ainda chegou a ver na casa do irmão do seu avô materno, as portas e janelas tinham apenas um pano para cobrir. Então o tio do meu esposo relatou que eles compraram madeiras e arame para cercar o terreno.

O aumento da violência gera desconfiança. O que faz com que as pessoas comecem a construir cercas e muros em seus quintais, as casas estão sendo gradeadas, o que vai modificando com o passar do tempo as paisagens, e as relações sociais na comunidade.

Com o tempo outras demandas foram surgindo no Itacuruçá. Com a abertura do ramal, as pessoas tiveram mais acesso até a cidade através dos ônibus. Assim, no transporte da comunidade até à cidade e vice-versa, além dos ônibus temos as figuras dos rabeteiros<sup>125</sup>, e os barcos que fazem esse trajeto diariamente. Desta forma, ocorre uma interação entre comunidades e cidades.

A circulação de pessoas da comunidade até a cidade aumentou consideravelmente devido às necessidades de transações (compra e venda de produtos), para garantirem os itens que não estão disponíveis no território. Na comunidade, aos poucos, foram se impondo algumas instituições do mundo globalizado, como as atividades de comércio, por exemplo. Alguns moradores possuem comércios com produtos alimentícios, produtos de higiene, entre outros que suprem as necessidades das pessoas, quando não podem ir até a cidade de Abaetetuba.

O ir e vir até a cidade, se tornou essencial também pela relação de saberes com a educação e a escola. Pois uma boa parte da juventude local estuda fora do espaço rural, por não haver escolarização de nível regular e mais aprofundado, como o ensino médio regular e o ensino superior. Além da busca por cursos profissionalizantes na cidade, currículos, empregos, documentos etc.

Há as pessoas que buscam atendimento, tratamentos médicos especializados e consultas médicas na cidade. Na comunidade há uma UBS (Unidade Básica de Saúde), no entanto caso as pessoas precisem fazer exames é necessário ir até a cidade. Os atendimentos

---

<sup>125</sup> Moradores que trabalham como condutores transportando pessoas e materiais das ilhas até a cidade, vice-versa, nas rabetas.

na unidade são de baixa complexidade, mas ocorre falta de material ou remédios, então os comunitários direcionam-se para Igarapé-Miri ou Abaetetuba, dependendo da urgência e do estado do paciente.

Em primeiro lugar, fica claro que as fronteiras persistem apesar do fluxo de pessoas que as atravessam. Em outras palavras, as distinções de categorias étnicas não dependem de uma ausência de mobilidade, contato e informação. Mas acarretam processos sociais de exclusão e de incorporação pelos quais categorias discretas são mantidas, apesar das transformações na participação e na pertença no decorrer de histórias de vidas individuais. (Barth, 1969, traduzido por Élcio Fernandes, p.188)

É importante definir que estas características e interações dentro de um grupo étnico, como as populações quilombolas, foram construídas por meio de experiências coletivizadas, lutas e reivindicações, em que os quilombolas mantiveram e ainda mantêm contatos com as cidades. Assim, mesmo com esses fluxos de pessoas entre a comunidade e cidade, ainda permanecem características econômicas e de sociabilidades diferenciadas, que nos moldam e nos constroem como ribeirinhos e quilombolas.

### 3.1.2 A participação das mulheres quilombolas nas instituições religiosas no Itacuruçá

Mulheres e homens participam das diferentes religiões presentes no Itacuruçá. Na pesquisa não há um consenso do início das instituições religiosas do Centro de Terreiro de Tambor de Mina e da Igreja Católica, mas de acordo com os moradores esses dois segmentos são bem antigos. A data mais precisa relatada na pesquisa foi da Igreja Neopentecostal Evangélica Assembleia de Deus. Segundo os mais velhos relataram em meados de 1943 a 1948, chega na comunidade de Itacuruçá a primeira missionária, neopentecostal evangélica da Igreja Assembleia de Deus, que veio da vila de Beja. Antes desse período não havia relatos de moradores que participavam da religião evangélica.

Nos tempos bem antigos haviam as pessoas que tiravam reis. E depois os que tiravam reis juntamente com os devotos da Igreja Católica que encontraram a imagem da Santa Nossa Senhora de Nazaré em um pedaço de madeira que estava no rio, acrescentando por isso a denominação de Pau Podre<sup>126</sup>. Assim a comunidade católica do Médio Itacuruçá ficou conhecida como Nossa Senhora de Nazaré do Pau Podre e começaram a fazer as reuniões. E mais à frente a vinda da Igreja Neopentecostal Evangélica Assembleia de Deus.

Ressalto aqui a Igreja Neopentecostal Evangélica Assembleia de Deus porque atualmente é a igreja mais preponderante em números na comunidade com três templos na

---

<sup>126</sup>Em referência à madeira encontrada com a imagem da Santa Nossa Senhora de Nazaré que insistentemente, a cada lance vinha na rede de pesca dos pescadores do Médio Itacuruçá.

comunidade Igarapé São João (Subsede, Peniel e Monte Sinai). Além de mais uma outra denominação a Igreja Neopentecostal Evangélica da Convenção Interestadual das Assembleias de Deus do Serviço de Evangelização dos Rios Tocantins e Araguaia (CIADSETA) fundada no ano de 2012, na localidade do Rio Itacuruçá presente com mais três templos (Monte das Oliveiras, Emanuel e Filadélfia). Depois vem a Igreja Católica com apenas uma igreja presente na comunidade, a Paróquia Nossa Senhora de Nazaré do Pau Podre. O local do Terreiro de Tambor de Mina não existe, mas atualmente ocorrem apenas reuniões esporádicas com algumas pessoas em outros espaços.

Depois que a Igreja Neopentecostal Evangélica Assembleia de Deus chegou no Itacuruçá, ela impôs os seus dogmas e regras através do processo de “Evangelização” aumentando consideravelmente o número de adeptos e igrejas na comunidade.

Segundo esse segmento religioso, no processo é necessária uma mudança no modo de vida, e uma vivência segundo os critérios, regras e normas “pregadas” por essa igreja. Ocorre um conflito velado pois para conseguir adeptos, desqualificam as práticas culturais e religiosas ancestrais dessa comunidade quilombola, como o Terreiro de Tambor de Mina e até mesmo o uso de imagem e estátuas muito presentes na Igreja Católica.

De acordo com a lei Nº 9.459, de 13 de maio de 1997 que altera os artigos. 1º e 2º da Lei nº 7.716, de 5 de janeiro de 1989 para definir os crimes resultantes de “discriminação ou preconceito de raça, cor, etnia, religião ou procedência nacional.” e também acrescenta ao art. 140 do Decreto-lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940, Código Penal, a reclusão de 1 a 3 anos e multa para esses crimes.

Art. 20. Praticar, induzir ou incitar a discriminação ou preconceito de raça, cor, etnia, religião ou procedência nacional.

Pena: reclusão de um a três anos e multa.

§ 1º Fabricar, comercializar, distribuir ou veicular símbolos, emblemas, ornamentos, distintivos ou propaganda que utilizem a cruz suástica ou gamada, para fins de divulgação do nazismo.

Pena: reclusão de dois a cinco anos e multa. (BRASIL, lei Nº 9.459, de 13 de maio de 1997)

No Terreiro de Tambor de Mina no Itacuruçá, as mulheres participavam e os homens também. A casa era de um pai de santo homoafetivo que morava na comunidade. Não tenho muitas informações sobre como organizava-se as funções e participação dos membros, pois quando o pai de santo<sup>127</sup>, responsável pelo terreiro saiu da comunidade eu estava entrando na adolescência e não frequentava as reuniões.

---

<sup>127</sup>Nascido e criado na comunidade do Médio Itacuruçá.

Na Igreja Católica do Itacuruçá os coroinhas são maioria meninos ou homens, entretanto pode haver meninas ou mulheres para o servir no altar, e serem ministrantes da eucaristia também. Entretanto não há de acordo com o regime dogmático a ordenação de mulheres para o sacerdócio. Ministério sacerdotal como Padre, Frei, diáconos são só homens que podem participar. A participação maior das mulheres no trabalho da igreja católica é das Freiras que podem desempenhar diversas funções na igreja, como formadoras, “pregadoras”, possuem uma vida consagrada a Deus, fazem votos de obediência, castidade e pobreza, mas não podem celebrar a missa como os padres fazem.

Na Igreja Neopentecostal Evangélica Assembleia de Deus do Itacuruçá, como já exposto no capítulo 2, entre as 5 primeiras pessoas citadas da comunidade que “converteram-se” através da missionária, apenas 1 era mulher. Apesar da missionária ser uma mulher, ela ainda possui, segundo os preceitos bíblicos, o papel subordinado ao seu marido ou a autoridade do pastor.

Atualmente as mulheres participam e são maioria. No entanto, para cargos como diáconos, presbíteros e pastoreio em que organizam a Ceia, a doutrina da Bíblia e ensinamentos dos membros na igreja, os homens lideram. Há pouquíssimas ministrantes mulheres. Os pastores são de forma unânime homens e a figura da mulher dentro desta igreja é voltado mais para “ajudadora”, “auxiliadoras” no trabalho da igreja e com as crianças.

Percebe-se que nos segmentos das igrejas neopentecostal evangélica e católica os homens possuem funções de autoridades, manuseio da palavra, sermão, celebração de ceia e missa, doutrina. Enquanto que as mulheres em sua maioria estão voltadas apenas aos cuidados dos templos, crianças e orações.

O tratamento paternalista de algumas instituições e|ou do Estado com os povos e comunidades tradicionais, reflete também uma herança colonial do patriarcalismo, por meio de algumas religiões cristãs monoteístas, em que o homem é a “cabeça” (centro) da casa, figura primordial, sendo a mulher sua ajudadora com papel coadjuvante<sup>128</sup>. Essa ideologia colonial que ainda está presente funda uma colonialidade do ser, poder e saber.

Na Colonialidade do Saber, o Eurocentrismo<sup>129</sup> possui a perspectiva hegemônica de civilização e conhecimento a ser seguido pelos outros. Sendo estes outros povos considerados, de forma racista e preconceituosa, ignorantes e que precisavam ser “civilizados”.

---

<sup>128</sup>Deve-se ressaltar que mesmo entre os membros que participam destas religiões há divergências nesse posicionamento.

<sup>129</sup>Ideologia defendida por setores conservadores principalmente entre os homens brancos europeus heterossexuais cristãos ou em defesa destes.

Walter Mignolo (2008, p. 239) ressalta essa herança colonial pois “O Novo Mundo e a América são invenções europeia-cristãs, cujos agentes foram as monarquias e, em seguida, os estados-nacionais do Atlântico.”. As missões religiosas estavam presentes durante o processo de colonização, dominando territórios com a ideia de expansão das religiões cristãs monoteístas como única para “salvar” a humanidade. Cria-se segundo essa ideologia uma perspectiva binária entre o bem - mal, a salvação - perdição, céu - inferno, homem - mulher, e outras categorias para designar todas as formas de relações. Nesta concepção não existe meio termo ou terceira perspectiva como forma de definição, há apenas uma opção ou outra.

Essa perspectiva binária, dualista, de conhecimento, peculiar ao eurocentrismo, impôs-se como mundialmente hegemônica no mesmo fluxo da expansão do domínio colonial da Europa sobre o mundo. Não seria possível explicar de outro modo, satisfatoriamente em todo caso, a elaboração do eurocentrismo como perspectiva hegemônica de conhecimento, da versão eurocêntrica da modernidade e seus dois principais mitos fundacionais: um, a ideia-imagem da história da civilização humana como uma trajetória que parte de um estado de natureza e culmina na Europa. E dois, outorgar sentido às diferenças entre Europa e não Europa como diferenças de natureza (racial) e não de história do poder. Ambos os mitos podem ser reconhecidos, inequivocamente, no fundamento do evolucionismo [social] e do dualismo, dois dos elementos nucleares do eurocentrismo. (Quijano, 2005, p.122)

O Eurocentrismo também influenciou o início das disciplinas na ciência moderna, como a antropologia, por exemplo, onde as pesquisas em geral tinham objetivos exploratórios e colonizadores destes povos, tratando-os como selvagens e primitivos. Por isso, durante o período aproximado da década de 1860 até meados da 1ª Guerra Mundial, nas ciências sociais instaurou-se a primeira corrente teórica hegemônica, o Evolucionismo Social. Segundo esse padrão de pensamento, o centro da civilização seria a Europa, onde todas as sociedades passariam por estágios até atingir o ápice europeu, ideias essas defendidas por teóricos evolucionistas Lewis Henry Morgan, Edward Taylor e outros.

Quijano (2005) informa que há uma inferiorização racial dos demais povos do sul global, “Sob essa codificação das relações entre europeu/não-europeu, raça é, sem dúvida, a categoria básica”. Essa suposta superioridade e inferioridade “natural” configuram-se, segundo ele, em uma operação mental de Colonialidade do Ser nas relações intersubjetivas.

[...] Dois processos históricos convergiram e se associaram na produção do referido espaço/tempo e estabeleceram-se como os dois eixos fundamentais do novo padrão de poder. Por um lado, a codificação das diferenças entre conquistadores e conquistados na ideia de raça, ou seja, uma supostamente distinta estrutura biológica que situava a uns em situação natural de inferioridade em relação a outros. Essa ideia foi assumida pelos conquistadores como o principal elemento constitutivo, fundacional, das relações de dominação que a conquista exigia. Nessas bases, conseqüentemente, foi classificada a população da América, e mais tarde do mundo, nesse novo padrão de poder. Por outro lado, a articulação de todas as formas históricas de controle do

trabalho, de seus recursos e de seus produtos, em torno do capital e do mercado mundial. (Quijano, 2005, p.117)

Esses teóricos evolucionistas começam a construir a categoria “raça” para estabelecer diferenças entre europeus e não europeus, e deixam de lado no que de fato é a estrutura diferencial entre esses povos que são a história de poder (visão de mundo| ideologia), a definição do conceito de relações sociais, econômicas e com a natureza.

Por exemplo, com o avanço do capitalismo liberal no norte global, também construiu-se a ideia de “mercado”. Essa ideia era defendida por autores economistas como Adam Smith, com o objetivo de dominação e exploração de povos e territórios, o que trouxe a expansão para levar “progresso” e “modernização”. Entretanto entre esses diversos povos já haviam formas diferentes de relações socioeconômicas por meio das trocas de produtos, objetos etc. e outros sistemas, que tinham outros valores em perspectiva.

E estes valores são tão relevantes que ainda hoje estas relações de ajudas mútuas e sistema de trocas, sem a utilização de moeda ou dinheiro, estão presentes em algumas comunidades e povos tradicionais mesmo com a presença do mercado formal como já foi exemplificado anteriormente. E defendidos também por teóricos antropólogos como Bronisław Kasper Malinowski em 1922 com a obra *Os Argonautas do Pacífico Ocidental*, em que descreve a cultura dos habitantes das Ilhas Trobriand, na Melanésia através do sistema do Kula, as trocas ocorridas entre os moradores nestas ilhas.

Essas diferenças são essenciais para entender a cultura e valores daquela comunidade em relação a outra, o que motiva uma e não motiva a outra em relação a esses sistemas? Qual é o maior bem, há algumas similaridades apesar das diferenças? Essas e outras indagações não necessitam ser elencadas em uma evolução racial, mas em constructos ideológicos, socioculturais, políticos, econômicos e religiosos diferentes. Atualmente a antropologia estuda as relações dessas sociedades com objetivos de compreender o ser humano e suas múltiplas culturas nos contextos que vivem.

Durante a formação das comunidades quilombolas de Itacuruçá até os dias atuais houveram mudanças. Atualmente o que mudou de forma mais efetiva no tempo da comunidade, nessa perspectiva religiosa seriam atividades impositivas talvez vindas de fora. Por exemplo quando chegam os primeiros missionários “evangelizando”, impondo seu modo de vida, em detrimento da cultura dos moradores da comunidade. Começam a construir as primeiras Igrejas Neopentecostal Evangélica Assembleia de Deus, mudando aos poucos nosso

ritmo de festejar das danças, costumes como as festas juninas, o batuque que tinha na casa de tambor de mina, os quais já não tem mais. E outras imposições colocadas de acordo com as normas morais e éticas dessas igrejas monoteístas cristãs. Essa forma de “evangelizar” trazem consigo condições estruturais vindas do sistema colonial e que nos afetam de alguma forma.

Contra essas intolerâncias sobre a cultura quilombola, as religiões africanas, e a valorização da mulher em todos os espaços, entre outros fatores preconceituosos e racistas, é necessária uma convivência baseada no respeito mútuo de gênero e na diversidade religiosa como valor comunitário. Assim de acordo com o que é estabelecido nas legislações do Brasil que é preconizado como estado laico, respeito às comunidades quilombolas, religiões afro-brasileiras, mulheres, negras e negros, LGBTQIAPN+, as pessoas com deficiências.

### 3.1.3 Processo de escolarização: História da luta pela educação no Itacuruçá

O acesso à educação pública e ensino básico para os povos tradicionais e população negra e periférica no Brasil foi impulsionada pela luta dos movimentos sociais que buscavam por melhores condições ou a construção de políticas públicas na educação, saúde, trabalho, moradia, e a garantia de no mínimo alcance a outros direitos sociais. Essas populações foram subalternizadas pelo Estado, que não lhes possibilitou durante muito tempo o acesso aos direitos fundamentais. Estes movimentos ampliaram-se e instituíram o processo de democratização da educação, como exemplo temos a população quilombola.

A educação com ensino e leituras no período anterior ao ano de 1945, era quase inexistente no Itacuruçá. Entretanto, segundo relatos apenas três moradores adquiriram a aprendizagem da leitura; uma delas foi a Sr.<sup>a</sup> Raimunda Cruz que passou a ensinar suas filhas (os) e sobrinhas (os), durante o intervalo do almoço na roça.

A Educação na comunidade teve início [...] a partir da necessidade de se ler as cartas, as quais eram um dos meios de comunicação fundamental da época <sup>130</sup>. Segundo a Sr.<sup>a</sup> Josias Rita Barreto da Costa, de 63 anos, residente na localidade desde o nascimento: [‘] Minha avó a Sr.<sup>a</sup> Raimunda Cruz era uma das três pessoas que adquiriu esse conhecimento. [...] por esse motivo, sentiu a necessidade de educar seus filhos e sobrinhos, a mesma não tendo recursos, passou a ensinar-lhes escrevendo na areia e na folha de sororoca, quando estavam na roça, no intervalo do almoço. Depois de algum tempo, teve a ideia de fazer o abecedário em caixas de papelão, conseguindo assim alfabetizar a sua família, de onde surgiram os seguintes professores: Antônio dos Santos Carvalho e a Sr.<sup>a</sup> Luzia dos Santos Pinheiro. Ele conhecido por Zinho Cruz e ela por Sr.<sup>a</sup> Lulu. Aproximadamente no ano de 1947, surgiram várias turmas num

---

<sup>130</sup>Minha mãe relata também que as notícias, recados para parentes e familiares eram dadas na rádio, principalmente com relação aos avisos de óbitos, entre outros assuntos.

local denominado Mal-Acabado, o qual é conhecido atualmente por [...] Itacuruçá [?] ([entrevista] COSTA, Josias. 2014) (Pastana, 2015, p. 49).

De acordo com o Projeto Político Pedagógico (PPP) da EMEIF Professor Raimundo Bandeira (2020, p. 6) os estudantes não tinham escola e o ensino “funcionava em barracões da Igreja [...] [católica] local, em casas cedidas pelos moradores e até mesmo em casas de olarias”, debaixo de mangueiras entre outros espaços.

As dificuldades naquele período eram muitas e devido a falta de recursos financeiros para comprar as folhas de papel, canetas e outros materiais escolares, a Sr<sup>a</sup> Raimunda Cruz usava a sua criatividade a partir do recurso existente na natureza, na roça e outros locais, por exemplo escrevia na areia e na folha de sororoca<sup>131</sup>, fez o abecedário em caixas de papelão e desta forma foi ensinando para os demais moradores, eles narram na pesquisa de Pastana (2015).

Não havia material didático gratuito, para adquirir esse material os alunos tinham que juntar cuúba<sup>7</sup>[Frutinha da bucubeira que os alunos juntavam era usada para fazer sabão, eles trocavam na mercearia com folhas de papel] e até mesmo a farinha para trocar na mercearia com folhas de papel, para poder então, confeccionar os cadernos que eram costurados pelas mães dos educandos. Nessa época só existia lápis ([Entrevista] PINHEIRO, Apolônio [77 anos]. 2014)

Para fazer a lapiseira usava-se o bico de pena de pato que era molhado no tinteiro, o qual era feito da casca do piquiá, do açai e do urucum [e a borracha era o dedo indicador dos alunos]. ([Entrevista] COUTO, Julio.[83 anos] 2014)

As letras eram feitas em manuscrito e paleógrafo, os livros utilizados eram a cartilha do ABC, Cartilha Popular 1º Livro e a Tabuada que não poderia faltar no recurso do professor não podia faltar giz, quadro negro, régua e principalmente a palmatória, a qual contribuía para que os alunos tivessem mais temor e respeito pelo educador ([Entrevista] COUTO, Raimundo. [86 anos] 2014) (Pastana, 2015, p. 49).

Os antigos moradores de Itacuruçá, e segundo o PPP da EMEIF Professor Raimundo Bandeira<sup>132</sup>, organizado também por eles, traz a afirmação que no início essa escola era chamada de Escola do Rio Itacuruçá, não tinha um nome específico.

O desenvolvimento educacional da escola teve início em 1945 e na época denominava-se Escola Municipal do Rio Itacuruçá. [...] Quem iniciou esse trabalho foi a professora Damiana Diogo [de Carvalho] Barreto. [Filha de Raimunda Cruz] (PPP da EMEIF Professor Raimundo Bandeira, 2020, p.6)

---

<sup>131</sup> Planta muito presente na comunidade de Itacuruçá.

<sup>132</sup>A primeira escola que foi inaugurada na comunidade do Médio Itacuruçá (São Judas Tadeu), ramal do Santo Expedito no período de 1945.

Neste documento é narrado que em 1950 o senhor Raimundo Nonato Torres Bandeira (40 anos de idade)<sup>133</sup>, chega no Itacuruçá, veio acompanhado de sua noiva e torna-se sócio do irmão dela em um comércio na comunidade. Onde passou a residir e abriu um externato que é um “[...] (tipo de reforço escolar praticado em residência particular muito utilizada na época para a alfabetização de crianças). [...]” (*Ibid*, p.7).

[...] Em 1951, Raimundo Bandeira casa-se com Líbia e o casal fixa residência no rio Itacuruçá. Logo depois, Líbia Solano Costa Bandeira é nomeada professora, para a escola pública inaugurada naquele rio e Raimundo Bandeira passa a dividir as atividades da escola com a esposa. A escola ensinava da alfabetização ao 3º ano primário. Raimundo e Líbia moraram no Rio Itacuruçá até 1960. Aí tiveram 4 filhas: Águeda Maria, Ana, Líbia e Maria Goretti. Na casa, as margens do rio Itacuruçá, o casal administra a escola, atividades de coleta, agricultura, pesca, criação, um pequeno telheiro para construção de montarias e remos, etc. Entretanto o que mais entusiasmava o casal era a escola. Procuravam sempre oferecer o melhor possível na tarefa de educar. Quando as filhas chegam ao final das séries oferecidas no sítio (4ª série), a família precisa mudar para a cidade. A sobrinha Luzia, que morava com eles e já ajudava na escola assume como professora. [...] Em 2002, a escola do rio Itacuruçá, é reinaugurada em novo prédio [salas]. A sobrinha, professora Luzia Ferreira Rodrigues, solicita à prefeitura que seja feita uma homenagem ao professor Bandeira, pioneiro daquele projeto, no que é atendida e a escola então passa a chamar-se ESCOLA MUNICIPAL DE ENSINO INFANTIL E FUNDAMENTAL RAIMUNDO BANDEIRA [...] (PPP da EMEIF [Professor] Raimundo Bandeira, 2020, p. 7-8).

A escola [Professor] Raimundo Bandeira, inaugurada em 2002, possui em sua infraestrutura seis salas de aula, uma secretaria, uma sala de leitura, uma cozinha, um depósito, quatro banheiros femininos e quatro banheiros masculinos. Conta com 16 funcionários, sendo eles: responsável, professores, porteiros, vigias, merendeiras e serventes. A escola oferece a educação para as turmas de: Maternal, Educação infantil I e II, Ensino fundamental do 1º ao 5º ano e EJA (Educação de Jovens e Adultos). (Santos, S.C.; Santos, E.S.C., 2023, p. 30)

---

<sup>133</sup>Nasceu no município de Pombal, estado da Paraíba. Seus pais eram pequenos proprietários rurais, 12º de 14 filhos. Aos 4 anos de idade perde sua mãe, sendo cuidado por suas irmãs mais velhas. E aos 18 anos de idade perde seu pai. Começou a viajar aos 27 anos em vários estados do Brasil. Era um verdadeiro autodidata pois exerceu atividades de comércio, auxiliar de farmácia, secretário em um colégio católico, marceneiro, comerciante, agricultor, escriturário, professor, fotógrafo e outras profissões nas cidades de Petrolina em Pernambuco, região da Bahia e Maranhão. Em 1940 Raimundo Bandeira chega a Belém do Pará, e dois anos depois viaja para Abaetetuba, pois conhece um proprietário de embarcações e começa a trabalhar para ele como escriturário e leciona para os filhos dele, abrindo um externato. Alguns anos depois começa a namorar a jovem senhora Líbia Solano da Costa, tomando-se noivos e depois casaram.

**Figura 6- EMEIF Professor Raimundo Bandeira**



**Fonte:** [w.w.w.google.com.br/maps](http://w.w.w.google.com.br/maps). Captura da imagem: ago.2012. Acesso em: 20/10/2024.

Minha mãe ressalta que a minha avó materna foi aluna do professor Raimundo Bandeira. Na pesquisa de Pastana (2015) um dos entrevistados citou o nome do professor Raimundo Bandeira, figura marcante em suas lembranças.

Nesse sentido, o Sr. Apolônio informou que: Esses alunos contaram com o apoio do professor Raimundo Torres Bandeira que era paraibano, uma pessoa muito culta que foi a peça fundamental na educação. Era exigente, porém respeitado. Sempre no final de suas aulas, os alunos cantavam o Hino Nacional e o Hino à Bandeira todos os dias ([Entrevista] PINHEIRO, Apolônio. [77 anos] 2014) (Pastana, 2015, p. 49-50)

Pastana (2015, p. 50) afirma que “Com o passar do tempo, outros professores surgiram, a professora Damiana Barreto (in memoriam) e a professora Luzia Carvalho [in memoriam] que ensinavam na própria casa ou em outros espaços cedidos.”

Entre o trabalho na roça havia também o tempo de estudo, nas palavras do meu pai, “Nós ia pra escola lá na casa do tio mimico [esposo da Luzia Carvalho] e de lá nós íamos pro centro almoçar na roça, uma hora, uma e meia da tarde. E não tinha merenda na escola, às vezes tinha um leite só. Nós levava merenda pra merendar lá.”. O Sr. Dilo Couto também traz as lembranças desse período.

[“]Cada aluno levava a sua merenda e na maioria das vezes era preciso dividir com os colegas que não tinham. As mães colocavam o que sobrava do jantar como: Uruá, Mamoré, ovos, camarão, peixes, farinha e etc. O transporte escolar não existia, as crianças iam para a escola em canoas, cascos, outras iam pelo caminho a pé e descalços, pois não tinham recursos para comprar calçados.[”] (COUTO, Raimundo. [86 anos] 2014) Nesse tempo era difícil ver passar no rio um barco ou batelão, segundo o Sr. Dilo Couto, o transporte mais utilizado na época eram os dois acima citados. (Pastana, 2015, p. 50)

A educação no Itacuruçá era muito difícil, além da carga horária de trabalho ser grande, também poucas pessoas sabiam ler. Uma delas era a senhora conhecida como Luzia Carvalho [in memorian], e também a senhora Joanita [in memorian] que aprenderam a ler. Elas com muitas dificuldades de material, espaços, merenda etc., resolveram compartilhar seus conhecimentos e cederam uma sala em sua residência para ensinar quem quisesse aprender. As séries eram do abc até 3ª e 4ª série do ensino fundamental. Meu pai foi um dos alunos e ficou estudando. No entanto, quando terminou as séries iniciais na comunidade, não pôde continuar os estudos na cidade porque não tinha condições financeiras.

Da minha infância eu lembro que nós estudávamos com a tia Luzia lá pro Baixo [Itacuruçá] [risadas]... Nós ia de canoa pra lá né...estudava lá na casa dela mesmo. Depois nós viemos a estudar na casa da tia Joanita...[...] A gente já estudamos a 1ª série com ela [tia Luzia], aí a 2ª série nós já viemos a estudar aqui com a tia Joanita né. [...] (Entrevista “Catinga de Mulata”, 2023)

Um dos pontos relevantes sobre a história da educação na comunidade do Itacuruçá, é que as mulheres sempre estiveram e, ainda estão envolvidas com o processo de ensino e educação. Podemos perceber que todos os professores na comunidade de forma unânime foram e ainda são as mulheres<sup>134</sup>, antigas e atuais moradoras que deixaram seus descendentes neste local.

[...] a gente estudava lá pra Baixo, estudava com a Damiana [filha de Raimunda Cruz]. Aí depois passamos com a Tia Luzia [Luzia Carvalho], com a Josias [filha de Damiana], com todas essas [mulheres] nós estudamos. Com a Joanita [...] (Entrevista “Jasmim”, 2023).

[...] ela [Damiana] deu aula lá pra baixo. Lá na vila deles, lá perto da assembleia, era pra lá que ela dava aula. Então o pessoal daqui iam de canoa pra lá estudar com ela.[...] Pra lá que eles moravam. Aí eles só vieram morar pra cá com a tia zó, só depois ixi...Depois de muito tempo que ela já veio pra cá, foi quando ela adoeceu, e ela já veio morar pra aí com a tia zó. Eles já moravam na casa do Charles lá. Era até uma casa de madeira. Ela era do mesmo tempo da Tia Luzia, a Luzia dava aula na casa dela e ela também na sua casa. Mas aí a tia Luzia ainda conseguiu dar aula aqui nessa escola [Professor Manoel Pedro Ferreira]. Ela [Tia Luzia] ainda veio dar aula aí nessa escola quando era duas salas né. Aí ela [Damiana] não, ela não veio dar aula aí, eu não me lembro dela ter dado aula aí, eu não me lembro. Da tia Luzia eu me lembro bem.(Entrevista “Catinga de Mulata”, 2023)

E em alguns casos a profissão de professora passava de mãe para filha na comunidade, como aconteceu na família da srª Raimunda Cruz, uma das primeiras professoras, que começou a ensinar suas filhas e filhos; Das quais algumas seguiram a mesma profissão de

---

<sup>134</sup>Atualmente a maioria das professoras no Médio Itacuruçá são evangélicas da Assembleia de Deus. Em quantidade reduzida temos as católicas. Percebe-se uma ausência das professoras do terreiro de tambor de mina, ou de religiões afro-brasileiras.

Raimunda também, por exemplo sua filha Damiana Diogo de Carvalho Barreto. Depois a neta de Raimunda Cruz, Josias Rita Barreto da Costa, e a bisneta Josiane da Costa Baía. Esta última tornou-se professora em uma escola na comunidade e depois trabalhou na cidade de Abaetetuba onde reside atualmente.

Em 1963, aos 13 anos, a professora Josias Rita Barreto da Costa, filha de Damiana Barreto, começou a lecionar “[...] ajudando sua mãe nas tarefas escolares, sendo remunerada por ela na folha de pagamento da Prefeitura. Por ser menor de idade, somente aos 25 anos, após a aposentadoria de sua mãe, ela passou a assumir a turma por conta própria.” (Pastana, 2015, p.50)

Minha avó e meu avô maternos apesar de terem uma rotina bem cansativa devido ao trabalho na roça, chegaram a estudar até a 3ª série do fundamental menor na comunidade durante esse período. Mesmo com as dificuldades, os meus avô e avó maternos sempre prezavam pela educação dos seus 11 filhos. Tinham que ir pra Abaeté estudar porque não tinha estudo continuado na comunidade, era mais anos iniciais do fundamental até 3º ou 4º série. Existiam apenas duas professoras para ensinar e que pertenciam à comunidade. Quem quisesse continuar os estudos tinha que ir para Abaeté.

Minha mãe conta que quando tinha por volta de 8 anos de idade, no período de 1969, ela e o seu irmão mais velho passaram a morar com sua avó materna, em Abaetetuba. Enquanto seus pais ficavam na comunidade trabalhando na roça e na olaria para mantê-los na cidade. Anos depois conseguiram um quartinho alugado para ficar enquanto estudavam nas escolas públicas disponíveis, eram as escolas Professor Basílio de Carvalho e a Pedro Teixeira em Abaetetuba. Depois que sua avó materna faleceu, sua mãe e seu pai foram para Abaetetuba e conseguiram alugar um espaço maior, e ficaram morando por um período de um ano todos juntos. Sempre quando chegava final de semana e entrava de férias, feriado no estudo retornavam para a casa deles na comunidade.

Depois minha mãe foi morar com a tia materna Antônia. Minha mãe diz que “passava semana em abaeté estudando e todo final de semana vinha embora, sábado e domingo vinha embora para a comunidade.”. Conseguiram terminar os estudos até a 7ª série em Abaeté.

Anos se passaram e a comunidade recebeu apoio tanto da Prefeitura do município, quanto do Governo Federal, e, em 1970, surgiu o Projeto “MOBRAL” [Movimento Brasileiro de Alfabetização] que teve início com a professora Maria da Salete da Costa Couto com uma turma de 50 alunos que funcionava na casa do Sr. Manoel Pinheiro da Costa (in memoriam), mais conhecido como “Piquiá”, irmão da referida professora. (Pastana, 2015, p. 50).

Eu trabalhei eu acho que uns dois anos [como professora]. Só que nesse tempo né, a gente não tem com o que provar. Nesse tempo nem tinha computador, [...] trabalhei dois anos parece no MOBRAL. [...] Só que nesse tempo não era registrado né como fica agora. Eu trabalhei no MOBRAL e trabalhei no pré-escolar que eu era professora do Baco<sup>135</sup>, do Duca<sup>136</sup>...[risadas]. Toda essa galera era meu aluno.<sup>137</sup> (Entrevista “Jasmim”, 2023)

À medida que foi aumentando o número de pessoas e crianças na comunidade, aumentou também a necessidade de professoras e de um espaço próprio de uma escola para organizar melhor os estudos no Itacuruçá. Com muitas lutas, a comunidade se uniu em mutirão para arrecadar materiais de construção e iniciar a edificação de uma sala de aula feita pelos próprios moradores na comunidade. “Catinga de Mulata” (2023) diz que depois de muitos anos de lutas “[...] que aí foi feita uma sala... Aí depois foi crescendo [o número de turmas] né. Aí foi havendo a necessidade de mais [salas de aulas]... Aí já fizeram duas salas, e aí...eu já estudei na Manoel Pedro Ferreira.”. Também “Jasmim” (2023) completa que “Teve uma sala aí que foi a comunidade que construiu. Que o pessoal se reuniu e construiu uma sala. Aí foi construída essa escola, agora que já ampliaram mais.”

Meu avô gostava de ajudar a comunidade assim como os demais moradores do Itacuruçá. Quando era necessário ajudava para construção de espaços comunitários, ele doava material, telha, tijolo e cimento, seja na construção das igrejas católica e evangélica, escola, barracões e etc.; Ou quando era necessário ajuda para outras questões fazia doação em dinheiro, o que lhe cabia no orçamento, como ele mesmo falava “nunca desprezei a comunidade”. Ele e outros moradores foram patrocinadores tanto com material de construção, mão de obra, alimentação com lanches e almoço para os trabalhadores.

O que eu me lembro dessa escola aí né... que ela tinha duas salas [de aulas][...] E a comunidade daqui ela fez...é...uma sala. Porque eu morava bem aí e veio muito cimento, teve cimento que estragou...Aí era muita madeira... era muita...Esse como é que no... vermelhão, era muito, era tinta. Foi a prefeitura que mandou. Aonde a gente...ali a sala ali, aquilo ficou cheio de coisas que era pra fazer pra ampliar. Aí a comunidade ela fez uma sala de aula. Aí eu me lembro [...] era muita gente que pegava o carrinho de mão jogava ... Égua!...Pensa em uns machos que aterraram fizeram quando...gastaram alio seu tempo. Foram as primeiras sala porque precisava de sala de aula. Aí a comunidade foi e fez essa sala foi pro lado daqui...já era no tempo da [diretora] Josias, eu acho...Aí eu sei que fizeram. Quando a prefeitura já veio para fazer outra sala, ela só fez isso aqui...pá...pá... E olha a comunidade ...perdeu... porque na hora que colocaram a placa foi a prefeitura...prefeita, prefeitura que fez tudo e a comunidade não fez nada. Não deram crédito pra dizer...olha essas salas

---

<sup>135</sup> *In memorian*

<sup>136</sup> *In memorian*

<sup>137</sup> A filha mais velha de Jasmim estava presente e fala nesse momento que quase todas as mulheres dessas mais antigas já foram professoras e cita algumas delas.

quem foi que fez foi a comunidade. Ninguém se interessou. Uma vez eu tava conversando com um senhor, ele disse ‘É tá aí oh... prefeitura, mas eu vim pra cá... era sol e chuva aí e a gente trabalhando. Cadê o nosso nome? Cadê tudo? A comunidade do Itacuruçá ajudou a construir uma sala de aula e nada comunicaram.’ (Entrevista “Rosa”, 2023).

Apesar de todos os esforços dos moradores da comunidade de Itacuruçá para construir uma sala de aula, fica evidente nas falas de “Rosa”, “Jasmim”, “Catinga de Mulata” e outros moradores, a insatisfação devido ao não reconhecimento dos órgãos públicos pelo trabalho feito por eles. “Rosa” (2023) relata ainda que quando ocorreu a inauguração da escola colocaram a placa na entrada da escola, desta forma, PREFEITURA DE ABAETETUBA sendo que a prefeitura não deu material e nem pagou pedreiro para fazer, mas todo esse trabalho fora feito pelos próprios moradores da comunidade de Itacuruçá.

No dia 15 de agosto de 1980 a escola do Médio Itacuruçá com duas salas de aula foi inaugurada com o nome do professor Manoel Pedro Ferreira. Ele faleceu por afogamento durante suas idas e vindas de uma outra escola próxima ao rio Itacuruçá, durante o período de construção da escola do Médio Itacuruçá, e resolveram fazer uma homenagem ao referido professor.

Após vários anos de muita luta, a comunidade [“] ganhou [”] uma escola com 02 (duas) salas de aula, tendo como nome MANOEL PEDRO FERREIRA, em homenagem a um professor que morreu afogado na época em que estavam construindo a referida escola, a qual foi inaugurada no dia 15 de agosto de 1980 na administração do Prefeito Municipal Ronald Reis Ferreira. (Pastana, 2015, p. 50)

Ele era um professor [Manoel Pedro Ferreira], esse um. Só que ele morreu afogado. Ele era lá do Arumanduba, parece. Ele morreu afogado, aí fizeram uma homenagem pra ele.[...] Assim eu vejo falarem né.[...] Não ele nem veio pra cá dar aula eu acho...fizeram uma homenagem pra ele. [...] (Entrevista “Jasmim”, 2023)

Mesmo com a inauguração de duas salas de aulas, que funcionavam o ensino fundamental menor, havia outras turmas que realizavam aulas em um barracão comunitário ao lado da igreja católica. No barracão não tinha paredes, as turmas dos alunos eram divididas por compensados, blocos de madeira (geralmente o barulho de uma turma atrapalhava as demais) e outras turmas ficavam em espaços cedidos das residências dos moradores.

Na comunidade, existiam várias crianças com necessidades educacionais especiais que estavam afastadas da escola e no ano de 1989. A professora Salete foi chamada para participar de um curso de formação intitulado “Cursos Adicionais”. Após essa qualificação, iniciou-se uma turma de Educação Especial que funcionava em sua própria casa, em virtude de não ter espaço na escola. Após alguns anos, o número de

alunos foi aumentando e formaram-se três turmas, sendo que uma foi assumida por mim, Orquídea Pinheiro Pastana, que iniciei o meu trabalho nesta instituição de ensino no ano de 1988 com a 1ª turma de Educação Infantil. (Pastana, 2015, p. 51)

A educação no Itacuruçá era do ensino infantil, pré-escolar até a 4ª série do ensino fundamental menor. Uma das dificuldades era a ausência das séries seguintes para a formação do fundamental completo. A perspectiva de continuar os estudos na comunidade era repetir as séries já existentes, como foi o caso de “Catinga de Mulata” (2023) que sentia a necessidade e curiosidade no aprendizado, mas as turmas não avançavam, o que a fez desistir de estudar. “[...] Aí da tia Joanita já passamos pra tia Zó já aqui do Manoel Pedro Ferreira. Já estudei a 3ª e 4ª série que eu repeti 4 anos...porque não tinha [as outras séries] na época. E depois eu enjoei e disse que eu não ia mais estudar.”. Seria necessário sair da comunidade e ir para a cidade para continuar a partir da 5ª série do ensino fundamental em diante, entretanto nem todos tinham condições financeiras para se manter e estudar em Abaetetuba.

Os moradores percebendo que era difícil a possibilidade de saírem do território para continuar os estudos em Abaetetuba, sentiram a necessidade de lutar e reivindicar junto à prefeitura as séries seguintes, para assim concluírem os estudos na comunidade.

[...] E, na entrevista que tivemos com o Coordenador do Conselho Escolar da época, o Sr. Sandoval Sena dos Santos, morador da localidade há 63 anos, relatou -nos que: A luta pelo Ensino Fundamental maior começou no ano de 1995, quando houve a mobilização da comunidade em geral e da Secretária de Educação do Município que nesse período era a senhora Raimunda Nonato Parente, conhecida como Cenita, a qual comunicou a responsável da escola, a prof.ª Josias Rita Barreto da Costa de que existia um projeto para o funcionamento das turmas de 5ª a 8ª série, o SOME. [Sistema de Organização Modular de Ensino] (SANTOS, Sandoval 2014) [...] (Pastana, 2015, p. 52)

[...] Somente em 1996 foi implantado nas comunidades ribeirinhas dos rios Ajuai, Furo Grande, Itacuruçá e Urubuêua o Projeto de Organização Modular de Ensino (SOME), no intuito de suprir a demanda educacional existente no ensino fundamental dessas comunidades. (Cláudia Miranda *et al.*, 2020, p. 73-74).

O SOME é uma modalidade de ensino onde os professores da cidade organizam-se em ciclos com em média 5 professores de diferentes disciplinas, deslocam-se para as comunidades para lecionar aulas por um período aproximado de 50 dias letivos. Portanto, cada disciplina só será ministrada durante esse período no ano, diferente do ensino regular em que estudam durante a semana, e no ano todo, as diferentes disciplinas. No prazo de dias letivos daquele ciclo finalizado, os professores direcionam-se para outra localidade fazendo um circuito até completar as disciplinas de formação para os estudantes, nas escolas ribeirinhas, indígenas, quilombolas entre outras, localizadas no interior do estado.

As comunidades nos receberam com festa, cantigas, alegria e muito orgulho pela conquista realizada, sentimento externado nos discursos realizados. Os professores ficaram hospedados nas residências dos comunitários, onde também faziam as refeições. É necessário ressaltar que os primeiros meses foram para o processo de adaptação ao modo de vida e as peculiaridades dos diferentes protagonistas da história. Cabe destacar que lideranças comunitárias foram primordiais para resolução dos problemas e implantação do SOME, dentre as quais: na Comunidade de Itacuruçá: Josias Rita Barreto da Costa, Maria das Graças, Sandoval Sena dos Santos, João Pinheiro da Costa [in memoriam], Terezinha da Costa Pinheiro, Joseane da Costa Barreto, Augusto Costa de Carvalho, Simone Costa Sena, Maria da Salete da Costa Couto. [...] Os moradores supracitados mobilizaram as comunidades, [...] ofereceram [...] quartos em suas casas para moradia dos professores e salas com geradores para funcionamento do Projeto SOME. Para melhor compreensão do contexto, a primeira turma apresentava alunos com faixa etária de 16 a 70 anos, a exemplo Sr. João Pinheiro da Costa (Sr. João Cachaça) que relatou por diversas vezes: [...] Não podemos perder o Modular [SOME], esse projeto vai dar futuro para os nossos jovens, voltei para a sala de aula com 70 anos para contribuir com a minha comunidade, precisava de aluno[...]. (Cláudia Miranda *et al*, 2020, p. 83-84)

Em 1996 chega o projeto do SOME<sup>138</sup> no Itacuruçá, onde as pessoas passaram a estudar ensino fundamental maior e também o ensino médio na comunidade (além do ensino infantil e fundamental menor, os quais já eram ofertados anteriormente a este projeto no território). Os movimentos sociais dos ribeirinhos, através da organização da Associação de Moradores das Ilhas de Abaetetuba (AMIA), professores, pais, alunos, moradores e alguns políticos locais que apoiaram o movimento, lutaram para garantir o ensino. Foram muitas dificuldades para a implementação e manutenção do projeto do SOME, mas com muito esforço e determinação conseguiram avançar o projeto no território.<sup>139</sup> De acordo com a professora Cláudia Miranda *et al* (2020, p. 82) o “[...] projeto SOME [fundamental, [...] já tinha sido implantado como projeto piloto no município de Aveiro-PA, nas ilhas de Apacê, Santa Cruz, Brasília Legal e Cametá.”

[...] descobriu-se que existia o SOME que visava levar a educação para os alunos que se encontravam distantes das sedes dos municípios. [...] Em parceria com a SEDUC [Secretaria de Estado de Educação do Pará], SEMEC [Secretaria Municipal de Educação e Cultura de Abaetetuba] e AMIA, trouxeram para a localidade o Projeto SOME que teve início no ano de 1996, com os professores Iorque Garcia, professor de História; Cláudia Miranda, professora de Biologia e CFB [Ciências, Física e Biologia]; Daniel Amaral, professor de Matemática; e Eliana Gonçalves Dias, professora de Português e Artes, os quais foram hospedados na casada Sr.<sup>a</sup> Terezinha Costa Pinheiro, a qual atendeu a solicitação do Sr. Manoel de Jesus Costa e da

---

<sup>138</sup>Desde 2014 o SOME é uma política pública educacional do estado do Pará, por meio da Lei estadual Nº 7.806, de 29 de abril de 2014, que dispõe sobre a regulamentação e o funcionamento do Sistema de Organização Modular de Ensino – SOME.

<sup>139</sup>Mais detalhes sobre a implantação do SOME nas comunidades ribeirinhas de Abaetetuba, ver pesquisa de Cláudia Miranda *et al* 2020.

Secretária de Educação, a prof.<sup>a</sup> Raimunda Nonato Parente, ressaltamos que a Sr.<sup>a</sup> Terezinha Costa Pinheiro cuidava dos [...] [educadores] com muito prazer, lavando, passando e cozinhando sem receber nada em troca. [...] no ano de 1999, formou-se a primeira turma do Ensino Fundamental que foi comemorado com uma grande festa. (Pastana, 2015, p. 52)

Ainda recordo alguns episódios da minha infância, quando minha mãe, meu pai e as minhas irmãs estudavam à noite no SOME. Minha mãe relatou que eles participaram da primeira turma formada com ensino fundamental completo em 1999 por meio deste sistema modular. Os moradores tentaram contornar as diversas dificuldades que se apresentavam, como a falta de energia elétrica, de espaços de sala de aula e outras. Os alunos da turma da noite estudavam em casas com gerador à motor e óleo, através de doações, e o espaço de sala de aula e hospedagem dos professores era oferecido pelos próprios moradores dentro de suas residências.

Como conta minha mãe que para estudar na cidade as famílias tinham que escolher um ou até dois dos filhos, pois só assim todos teriam condições de trabalhar para arcar com os custos de estudo e permanência deles na cidade. Então todos os esforços para estudar dentro da comunidade valia a pena. A minha mãe, seus irmãos e sua irmã conseguiram continuar os estudos e finalizar o Ensino Médio na comunidade por meio do SOME. Meus avô e avó maternos sempre incentivaram seus filhos a estudar, dos 11 filhos apenas 2 não finalizaram as séries. Havia dificuldades devido a rotina cansativa do trabalho pesado, e o aprendizado no período noturno ficava prejudicado, abandonaram a escola e não sabem ler e escrever. Como narra Miranda *et al* (2020, 84) “[...] Outros [alunos], além de apresentarem muitas dificuldades de compreensão, não tinham tempo para estudar, pois trabalhavam em diferentes atividades no intuito de suprir as necessidades familiares.”

A vivência nas ilhas de Abaetetuba apresentou um grande significado em nossas vidas como docentes, pois assistir diariamente alunos saindo de suas atividades cotidianas e, remando mais de uma hora, independente do tempo ou das forças da água, para chegarem à escola, alunos menores carregando seus cascos nos ombros quando seus caminhos ficavam impossibilitados do uso do remo, alunos que chegavam com seus olhos vermelhos dos mergulhos na busca de barro para a produção de tijolos e, ao mesmo tempo, ver este aluno por necessidades pessoais sair da escola deixando seus sonhos, faz qualquer profissional oriundo do meio urbano levantar vários questionamentos sobre sua função social. (Miranda *et al*, 2020, p. 75)

No ano seguinte, [2000] iniciou o Ensino Médio e as dificuldades aumentaram em relação ao espaço físico e, segundo relatos da ex-gestora e professora Maria da Salete da Costa Couto, de 56 anos, informou-nos que algumas turmas foram remanejadas para a Escola [Professor] Raimundo Bandeira, que é a escola mais próxima, outras turmas foram para as casas cedidas onde existia energia a gerador. O tempo foi passando e no ano de 2001 fomos beneficiados com a energia elétrica, contribuindo assim para melhor aprendizagem, principalmente das turmas da noite. O ensino

continuou e, em 2003, a primeira turma do Ensino Médio se formou com uma grande festa em comemoração no Equatorial Parque Clube. (Pastana, 2015, p.52-53)

No dia 26 de dezembro de 2008, os moradores tiveram uma conquista depois de muitas reivindicações: a inauguração pela segunda vez<sup>140</sup> depois da ampliação da escola EMEIF Professor Manoel Pedro Ferreira. “Jasmin” (2023) afirma que “[...] Aí depois que reformaram que já fizeram essa parte lá de trás [e do lado com todas as salas, cozinha, banheiro e etc]. Foi quando foi implantado o módulo [SOME] que ampliaram.”.

[...] Também nesse mesmo contexto, foi percebido em muitos a fome, o cansaço, a vontade de dormir e um organismo debilitado por diversos fatores. Em geral, os alunos que moravam mais distante, trabalhavam na roça ou olarias até às 11h30min. Após essa jornada de trabalho cansativa os alunos levavam entre uma a duas horas para chegar na escola, sendo que os mesmos se deslocavam de diferentes rios (comunidades) [...] (Miranda et al, 2020, p. 85).

Nesse período vinham pessoas de várias comunidades próximas: Alto Itacuruçá, Baixo Itacuruçá, Ipanema, Arapapu, Arapapuzinho, e outras, para estudar no Médio Itacuruçá. Assim os alunos que estudavam no barracão, migraram para a escola depois de sua ampliação em 2008 e puderam ter um espaço de estudo mais reservado em sala de aula. O prefeito de Abaetetuba era o Luiz Lopes, vice-prefeita Antônia Botelho<sup>141</sup>, a governadora Ana Júlia Carepa e o presidente Luís Inácio Lula da Silva conforme consta na placa abaixo afixada nas dependências da referida escola.

---

<sup>140</sup> A primeira inauguração da EMEIF Professor Manoel Pedro Ferreira ocorreu depois da construção das duas salas de aula nesta instituição localizada no Médio Itacuruçá.

<sup>141</sup> Nascida e criada na comunidade de Ipanema no Itacuruçá.

**Figura 7 - EMEIF Professor Manoel Pedro Ferreira e placa de reforma e ampliação da escola**



**Fonte:** Arquivo pessoal da pesquisadora. Registro realizado em 07 de Junho de 2024. À direita o espaço da EMEIF Professor Manoel Pedro Ferreira e à esquerda a placa com dados sobre a reforma e ampliação desta referida escola.

Na escola Professor Manoel Pedro Ferreira do Médio Itacuruçá estudei o ensino infantil, fundamental e médio (SOME). Precisei sair desta comunidade para agregar mais conhecimento. Morei com uma das minhas irmãs em Ananindeua-PA para estudar nível técnico em Vigilância em Saúde em 2014 por meio do Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego (Pronatec)<sup>142</sup> e o ensino superior através do PSE-Quilombola<sup>143</sup> na UFPA em 2015.

Mesmo distante fisicamente da minha comunidade de origem, sempre trago como referências as lições e modo de vida daquele povo humilde e trabalhador. Assim como meu pai, minha mãe, todos os meus irmãos, minhas irmãs e a maioria dos jovens e adultos de

<sup>142</sup> Foi criado pelo Governo Federal na gestão da Presidenta Dilma Rousseff, por meio da Lei nº 12.513 de 26 de outubro de 2011.

<sup>143</sup> Regulamentada nos diversos cursos da Universidade Federal do Pará por meio da Resolução Nº. 4.309, de 27 de agosto de 2012 instituindo assim a reserva de vagas para quilombolas na UFPA. O primeiro PSE-Quilombola na UFPA ocorreu no ano de 2013. A partir da Lei 12.711/2012, mais conhecida como Lei de Cotas Sociais, para estudantes que frequentaram escolas públicas associadas às questões de renda e cor. Esta lei foi sancionada pela Presidenta da República Dilma Rousseff, em 29 de agosto de 2012. Atualizada pelas seguintes legislações, Lei nº 14.723, de 2023 e Lei nº 14.945, de 2024, pelo então presidente do Brasil Luís Inácio Lula da Silva, que renova a política pública de Ação Afirmativa nas instituições federais de ensino, e abre a Reserva de Vagas nas universidades e institutos federais para estudantes indígenas e quilombolas.

Itacuruçá, eu também tive a oportunidade de continuar os estudos e fazer o ensino médio através do SOME dentro da nossa comunidade. Conquistas também ressaltadas por “Jasmin”.

Olha, mudou muita coisa porque antes só tinha até a quinta série né. Aí agora já pode estudar aqui até o terceiro ano [do ensino médio]. Aí tu já sai daqui já pra faculdade [pela conquista do PSE-Quilombola na UFPA]. Aí antes não tinha isso. Pra ti terminar o terceiro ano [do fundamental] tu já tinha que ir pra Abaeté ou pra Belém. E aí saía da comunidade né. [...] Aí já é uma melhoria porque tu já não sai da tua casa pra ...ir morar com outras pessoas. E estuda aqui e fica aqui mesmo com a família. (Entrevista “Jasmin”, 2023)

Desta forma, a luta pela educação iniciou através dos próprios moradores, pela garantia de direitos e cidadania na comunidade quilombola de Igarapé São João, no Médio Itacuruçá. Atualmente os comunitários também estão buscando e reivindicando junto à prefeitura de Abaetetuba a reforma da escola, pois as paredes, o chão e o telhado já estão rachando. Houve algumas reuniões com as lideranças da comunidade de Itacuruçá, a ARQUIA e a prefeitura de Abaetetuba, onde a atual prefeita Francineti Carvalho junto com a vice-prefeita Edileuza Muniz, e o secretário municipal de educação Jefferson Carvalho, comprometeram-se em começar a reforma da escola.

Ainda hoje há duas escolas no Médio Itacuruçá, EMEIF Professor Raimundo Bandeira e EMEIF Professor Manoel Pedro Ferreira e são administrados de forma unânime por mulheres do território, sendo professoras e diretoras. É perceptível também que nas reuniões dos pais nas escolas, as mulheres são maioria, sendo que muitas das vezes aparecem um até três homens.

Constatamos que as mulheres foram e até hoje ainda são a maioria das funcionárias que trabalham na EMEIF Professor Manoel Pedro Ferreira e na EMEIF Professor Raimundo Bandeira. As professoras dessas escolas nas turmas do ensino infantil e fundamental menor e maior são unânimes mulheres do território quilombola de Itacuruçá. Elas também são unânimes que trabalham no serviço gerais (serventes) e que moram na comunidade.

Desde o início do surgimento da EMEIF Professor Manoel Pedro Ferreira em meados de 1976, a diretoria era administrada por mulheres do território. No entanto, no início do ano de 2020 até os dias atuais a diretoria passou a ser administrada por um homem casado com uma professora quilombola do Itacuruçá. Desde o começo da escola os homens participam nas funções de vigia e do conselho escolar.

As primeiras professoras e funcionários foram Orlandina Sena da Costa, (in memorian), Luzia Rodrigues de Carvalho [in memorian], Josias Rita Barreto da Costa,

Maria da Salete da Costa Couto, Orquídea Pinheiro Pastana, Maria Isabel Baía da Costa, tendo ainda como servente a Sr.<sup>a</sup> Ilóssia Mata Carvalho [in memorian] e como vigia o Sr. Domingos da Costa, mais conhecido como “Formigão”. (Pastana, 2015, p. 50).

Podemos perceber nas falas de “Azaleia” (2023) que as mulheres estão buscando mais melhorias no estudo. E com o passar dos tempos devido às lutas e reivindicações da população houve muitos avanços e conquistas na educação.

[...] Porque assim a gente quando tem estudo, a gente tem aquele conhecimento mais...mais abrangendo mais né...E quando tú não tem um conhecimento tu só fica ali naquela coisa. E então agora hoje através do nosso presidente né, nós tivemos a oportunidade de entrar em uma universidade né. O estudo avançou mais, que antes não tinha né. A minha mãe fala que tinha uma escola, que tinha que ir a remo, remando...lá pra baixo pra casa da Dona Luzia que era professora. Então de lá...olha só, a nossa escola como é que tá. Hoje em dia só não estuda quem não quer, né. Então eu acredito que através do estudo nós consegue ter um olhar mais amplo das coisas. E correr mais atrás de melhorias né. ...As mulheres estão mais empoderadas né [Risadas] e estão indo para todos os espaços. [...] (Entrevista “Azaleia”, 2023)

Um desses avanços foi o PSE-Quilombola da UFPA, a partir do ano de 2013 em diante, onde uma quantidade expressiva de pessoas do Itacuruçá teve acesso ao ensino superior, e atualmente já estão trabalhando nas escolas de suas respectivas comunidades.

Nós temos já, graças a Deus, muitos daqui já formados. No dia agora, dia 15 de novembro quando fui falar lá na ARQUIA ali no santo André, eu coloquei para os jovens isso, né, para a gente valorizar e dar crédito para as pessoas que sempre correram atrás desse sonho né. E eu falei para eles, ontem eu ainda falei isso... Eu já tive oportunidades de ir 3 vezes à Brasília né, eu tive a oportunidade de ir. Atravessei o Pará, Tocantins, Goiás, cheguei no Mato Grosso, em 2005. Eu fui discutir a ecologia amazônica pela ARQUIA. E onde nós ganhamos esse a educação do campo. E que tivesse uma renda para ajudar, os pais manterem os filhos na escola. Graças a deus veio a bolsa, se formando e mandando eles para a universidade. E isto está acontecendo, mas ainda os jovens, muitos que ainda não acreditam né. Porque olhe...a minha juventude, eu perdi meu pai com 10 anos, eu perdi meu pai com 10 anos...eu morava lá no alto [Itacuruçá], de lá eu vinha estudar bem aqui [no Médio Itacuruçá]. Eu vinha de lá à remo para estudar aqui, era um professor que tinha aí [...] Então quando eu saía daí, eu ia só deixava a roupa na casa onde morava, e ia almoçar com a minha mãe no beço da roça, aonde esse terreno é nosso hoje. (Entrevista Pinheiro, 2019)<sup>144</sup>

Antes era mais difícil alguém do território conseguir acessar à universidade. Entretanto, algumas professoras que trabalhavam sem formação superior em 2007, tiveram uma proposta da prof.<sup>a</sup> MSc. Idaneide Guedelha, que foi coordenadora do SOME e da Secretária de Educação do Município de Abaetetuba, como Pastana (2015) nos informa.

Em relação ao Ensino Superior, que surgiu em nossa localidade por meio da prof.<sup>a</sup>

<sup>144</sup> Entrevista concedida a Thiago da Luz Ferreira: inédito. Belém: Trabalho de Conclusão de Curso, 2019.

MSc. Idaneide Guedelha que durante muitos anos foi coordenadora do SOME e da Secretária de Educação do Município e, portanto, conhecia a realidade da comunidade. No ano de 2007, foi até a localidade e fez uma reunião com as pessoas interessadas a cursar o Ensino Superior, então a causa foi abraçada. Não só pela vontade, mas principalmente pela necessidade, pois fomos informados que o professor que não tivesse formação superior até 2010 não poderia atuar em sala de aula. Fizemos a prova de seleção e formamos uma turma com 18 alunos, cursando Faculdade particular, as aulas eram semipresenciais, de 15 em 15 dias apenas aos domingos. (Pastana, 2015, p. 53)

Ainda há muitos desafios nas duas escolas presentes no Médio Itacuruçá como a ausência de ônibus escolar para transportar os alunos dos ramais, a ausência de quadras de esporte, ginásio e melhorias na estrutura das escolas. Há outras demandas dos comunitários, pais, alunos, diretoras e professoras, que estão lutando contra a tentativa do governo do Estado do Pará de retirar o SOME e o Sistema de Organização Modular de Ensino Indígena (SOMEI) e colocar o ensino regular com professores vindos das cidades de Abaetetuba, Belém e outras regiões uma ou duas vezes por semana para a comunidade.

“Catinga de Mulata” ressalta que o ensino regular com os professores das cidades não está funcionando na comunidade do Baixo Itacuruçá, precarizando cada vez mais a educação pública do campo, das águas e das florestas.

Aí cada ano eles estão tirando uma série...E provavelmente vai ser trocado o SOME pelo regular.[...] Aí qual a perspectiva de tirar o SOME pra colocar o regular? Os professores vem quando eles quiserem e quando não quiserem não vem. E acontece o que tá acontecendo no Santo André [os alunos estão sem aula na escola no Baixo Itacuruçá] .... E os pais tão fazendo o quê? [...] (Entrevista “Catinga de Mulata”, 2023).

No que concerne à educação nos dias atuais, relataram-nos que ela melhorou muito se comparada com o passado, pois até pobre tem direito a cursar faculdade dentro das cidades, que antes não tinha oportunidade. É preciso também de mais apoio da família, mais investimento do governo e mais interesse dos próprios alunos para que a educação seja cada vez melhor. (Pastana, 2015, p. 54)

O governador do estado do Pará, Helder Barbalho aprovou, em 19 de dezembro de 2024, a Lei nº 10.820/2024. Essa lei foi aprovada de forma repentina, em caráter de urgência na última sessão ordinária do ano de 2024, e de portas fechadas, sob guarda da Polícia Militar na Assembleia Legislativa do Estado do Pará (ALEPA). Enquanto estavam em votação, na área externa ocorriam protestos de uma grande quantidade de professores, alunos e familiares que sofreram diversas violências de policiais militares, com espancamentos, spray de pimenta e balas de borracha. Muitos precisaram de atendimento médico pois ficaram feridos. O Projeto de Lei (PL) foi aprovado com 27 votos a favor e 10 contra.

A Lei nº 10.820/2024 modifica o Estatuto do Magistério Público do Estado do Pará, alterando plano de cargos e carreiras, os sistemas modular de ensino regular e indígena, além da retirada de gratificações e diminuição de salários dos professores da rede pública estadual. Essa lei também abria espaços para a substituição de aulas presenciais por aulas virtuais nas escolas dos interiores do estado, onde localizam-se as populações tradicionais indígenas, ribeirinhos, quilombolas e outros.

A previsão seria de iniciar o ano letivo de 2025 com a oferta do Ensino Médio intermediado por tecnologia via Centro de Mídias da Educação Paraense (CEMEP), queriam implantar mais uma modalidade de ensino pela Educação à Distância (EaD), dificultando o processo ensino e aprendizagem. Professores, pais, alunos, povos tradicionais ribeirinhos, indígenas e quilombolas organizaram protestos e foram tratados com violência pelas forças policiais. A luta é pela garantia que o SOME e SOMEI permaneçam na comunidade, reivindicam “Governador Helder, SOME fica, CEMEP aqui não!”, “Não queremos televisor! Queremos Professor!” e outras frases em protestos e nas redes sociais.

[...] O SOME tá indo embora, né coisas que os nossos pais e que nós também lutamos tanto, mas primeiramente os nossos pais lá atrás...lutaram pra vim pra comunidade, entendeu. Pra agora tá indo devagare os pais e os avós e os outros principalmente os pais não se dispõem pra dizer ‘Não. Nós vamos lutar pra preservar aqui uma coisa que foi meu avô passou fome, minha mãe passou fome’, entendeu. ‘Foi guerreiro pra que viesse pra cá.’ (Entrevista “Catinga de Mulata”, 2023)

De acordo com a Assessoria de Comunicação (Ascom) da SEDUC “[...] cada localidade vai receber uma antena de internet via satélite da Starlink, que garante velocidade de 200mbs, e cada turma vai receber um kit formado por notebook e televisão.”<sup>145</sup>. Isso faz com que aos poucos se retire a importância do professor em sala de aula no sistema modular presencial (SOME|SOMEI) ou no sistema regular presencial. Além de que o ensino EaD vai causar prejuízo ao processo ensino-aprendizagem dos alunos, pois na interação em tempo real e presencial os professores compreendem as dificuldades e dúvidas de cada um, junto da realidade e convivência com o aluno na comunidade. Na educação à distância não terá a mesma perspectiva. Aliás nas comunidades ribeirinhas, quilombolas, indígenas e outras, muitas das vezes faltam salas de aulas e até mesmo energia elétrica, tornando inviável as aulas pelo CEMEP, como apresenta Alessandra Korap.

<sup>145</sup> Fonte: <https://www.seduc.pa.gov.br/noticia/13314-estado-garante-internet-e-educacao-de-qualidade-para-alunos-da-rede-estadual-da-zona-rural-com-kits-bora-estudar>

Hoje aqui os povos indígenas do estado do Pará ocupamos a SEDUC. Aqui está os parentes Xikrins, Tembé, Wai-Wai, os Borari, Arapiuns, Mundurucu né ocupando a SEDUC porque eles tiraram o SOME e o SOMEI da educação indígena. A gente sabe que a precariedade dentro das aldeias é muito grande. O abandono do governo do estado é muito grande, mas estão usando o nosso nome para conseguir benefícios como o crédito de carbono, como ele e também algumas ONGs. Enquanto isso, os alunos estão sendo abandonados e os professores também. Os professores que muitas vezes para chegar na aldeia eles gastam 300 a 400 litros de combustível e também tem que levar a alimentação para passar três, quatro meses dentro da aldeia, às vezes até mais. Agora estão sendo substituídos por uma TV. Imagine uma TV em sala de aula, que tem aldeias que nem escola não tem. Muitas vezes estuda em uma casa de palha, casa caindo aos pedaços e é longe os alunos sair de uma aldeia para outra aldeia porque é muito grande a extensão. O estado do Pará ele tem vários povos mais de 50 povos indígenas. E muitos são falantes. Imagine uma TV falando na língua e os alunos não entenderem o que o professor tá falando na TV. Aula online não serve pra gente. Porque muitos alunos não falam português. Isso é violação de direito, é violação da nossa cultura. Isso é muito grave. E as polícias estão chegando e a gente não vai desistir não, porque o Helder Barbalho vai ter que nos ouvir. Vai ter que sair do buraco onde ele tá escondido porque a gente não se esconde enquanto ele atacou, as polícias atacou os professores no mês passado e nós estamos aqui também. (Redes sociais Alessandra Korap, 14 de Janeiro de 2025)

No dia 14 de janeiro de 2025, professores, comunidades ribeirinhas, quilombolas e cerca de 300 povos indígenas de diversas etnias do Pará ocuparam a sede da SEDUC, em Belém. E ocuparam também trechos das estradas e rodovias federais no estado como a BR-163 e outras em apoio à ocupação da SEDUC, e em protesto contra a lei nº 10.820/2024. Os pontos principais de reivindicações eram a revogação dessa lei e a destituição| exoneração de Rossieli Soares do cargo de secretário de Educação do estado do Pará, responsável pela criação desta lei que retira direitos da educação paraense. Quilombolas, ribeirinhos, comunidades rurais, professores e movimentos populares aderiram às ocupações. Aos poucos o movimento ganhou diversos apoiadores em todo o estado do Pará, à nível nacional e internacional.

Após mais de 15 dias de ocupação, o governo estadual do Pará não se apresentava para reuniões com os indígenas, que solicitaram a presença da Ministra dos Povos Indígenas do Brasil, Sônia Guajajara para fazer a mediação com o governador. Helder Barbalho aceitou receber as lideranças dos movimentos de ocupação. No entanto, a reunião foi marcada por abusos, a forte presença da força militar e fechamento de vias próximas ao Palácio do Governo. As lideranças foram impedidas de entrar com celulares e a imprensa também não pôde acompanhar a reunião, que terminou sem acordo pois a pauta principal de revogação da lei 10.820 reivindicada pelos movimentos não foi atendida pelo Helder Barbalho. Os movimentos começaram a cobrar a presença do Presidente do Brasil Luís Inácio Lula da Silva para intervir em favor da educação paraense, amazônica, ribeirinha quilombola e indígena.

Quase um mês de ocupação da SEDUC, os movimentos foram acionados para participarem de uma reunião que tratou sobre assinatura do Governo estadual e manifestantes no documento Termo de Compromisso para a revogação da lei 10.820/24 e pelo fim da greve da rede pública de educação estadual, desbloqueio de vias e pela desocupação da SEDUC. E no dia 12 de fevereiro de 2025, o Poder Legislativo do Estado do Pará aprovou, por unanimidade, o Projeto de Lei nº 13/2025 que revoga a Lei nº 10.820/24, dando início às tratativas do ano letivo.

Importante ressaltar mais uma vez, que a lei 10.820/24 foi aprovada sem o devido debate público com a população afetada pelas medidas. De toda forma é fundamental o direito das comunidades de serem consultadas pelas autoridades como almejam e que tipo de educação gostariam de ter no território, sem prejudicar os aspectos culturais, educacionais e outros. A ausência de consulta aos povos tradicionais, ribeirinhos, quilombolas e indígenas também viola o direito à consulta prévia, livre, informada e de boa fé aos povos afetados, o que está assegurado na Convenção 169 da OIT, ratificada pelo Brasil, onde não foi respeitado esse processo.

Se nós tivéssemos um protocolo de consulta essa era a minha primeira coisa que iria colocar, nós não vamos abrir mão dos professores daqui, das pessoas que se formaram aqui na comunidade pra ir trabalhar lá pra Belém lá pra Abaetetuba, enquanto vem gente de lá pra trabalhar pra cá. Não, deixa os nossos aqui. [trabalhando na escola da comunidade]. (Entrevista “Catinga de Mulata”, 2023)

Os moradores do território ribeirinho e quilombola de Itacuruçá buscam o estudo na comunidade, uma Educação com professores quilombolas, que entenda a realidade e cultura dos alunos por meio da Educação Escolar Quilombola (EEQ), fortalecendo os saberes e a história coletiva do território, pela contratação dos professores que moram nesta comunidade quilombola. O objetivo é evitar assim possíveis desgastes dos professores da cidade, e oportunizar aumento das vagas de trabalho para a população quilombola e também uma educação voltada para a sua realidade social, econômica, religiosa e ambiental como preconizado pela Resolução nº 8 de 20 de novembro de 2012.

Art. 8º Os princípios da Educação Escolar Quilombola deverão ser garantidos por meio das seguintes ações: I - construção de escolas públicas em territórios quilombolas, por parte do poder público, sem prejuízo da ação de ONG e outras instituições comunitárias; II - adequação da estrutura física das escolas ao contexto quilombola, considerando os aspectos ambientais, econômicos e socioeducacionais de cada quilombo; III - garantia de condições de acessibilidade nas escolas; IV - **presença preferencial de professores e gestores quilombolas nas escolas quilombolas e nas**

**escolas que recebem estudantes oriundos de territórios quilombolas [...]**  
(BRASIL, 2012, p. 6, grifo nosso)

CAPÍTULO IV DA FORMAÇÃO INICIAL, CONTINUADA E PROFISSONALIZAÇÃO DOS PROFESSORES PARA ATUAÇÃO NA EDUCAÇÃO ESCOLAR QUILOMBOLA [...] Art. 47 A admissão de profissionais do magistério para atuação na Educação Escolar Quilombola nas redes públicas deve dar-se mediante concurso público, nos termos do art. 37, inciso II, da Constituição Federal. Parágrafo Único As provas e títulos podem valorizar conhecimentos profissionais e técnicos exigidos para a atuação na Educação Escolar Quilombola, observando a natureza e a complexidade do cargo ou emprego. Art. 48 **A Educação Escolar Quilombola deverá ser conduzida, preferencialmente, por professores pertencentes às comunidades quilombolas.** [...] ( *Ibid.*, p. 16, grifo nosso)

Os professores quilombolas devem firmar um compromisso e comprometimento com a educação, buscando evidenciar aspectos cruciais da comunidade quilombola, por meio de metodologias que valorizam a participação, autonomia e o empoderamento dos alunos, através do fortalecimento da cultura negra e quilombola. O educador ao assumir esse papel, transforma a sociedade, pois reforçam princípios fundamentais como o respeito, a identidade dos alunos, justiça e direitos de terem acesso à cultura e educação voltadas para a conscientização da realidade social, econômica, política e cultural das populações negras.

Assim a aprendizagem e construção da subjetividade ocorrem por meio das diferentes interações vividas na escola e também a partir da construção e da valorização de sua história, das vivências diárias na comunidade em que vivem.

#### 3.1.4 As lutas e a participação das mulheres na ARQUIA

A partir da década de 1990 tem início a luta política pelo reconhecimento das comunidades negras rurais e quilombolas das Ilhas de Abaetetuba. Diversos movimentos sociais contribuíram com levantamento de dados e estudos nestes territórios. O que impulsionou os quilombolas a fundação de uma associação, a ARQUIA,<sup>146</sup> Associação das Comunidades Remanescentes de Quilombos das Ilhas de Abaetetuba criada em 2001 com participação das lideranças representativas de 10 comunidades quilombolas, que são: Tauerá-açu, Igarapé São João (Médio Itacuruçá), Baixo Itacuruçá, Ipanema, Alto Itacuruçá, Arapapu, Arapapuzinho, Genipaúba, Acaraqui e Bom Remédio.

Em 1999, o “Programa Raízes” do Governo do Estado do Pará, o Sindicato dos trabalhadores e trabalhadoras Rurais de Abaetetuba (STTR) e a Comissão Pastoral da Terra (CPT), começaram uma série de reuniões com as comunidades que fazem parte

---

<sup>146</sup>A ARQUIA é uma instituição formal de representação e participação política dos quilombolas. Atuam em prol de sua cultura e modo de vida frente aos empreendimentos prejudiciais ao seu território. As comunidades que compõem a ARQUIA estão interligadas entre si por meio de uma economia autossustentável e de subsistência, voltada para a agricultura familiar.

deste território. Após um processo longo de reuniões, houve um consenso entre os membros das comunidades que a melhor opção era conduzir o processo coletivamente. Pois assim, teríamos mais forças para nossas lutas e reivindicações. Em 31 de março de 2001, foi feita a assembleia geral de fundação da associação com 130 sócios fundadores de [...] [10] comunidades. (Santos, S.C.; Santos, E.S.C., 2023, p. 36)

Eu já estava morando aqui na estrada, eu vim saber aqui. [...] Né, aí eu já tava morando foi quando eles começaram a falar negócio de...é quilombola, essas coisas assim né. Aí no tempo mesmo que já foram falar muito, já foi no tempo daquele governador...Almir Gabriel, ele que deu aquele coisas de terra [ Títulos de Terras]. (Entrevista “Rosa”, 2023).

A primeira titulação foi da comunidade quilombola do Bom Remédio em 05 de maio de 2002 ocorrida pelo ITERPA e a segunda em 05 de junho de 2002 com os títulos coletivos também expedidos pelo ITERPA daquelas nove comunidades quilombolas restantes, supracitadas. E no ano de 2012 receberam a certificação de comunidade quilombola pela Fundação Cultural Palmares (FCP). O objetivo principal era proteger as terras que os moradores quilombolas e seus ancestrais habitavam contra os invasores. Como relata um dos fundadores da ARQUIA, “Sr. Edilson, a luta da associação ‘é uma luta de muitos anos, buscando esses direitos porque durante 350 (trezentos e cinquenta) anos fomos escravizados, e só nos deram trabalho e bordoadas” (MQ1, 2017). [...]” (Rosenilda Botelho Gomes, 2019, p.67-68)

Em pesquisa de campo realizada em fevereiro de 2011 perguntávamos aos moradores do território da ARQUIA sobre as mudanças no seu modo de vida a partir do reconhecimento da comunidade como remanescente de quilombos. Eles nos responderam que a conquista da terra foi a principal mudança, a titulação definitiva há tempos almejada.[...] (Nahum, 2011, p. 94)

O representante legal da ARQUIA era o Sr. Gercino Vilhena da Costa, primeiro presidente desta associação, gestão 2001-2006.

Quando a ARQUIA foi fundada, alguns dos objetivos eram administrar as terras dos Quilombos, buscar projetos para a geração de renda e resgatar a cultura afro-brasileira. O primeiro presidente foi o sr. Gersino, do rio Genipaúba, que conseguiu vários projetos, como: a obtenção de uma “rabetá” para monitorar as comunidades Quilombolas, minicursos de manejo do açaí, piscicultura, criação de galinhas brancas e gigantes negras, porcos e viveiros de mudas, entre outros projetos que não chegaram a ser concluídos, como é o exemplo da fábrica de polpa de açaí no Genipaúba. Desde então, percebe-se que a visão socioeconômica estava lançada, foi nessa mesma gestão que alguns quilombolas foram contemplados com o PRONAF A [Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar], ocorrido no ano de 2004, com o recurso destinado ao manejo de açaí. (Rosenilda Gomes, 2019, p. 67)

Nessa perspectiva, buscando a gestão territorial do seu território, a ARQUIA buscou parceria para que as comunidades recebessem algumas capacitações para o

melhoramento da produção, da geração de renda e da segurança alimentar das comunidades que compõem o território. Através dessas parcerias, foram ministradas oficinas de manejo de açazais, associativismo e cooperativismo, artesanato de sementes, manipulação de alimento, teatro e dança, corte e costura, piscicultura e apicultura. (Santos, S.C.; Santos, E.S.C., 2023, p. 40-41).

A partir da formação da associação quilombola houve conquistas consideráveis no Itacuruçá como o advento da energia elétrica, água encanada no Médio Itacuruçá.

Em uma parceria da ARQUIA programa RAÍZES, do Governo do Estado do Pará, que coordenava a política voltada para as comunidades quilombolas no ano de 2003, o programa RAÍZES fez um convênio com a Companhia de Saneamento do Pará (COSANPA) para a construção de um poço artesiano, o que foi de grande importância para a comunidade, pois sabemos que água potável é saúde, e isso comprovamos através de observação que casos de infecção de diarreia diminuíram na comunidade. A comunidade, juntamente com organizações e movimentos sociais uniram suas forças para cobrar do poder público uma solução para a distribuição de rede de energia elétrica para a sua população. E depois de muitas lutas travadas foi que conseguiu, e no ano de 2001 passou a contar com prestação desse serviço, proporcionando melhor qualidade de vida à sua população. (Santos, S.C.; Santos, E.S.C., 2023, p.33)

No que se refere à área da saúde também houve conquistas por meio das lutas travadas pelas lideranças das comunidades quilombolas na ARQUIA. De acordo com Salomão Santos e Érika Suzane Santos (2023) em 15 de agosto de 2004, essa associação recebeu da prefeitura de Abaetetuba uma ambulância, adquirida pelo governador do Pará naquele período, o que foi motivo de grande comemoração. E a partir do dia 17 de agosto de 2014, a inauguração da Unidade Básica de Saúde no Médio Itacuruçá.

[...] Também destacou que a comunidade em geral, juntamente com as seguintes entidades: Associação dos Remanescentes de Quilombo das Ilhas de Abaetetuba (ARQUIA), Cooperativa dos Produtos de Artefatos de Abaetetuba (COOPROABA), uniram-se e, como resultado, hoje temos energia elétrica, telefone público, posto de saúde pronto para ser inaugurado e tudo isso contribuiu para melhorar a educação na localidade. Conseguimos também uma ambulância, que ajudou salvar muitas vidas. (Pastana, 2015, p. 53).

Tivemos grandes conquistas na perspectiva educacional no ensino infantil e fundamental com a inauguração da Escola Quilombola Santo André, localizada na comunidade do Baixo Itacuruçá no ano de 2006. No que se refere à merenda escolar de qualidade a partir do ano de 2009 em todas as escolas, a Lei nº 11.947/2009 trouxe a inclusão do Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE), em que estabelece ao menos 30% do seu orçamento deve ser destinado à compra de alimentos vindos diretamente dos agricultores familiares. Os benefícios são tanto para os agricultores quilombolas que podem vender o

excedente de sua produção, quanto para os alunos que podem usufruir de uma alimentação balanceada e saudável no combate à desnutrição e obesidade.

A EMEIF Santo André iniciou suas atividades no ano de 1925, ainda em um barracão improvisado por mais de 40 anos, que se fundia em casa/escola, sendo somente alocada em um prédio com plena estrutura física em 2006, construído com recursos do Governo Federal, atendendo reivindicações encaminhadas pela ARQUIA. A história de existência da escola na comunidade se confunde com a luta dos moradores em busca de melhores condições estruturais e reconhecimento legal; assim como o processo de titulação da terra conquistado pela atuação da ARQUIA, os serviços educacionais foram sendo ofertados nos diversos níveis e modalidades em colaboração com Poder Público Municipal e Estadual. (Jefferson Carvalho *et al.*, 2021, p.3)

Segundo o Sr. Salomão da Costa Santos, de 42 anos, coordenador da Coordenação das Associações das Comunidades Remanescentes de Quilombos do Pará (MALUNGU), ex-coordenador da ARQUIA e morador da localidade desde que nasceu, informou-nos que, pelo fato da comunidade pertencer em área Quilombola, um dos benefícios adquiridos foi a merenda escolar diversificada e de melhor qualidade [...] Muitos cursos foram oferecidos, como: serigrafia, alimentos alternativos, cursos de formação para professores sobre cultura afro-brasileira e africana, gestão ambiental, cooperativismo, manejo de açaizal e curso de gestão. [...] (SANTOS, Salomão 2014). (Pastana, 2015, p. 53)

No ensino Superior por diversas lutas dos movimentos negros houve o acesso dos estudantes quilombolas através do PSE-Quilombola na UFPA com reuniões deliberadas no ano de 2012 já com edital de abertura para o ano seguinte.

Em relação à educação, conseguiram a inserção de muitos jovens e também dos adultos no Processo Seletivo Especial Quilombola (PSE), que já inseriu aproximadamente 200 (duzentos) jovens das comunidades quilombolas nas universidades federais. Outro benefício relevante foi a Escola Quilombola Santo André, localizada no Baixo Itacuruçá, que atende mais de 300 (trezentos) alunos de várias comunidades da proximidade. Compreende-se que são várias as lutas e promessas de políticas públicas, contudo, o coordenador de projetos da associação há 10 (dez) anos, o sr. Isaías Rodrigues, já faz destaque em forma de comemoração por essas conquistas coletivas, a saber: projetos na produção de mudas, criação de porcos, galinha, piscicultura, manejos de açaizais envolvendo produção, projeto na área de agroecologia (roça sem fogo) e projetos em parceria com o SEBRAE. “Fizemos exposição de um trabalho sobre o reaproveitamento do resíduo líquido da mandioca, aproveitado para fazer sabão e outros derivados” (Entrevista do MQ2). [...] (Rosenilda Gomes, 2019, p. 68)

Contudo nem sempre nas lutas da ARQUIA houve apenas conquistas, alguns projetos em perspectivas não conseguiram ser finalizados como relata Rosenilda Gomes (2019).

[...] e iniciaram a luta pelo projeto “Juventude Rural”, que tencionava capacitar os jovens para fazer a mediação entre a produção e o respectivo beneficiamento e venda, levando-os não só para o mercado de trabalho, como também para o acesso ao crédito,

para que pudessem desenvolver sua autonomia financeira. Entretanto, foi um projeto que não chegou a uma ação concreta, apenas ficou nas reuniões e formações.[...] (Rosenilda Gomes, 2019, p.68)

Dois outros projetos não conseguiram a continuidade devido a falta de apoio do governo do Pará vigente.

Um deles foi o gaseificador para a produção de energia elétrica através de material orgânico, como caroços de açaí, matéria-prima abundantemente encontrada na região. Surgiu a ideia de se fazer um aditivo ao projeto original, implementando conjuntamente uma agroindústria de beneficiamento de açaí. Com esse ajuste se resolveriam dois problemas: matéria-prima para o gaseificador e o fortalecimento das famílias com trabalho e renda através da agroindústria. Quando foi feita a proposta de se fazer um projeto-piloto em que os parceiros envolvidos fossem a Universidade Federal do Pará e o Governo do Pará, os membros da Associação ficaram entusiasmados. O trabalho começou e quando houve a mudança de governador, paralisou porque o novo governo não continuou, mesmo com todos os esforços da diretoria da associação. (Santos, S.C.; Santos, E.S.C., 2023, p.43-44)

É essencial que se criem políticas públicas de inserção da população quilombola nas diferentes áreas sociais, econômicas e ambientais. E que se fomente acessibilidade e os direitos dessa população em diálogo e participação com eles, o que deve garantir a autonomia de decisão, de acordo com a convenção 169, em defesa de seu patrimônio histórico, sociocultural, econômico e ambiental.

Essas informações mostram que a ARQUIA recebeu projetos e ações, que por falta de acompanhamento técnico por parte do Estado do Pará, através de suas secretarias, não teve capacidade de fazer a gestão e eles não foram bem-sucedidos e a maioria deles não existem mais ou, se existem, não funcionam. O que demonstra, na prática, que as comunidades precisam ter políticas e ações efetivas, capacitações e acompanhamento técnico, para que consigam, na prática, fazer a gestão de maneira efetiva de seus territórios e o Estado, através de seus órgãos é parte principal, pois o trabalho e a obrigação do Estado, não termina com a emissão do título de domínio coletivo as comunidades, mas precisa garantir que essas comunidades consigam, efetivamente, ter condições de manter o bem viver cultural, social e econômico. (Santos, S.C.; Santos, E.S.C., 2023, p.47-48)

Com o passar dos anos a coordenação da ARQUIA se manteve e no ano de 2013 até 2018 a organização passou por algumas mudanças tendo como presidente desta gestão o Sr. Edilson da Conceição Corrêa Cardoso.

A “nova” coordenação, que permanece até a data de hoje (2018), tem como presidente o senhor Edilson da Conceição Corrêa, de 60 (sessenta) anos e outros representantes, como: Isaias Rodrigues (coordenador de projetos); Benedito Batista (secretário) [in memorian]; Vera Lúcia (tesoureira); Esmelino Caripuna (coordenador de esporte); Manoel de Jesus (Duca) [in memorian]; Domingos Pinheiro (Coordenador de Patrimônio) (Bico); D. Maria da Luz; D. Cesarina; e, o Sr. Benilson, que também

fazem parte da coordenação. Assim está formada a coordenação da associação, sendo que cada um desses representantes pertence a uma comunidade quilombola das ilhas de Abaetetuba. (Rosenilda Gomes, 2019, p.67)

Podemos perceber que ao longo das gestões na ARQUIA, foi aumentando o número de mulheres participando na coordenação dessa associação. Por exemplo, na vigência da gestão do ano de 2013- 2018 onde o presidente foi o Sr. Edilson da Conceição Corrêa Cardoso, a coordenação teve a participação de 3 mulheres quilombolas. Na gestão de 2019- 2023 com o presidente Isaías Neri Rodrigues houve a participação de 4 mulheres, entretanto de forma ativa apenas uma no cargo de conselheira fiscal suplente pertencente à comunidade do Arapapuzinho.

Mais recentemente, no mês de outubro de 2023 começaram as tratativas para a eleição da ARQUIA. Depois de designarem a comissão eleitoral para organizar o processo da eleição, foi feito em assembleia o edital juntamente com as pessoas presentes e estipulado um período para a inscrição de chapas, junto com os documentos necessários dos componentes destas a serem entregues no mesmo dia do processo de votação.

No dia estabelecido, dia 28 de outubro de 2023 aconteceu a eleição da nova coordenação da ARQUIA. Havia duas chapas, uma composta pelos coordenadores das antigas gestões e uma chapa concorrente, a qual intitulava-se como Resistência Quilombola com a frase política “Na minha associação eu boto fé, porque ela vai ser presidida por mulher.” encabeçada pela Sr. Mayara Abreu, da comunidade quilombola do Rio Ipanema. A referida chapa constituída por universitárias e profissionais formadas das comunidades pertencentes à associação, em sua maioria eram mulheres, e apenas 3 homens nas coordenadorias. A chapa da antiga gestão não apresentou as documentações que precisava para a inscrição, e ficou de fora do processo eleitoral. Então a nova chapa Resistência Quilombola foi eleita a nova coordenação da ARQUIA e também as demais pessoas presentes na eleição aclamaram as novas coordenadoras. Foi a chapa com a primeira mulher quilombola a presidir a ARQUIA e com o maior número de mulheres compondo a coordenação executiva.

No ano de 2024, a ARQUIA firmou parceria com o Coletivo Mãe Preta: Sementes da Ancestralidade<sup>147</sup>, para objetivos de desenvolver, contribuir com melhorias e nas lutas da população quilombola, começam a traçar os primeiros passos de um projeto conjunto.

---

<sup>147</sup>No qual eu tive o prazer de participar sendo uma das 7 mulheres que iniciaram este projeto. Essas mulheres são pertencentes ao território quilombola de Itacuruçá. O Coletivo Mãe Preta: Sementes da Ancestralidade foi criado em 12 de junho de 2023.

A primeira iniciativa junto com as mulheres deste coletivo foi o projeto do Jirau Medicinal Quilombola na Unidade Básica de Saúde do Território do Itacuruçá, localizada no Médio Itacuruçá. O projeto objetiva fortalecer o conhecimento ancestral, principalmente vindo das mulheres quilombolas, transmitido por meio do uso de plantas ancestrais e medicinais. E a confecção de um catálogo dessas plantas medicinais e Plantas Alimentícias Não Convencionais (PANC) já cultivadas pelas moradoras e seus usos. Este projeto vai beneficiar as comunidades do Baixo, Médio e Alto Itacuruçá, Ipanema, Arapapuzinho e Arapapu, os quais formam o aglomerado territorial de Itacuruçá. Em parceria com a ARQUIA conseguimos ser aprovadas no edital do Fundo Casa Socioambiental. O referido projeto está em andamento já com a construção do Jirau, a primeira oficina de preparo da terra, onde foi discutida a importância da terra no cultivo das plantas medicinais e de outros vegetais, bem como preparar um solo rico e saudável por meio da compostagem para o crescimento dessas plantas. E a oficina de plantio onde foram discutidas a importância de cada planta, para qual doença ela combate e seu modo de preparo por meio dos saberes ancestrais com as mulheres mais velhas do território.

Outra conquista que tivemos através da articulação da ARQUIA na presidência de Mayara Abreu, junto à Secretaria Municipal de Educação (SEMEC) de Abaetetuba, foram os primeiros passos para a institucionalização da Educação Escolar Quilombola por meio da posse da primeira coordenadora quilombola do rio Ipanema no município de Abaetetuba. O evento ocorreu no dia 18 de setembro de 2024, em ato realizado na escola Santo Antônio comunidade do rio Ipanema, a Sr. Rosenilda Botelho Gomes toma posse como a primeira Coordenadora de Educação Escolar Quilombola, na Secretaria Municipal de Educação do Município de Abaetetuba.

[...] uma conquista histórica que simboliza a realização de uma demanda importante para nós, quilombolas. Esta conquista é mais um passo na luta por uma educação antirracista que respeite a identidade étnico-racial das comunidades quilombolas, conforme estabelecido pelo Artigo 208 da Constituição Federal e pela Lei nº 10.639/2003. (Mayara Abreu, 2024).

Ainda no ano de 2024 através da ARQUIA, Malungu e outros movimentos negros do Pará, pela luta e o direito das populações quilombolas, negras e tradicionais, conseguiram ampliar o acesso dessa população ao ensino superior, com editais para quilombolas em mais duas instituições além da UFPA. Os editais tanto da Universidade do Estado do Pará (UEPA) quanto da Universidade Federal Rural da Amazônia (UFRA) foram publicados no Diário Oficial da União em 25 de outubro de 2024.

O Processo Seletivo Específico para candidatos Indígenas e Quilombolas com entrada em 2025 (PROSEL ESPECÍFICO QUILOMBOLA/INDÍGENA 2025) na UEPA por meio do Edital 115|2024 e conforme Regimento Geral da UEPA e as Resoluções nº 4.152 e nº 4.176 de 2024 organizadas pelo Conselho Universitário da UEPA (CONSUN-UEPA).

E na UFRA no Pará de acordo com a Portaria nº 1.438 de 03 de outubro de 2024, publicada no Boletim do Pessoal – UFRA, pela Pró-reitoria de Desenvolvimento e Gestão de Pessoal da UFRA (PROGEP-UFRA) e a Resolução nº 895 do Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão da UFRA (CONSEPE-UFRA) de 15 de outubro de 2024. E a abertura do Edital Nº 30|2024 para o Processo Seletivo de Indígenas e Quilombolas (PSIQ/2024) para provimento de vagas nos cursos de graduação da UFRA.

Além disso, para fortalecimento e confraternização da juventude, lideranças e moradores com todo o território quilombola, foi organizado juntamente com a coordenação de Cultura, Esporte e Lazer, o Primeiro Torneio de Vôlei Misto para a participação das 10 comunidades quilombolas, as quais compõem o território da ARQUIA. Este evento aconteceu nos dias 28 e 29 de dezembro de 2024, na comunidade quilombola Baixo Itacuruçá. A coordenação informou que “[...] o torneio promete fortalecer os laços entre as juventudes quilombolas, criar novas possibilidades de lazer e ampliar o espaço para diferentes práticas esportivas no território.”. Também ocorreu uma roda de conversa sobre o tema “Esporte e Lazer para a População Quilombola”.

**Figura 8- Primeiro Torneio de Vôlei Misto da ARQUIA**



**Fonte:** Coordenação ARQUIA 2024.

Portanto faz-se essencial a participação das mulheres quilombolas em cargos e espaços de poder de decisão tanto no ensino através das formações em graduações, em pesquisas de pós-graduações, mestrado e doutorado, mas também em espaços políticos como a ARQUIA, secretarias municipais, prefeituras e outros locais, para assim garantir políticas públicas voltadas para as dores dessa população. Além do fomento à participação das populações LGBTQIAPN+, crianças e juventude, pessoas com deficiências, povos tradicionais, indígenas e de matrizes africanas. Dessa forma garantir a equidade de gênero e de povos em uma luta coletiva pelo bem estar psíquico, físico, ambiental e social.

## CAPÍTULO 4 SABERES ANCESTRAIS E MEDICINAIS DAS MULHERES QUILOMBOLAS DO TERRITÓRIO DE ITACURUÇÁ

### **Vozes-mulheres**

A voz de minha  
bisavó ecoou criança  
nos porões do navio.  
Ecoou lamentos de  
uma infância perdida.

A voz de minha avó  
ecoou obediência aos  
brancos -donos de tudo.

A voz de minha mãe ecoou  
baixinho revolta no fundo  
das cozinhas alheias debaixo  
das trouxas roupas sujas  
dos brancos pelo caminho  
empoeirado rumo à favela.

A minha voz ainda  
ecoou versos  
perplexos com rimas  
de sangue e fome.

A voz de minha filha  
recolhe todas as nossas  
vozes recolhe em si as  
vozes mudas caladas  
engasgadas nas gargantas.

A voz de minha filha  
recolhe em si a fala e o  
ato. O ontem – o hoje – o  
agora.

Na voz de minha filha se  
fará ouvir a ressonância  
o eco da vida-liberdade.

### **Conceição Evaristo**

Neste último capítulo junto com as interlocutoras trataremos sobre a agricultura, não somente como meio de subsistência, mas também é uma atividade que proporciona saúde em seus diversos âmbitos físico, psíquico, sociabilidades, ambiental, entre outros. Saberes ancestrais das mulheres quilombolas no Itacuruçá, com relação à saúde e as plantas ancestrais

e medicinais. Conhecimentos, plantas e cuidados “cultivados” por elas em aprendizado com as suas ancestrais ao longo de gerações, onde o acesso à saúde era principalmente através das plantas. Atualmente com as conquistas na comunidade, como a Unidade Básica de Saúde, faz de grande importância principalmente em situações extremas por exemplo durante o período de pandemia de covid-19. Ressalta-se o fortalecimento desses saberes e lutas por direitos, pois o território também enfrenta as consequências das mudanças climáticas, que já estão tendo efeito na agricultura e na vida comunitária de Itacuruçá.

#### **4.1 A subsistência pela agricultura familiar e cuidados ambientais: Gênero, território e ancestralidade**

O cultivo de plantas reflete um conjunto de saberes, práticas e crenças ancestrais e atuais, repassados ao longo de gerações. Homens e mulheres estão envolvidos no trabalho da agricultura desde o começo de formação do Itacuruçá, plantavam e ainda plantam de tudo como “Catinga de Mulata” ressalta que não existe a mulher só plantar um determinado tipo de planta ou fazer um determinado tipo de trabalho. Na agricultura homens e mulheres trabalham juntos. Entretanto podemos apontar algumas diferenças de finalidade do modo como as plantas ancestrais e medicinais são utilizadas pelas mulheres, daquelas usadas por poucos homens atualmente no Itacuruçá.

A atividade de agricultura com as roças de açáí, maniva e outras são realizadas tanto por homens quanto por mulheres nos mesmos espaços, geralmente distante da sua casa, e com as mesmas ferramentas. Entretanto, o perfil de mulheres que participam como agricultoras é diferenciado por algumas características como exemplo, se ela tem filhos pequenos e se tem com quem deixá-los para ir até a roça trabalhar ou até mesmo conciliar o trabalho da roça com o horário de saída dos filhos da escola.

De toda forma, esse cuidado com os filhos necessita de uma rede de apoio tanto de parentes ou familiares próximos como de instituições públicas, por exemplo, a escola que fornece cuidados, por meio de conhecimentos e alimentos enquanto seus cuidadores estão no ambiente de lavoura e roçado. Estes podem ser alguns dos fatores que levam muitas vezes algumas mulheres, e moradoras da comunidade, a permanecerem nos cuidados de casa e dos filhos do que propriamente nas atividades de agricultura. Ou o que é comum conciliar as duas atividades.

E o que podemos ver durante as visitas e entrevistas que mesmo em casa as mulheres têm alguns cultivos de ervas e plantas medicinais, árvores frutíferas e criações de animais,

como galinhas e patos, nos quintais ou locais próximos de sua casa, o que facilita seus cuidados com os filhos, as plantas e os animais. Como explica “Catinga de Mulata” sobre os locais onde as plantas estão dispostas, “No quintal da casa porque fica acessível, mais fácil para pegar em caso de doença. [...] Para longe só é roça, negócio de maniva.” E também devido que elas utilizam algumas ervas, temperos, raízes, frutos na alimentação.

Desta forma alguns homens responsáveis pelo sustento financeiro da família trabalham nos roçados de maniva, açáí, frutas como cacau, cupuaçu, bacuri e outras, e suas esposas muitas das vezes os acompanham nos mesmos trabalhos. Os homens tomam a frente e negociam a venda dos alimentos produzidos na agricultura. Entretanto, algumas mulheres já fazem essa negociação, principalmente as que são responsáveis pela família.

As mulheres, por conseguinte, se dividem entre as atividades domésticas, cuidados com os filhos, as criações de animais e a saúde da família com o cultivo de hortaliças, temperos, legumes, ervas medicinais e verduras. Também se cultiva as Plantas Alimentícias Não-Convencionais (PANC) que são ricas em fibras, vitaminas e minerais, as quais são o ora-pro-nobis, açafraão da terra, gengibre, folha da maniva, camapu, jambu, cariru ou João Gomes, entre outras. Muitas das vezes são utilizadas como remédios, mas também fazem parte da alimentação compondo pratos na culinária.

Assim como os alimentos de origem animal, as PANC possuem um valor nutritivo e trazem grandes benefícios para a saúde. “Rosa” conta sobre as plantas que utiliza nos alimentos: “[...]eu gosto de colocar esse tempero assim, aquele como é?...é Sálvia?...<sup>148</sup>toda a comida que eu faço eu gosto de colocar. Espinafre com arroz é muito bom<sup>149</sup>.... até a salada de espinafre é gostosa. E o Espinafre ele é bom pra mente. [Tem muitas finalidades]”.

“Catinga de Mulata” informa sobre as plantas das quais se alimenta e também utiliza como remédio, que são “[...] a acerola, por exemplo. Pra tempero a chicória, alfavaca também ela serve também pra remédio e também pra tempero [nos alimentos], né [...] alfavaca pra gripe, pro estômago. Pra tirar o catarro do peito, algodão também eu tenho.”. E considera que “os alimentos...é porque quando a gente tem uma alimentação saudável né, a gente é, tá cuidando da saúde, praticamente tomando um remédio né.[...] tem vitamina.”. “Jasmim” relata que “[...] o limão que a gente usa. É um remédio. Limão, o mamão, essas coisas.” e comenta também sobre um projeto de manejo e manutenção de hortas através da compostagem e outras

---

<sup>148</sup> Não soube o nome da planta e nem eu também.

<sup>149</sup> A minha cunhada também utiliza espinafre como tempero com ovo e de acordo com ela fica muito bom.

técnicas agroflorestais. Neste projeto realizado na UBS da comunidade quilombola do Médio Itacuruçá alternaram entre o plantio de PANC, temperos e plantas medicinais.

Não, eu não tinha esse espinafre. Ali no posto [UBS] nós plantamos, espinafre aquele...como é que é...Aí eu esqueci que ela tem até espinho, ora -pro-nóbis, foi [...] [uma moradora] que trouxe de lá da casa dela. Esse um também a gente come. Eu não sei se foi pra frente porque eu não fui mais olhar lá pra trás. Mas ela...nós plantamos umas quantas lá...que foi feito três leiras. Aí duas foi plantado cheiro verde e uma foi só de plantas medicinais.[...] O projeto era pra fazer aí na escola [EMEIF Professor Manoel Pedro Ferreira], só que na escola não tem espaço quase.[...] Aí nós fomos lá [na UBS], aí o técnico disse que dava pra fazer lá, aí nós já fizemos lá. [...] (Entrevista “Jasmim”, 2023)

“Azaleia”, “Catinga de Mulata” e “Rosa” falam sobre as plantas que cultivam, as quais são PANC ancestrais e medicinais.

Olha a canela a gente toma o chá da canela, mas ela também é medicamento porque ela é um...um...Ela é um abortivo ...a canela. Se tu, se tu...é... [tomar] ela muito forte, por exemplo se a mulher tiver grávida no período de ter bebê, tá com dor... Ela vai tomar o chá da canela bem forte que a dor vai aumentar. Então ela é um abortivo...E a gente toma o chá dela. Agora um outro assim... Eu não sei, [ uma moradora] mandou uma [planta] pra mamãe...que ela é comestível...Ela é uma planta mas ela é comestível, é uma folha, é igual um cipozinho assim. Eu esqueci o nome dessa planta...não é cipó-alho. Ela é...ela é muito...ela tem muito...muita fibra... Eu esqueci o nome dessa planta... Nem sei se ela vingou mas parece que a mamãe falou que ela tinha vingado aqui atrás. (Entrevista “Azaleia”, 2023)

Ah com certeza, é o gengibre por exemplo, quando a mulher tava com dore quando a dor não queria aumentar elas faziam chá de gengibre e tacavam... [risadas] no intestino delas e rapidinho a dor aumentava. [Também utiliza -se no preparo de receitas e chás]. (Entrevista “Catinga de Mulata”, 2023)

Eu coloco...o quê que eu coloco, aquilo ali...eu coloco pra dar gosto né. Ele é remédio também...E coloco no peixe, porque pra mim dar um sabor a mais...Esse lá, o alho poró. Esse aqui ô...alfavaca. Aí eu coloco esses, aquele outro. E o que mais que tem, meu deus....Ainda tem mais? Se tiver mais, se tivesse mais eu colocava....Eu queria saber quais são as plantas que eles dizem que são comestíveis? [...] Porque isso aqui, eu coloco na comida e não tem problema, isso é remédio. Eu coloco. (Entrevista “Rosa”, 2023)

“Rosa” também fala sobre uma receita de pastilha de gengibre muito famosa na comunidade, e que uma tia materna da minha mãe também fazia e vendia, era indicado para quem estava gripado ou até mesmo para adoçar a boca.

[...] Eu fui lá pro culto das irmãs, lá pro baixo [Itacuruçá]. Aí eu te falei que eu fiz aquelas pastilhas? ...Fiz pastilha de gengibre. Aí a [filha mais velha] tava se queixando da garganta [dor de garganta]. Aí eu levei naqueles copos descartáveis maior. Aí eu fiz e cortei tudinho e coloquei em uma sacola e cheguei lá e disse ‘Olha, filha eu trouxe pra ti.’ Ela disse ‘Ah! Eu lá quero gengibre, isso arde!’. Aí eu fiquei triste...poxa eu trouxe com tanto carinho pra minha filha .... mas eu tinha ainda aqui em casa, porque nesse dia eu tinha bem. Eu tinha ido pra Abaeté, uns dois dias antes, aí eu comprei bem gengibre. Aí eu tinha feito xarope e tudo...Aí eu fiquei assim...é... Aí ah tá..Aí eu vi as irmãs no culto. Aí uma começou a tossir. Aí eu abri a sacola e falei ‘Irmã, a senhora quer? Tire um pedaço aí..Fique salivando aí’...Aí ela disse ‘o

que é isso?’. Aí eu disse ‘Isso aqui é pastilha de gengibre.’ E aí ela ‘Ah, obrigada!’. Aí a outra do lado ‘Ei, irmã, eu quero!’. Eu ‘Tome’. Aí a outra, ‘Irmã, você tem?...’ [risadas]. Aí o culto lá....Aí eu ia passando assim...porque a gente tava com medo do pastor chamar atenção. ‘Tira’. Aí eu ia dando. Aí [uma irmã] tava lá, do outro lado assim e ficou [pensando] ‘o que é isso que a [...] [“Rosa”] tá dando pra essas irmãs? Que eu só tô vendo aí a [...] [“Rosa”]’... Aí ela ficou, quando terminou o culto ela veio e disse ‘Ei, [...] [“Rosa”], o que era que tu tava com o copinho lá?..’. Aí eu disse ‘Ah...era a pastilha de gengibre que eu tava dando pras irmãs.’ Aí ela ‘Ei tu tem aí?’. E eu disse ‘Tenho!’. Aí ‘Toma’. Eu dei pra ela. Aí ela disse ‘É muito gostoso...é bom!’, né [risadas]. Aí quando foi no outro dia [uma irmã], ela veio aqui vê se eu tinha, ou como era que fazia, porque não sei quem era que tava bronqueado da garganta. Aí eu disse ‘Não, eu tenho’. Aí eu tinha esses potinhos de manteiga pequenos. Aí eu coloquei e dei pra ela. Ela disse ‘Eu tenho gengibre’. Aí eu disse ‘..aí tu faz!’. (Entrevista “Rosa”, 2023)

As mulheres participam nos roçados de açaí, maniva e frutas junto com o marido, sozinhas ou em roças de meia. Além de contribuir também no processo de fabricação da farinha de mandioca, descascando, triturando e/ou coando a mandioca. A parte da mexição e de torrar a farinha de mandioca no forno, é mais o homem que faz esse trabalho como “Catinga de Mulata”, ressalta.

A única coisa que agora eu percebo que as mulheres já não são fazendo ...é porque assim as mais velhas as forças já não dar né. E as mais novas também [...] tão arrumando outras coisas pra fazer e já é muito difícil elas irem...É a mexição [no forno] de farinha [de mandioca] que é mais pesado né. Mas a gente mexia. Não mexia aquela quantidade que o homem mexia mas tava ali trabalhando. (Entrevista “Catinga de Mulata”, 2023)

Sobre os processos de plantio na agricultura do açaí, por exemplo, é utilizado também o sistema de agrofloresta, ou seja, planta-se todo tipo de árvores entre uma açazeira e outra, com uma distância razoável entre elas. As folhas que caem das árvores se decompõem no chão fazendo uma cobertura no solo<sup>150</sup>, e não o deixará exposto a altas temperaturas do sol. O que faz com que o solo sempre fique úmido e rico em matéria orgânica. Outro fator importante no que se refere ao plantio de outras espécies de árvores próximas à açazeira é que as copas destas árvores ao redor, fará sombra para os açazeiros. Assim o açaí não fica ressecado conseguindo preservar bastante polpa, e no processo de bater o açaí, ele fica com uma consistência mais grossa, “carnudo” como falam, não deixando-o seco, com pouca polpa. É necessário também irrigação quando o açaí é plantado longe das áreas de várzeas para melhorar seu desenvolvimento, maturação e frutificação.

---

<sup>150</sup> Essa cobertura servirá também de adubo, pois aos poucos vai se decompondo.

No que refere-se à maniva, áreas menos alagadas “em terra” é o melhor local. Ao fazer o plantio da maniva no tempo certo, depois demora-se em torno de um ano, até um ano e 4 meses para colher a mandioca e começar a produzir a farinha de mandioca. Ao retirar a mandioca do solo é essencial deixar um tempo para a terra “descansar”<sup>151</sup> para ela poder recuperar o solo, e então planta-se em outro local, alternando estes espaços. Assim, antigamente as pessoas deslocavam-se dentro do território de Itacuruçá para realizar plantio de roças principalmente de maniva. Esse ensino foi passado pelos ancestrais quilombolas da comunidade e ainda hoje é realizado dessa forma.

#### **4.2 A saúde pelas plantas: Visão das parteiras, “curandeiros” e as mulheres no Itacuruçá em tempos antigos e atuais**

O modo de vida, a origem e trajetória quilombola e ribeirinha dos moradores de Itacuruçá constroem lições diante das violências sofridas e superação frente ao “esquecimento” por parte do poder público. Os valores comunitários mobilizam e ressaltam a vivência e bem viver inseridos na Amazônia brasileira, no contexto dessa comunidade negra rural quilombola, localizada nas ilhas de Abaetetuba no estado do Pará.

A comunidade do Itacuruçá apresenta recursos de fauna e flora, entretanto carece de bens e serviços, pois por muito tempo esteve ausente de atendimento médico e educacional. Mesmo nos dias atuais, com a Unidade de Saúde e escolas ainda faltam medicamentos, equipamentos e recursos tanto na UBS quanto nas escolas da comunidade. Por conta de estar afastada da cidade, em caso de doenças as famílias precisavam utilizar os recursos e saberes que tinham em busca de tratamento, pois não havia médicos disponíveis. E a abertura do ramal no qual permite o acesso de entrada e saída da comunidade para outras cidades, só ocorreu a partir de 1989.

No período de 1961, segundo relatos das mais velhas, havia poucos médicos no município de Abaetetuba. E nas comunidades de Itacuruçá existiam muitas parteiras que realizavam a feitura do processo de parto, para a concepção do nascimento das crianças. Também tinha as puxadeiras, parteiras e as mulheres que faziam remédios.<sup>152</sup> “Rosa” afirma que “A Inácia era parteira, curandeira. Quem era mais curandeira aqui?...Essa minha avó

---

<sup>151</sup> Esse tempo varia de acordo com as necessidades de cada morador ou moradora. Entretanto é essencial a recuperação do solo com o crescimento natural de árvores e gramíneas, antes da próxima lavoura.

<sup>152</sup> Muitas das vezes todas essas funções eram exercidas pela mesma mulher. Mas no Itacuruçá havia várias que realizavam estes trabalhos.

[paterna tem 105 anos] também era curandeira.”. Havia também a figura dos homens que eram “curandeiros”.<sup>153</sup>

Além da dificuldade de assistência médica, muitos tinham também dificuldade para se deslocar até Abaetetuba, pois as viagens até à cidade eram feitas à remo em canoas pelo rio Itacuruçá até o rio Maratauíra, o que demorava de 3 a 4 horas conforme a maré. Esse tempo variava devido a enchente ou vazante da maré. E também quando precisavam fazer a viagem tinham que se hospedar em algum local da cidade, para conseguir resolver as demandas, descansar e depois retornar, pois a viagem era cansativa. Mas nem todos tinham essa comodidade de se hospedar.

Por todos esses empecilhos, as mulheres muitas das vezes tinham seus bebês em embarcações ou em casos de doenças não chegavam a ter tratamento médico na cidade, então a solução seria pela medicina tradicional quilombola com as parteiras e “curandeiros”.

Relatos vívidos estão presentes na memória das moradoras idosas que tiveram seus filhos e filhas através das parteiras da comunidade. Algumas das mulheres contam que uma das parteiras, a Tia Inácia, conseguia descobrir até o sexo do bebê através do toque e massagem na barriga da mãe. Uma dessas experiências é narrada pela minha avó materna.

[...] Ela disse... [parteira Maria Júlia] ela pegou a minha barriga assim e disse: ‘Tú vai ter dia 28 de fevereiro...’ e a [...] [sua nora] também que mandou puxar a barriga dela. E ela [Maria Júlia] disse assim para ela [para sua nora]: ‘Vai vir tal dia’ e tal dia ela teve. E aí a Maria Júlia ela veio pegar.

(In Memorian da minha avó materna, relato sobre o nascimento da minha mãe parto realizado pela parteira Maria Júlia).

Das interlocutoras desta pesquisa apenas “Azaléia” nasceu em um hospital na cidade de Abaetetuba. Vale ressaltar também que essas lembranças das parteiras que haviam no Itacuruçá estão presentes na memória da minha mãe e de outras pessoas que nasceram pelas mãos das mulheres parteiras. Minha mãe lembra das características da parteira Maria Júlia, que fez o parto para o seu nascimento. “Catinga de Mulata” também lembra o nome da parteira que ajudou no parto do seu nascimento. Isso reflete que a história foi contada dos mais velhos para os mais novos, e estes também contam aos seus filhos passando por gerações. Falas descritas abaixo da minha mãe sobre algumas das parteiras e de “Catinga de Mulata” sobre o seu nascimento e o parto do seu filho:

---

<sup>153</sup> Não eram conhecidos por esse termo. No entanto, na falta de um termo resolvi chamá-los assim. Por isso será colocado entre aspas ao ser mencionado.

A velha Maria Júlia era negra, ela...ela era alta, cabelo bem crespo mesmo, mãe da Tia Nasa. Ela morava aí na casa deles...na tia Nasa. Eu me lembro dela...eu me lembro da Caimdã ... Tinha também a mãe da Tia Inácia, eu me esqueci o nome dela, como era o nome dela ? [...] (Minha mãe, 2023)

[Sobre o seu nascimento] Foi parteira, agora eu não sei te dizer... a ... cãimdão. [risadas] é...tinha várias. Mas foi ela que me...me pegou né. [...] [conversava] era mais com a... com a Tia Inácia já... Que o meu primeiro filho ainda foi ela [Tia Inácia] que pegou.”. (Entrevista “Catinga de Mulata”, 2023)

Minha avó materna e avó paterna tiveram seus filhos em suas casas, concebiam seus filhos com a ajuda de parteiras, trabalho de parto em suas residências. Meu pai, minha mãe e os atuais idosos e alguns jovens e adultos de Itacuruçá nasceram de parto normal com a ajuda de parteira tradicional da comunidade. A parteira que fez o parto para o nascimento do meu pai todos a chamavam de Baía. Dos 11 filhos da minha avó materna foram quase todos de parto natural auxiliados por parteiras tradicionais, dentro da residência da minha avó no Itacuruçá, apenas o filho mais novo, o último foi no hospital das irmãs em Abaeté.

Eu acho que foi com os ancestrais delas, deles né [aprendizado dos partos e ervas medicinais]...que com certeza. E a minha tia que ainda faz [parto] mas ela tem medo. Mas na aventura ela ainda faz. Ela ainda faz parto. É...mas eu acredito assim que ela aprendeu através...eu acho que foi da...da tia Inácia. Que eles sempre participavam desse negócio de parto né antigamente... ajudavam. Então eu acredito que vai pegando o macete.[...] Pois...é...eu acredito que vai...uma passando pra outra, né de família. A Tia Inácia já aprendeu com a mãe dela, a mãe dela já aprendeu...Eu acho que veio disso. (Entrevista “Azaleia”, 2023)

Olha eu acho que elas aprenderam com as mães né. A mãe da dona Inácia era parteira. Ela morreu aí a dona Inácia já...[herdou]...só que não foi feito nada pra expandir a profissão dela, porque isso é uma profissão.<sup>154</sup> ...porque agora eu acho que não tem nenhuma porque era a dona Inácia, a jovi já morreu, a bibita também que pegava filho, eu acho que agora nem pega mais. Acho que não tem nenhuma daqui. (Entrevista “Jasmim”, 2023).

Olha, eu creio que elas aprenderam com, com os ancestrais dela né, mãe, vó essas coisas... porque...outros não, outros já trás o dom mesmo né. Mas assim com quem elas aprenderam eu mesmo não sei te dizer com quem elas aprenderam. [...] Então isso é um dom né. (Entrevista “Catinga de Mulata”, 2023)

Eu acho que com a mãe...as mães delas mesmo né. Porque muita coisa a mamãe falava...a vovó falava, aí eu fui aprendendo. E muita coisa eu ensino pros meus netos e pras minhas netas. Eu vou falando pras minhas filhas. Aí o sogro da [filha mais velha] vai falando. Aí assim vai passando. (Entrevista “Rosa”, 2023).

---

<sup>154</sup> A partir do Decreto Nº 50.387, de 28 de março de 1961, onde regulamenta o exercício da enfermagem e suas funções auxiliares no território nacional. As parteiras podem exercer a função no Posto de saúde, com o título de Parteira Tradicional. A lei nº 13.100/2015, institui o dia 20 de janeiro como Dia Nacional da Parteira Tradicional. Há um projeto de lei, na Câmara dos Deputados (Projeto de Lei 912/2019) que propõe regulamentar a profissão das parteiras tradicionais e prevê qualificação básica de parteira tradicional, pelo Ministério da Saúde ou por secretarias estaduais de Saúde, e também o pagamento de um salário mínimo.

Naquele período os tempos eram difíceis, mas segundo minha mãe não tinha tanta doença. Quando o caso não era grave a pessoa logo melhorava. Entretanto, quando começaram a vir “doenças fortes”, minha mãe relata que eram o sarampo, a caxumba e outras doenças. Muitas pessoas morriam, pois para essas doenças não tinham remédios, médicos e nem vacinas naquela época antes da abertura do ramal. Todas as interlocutoras além dos diversos moradores concordam que o tratamento das doenças era feito com remédios caseiros e plantas medicinais. Como “Azaleia” informa que as pessoas “Usavam as ervas medicinais pra...pra poder tratar né. Que era o que mais era utilizado, eram as ervas medicinais.”

E aí naquele tempo eu me lembro assim que eu tinha meus filhos pequenos [...] Aí o [marido] arranhou uma canoa velha [...] que tava apodrecendo. Aí ele pegou e jogou terra. Aí eu plantava mastruz, plantava o que eu quisesse ali. Eu tinha pimentinha, pimenta, era...como é esse...remédio mesmo que...era gengibre, né...boldo. Aí eu tinha ali. Porque se desse uma diarreia na...na...criança, aí olha boldo, aí dava boldo. Ah tava com uma cheiúra assim no estômago, não levava pra abaeté, primeiro porque era só barco, e ônibus não tinha. Hoje não....Demorava...[ir de barco para abaeté]. (Entrevista “Rosa”, 2023)

Era com remédio caseiro...Aí já que teve um tempo da ....não foi pandemia, foi epidemia né que deu e morreu um monte de gente...Eu sempre conversava com o [meu avô materno] e ele dizia que era a febre...que morreu muita gente nesse tempo...Não sei como é que ele dizia....que quando chegava, que iam enterrar um, aí já tinha dois mortos, iam de reboque pra Abaeté nesse tempo. Era epidemia, aí agora teve a pandemia. Égua eu me esqueci como era [...] é a febre...Ele [meu avô materno] sempre falava. Eu não lembro...Nesse tempo morreu muita gente. Até pra ir em Belém, tú tinha que ir no Barco da linha, ia num dia pra chegar no outro. (Entrevista “Jasmim”, 2023)

Algumas conseguiam chegar né... [até a cidade para se tratar de doenças], quando era.. já era muito mesmo...já tava problema bem avançado. Então se procurava um meio de ir até à cidade. Mas enquanto assim era mais leve se tratava com plantas medicinais mesmo...com chá de plantas... era isso. [...] Com certeza a minha avó era uma pessoa muito dedicada assim nessa área aí... né. E ela sempre ensinava pra gente tanto que o que eu sei hoje eu aprendi com ela, com a minha avó por parte de pai... porque por parte de mãe morreu cedo. [...] Ela morreu quando eu tava com 10 anos de idade. (Entrevista “Catinga de Mulata”, 2023)

As mulheres tiveram um papel essencial com contribuição social, cultural, religiosa e educacional na formação da comunidade de Itacuruçá, pois além de assumirem diversas funções como cuidar da casa, dos filhos, elas também estavam e ainda estão presentes nas roças de mandioca, de açaí, no processo de parto por meio das parteiras, puxadeiras com os remédios caseiros, nas salas de aulas, nas manifestações religiosas, na passagem das histórias contadas e antigas sobre as plantas, cuidados no saber e fazer na comunidade ao longo do tempo.

Elas desenvolveram habilidades e conhecimentos que foram fundamentais para a vida comunitária. Esses conhecimentos adquiridos pelas mulheres foram repassados de mãe para

filha até os dias atuais. Nas palavras de “Rosa”, “Porque tem aquelas flores amarelas que o pessoal fala assim é remédio, agora não sei pra quê. Tem aquela flor amarela que a gente fala assim “bem-me-quer, mal-me-quer”. Isso é remédio, é agora não sei pra quê.” e ressalta que “Olha eu já aprendi muita coisa com a vovó [...] eu já aprendi muita coisa assim de cabeça.” A interlocutora “Catinga de Mulata” também coloca que seus familiares ensinaram os saberes das plantas ancestrais e medicinais “Meu pai, minha mãe, minha avó sempre nos incentivou, meu avô. Entendeu, então vem de lá, veio de berço. [Os conhecimentos das plantas medicinais] Também foi com eles.”.

Eu já aprendo com a minha mãe porque eu não tive oportunidade né de...de conviver com a minha avó. A minha avó sabia muito também. A mãe do papai. É...ela sabia muito, pensa numa “coroa” assim que sabia de plantas, de ervas...ela tinha banha de tudo quanto era bicho assim, e ela sabia pra que era...afumantar tudinho, ela sabia. Mas aí eu não tive muito convívio assim com ela. Ela faleceu depois que eu entrei na universidade. Parece que foi em 2006 que ela faleceu. Em 2006 que ela faleceu. Aí a gente já perdeu. [...] [aprendizado] Eu vendo a minha mãe fazer, é. Às vezes quando tinha um doente e chamam ela. [Ela diz] ‘olha pega tal planta, pega a folha de tal planta e bora...serve ou então faz o...o...soca né pra tirar aquele sumo tudinho pra fazer o remédio’. Então eu já aprendi com a mamãe. (Entrevista “Azaleia”, 2023)

Eu sempre gostei. Eu falei pro [...] [marido] ‘Eu quero ir em Moju que a minha avó [paterna]<sup>155</sup> gosta disso. [de plantas]’. Ela até é...planta, eu acho que desde que ela se entende por gente, ela planta. A mamãe também, a mamãe conhecia muito porque ela vinha aqui. Ela dizia assim... ‘Isso aqui...isso aqui não é mato, isso aqui serve pra isso.’ Aí eu: ‘É?’. [E ela diz] ‘Isso aqui serve pra isso’. Aí eu: ‘Ah tá. E isso?’. Ela dizia ‘Isso, é pra isso.’. Ela falava, a gente ia andando. ‘Tá vendo isso aqui? Isso é remédio. Isso não é mato, é remédio.’ ...Mas era tanta coisa que eu ficava assim, a mamãe falava muito...e a gente vai esquecendo. (Entrevista “Rosa”, 2023)

“Catinga de Mulata” denota como os conhecimentos das plantas medicinais são testados pelas mulheres no dia a dia. Atualmente as fontes de informação sobre as plantas e ervas medicinais são bem diversificadas. Com a vinda da energia elétrica a partir de 2001, ocorre a influência de conhecimentos pelos meios de comunicação através de programas de televisão. Em 2021, chega o acesso à internet na comunidade o que ocorre também o aprendizado pela interferência dos meios de informação e redes sociais ao realizarem alguma pesquisa, por exemplo.

Esse negócio de plantas medicinais assim... As pessoas sempre... porque assim...sempre um passa pro outro né. Então as plantas medicinais assim todo mundo usavam mas assim...Olha tu contava que tu tava ali com problema, [aí alguém dizia] ‘Olha tal planta é boa’. Aí você ia fazia o chá ou imacera e utilizava.... [testando]. É igual eu um dia desses eu pesquisei: ‘ah açafrão é bom pra isso, isso e isso’, [e disse] ‘Ah é!’ Eu só fui ali no quintal. Aí tirei.[...] [Diferença entre o gengibre e o açafrão]

---

<sup>155</sup> A avó paterna de “Rosa” atualmente tem 105 anos de idade.

Só que o gengibre é branco e o açafrão é laranja. (Entrevista “Catinga de Mulata”, 2023)

Os remédios que se tinha acesso eram naturais através das plantas já cultivadas e existentes no território há gerações. Nos tempos antigos e atuais, os saberes sobre as plantas ancestrais e medicinais são repassados em sua maioria pelas mulheres, sendo que elas aprenderam o cultivo com suas ancestrais e até hoje são elas, majoritariamente, as responsáveis por esse cuidado.

“Azaleia” informa: “Eu e a mamãe [que cultivam ervas e plantas medicinais]”; “Catinga de Mulata” relata: “É só eu mana. [Risadas] Aqui em casa é... só eu. Assim quando elas vão assim que elas vejam, aí elas trazem e só chega [e diz] ‘Mãe tá aqui’ ... entendeu [risadas]. E vão plantando, mas pra cuidar ninguém gosta.”. E, “Rosa” coloca: “É mais eu, meu velho [marido] não quer saber.”; “Jasmim” comenta que ela que plantava, “Agora eu já não tenho planta assim. [...] Eu tenho o Marupazinho mas eu já tive...essa Sete Dores, também ela é bom pra um monte de dores.”

“Rosa” conta dois episódios, um sobre quando suas duas filhas estavam tratando de Giardíase<sup>156</sup>. E outro foi quando a sua filha mais velha estava com um furúnculo na cabeça e não nascia cabelo mesmo com tratamento médico. Esses dois acontecimentos foram tratados com um farmacêutico na cidade de Abaetetuba, conhecido como Seu Antônio, ele era novo na época. Depois de dar o remédio receitado por este farmacêutico, “Rosa” acionou a dona Inácia para a continuação do tratamento depois da eliminação do protozoário e depois de tratar o furúnculo para crescer o cabelo.

[Sobre o tratamento da Giardíase] Aí a Inácia era viva. Aí a Inácia foi vê e ela disse ‘Filha, isso aí é a sacola da verme. Ela botou tudo, tudo, até isso ela botou. Agora dar magnésia pra ela...porque a magnésia vai fazer ela defecar e vai limpando’. Aí eu dava direto [a magnésia]. Aí a Inácia dizia ‘Dar, dar a magnésia vai fazer ela defecar e vai limpando. Quando a criança toma remédio pra verme, aonde tá a verme fica aquela ferida. Aí essa magnésia, ela vai limpando pra não deixar nada’. Aí pronto...E até hoje...não deu mais...(Entrevista “Rosa”, 2023)

[Sobre o tratamento do Furúnculo e crescimento de cabelo] Olha a borra do café, ela é muito boa...Eu falei pro [...] [marido de uma das sobrinhas de “Rosa”], eu falei ‘Ei coloca a borra de café pra nascer cabelo’. Aí ele falou ‘Não, não’. Aí eu fiquei assim... Olha eu lembro da [...] [filha mais velha de “Rosa”] quando era criança deu um furúnculo na cabeça dela. A gente morava ali. A Erci foi no seu Antônio e comprou...era uma pomada assim...A Erci comprou e me deu que era pra passar. Quando eu passei aquilo ficou tipo um ovo aquilo... porque as crianças estavam brincando aí o [...] [filho mais velho de “Rosa”] puxou [o cabelo da irmã] e dilatou. E eu até hoje eu não gosto de estarem brincando, correndo e passar e puxar o cabelo. Eu

<sup>156</sup> Uma infecção parasitária intestinal provocada pela *Giardia Lamblia*.

fiquei com um trauma...[...] Aí eu passei a pomada e aquilo ficou tipo molhe, molhe [...] deu tipo uma nascida, assim mas não furava e só foi aumentando e ficando tipo um ovo, do tamanho do ovo mesmo. [...] Aí a Erci ia pra abaeté e lá no seu Antônio, ela comprou essa pomada. Aí eu passei essa pomada na cabeça dela. Aí aonde eu passei o cabelo caiu [...]. Aí a Inácia disse assim 'Ah minha filha isso aí já vai furar, me mostra aqui'. E colocou a [...] [filha mais velha de "Rosa"] no meio da perna e apertou. Aí eu disse 'Não, não!'. A [...] [filha mais velha de "Rosa"] chorou um bocado. Aí eu parei. Dei um remédio pra passar a dor e quando foi de madrugada eu acordei e levei [ela] lá no hospital das irmãs. Quando eu cheguei lá tava o doutor Brandão, um moreno. [...] [fizeram uma cirurgia que não pegou anestesia, não podia fazer curativo e todos os dias "Rosa" levava a filha pra abaeté pra eles tirarem o pus, limparem, passarem remédios e nos finais de semana "Rosa" fazia esses procedimentos em casa] [...] Depois que sarou ficou aquilo tudo liso, e não crescia cabelo. Aí eu falei pra Inácia, 'Ah Inácia, não vai nascer cabelo!'. Ela disse 'Vai. Pega a borra de café. Todo o dia tu pega a borra e coloca. Ela vai voltar a ficar com o cabelo bonito.' Aí quando eu ia fazer café e sobrava a borra, eu [colocava] na cabeça [dela] e deixava. Tu acredita que nasceu? Foi pronto. Não dar nem pra vê cicatriz, coisa. Aí eu falei ' [...] [marido da sobrinha de "Rosa"] dava pra ti fazer isso.'. Então até o café é bom pra isso, fazer nascer o cabelo sabia? (Entrevista "Rosa", 2023)

Minha mãe relata que quando ainda não tínhamos Unidade Básica de Saúde na comunidade, quando uma pessoa estava doente era utilizado folhas de plantas e remédios feitos com seiva de árvores para tratar doenças. Ela lembra que aprendia com sua avó materna. "Rosa" afirma que "Era mais remédio caseiro. [...] Hoje não, hoje se tú for em Abaeté, não é em qualquer mercearia que vai encontrar remédio [através das plantas] [...] E antes não, [era em] qualquer mercearia.". Para ilustrar "Rosa" narra vários episódios de familiares com algum tipo de doença onde ela tratou com remédio caseiros.

[...] Aí diarreia é [usado] a raiz. Uma coisa que é boa mesmo pra diarreia que eu gosto né. É a raiz da açazeira...é...a raiz da açazeira. Eu tiro assim aquela raiz vermelha assim, não tem? Aí eu tiro, não tem tipo um negócio assim, uma cabecinha? Aí só raspo aquilo, raspo ela, bato e fervo...mas se for muita diarreia mesmo [...]. Aí eu bato isso, aí eu tiro o grelo de caju, casca da mangueira ou casca da ameixeira ou a casca do cajueiro né...da goiabeira. Qualquer...casca assim...aí eu fervo não precisa ser muito, e é pouco. Eu não sei qual filho meu que eu levei pra consultar e nada de ficar...eu acho que foi o [...] [neto mais novo de "Rosa"]... Ele pegou infecção intestinal. Aí eu tratava [com o médico] assim...Aí eu disse 'Quer saber, não tá mudando nada.' Aí eu comecei a dar assim, o chá. Aí eu fui dando, dando, e graças a Deus...Aí começou limpando, e o boldo também, o chá do boldo. Eu gosto de ter o boldo aqui que ele vai limpando. Um dia desses eu tava com uma dorna barriga aí eu disse: 'Ah, eu vou fazer um chá.' Aí eu tomei e pronto...[...] E até aquela como é?...Essa...erva doce que é bom pra gases. Eu tinha...que eu tô sem...Aí o [...] [genro da filha mais nova de "Rosa"] comeu uma coisa e começou e disse 'Irmã, a minha barriga tá grande! Ah é uma dor, uma dor, uma cheiúra.'. Aí eu disse 'Peraí!'. Aí eu fiz o chá e dei. Aí rapaz quando eu vi esse [...] [genro da filha mais nova de "Rosa"]. Peidava, arrotava. [risadas].[...] Aí quando foi...foi...passou umas horas. Aí eu disse 'Ei, tú já tá bom?'. Aí ele disse 'Já! Tô me sentindo magro. Olha acabou. Era só vento! Uma coisa horrível'...Aí pronto...E ele é bom! Esse hortelãzinho, é bom pra tomar o chá. [...] [Uma das sobrinhas de "Rosa"] [...] estava com a barriga grande. ["Rosa" diz que] a barriga dela tava cheia de vento. Aí deixei e fui lá com a Erci. Aí ela [a Erci] disse assim 'Tu pega o coisa de café com limão. Tú pega o pó de café e espreme limão assim, e dar pra ela.'. Aí eu cheguei aqui, fiz assim e dei pra ela [...] [uma das sobrinhas

de “Rosa”]. Só que eu adocei, coloquei só um pouquinho assim de açúcar, que ela era pequena e dei pra ela. [E disse] ‘Toma.’ Passou umas horas e [ela] arrotando...[...] passou a diarreia, passou a dor. (Entrevista “Rosa”, 2023)

Com as diversas doenças e malefícios quando há ausência de saúde, os remédios feito com as plantas são essenciais em momentos de emergência e urgência, pois é necessário o agir rápido. E o local de disposição das ervas e plantas ancestrais e medicinais próximas da casa, nos quintais, em vasos ou no chão facilita o processo de fabricação do remédio caseiro. “Azaleia” aponta a localização do cultivo de suas plantas e o porquê da escolha desse local.

É...aqui próximo, que é a hortelã que fica bem aqui do lado.[risadas][...] Porque a gente não planta pra longe devido à noite né que de noite dar um...[passar mal ou ter algum problema de saúde]. O mais longe que tá é a Oriza, que é mais ali...lá... mais lá pra dentro.

Algumas plantas são cultivadas nos vasos e outras no chão, por conta da questão das formigas, entre outros bichos. Assim é importante também saber o local adequado para o crescimento de acordo com as atribuições de cada espécie de plantas, como as interlocutoras informam abaixo.

Eu planto algumas no vaso e algumas no chão. [...] Porque tem umas mesmo que são de vaso mesmo. Então se ela for pro chão ela vai...ela não vai conseguir né. Aí tem outras que não que aí é no chão mesmo. Coloca ela no chão, ela vai embora, ela se multiplica por ela mesmo. [risadas] Aí quando eu não quero que elas cresçam muito, né assim. Aí eu coloco no vaso ou então eu faço um cercadinho pra reservar [...] por causa das galinhas. Aí tem que controlar. (Entrevista “Catinga de mulata”, 2023)

[...] Aí eu vou vê se eu corto um desses baldes, que o [...] [marido de “Rosa”] chora, chora, pra não cortar. Que eu corto a metade. Que o hortelã, ele é meio...como é?... Meio brigador com as outras plantas...Ele quer o espaço só dele. Então eu quero fazer só pra ele mesmo. [...] É...[no quinta] mas se eu tivesse um terreno...grande Silviane, eu ia fazer uma área só pra plantas medicinais. Que eu gosto....(Entrevista “Rosa”, 2023)

Plantava no chão mesmo [...] aqui mesmo em [quinta] casa.[...] morreram no verão. O verão foi muito forte. [...] Olha é muito importante porque se tu adoecer de noite, aí tu não tem nenhum remédio. Aí tu só pega uma planta e faz o chá, tu já sabe pra que serve né. Aí se não melhorar aí de manhã tú já procura outros recursos. Ou [ao] menos amenizar um pouco né. (Entrevista “Jasmim”, 2023)

Segundo as interlocutoras, na comunidade do Itacuruçá as mulheres não vendem as plantas e ervas ancestrais e medicinais que elas cultivam, pois geralmente quando alguém lhes procura é para tratar alguma doença, e com o objetivo de ajudar elas fazem as doações quando vem alguém pedir. Mas quando se deslocam para eventos fora ou até mesmo comércio dentro da comunidade, elas vendem frutas, verduras, maniva, macaxeira entre outros alimentos e animais como galinhas, patos e outros. Todas as interlocutoras relatam que cultivam as plantas ancestrais e medicinais devido que estas fazem parte de seu consumo muitas vezes diário na

comunidade. Desta forma “Azaleia” fala que “Não [vende], é mais pra consumo mesmo.”; “Catinga de mulata” afirma que “as pessoas vêm sempre procurar [as plantas medicinais]”.

As mulheres conseguem novas mudas de plantas, geralmente são pessoas conhecidas da comunidade que passam umas para outras através de trocas ou quando uma amiga, parentes, sobrinhas entre outros familiares presenteiam ou fazem doações nos espaços de reuniões e mutirões etc. Eu participei nessas interações entre as mulheres. Durante as entrevistas recebi e também as presenteei com mudas de plantas, as quais elas não tinham no seu quintal.

Não, eu mais faço troca ou então eu dou. A pessoa chega [e diz] ‘Ah, eu queria tal planta assim, assim’. Se eu tiver eu dou, entendeu. Não vendo não. Assim, só quando a gente vai pra feira, a gente já leva pra vender.[...] Ela [a atividade de plantar] é trabalhosa. Ela é trabalhosa mas também gratificante, porque tu trabalha com aquilo que tu gosta. [...] (Entrevista “Catinga de Mulata”, 2023)

Aí sim, olha a arruda eu tinha a Arruda e minha arruda morreu também. A arruda eu trouxe do Pirocaba, sempre a gente vai nessas reuniões da FASE [Federação de Órgãos para Assistência Social e Educacional] e tudo. Aí a gente sempre tá fazendo essa troca de muda. E aí eu trouxe de lá a Arruda. Eu tinha várias outras plantas, só que aí assim vai perdendo principalmente quando a gente adoce que não pode fazer nada, e aí as meninas não vão. [cuidar das plantas] (Entrevista “Catinga de Mulata”, 2023)

Olha umas foi a [...] [uma amiga de “jasmim” e moradora na comunidade] que me deu, porque [...] [ela] sempre foi ligada assim com esse negócio de planta, essas plantas medicinais. Aí às vezes, quando ela arrumava, ela me dava um galinho. Aí eu plantava. [Ela diz] ‘Olha planta esse que é bom pra tal coisa’. Teve um tempo que ela tinha um monte era... terramicina de planta, ela tinha copaíba, tinha cibalena, tudo ela tinha. Agora eu acho que ela já não tem muito porque com o verão foi morrendo. Ela até comprava em Abaeté. Aí ela comprava adubo [...].(Entrevista “Jasmim”, 2023)

É eu mais ganho dos meus sobrinhos. Aí então [algumas pessoas dizem] ‘ah [...] [“Rosa”] tu tem tal coisa? Eu vou te trazer.’ Aí eu [digo] ‘Tá.’. Aí [...] [a filha mais velha de “Rosa”] e o sogro dela tem também plantas e ele dá. Ela traz da casa do sogro. Ele conhece também um bocado de plantas. (Entrevista “Rosa”, 2023)

Um foi a minha amiga que me deu [...] [uma das moradoras que tem plantas medicinais]<sup>157</sup>. As outras, a maioria... as rosas do deserto foi a... [...] [uma senhora que morava na comunidade] que mandou lá do Paraná. É porque... como ela pretende voltar. Aí ela já tem que... ela já foi mandando pra mim já ir reproduzindo pra ela. Entendeu. Aí quando ela já vim, eu já vou repassar um tanto pra ela. [risadas]. Às vezes nesses encontros nossos da FASE também que a gente vai. Aí eu já, a gente já troca, tem a troca né de... de plantas, a gente já troca lá. (Entrevista “Azaleia”, 2023)

O mastruz eu consegui em Abaeté. Aí a catinga de mulata eu consegui com a [...] [uma senhora moradora da comunidade]. Aí a urtiga cheirosa e o vick veio pra mim de... Barcarena. Aí eu tinha mais umas outras ainda. [...] O limão eu consegui ali com a [...] [uma moradora da comunidade]. Ela me deu uma arvoretinha e daí eu já fui multiplicando. (Entrevista “Catinga de Mulata”, 2023)

---

<sup>157</sup> A mesma amiga de “Jasmim” que também a presenteou com mudas de plantas.

A maioria dos adubos utilizados nas plantas são naturais, saberes repassados pelas mais velhas através de gerações feito com galhos, folhas e caroços de açaí em decomposição. As falas de “Azaleia”, “Jasmim” e “Catinga de Mulata” mostram experiências diversas com os adubos utilizados devido também ao curto tempo disponível para o preparo da terra.

O aprendizado dos adubos ocorre de várias maneiras, seja por meio do supermercado, durante as compras ou através de instituições como a FASE no qual fazem reuniões e palestras sobre compostagem. E até mesmo as novas tecnologias da internet, Youtube e outras plataformas são fontes de conhecimento e informação disponíveis. “Jasmim” relata que coloca “casca de ovo...os caroços de açaí quando tá apodrecendo, é só jogar no pé da planta.” “Catinga de Mulata” diz que usa “É a cinza, o esterco do gado ou da galinha, é o caroço de açaí podre ou árvore podre, essas coisas.[...] Esses daí [aprendizado] com o meu avô também.”.

Olha eu...eu tô tentando fazer agora a minha composteira né. Só que ainda não deu muito certo porque eu fui colocar, mas ele ficou só bicho [risadas]. Então eu quero fazer a minha composteira...pra usar somente orgânico né. Ah, mas eu compro, eu compro é...é...farinha de osso, eu compro...a coisa da amêndoa, eu compro um outro produto que é pra florir as plantas. E a terra também porque...é adubada aí já vem adubada. Aí eu compro também... Não que a gente não tenha, mas tipo eu não tenho aquele tempo pra preparar né, porque exige um tempo.[...] Ah eu vejo nos supermercados aí comprando. A composteira eu vi o [...] [técnico] que é da FASE né, que ele tava falando. Aí eu disse [ficou pensando] ‘O que é composteira? Composteira’. Aí eu fui pesquisar no youtube. Aí já o youtube me ensinou como é que faz. (Entrevista “Azaleia”, 2023)

Eu gosto de colocar assim mais a borra de café porque pra mim parece que ela ajuda a dar [flor e frutos]...caroço de açaí apodrecido. Eu gosto de jogar assim também, não com plástico, mas essas cinzas de madeira que a gente queima. Mas eu gosto de usar mais no coqueiro...é eu gosto de usar mais no coqueiro...Mas eu já falei pra eles, [risadas]. Eu já conversei com eles que se eles não derem [frutos] até esse ano e pouco, eu vou cortar eles...[...]( Entrevista “Rosa”, 2023).

“Rosa” informa que já tentou de todas as formas fazer com que o coqueiro volte a dar frutos. Inclusive disse que antes o coqueiro produzia bastante, só que de uns tempos pra cá não frutificou mais. Além dessa dificuldade apontada por “Rosa”, as demais interlocutoras relatam também dificuldades no preparo da terra, no plantio e nos cuidados com as plantas, aumento dos insetos e “pragas” entre outras situações que são empecilhos para o crescimento dessas plantas. Entretanto, assim como “Catinga de Mulata” afirma que muitas das vezes, a agricultura “[...] é trabalhosa por conta de que... [...] a gente prepara a terra. Plantar já é a coisa mais fácil, e cuidar. O mais difícil é a terra pra gente preparar a terra pra tá plantando. [...] No verão [...] é mais difícil.”. O interessante é que “Rosa” e “Azaleia” relatam alguns problemas, mas também possuem algumas estratégias para lidar com eles.

Não é fácil não...é tem que cuidar...tem que cuidar. Não deixar morrer as plantinhas. Né tem...tem que cuidar! Porque eu não sei como é...Aí muita gente diz 'Ah eu tenho muitas flores, bonitas', mas a gente pega as flores, as plantas medicinais se não tiver ali cuidando, qualquer bichinho ali pode comer. Né quando tu olha é formiga....É tipo uns caracolzinho assim, que é desgraçado pra comer....é a aquelas paquinha. Não pode ficar no chão...Não pode ficar no chão porque as paquinhas vão e detona...Aí um dia desses eu plantei gengibre no chão, aí eu olho e tá, [aí disse] 'o que é que tá comendo?'. Quando eu fui vê era uma paquinha, aquelaszinha por baixo...Aí eu não vi mais. . ..Pois é, eu passo na pimenteira ali, tava dando tipo um caracolzinho, aqueles que dão mesmo na terra. Aí eu passei a folha desse alho [alho-poró]...é amassei e fui passando. Aí eu disse 'Égua, tá dando um resultado'. Que eu joguei as folhas assim, não vai matar a pimenteira, mas fica o cheiro que ele é enjoativo. Aí depois que eu passei, que começou a segurar porque ela vinha, vinham e comiam, aí não ia pra frente [a pimenteira]. (Entrevista "Rosa", 2023)

Sim, a grande dificuldade é a terra mesmo né, por conta da terra [...] É por causa que assim o meu espaço aqui ele já tá pequeno, entendeu então eu tenho essa dificuldade na questão do espaço e na questão da terra também. Porque assim como eu plantei açaí, e aí eu tirei uma área lá pequena que é pra fazer o cultivo das plantas medicinais e da...da...da horta também né sem ser medicinal porque passou a horta medicinal, comestível tudo é horta né. Aí tá pequeno por conta que assim quando eu coloco a terra adubada a açaizeira ela pode até tá 10 metros longe, mas ela joga a raiz pra lá pra tá buscando o alimento entendeu. Então ali se trança a raiz aí pronto, não vai mais por causa que... a raiz do açaí ela seca né a terra. [...] A minha vontade era fazer um jirau mesmo em cima pra fazer, eu até falei pro [...] [filho mais velho] nós vamos buscar umas castanheiras que tem lá [...] pra gente tá fazendo esse jirau porque se não [...]. (Entrevista "Catinga de Mulata", 2023).

Tem [dificuldades]...tem porque as galinhas né...as galinhas que... tipo se tú for...enquanto tu já deixa lá elas não mexem mas se tu for mexer com a terra... e quando tu vai vê ela já...ela já, reviraram tudo a planta. Aí tem o...a lagarta né que ela come a folha também. Tem os fungos que se tu não prestar atenção, eles podem...quando tu vai vê tá cheio nas plantas. Aí tem que jogar né, fazer...eu passo vinagre. Quando não, eu faço com o...barragem pra jogar na folha.[...] é o pó de café eu também já ouvir falar... (Entrevista "Azaleia", 2023)

É mais pra cuidar que a gente tem que molhar todo dia né. Aí tem que cobrir mais, aonde bate muito sol. Porque tem umas que não pode pegar muito sol. E outras que "gostam mais de sol". Aí tem que molhar todo o dia às vezes de manhã e de tarde. Às vezes a gente não tem muito tempo e ainda tem a preguiça [risadas]. Aí elas vão morrendo. (Entrevista "Jasmim", 2023)

Durante os eventos das mulheres sobre as plantas medicinais, "Azaleia" aprendeu através de um quilombola que estava presente que o marupazinho também possui efeito sedativo. Assim, nas reuniões as trocas não só acontecem com as mudas de plantas, e também os conhecimentos são trocados entre os participantes.

Olha nós temos hortelã, temos o Marupazinho, temos a...a Oriza. [...] O Hortelã, ele tem várias funções né. A gente utilizava antes para a dentição de criança, né porque fazia o chazinho dele junto com o marupazinho pra dar pra criança que tava com diarreia. E...e era isso a gente tomava até com tapioca. [risadas] A oriza, olha a gente utilizava a Oriza, ela serve tanto para choque, só que ela tem outra função a Oriza....choque né pra dor de cabeça, faz o choque...é...é uma misturazinha dela, não é só ela com outros...com outras folhas pra colocar...fazia com álcool pra colocar na

cabeça, pra dor de cabeça<sup>158</sup>. E pra banho de criança, quando a criança tava muito irritada né, eles diziam que era quebranto não sei o quê. Aí fazia aquele banho de tarde pra dar na criança. Aí a...o marupazinho é pra diarreia. (Entrevista “Azaleia”, 2023)

Há algumas iniciativas como o grupo “Unidos na Luta” segundo informações de uma integrante do grupo, “no começo era mais as mulheres que participavam”. Hoje participam homens e mulheres, majoritariamente as mulheres. Atualmente este coletivo busca a autonomia dessas comunidades em relação aos seus saberes ancestrais agroflorestais, medicinais e também das mulheres para conseguir uma renda extra com a venda de seus produtos. A orientação técnica é realizada através da Federação de Órgãos para Assistência Social e Educacional (FASE). “Catinga de Mulata” relata sobre o começo do grupo e as atividades que realizam. Ela ressalta que devido a todos os trabalhos que participa, ela tem dificuldades para cuidar de suas hortas e plantas.

Olha ele [o coletivo “Unidos na luta”] tá com 10 a 12 anos, porque nós começamos com crianças. Nós trabalhamos com criança, a gente dava aula [...] Pois é então [...] nós começamos aqui as reuniões e depois nós passamos pra lá. Fizemos um barracão, fizemos umas cabanas. Não sei se tu fostes ou chegastes a vê? [...] Foi muito bonito na época. Muito bacana! Pensa, nós fizemos uma sala de três quadros, ela era assim cabana mesmo, coberta de palha. Aí a gente fazia as reuniões tira va cada um, uma sala e a gente colocava uma faixa etária de idade entendeu, pras crianças terem aula de reforço de...E aí depois nós começamos a fazer artesanato. Aí do artesanato que foi já que veio [...] [a FASE] quando nós mostramos os artesanatos que nós fez, e aí a mamãe mostrou e aí foi que eles vieram pra gente já começar né com esse grupo, que a gente fez. Era as mulheres e o papai que tava...o papai que tira va os cipós pra nós fazer as coisas. Elas participava mais depois que a FASE deu o apoio. Elas começaram a se interessar né, a ir nas reuniões, a fazer as formações. (Entrevista “Catinga de Mulata”, 2023)

A minha dificuldade mesmo é o tempo... [risadas] É o tempo porque como o açáizal é grande, aí tem que correr pro açáizal, limpa aqui. Aí tem o trabalho da cozinha comunitária, tem o trabalho do SAFS [Sistemas Agroflorestais], tem o trabalho do retiro [de farinha de mandioca], o trabalho na roça, [risadas] [...] Tudo ao mesmo tempo...Ir pra igreja, família...(Entrevista “Catinga de Mulata”, 2023).

As mulheres utilizam as plantas e ervas ancestrais e medicinais para cuidar da saúde da família, filhos, netos, bisnetos etc. Mas também os efeitos ou benefícios produzidos só pelo ato de plantar já demonstra a importância dessa atividade. Uma relação de saúde física, psíquica, bem-estar ambiental, espiritual e uma atividade ancestral. As interlocutoras nas suas falas expressam seus sentimentos neste ato. “Azaleia” fala contente “Ah Eu sinto prazer...[sorriso] Eu sinto prazer cuidando das minhas plantinhas.[sorriso]”. “Catinga de

---

<sup>158</sup>Minha avó matema também utiliza va a folha de Oriza, banha va no álcool e coloca va na cabeça, se estivesse com dor de cabeça.

Mulata” e “Rosa”, amam o trabalho que fazem com as plantas que chegam até a conversar com elas, devido ao cuidado para nutrir e fazer crescer, florir e produzir frutos quase comparado ao processo de cuidados de uma criança.

Cara...elas [as plantas] são...depois de Deus, é tudo. [Risadas] Porque assim... faz a atividade física né, mental eu converso com as minhas plantas. E, é...sem contar que também elas me alimentam, alimentam a minha família. Então...entendeu pra mim... é praticamente tudo, entendeu. (Entrevista “Catinga de Mulata”, 2023).

Pra mim ela [a atividade de plantar] é importante... Ela é bom pra tudo. É pra tudo. É bom pra...como diz a menina ‘É bom pra engravidar’. Eu disse ‘É, eu não sei. Fazem as garrafadas pra engravidar.’ né. Aí é bom pra alimento, né. É bom pra... é bom pra tudo... Agora tem que saber usar. Porque se não tú vai usar veneno, né...[...] Olha o que eu gosto de fazer, Silviane, sabe. Quando chega o verão assim ou no inverno, eu gosto de tá assim mexendo [com as plantas] e plantar. As horas vai passando assim e eu lembro que eu tenho que fazer comida. Eu tenho...mas eu gosto.... Eu gosto de tá mexendo e tá vendo [as plantas]. Sabe eu gosto, assim eu gosto de mexer com as plantas. Aí tem uma árvore de pimenta assim. Aí hoje eu fiz [disse] assim ‘Você tá dando fruto, é filha? Dê fruto’. Aí [o neto mais novo de “Rosa”] disse assim ‘Tá com doida, tá com doida? Olha tu tá doida, tá falando com planta!’. Aí eu falei ‘Não, filho! As plantas, elas não tão ouvindo mas ela tá produzindo. Olha aqui as coisas que ela tá dando.’. Aí ele ‘Hum, a mamãe tá doida conversando.’. Aí eu disse ‘É, eu vou parar com isso ou então eu vou...’. Eu digo ‘Oh Deus!...’. Eu vou orando, e digo ‘Senhor abençoa.’. Aí um dia desses eu tava olhando e aí ele...[“Rosa”] disse ‘Ei, eu toco assim e digo Senhor abençoa essa árvore, abençoa pra dar frutos.’[...] Mas eu falo assim pedindo pra Deus abençoar. (Entrevista “Rosa”, 2023)

Durante a pesquisa pude constatar nas falas das interlocutoras que alguns homens, interessante observar que são poucos os homens que, utilizavam e ainda hoje usam as plantas ancestrais e medicinais. Aqui ocorre uma diferença entre a finalidade de utilidade dessas espécies de plantas pelas mulheres e homens no Itacuruçá. Nas falas de “Rosa” podemos perceber um pouco essa diferença de percepção de utilidade das plantas.

Aí veio, uma vez, uma menina aqui, aí falou que tavam falando que tinham ensinado que tinha um...tinha um...uma mulher que tinha engravidado porque o cara [“curandeiro”] ensinou. Aí eu falei: ‘oh! Eu tô com essa idade, e não sabia que faz isso pra engravidar, ensinava...[a garrafada]. Eu faço isso pra outra coisa, mas pra engravidar eu não sabia.’ [risadas]. Aí [ela disse] ‘É...é...pra engravidar..’ [“Rosa” disse] ‘Eu não sabia.’ [risada]. (Entrevista “Rosa”, 2023)

As mulheres, na maioria das vezes usam as plantas e ervas medicinais e ancestrais na alimentação para o fortalecimento e restauração da saúde no sentido mais palpável do combate de doenças físicas e imediatas. As plantas que são utilizadas por alguns homens, que aqui eu chamo de “curandeiros”, na comunidade do Médio Itacuruçá, eles fazem uso nas religiões de matriz africana (afro-brasileira) umbanda, candomblé, tambor de mina etc. Todos os aspectos

da saúde são levados em consideração, não somente o físico, mas o espiritual, ancestral, ambiental entre outros. “Jasmim” informa sobre os saberes de alguns homens, “Que faz aquelas garrafadas? Eu ouvir falar que tem um homem...que faz essas garrafadas. O [...] [técnico de enfermagem da UBS] até fala que ele fez uma garrafada pra [...] [esposa do técnico de enfermagem da UBS] e ela logo engravidou. [...]”.

De acordo com relatos e as interlocutoras “Azaleia” e “Catinga de Mulata” nesta pesquisa, havia em tempos passados e ainda há alguns “curandeiros” homens na comunidade de Itacuruçá. Faz-se importante ressaltar que ainda há racismo religioso e preconceitos com relação aos saberes das plantas e principalmente aqueles voltados para as religiões afro-brasileiras. Nas falas abaixo podemos identificar que esta atividade de curandeiria feita pelos homens parece ser pouco falada ou muitas vezes até às escondidas.

Não. Tinha uns também [“curandeiros” homens]. Tinha...como é?... o Gongóm. Não sei se já falaram pra ti nele? [...] É o seu gongóm ele fazia...ele fazia remédio. Ele fazia esses trabalhos de ... E no Acaraqui também...mas não era aqui na comunidade mesmo né. Só que o pessoal daqui da comunidade iam pra lá pro Acaraqui pra fazer esses trabalhos né de...de...de...curan... como é ? [...] curanderia. [...] Pois é aí eles iam daqui pra lá né com o seu chiquinho fazer.... remédios, fazeresses.... auês lá que eles faziam. [...] É da ...da...[religião] da umbanda é [...] Isso. Tem o [...] [pai de um dos seus genros] ali também que faz. [...] Era o boca, era o seu Pajeroba antes. Lá onde o boca fazia era o Pajeroba que fazia.[...] o Pajeroba na verdade já não é pai do zé boca, ele é tio do zé boca. O Pajeroba morreu, aí ele ficou lá trabalhando né. Depois ele foi embora pra Belém aí... saiu daí... já até vendeu o terreno parece. [...] Tinha o gongóm é, homem é... O [...] [pai de um dos seus genros] ali ele sempre faz remédio. Esses remédios assim, se encomendar pra ele, ele faz. Se procurar ele pra fazer ele faz [...] Ele ainda faz dias de sexta feira ele ainda faz assim. Ah tá tem o tio [...] também. [...] **É porque pra lá já não se fala muito** mas o tio [...] também ele é ligado nessas coisas de fazer remédios. (Entrevista “Catinga de Mulata”, grifo nosso, 2023)

Sim. Utilizava meu avô, utilizava muito essas plantas. Meu cunhado que ainda é “curandeiro”, né ele usava muito. Ele ainda usa lá em Belém, mas ele compra agora. Na verdade, ele não cultiva, ele só compra. Né, mas ele usa, ele utiliza bastante. Aqui quando ele morava aqui na casa dele, ele ainda plantava algumas que ele utilizava nos banhos, e defumações né. Ele ainda usava. **E aí agora...agora mesmo eu não sei te dizer mana, mas eu desconheço assim um homem, nem “curandeiro” a gente tem eu acho mais aqui né. Se tem é pras escondido.**

(Entrevista “Azaleia”, grifo nosso, 2023)

Alguns [homens] cultivam [plantas medicinais], mas é mais as mulheres. Na minha opinião assim porque Eu vejo que a mulher é mais ligada na...né para esse detalhe de que os homens...para cuidar de filhos, essas coisas então, né ela sempre se aprofunda mais por conta dos filhos, né de tá cuidando...a mãe, a avó já sabe qual a planta que é bom. Olha quando a [...] [uma das sobrinhas de “Catinga de Mulata”] teve neném aí a tia [...] mandou pra cá pra casa. Aí [ela disse] ‘Olha vai lá na [...] [‘Catinga de Mulata’] e vê Sacai de Lua.’. Não sei se tú já ouvistes falar Sacai de Lua? Então, olha primeira vez que tu vai ouvir. O que é Sacai de Lua? Ela é um galho que ela dá no mato, por aqui dificilmente a gente vê, mas aí [...] pra onde tem mais mata grande fechada a gente vê mais. Aí pega aquele galho, aquele sacai né ele fica branquinho, branco, branco mesmo ele fica. Aí pega aquele Sacai e coloca no fogareiro, queima.

Aí diz que quando a Lua mexer com a criança que ela começa a fazer cocô verde, aí passa a fralda da criança naquela fumaça, aí ela vai parar de fazer cocô verde. [...] Aí elas mandam ver comigo, ela [diz] ‘Vai com a [...] [‘Catinga de Mulata’] [risadas]...Quando ela precisa de remédio lá, quando ela precisa de remédio caseiro lá é aqui que ela manda logo, é... (Entrevista “Catinga de Mulata”, 2023)

“Rosa” chega a relatar que além do preconceito religioso, há também um preconceito com o saber das plantas, visto muitas das vezes como um termo pejorativo “macumba”, “feitiço” ou “macumbeiro”. O que de certa forma é perpassado entre algumas pessoas principalmente as evangélicas<sup>159</sup>. Inclusive algumas mulheres evangélicas, o que podemos identificar abaixo nas falas de “Rosa”.

Eu acho que os homens não ligam muito pra isso [saber das plantas]. São poucos. São poucos assim... Porque quando eu converso é mais com mulher. Aí elas conversam e falam. Aí quando é homem [eles falam] ‘Não, não sei.’ É mais mulher... Mas também essas novinhas não sabem muita coisa, é mais essas antigas. E ainda tem um porém... E ainda tem um porém, muitas dessas evangélicas, não sabem. [...] tipo assim se eu for falar com [...] [uma moradora evangélica] sobre plantas medicinais, ela não sabe. [...] É porque se eu for falar deixa eu vê com quem... com a [...] [outra moradora evangélica]... ela não sabe. Se eu for falar com a [...] [uma das sobrinhas de “Rosa”] [ela diz] ‘E tia, não sei!’ [...] Porque é... uma vez eu conversando com a velha Eunice né é sobre planta. Aí a tua avó falou assim ‘Ah é isso aí que o pessoal gosta de falar de planta é feitiço assim...’. Tem aquela mentalidade. Aí eu disse assim ‘Não. Porque a gente... a minha família vem dos católicos não praticantes mas também tem o outro lado do oculto. Então a gente procurava... é remédios faziam... era mais pro lado do papai [umbandista, candomblé]... se fosse abrir a carteira dele tinha coisas ali... e nós todos até quando [...] [filho mais velho de “Rosa”] nasceu, o papai fez um negócio e escondia aqui. Quando foi uma vez eu disse ‘Mas que caramba é isso na cabeça do [...] [filho mais velho de “Rosa”]?’ Aí eu vi aquilo [...]. Ele [pai de “Rosa”] disse ‘Deixa isso pra não dar quebranto. Espanta mal olhado’<sup>160</sup>. E não podia tirar. Mas quando eu vim de lá [do Moju] pra cá. Com a dona Eunice era outra coisa, e eu tirei porque eu disse ‘Não, a minha sogra não gosta disso.’ Aí eu tirei aquilo e joguei. [...] Até na casa [pro lado da família do pai de “Rosa”] quando ia gente, tinha na entrada, uma coisa assim. [A planta Espada de São Jorge para proteção]. (Entrevista “Rosa”, 2023)

[...] É... tem isso, mas não tem nada a vê. [...] Aí por exemplo, Ah tem umas folhas grandes, tú sabe que é bom pra izipra né pois é... Mas o crente, tú vê o crente lá com aquilo? Não né. Tú não vê. Tu vê crente [que diz] ‘Ah eu fui no hospital tomar remédio’. Mas pega a babosa, faz um coisa, não. [vai acabando o conhecimento] Vai acabando. [...] Isso é medicina que vem de lá dos antigos e presta. (Entrevista “Rosa”, 2023)

[...] Aí muitas naquele tempo diziam ‘Não, isso é coisa de “macumba”’. Porque fazer... tal coisa era banho, era mais banho. Só que eu falo [...] Dona Eunice, eu dou banho nos meus filhos quando eles estão gripados, mas sabe como é o banho que eu dou? Eu pego as folhas... folhas de Turanja, folha de limão. Aí folha dessas aí coisas. Aí eu pego folhas de... até isso... folha de... desse coisa de Puracaá. Eu tenho folha

<sup>159</sup>Em consequência da “Evangelização” nas comunidades quilombolas.

<sup>160</sup>Minha mãe diz que antigamente as mulheres amarravam o alho no pescoço das crianças para espantar doenças ou mal olhado.

de...tipo chá...folha de borboleta, folhas de outras coisas assim né. E eu ia tirando, aí eu colocava com álcool, por causa do mucuim, a massava e deixava. No outro dia cedo eu dava banho para tirar o catarro, pra tirar aquela gripe né. Agora pra gripe assim, e u mandei fazer com a folha do limão. Entendeu. A folha do limão eu fervia. Aí pegava tampava e deixava. Aí de manhã cedo eu dava [banho]. Aí é bom pra tirar o catarro. Eu fazia no [...] [neto mais novo] que ele tava demais. Aí tava tava mesmo aí eu dei e pronto....Aí eu já tomei banho, dei nos meus filhos, dei nos meus netos.’ (Entrevista “Rosa”, 2023)

[...] Não. Tinha esses que vem dos índios né. E aí muita assim... eu não sei aqui no Itacuruçá...acredito que tinha sim, os benzedores homens, benzedoras né. Mas tinha homens porque lá em Belém tinha o seu Raimundo, era um velho assim e ele benzia, benzia assim, fazia chá, essas coisas remédios. Olha o sogro da [...] [filha mais velha de “Rosa”] ele sabe fazer garrafada. Ele faz remédios, faz as coisas. Um dia que a [...] [neta dele e de “Rosa” quando era pequena] passou mal...e foi assim...porque o mal existe, existe. Aí veio uma senhora...e falou ‘Mas que menina bonita...gordinha...’ e passou a mão na cabeça dela. Depois que essa senhora saiu, ela começou num vômito, e se delengava tudo. A avó [paterna] dizia ‘Meu pai, o que é isso?’. Aí o marido dela [avô paterno] disse ‘Olha fizeram uma coisa, fizeram uma coisa.’. Ela num comeu nada...ainda mais que ela tinha acordado e num tinha comido nada. E eu sou evangélica Silviane, só que eu tenho uma coisa comigo. Eu não gosto do [...] [neto mais novo] acordar e não tomar as coisas, por exemplo acordar, sem tomar nada e dizer assim pra [ir para a] aula sem tomar nada, vai ali sem tomar...Não, toma alguma coisa. E a mente da criança, é muito frágil, né. E aí o que aconteceu a [...] [sua neta da filha mais velha] passou mal mesmo, dava tanta coisa. Aí a [...] [mãe] orando e o [pai], os irmãos e aí de repente lá vem [o avô paterno] com algumas coisas assim. E aí começou a passar, um negócio assim que já não é... já é pro lado oculto né. E aí passava nela tudo, e aí fazia as benzeções dele na cabeça [...] [dela], e a [...] [mãe] não viu.[...] Aí foi ela foi melhorando, ainda levaram ela pra lá pra Igarapé Miri, né. Aí depois que passou tudo. Aí a [...] [avó paterna] disse ‘É porque [...] [o avô paterno] pegou aquilo tudo e passou na [...] [neta][fez as benzeções]...Aí a mãe disse ‘Olha eu não vi, mamãe ele fazia as [benzeções na filha]’...Aí eu disse ‘Deixa isso pra lá, porque ele na intenção era ajudar, não tava fazendo mal. A intenção dele era ajudar a neta dele. É o conhecimento que ele aprendeu, né. Era isso que ele queria era desfazer, né.’. Então naquele tempo os homens se dedicavam mas hoje eu não vejo [...] não sabe. Olha o papai, ele sabe... tá com 81 anos, né. Aí quem mais desses antigos...eu acho que o tucano ali, que já tem uma idade, o pedrão. São pessoas assim que sabem. O irmão pará, a irmã sebastiana, né eles sabem. Então são pessoas que não nasceram no evangelho [na igreja evangélica]. Mas se tu for perguntar para o velho bik e a dona Eunice eles não sabem mais...É, mas a dona Eunice pelo menos ela sabia que, por exemplo, esse chá é bom pra dor. Mas assim aquele conhecimento mais profundo não. [...] (Entrevista “Rosa”, 2023)

A falta de conhecimento muitas das vezes leva a pessoa a pensar de forma equivocada. “Rosa” traz uma história que aconteceu com ela, onde os colegas de escola, ao realizarem uma atividade escolar na casa de “Rosa”, viram uma sacola de tabaco guardado. E segundo “Rosa” começaram a caçoar dela dizendo que ela fumava e fazia charuto etc. “Rosa” teve que explicar para quê utilizava o tabaco, até porque recai um estigma sobre ela, sendo mulher preta evangélica, ter plantas e ainda por cima fazer remédio das plantas.

Eu...olha tem essa mesa, eu guardo as coisas. Uma vez eu tava estudando, aí tava [...] [os colegas da escola fazendo trabalho]. Aí eu tinha deixado tabaco, tinha deixado tabaco aqui, comprei uma sacola de tabaco e deixei. Porque eu criava galinha e o tabaco se tu fazer uma galinha chocar dentro da tua casa e colocar tabaco não dar piolho de galinha, sabia disso? Mata tudinho piolho de galinha, e o tabaco também é

bom pra tirar bicho né. [É bom para espantar as “pragas” na planta também] Tu ferver ou tu deixa assim e vai jogando borrifando. Aí eu criava galinha, ali do lado de casa naquela área e aí começou a dar piolho de galinha. Aí conversando com a irmã [...] [Esposa de um dos pastores], eu disse ‘Irmã, tá indo pro quarto. [o piolho de galinha]’. Aí ela disse ‘Joga tabaco que é muito bom’. Aí eu peguei tabaco assim e coloquei. Aí eu olhava assim e ali tinha [piolho de galinha]...Eu joguei em uns seis paneiros, e fui colocando. Peguei e fiz aquela água naquele balde e comecei a jogar assim na parede, e disse ‘Isso não vai pra frente porque se subir vai matar.’. Aí passou uns dias e eu não vi mais. Aí toda vez que eu tava limpando assim, limpava e jogava tabaco, para não dar piolho. (Entrevista “Rosa”, 2023).

Apesar da relação campo e cidade ser muito estreita, atualmente ainda existe também o preconceito de algumas pessoas da cidade em relação àqueles que moram no interior, durante a conversa com “Rosa” pude perceber. “Rosa” contou que viajou para Ananindeua para participar do aniversário do seu pai. Ela levou açaí, farinha e pupunha. Durante algumas conversas em família ela foi questionada de que morava no meio do mato. E ao me contar isso, ela disse à eles que hoje em dia, muitas situações já tinham mudado pois já temos acesso à energia e inclusive internet, então já estamos quase em uma cidade. Mas disse que gosta do interior porque tudo a gente pode plantar e na cidade não, porque lá não tem espaço e tudo precisa comprar. Já na comunidade não, é só ir no quintal e pegar.

#### 4.2.1 A conquista da Unidade Básica de Saúde (UBS) pelos Moradores de Itacuruçá

Como discutido anteriormente no período em que o acesso ao Itacuruçá era somente pelo rio, antes de 1989. Em caso de doenças, as pessoas utilizavam de forma frequente as plantas e ervas ancestrais e medicinais, pois as viagens de barco até Abaetetuba eram longas e muitas das vezes era o saber dos ancestrais e dos mais velhos que eram procurados, os “curandeiros”, parteiras, benzedeadas, puxadeiras e outras denominações. “Azaleia” e “Catinga de Mulata” informam sobre o primeiro Posto de Saúde no território de Itacuruçá, em que o Senhor João<sup>161</sup> realizava os atendimentos utilizando as plantas ancestrais e medicinais para fazer remédios. O que com o passar do tempo foram ocorrendo algumas mudanças.

Eu sei que o primeiro postinho de saúde que atendia todo mundo por aqui foi lá no Baixo Itacuruçá. Isso eu sei que era o seu João que atendia todo mundo.[...] Ele se doava pra atender.[...] No começo ele usava plantas. Aí depois já que já foi reconhecido e aí ele já ia pegava remédio em Abaeté, né aí ele já trazia. Aí quando as pessoas iam lá ele já fazia curativos, aí ele já... foi fazendo assim esse trabalho. (Entrevista “Catinga de Mulata”, 2023)

Eu acho que [UBS localizada no Médio Itacuruçá]... surgiu através das necessidades né...é porque...eu lembro que o primeiro postinho de saúde daqui era lá no Baixo

---

<sup>161</sup> *In memoriam* 2024

Itacuruçá, onde tinha um técnico só né. E... isso era o básico que fazia lá. Mas daí iam pra Abaeté. Depois surgiu o [Posto de Saúde] do Pontilhão. Aí tinha que ir pro Pontilhão cedo no ônibus para pegar a ficha né, no Pontilhão. Então eu acredito que dessas necessidades que teve foi que surgiu esse posto [UBS Médio Itacuruçá] aqui.[...] Parece que foi em 2014 a inauguração dele. (Entrevista “Azaleia”, 2023)

Com a abertura do ramal do Médio Itacuruçá, ficou mais fácil o deslocamento e o fluxo de pessoas da comunidade até as cidades (Abaetetuba, Pontilhão, Igarapé Miri e outras próximas à estas), e vice-versa, que aumentaram consideravelmente para fins e objetivos diversos. Ao longo dos anos o número de médicos nos centros urbanos ampliou-se e no nosso território quilombola tínhamos apenas uma senhora que era a ACS de toda a área do Itacuruçá. Ela marcava as consultas na cidade o que demorava dias, ou em casos mais simples marcava consultas na UBS do Pontilhão. Entretanto as demandas por atendimentos eram altas e também levava dias, semanas e dependendo da especialidade do médico requerido, podia-se demorar meses, como explica Pastana (2015).

O acesso à política pública de saúde sempre foi um dos maiores problemas no Itacuruçá, os moradores reivindicavam e até hoje é um tema pautado pela comunidade que “[...] em 15 de agosto de 2004 a Associação de moradores recebeu da prefeitura do município uma ambulância, que foi adquirida pelo Governo do Estado, e que passou a transportar aqueles que necessitavam de assistência médica até a sede do município.”. (Santos, S.C.; Santos, E.S.C., 2023, p. 33). Atualmente essa ambulância encontra-se ativa no território de Itacuruçá.

No que diz respeito à questão da saúde, o atendimento aos moradores [...] [acontecia] na localidade chamada Pontilhão [...] a 14 km do Médio Itacuruçá, na PA 151. Entretanto, assim como ocorre frequentemente nas comunidades campestres no Pará, é um atendimento [...] [precarizado], pois não supre as necessidades locais, ocasionando em uma superpopulação no posto de saúde e o baixo rendimento desse setor. Muitas vezes, as pessoas são obrigadas a aguardar durante semanas para que sejam atendidas. Em casos mais graves, os doentes são levados em uma ambulância [Este veículo é fruto de lutas e reivindicações. Atualmente não está atendendo a comunidade por problemas mecânicos.] para Belém. Atualmente, isso não está acontecendo em virtude da ambulância estar na oficina para manutenção e reforma, sobrando para os moradores que têm carro próprio transportar os doentes para o atendimento médico mais próximo da referida comunidade. (Pastana, 2015, p. 38).

Com muitas lutas durante alguns anos, “Hoje, a comunidade conta com uma Unidade Básica de Saúde, inaugurada em 17 de agosto de 2014<sup>162</sup>, que passou a funcionar com o

---

<sup>162</sup> Há apenas essa Unidade Básica de Saúde no Médio Itacuruçá, no entanto atende todas as comunidades do território do Itacuruçá e comunidades circunvizinhas também.

programa “Mais Médicos”<sup>163</sup> do Governo Federal, atendendo uma vez por semana.” (Santos, S.C.; Santos, E.S.C., 2023, p. 33).

A unidade funciona atualmente com um quadro de funcionários, que é composto por 01 (uma) médica [...] [atendendo pelo menos duas vezes na semana], sendo ela filha da comunidade, formada na Universidade Federal do Pará (UFPA) pelo Processo Seletivo Especial quilombola (PSE), tendo a honra de ser a primeira médica formada através do processo. A unidade, conta ainda, com 01 (uma) enfermeira formada também pelo Processo Seletivo Especial Quilombola (PSE) que atende todos os dias, 01 (um) técnico de enfermagem; 01 (um) agente administrativo; 01 (um) serviço gerais; 01 (um) porteiro, 05 (cinco) agentes comunitários de saúde e 02 (dois) vigias. Possui a seguinte infraestrutura: 01 (um) consultório médico; 01 (um) consultório odontológico que não está funcionando por falta do profissional e equipamentos; 01 (uma) sala de enfermagem; 01 (uma) sala de vacinação que não está funcionando por falta de vacinas; 01 (uma) sala de triagem; 01 (uma) sala de curativo; 01 (uma) sala de esterilização de materiais e equipamentos; 01 (uma) sala de espera; farmácia; copa e [2] banheiros. Essas são as dependências da Unidade de saúde, que ainda falta 01 (um) laboratório, contratação de profissionais qualificados, equipamentos e insumos por parte do poder público [...] (Santos, S.C.; Santos, E.S.C., 2023, p. 33-34)

Na distribuição de cargos de trabalho na UBS do Médio Itacuruçá, as mulheres estão presentes e são a maioria com as funções de médica, enfermeira, ACS, serviços gerais e auxiliar administrativa. Há uma média de 5 homens no total que trabalham nas funções de vigias, porteiro, agente administrativo e técnico de enfermagem.

**Figura 9- Unidade Básica de Saúde no Médio Itacuruçá e Placa de Inauguração da UBS**



**Fonte:** Arquivo pessoal da pesquisadora. Registro realizado em 07 de junho de 2024. À direita a placa com dados sobre a Inauguração da UBS de Itacuruçá, e à esquerda o espaço físico desta UBS.

A UBS do Médio Itacuruçá foi inaugurada em 17 de agosto de 2014 com o nome de Damiana Diogo de Carvalho Barreto, uma antiga moradora da comunidade de Itacuruçá. Damiana Barreto era filha de Raimunda Cruz, uma das primeiras professoras que aprendeu a ler e começou a ensinar no território. Damiana seguiu a carreira de professora como sua mãe.

<sup>163</sup> Retomado por meio da Medida Provisória Nº 1.165, de 20 de março de 2023, a qual institui a Estratégia Nacional de Formação de Especialistas para a Saúde, no âmbito do Programa Mais Médicos, e altera a Lei nº 12.871, de 22 de outubro de 2013.

Até hoje a comunidade não concorda... com esse nome. Porque... até onde a gente sabe Unidade de Saúde era pra ter o nome de uma parteira. E ela [Damiana Barreto] [...] era professora... a... a Damiana era professora e não parteira. Então esse nome da unidade foi uma coisa que veio de lá, já da prefeitura. Entendeu, já foi mandado da Francinetti quando foi inaugurado.[...] Só que a comunidade não... até hoje não concorda com esse nome. Porque o nome que deveria tá era da Tia Inácia que ela sim era parteira. [Ela “pegou” quase todas as crianças no Itacuruçá] A tia Inácia e mais outra mulher que eles falam que eu esqueci o nome...[...] Cãimdãm essa senhora também... que elas duas sim [...] Teve várias parteiras, então elas, que deveriam vir como nome na Unidade de Saúde.[...] E aí... é assim. (Entrevista “Azaleia”, 2023)

Além de dar aula, ela [Damiana Barreto] era coordenadora do círculo de oração da Igreja [Igreja Neopentecostal Evangélica Assembleia de Deus] que eu sei né. Mas assim não que ela não ensinasse alguns remédios, porque assim todo mundo sabe de alguma coisa e aparece [alguém e diz] ‘olha meu filho tá assim’ e aí [a pessoa fala] ‘olha faz tal coisa que é bom né’. Mas ela não era dessa área [área da saúde]. Ela não era procurada por isso. [não era procurada pelas pessoas que tinham problemas de saúde] [...] (Entrevista “Catinga de Mulata”, 2023)

Durante essa pesquisa, as interlocutoras dizem que há uma divergência com relação à escolha do nome para a UBS, pois a comunidade não foi consultada. Ninguém sabe o nome da UBS de fato, “Jasmim” diz que “Era Damiana Diogo Barreto parece, eu já nem lembro mais! Porque tiraram o nome de lá.”.

Se tu for falar Posto [de Saúde] Damiana e tal, ninguém conhece. É Posto [de Saúde] do Itacuruçá. Até quando a gente vai fazer curso, formação [...] a gente tem que colocar o nome né da Unidade [Básica de Saúde], e aí [alguns dizem] ‘Mas não é Itacuruçá?’. [“Azaleia” fala] ‘É, só que o nome do Posto [de Saúde] é esse’. (Entrevista “Azaleia”, 2023)

Aí ali na Unidade [Básica de Saúde] né que o nome já é Damiana Barreto. Não tem nada haver, que ela nem era da área da saúde né.[...] É se colocasse [o nome] da dona Inácia tudo bem, que ela era parteira, a maioria dessa juventude foi ela que pegou. Aí se fizesse uma homenagem pra ela, tudo bem. Mas a Damiana não tem nada haver. Agora depois que pintaram lá na frente nem colocaram nome. Tá sem nome lá. Saiu o nome e pintaram, mas não colocaram nome nenhum. [...] (Entrevista “Jasmim”, 2023)

A tia Inácia ela foi muito importante, muito importante, e era dessa área. Era dessa área da saúde, e não tem nada a ver com Damiana porque Damiana não era parteira, ela era professora. [...] A Tia Inácia pegou muita criança olha praticamente aqui no Alto, Médio, Baixo [Itacuruçá] entendeu, era a tia Inácia... Olha tem muito filho que ela pegou. Aí depois dela, aí depois ela foi pra Belém, aí no lugar dela já ficou a mulher do tio gongóm a... como é?... Esqueci o nome dela agora... foi ela que pegou a [...] [filha de “Catinga de Mulata”], pegou não, ela já só cortou o cordão umbilical da [...] [filha de “Catinga de Mulata”]... quando ela chegou a [...] [filha de “Catinga de Mulata”] já tinha nascido... Meu Deus como é que eu esqueço o nome dessa mulher?... Eu tô com problema de esquecimento sério. Tá na ponta da minha língua [...] [Entra uma de suas filhas e pergunta se era a Anuncência.] [Imediatamente a “Catinga de Mulata” lembra e fala com exclamação] Anuncência, a tia Anuncência, é isso mesmo a tia Anuncência, mulher do tio Gongóm foi ela que pegou a [...] [filha de “Catinga de Mulata”], que depois que a Tia Inácia foi pra Belém foi ela que ficou pegando os filhos... mas aí já não era tantos assim porque o pessoal já ia mais pra cidade. (Entrevista “Catinga de Mulata”, 2023)

“Rosa” lembra de uma das conversas que teve com uma pessoa da comunidade. E ela disse para “Rosa” “[...] Damiana Barreto já morreu, o que ela fez? Ela era professora. Agora quem tá viva é a Inácia, a Inácia lida com a vida. A Inácia ela cuida de mulheres, era pra tá o nome da Inácia aí que ela tá viva.<sup>164</sup>” “Rosa” concorda e completa “Aí nessa hora eu falei ‘Tá certo, era pra tá o nome da Inácia mesmo.’”.

A interlocutora “Rosa” narra várias situações e experiências, que guarda em sua memória. As quais ela teve com a parteira a qual carinhosamente chamávamos de Tia Inácia. A primeira experiência foi quando “Rosa” descobriu que estava com cisto. “Rosa” já vinha sentindo dores e dona Inácia foi fazer a massagem. Depois da massagem, “Rosa” foi parar no hospital devido a dor que estava sentindo, nas palavras dela “[...]Por mim eu...se não fosse a Inácia...Sempre me dava essa dor, mas pra mim era normal [tava crescendo o cisto]...Tava [...]”.

[...] Eu me lembro que a Inácia olha [...] Eu tava com um cisto. Aí eu já não podia ter filho e começou a me dar uma dor [...] Só que a [...] [cunhada, irmã do esposo de “Rosa”] ela tinha ASPEB [Administradora e Agenciadora de Benefícios Ltda], ASBEP sei lá [um convênio de saúde]. E eu não tinha. Aí me deu uma dor e o [...] [marido de “Rosa”] disse, ‘Chama a tia Inácia!’. Só que aquela dor ela dava assim que passava, quando ela vinha de novo, eu me fechava tudinho...Era aí doía as minhas cadeiras, a minha pente. Aí o [...] [marido de “rosa”] disse: ‘Tú não tá gestante?’. Eu disse: ‘Não tô nada, eu sou operada’. Aí mandaram chamar a Inácia. Aí a Inácia foi lá de manhã cedo. [...] [e a Inácia disse] ‘Oi minha filha, o que é, o que é minha filha!’. Eu disse ‘Ah Inácia’, porque eu não chamava “Tia Inácia”... ‘Inácia eu tô com uma dor!’. [E a Tia Inácia dizia ] ‘Minha filha deita aí, abaixa aí’. Aí eu...[ficou com vergonha]. [A Tia inácia disse] ‘Não tem vergonha, minha filha. Tô acostumada a ver...’ [...] [risada][...]. Aí eu disse ‘Tú quer andiroba, alguma coisa?’...Porque a mão dela assim..[era áspera]. Ela só disse assim ‘Vê’. Aí eu só passei na mão dela e ficou mais fácil né. Aí ela pegou e foi [...] [apalpava e sussurrava]. ‘Aí’ Eu [disse]... Égua quando ela meteu a mão [...] Quando ela pegou alguma coisa assim, aí eu segurei [a mão da tia Inácia][e “Rosa” gritou][...] Aí ela pegou, na hora que ela metia assim, que ela segurava e dizia ‘Olha! Olha! Tá aqui ó. Tá aqui...’. Rapaz...[...]aí eu [...] [“Rosa” gritava de dor]. E [tia Inácia] disse ‘Minha filha...’...Tú sabe. Aí ela pegou e disse assim ‘Isso não é filho...Isso não é filho! Olha como tá aqui, tá grandinho já! Olha. Mas não é filho!’. Égua quando ela pegava assim que ela dizia [...] Égua da dor quando ela parou e tirou a mão e foi embora...Silviane, aí eu fui saber o que era dor. Aí eu [...]. Aí só foi piorando. Aí eu falei [...] [para o marido] ‘Égua, a Inácia ela foi mexer. Aí agora não quer passar essa dor.’. Aí eu sei que o [...] [marido de “Rosa”] foi e disse ‘Bora pra Abaeté!’. Me colocou no carro do [...] [esposo da irmã (cunhada) do marido de “Rosa”] direto lá pro [hospital] Santa Rosa que era particular. O [...] [marido de “Rosa”] não tava com dinheiro, aí foi no coisa [convênio] da [...] [irmã dele]. Aí quando foi vê, uma transvaginal, eu tava com cisto. [...]. (Entrevista “Rosa”, 2023)

---

<sup>164</sup> A Tia Inácia está presente nas lembranças das mulheres que tiveram seus filhos com a ajuda dela. E também na memória da comunidade de Itacuruçá quando as pessoas apresentavam qualquer problema de saúde, sempre procuravam ajuda dela.

A segunda experiência de “Rosa” com a tia Inácia foi quando o filho mais novo de “Rosa” bateu o braço porque caiu da goiabeira. A dona Inácia passou uns remédios feitos com ervas e plantas ancestrais medicinais e disse que só estava batido o braço, mas não tinha quebrado o osso. “Rosa” fez o remédio, mas não acreditou que o braço dele estava apenas batido e o levou ao médico, o que ele confirmou.

O [...] [filho mais novo de “Rosa”] ele bateu, ele caiu da goiabeira parece. Foi lá na casa do [...] [sogro de “Rosa”]. Isso aqui dele ficou...saiu assim... ficou uma coisa grande. Aí trouxemos, aí na Inácia. Ela só pegou e o [...] [filho mais novo de “Rosa”] gritava. Ela disse ‘Ah, minha filha não quebrou nada! Só tá batido’. Aí eu falei ‘Inácia, e isso aqui esse osso aqui?’ [e ela disse] ‘Tá batido mas não quebrou. Tu pega a andiroba, tu pega e coloca em uma vasilha a andiroba e limão, abuta e vê osso de macaco. Se não tiver osso de macaco tu coloca só o limão, andiroba e abuta. Pode colocar assim. Tu não faz massagem, tu só coloca assim e deixa que tá muito batido’. Aí eu peguei e fiquei assim...Aí eu procurei quem era que tinha...quem morava lá pra cima [Alto Itacuruçá], quem era que tinha osso de macaco, ninguém. [...] Aí a abuta... tinha uma mulher, [...] lá do Alto. Aí ela pegou e falou. Eu nem conhecia ela. Quando ela chegou em casa, [a mulher falou] ‘Ei, dona [...] [“Rosa”], olha aqui...’. Ela trouxe um pauzinho assim, ele é cheiroso. [a mulher disse] ‘Isso aqui é abuta.’ Eu disse ‘Obrigada’ e ela [...] a senhora rala e mistura e pode colocar.’ Eu ‘Obrigada’. Foi a única vez que eu falei com essa mulher e nem sei quem é, se ela tá viva ou morta...Aí peguei...fiz no [...] [filho mais novo]. Aí levei pra Abaeté. Mas eu não acreditei na Inácia. Cheguei lá e o doutor mandou levar pra uma sala e bateu o raio x. Ele disse ‘Não tá quebrado. Tá muito batido. A senhora faz o seguinte, a senhora vai colocar um negócio pra engessar assim’. Aí eu falei só comigo ‘Bem se não tá quebrado, tá batido, então não vou mandar [engessar] nada. Aí eu só peguei e fui fazendo, ele vinha pra aula e aí ele vinha assim com o braço. Pronto até hoje sumiu assim. Aí eu faço isso compro abuta, eu gosto de ter a andiroba, abuta, eu faço e gosto de ter. E é bom pra baque. Então a Inácia ela fazia muita coisa, sabia remédio, mesmo... (Entrevista “Rosa”, 2023)

A dona Inácia além de ser parteira, fazer remédios, ela também era puxadeira. Quando a criança estava mal posicionada na barriga, ou quando era problema de baque, torcer os músculos entre outros, ela puxava e resolvia o problema. “Rosa” aprendeu sobre os benefícios do mastruz, que “O mastruz [também] ele tira baque. Tú pega o mastruz, e faz aquela pasta do mastruz. Aí se tu tiver com baque assim tu pode colocar. E amarrar, aí aquilo é muito bom pra desmanchar [desinchar]. E eu não sabia.”. Comentei que eu tinha ouvido uma mulher falar que o hortelã é muito bom pra curar feridas e cicatrizações, então eu resolvi fazer o teste. Eu tinha um ferimento de queimadura no braço, e usei só a folha da hortelã, eu lavei a folha e coloquei no local do ferimento. No dia seguinte melhorou rapidinho. As interlocutoras também ressaltam que elas aprendem quando geralmente alguém diz “Ah, isso aqui é bom”. Elas geralmente testam pra ver se dar resultado. E desta forma também aprendem um determinado remédio.

Aí o [...] [marido de “Rosa”], ele bateu isso daqui, ele dizia ‘Tia Inácia, eu não posso fazer assim, tia Inácia....de dor, muita dor tia Inácia.’ Eu tava aí e ela pegou e começou a passar andiroba aqui assim. Aí passou na mão e começou a puxar por aqui...ela não pegou a mão [onde estava doído] do [...] [marido de “rosa”], ela só puxava por aqui assim. [os nervos que vem pra mão]. Tú acredita que desde essa vez, graças a Deus nunca mais o [...] [marido de “Rosa”] sentiu esse problema? Ela puxou, aí eu puxo eu mesmo esse lado aqui ele é, ele não vai muito porque né...A Inácia ela sabia fazer remédio, ela sabia puxar... O [...] [filho mais velho de “Rosa”] quando se batia, levava lá [...](Entrevista “Rosa”, 2023)

Ela tinha uma sabedoria que quando ela ia puxar a barriga das grávidas algumas mulheres diziam que ela só tocava na barriga, ela já sabia qual era o sexo do bebê. Outras parteiras sabiam até o dia de nascimento do bebê, como minha avó materna contava. “Rosa” comenta que foi assim com a dona Inácia, que “adivinhou” o dia de nascimento da sua filha.

E quando ela [tia Inácia] olhava, ela dizia ‘Hum...aquela ali tá prenha’. Aí eu ‘Como é que sabe Inácia?’, ela ‘hum, tá prenha!’. Ela conhecia e eu ficava...[...] Da [...] [filha mais velha de “Rosa”] ela [tia Inácia] adivinhou...Eu tava com dor né, aí a Raquel [esposa do primo do marido de “Rosa”], veio aqui e eu disse pra Inácia, ‘Ah! eu tô com muita dor. Tá dando dor e passa, dor e passa.’. Aí ela puxou a minha barriga e disse ‘Já tá tudo arrumado os cueiros da menina?’. Aí eu falei ‘Por que, já é dor pra ter?’. Ela disse ‘Hum, arruma o cueiro tudo o que é.’. Aí eu peguei e fui e disse ‘Raquel, o que ela quis dizer?’. Aí a Raquel disse: ‘Olha eu acho que já é dor pra ti ter que ela quis dizer.’. Aí eu ‘Será?’. Aí eu só cheguei em casa arrumei tudo, aí quando foi, foi aumentando essa dor. Fomos de noite e quando foi dez horas do outro dia eu tive a [...] [filha mais velha]. Já era dor pra mim ter. Né e ela falava mesmo e ela sabia. (Entrevista “Rosa”, 2023)

Depois que a dona Inácia começou a ficar idosa perdendo as forças, ela já foi morar para Belém com a filha dela. E ficaram outras parteiras na comunidade. Mas também já começaram a procurar os médicos da cidade de Abaetetuba, Igarapé Miri, do Posto de Saúde do Pontilhão. E mais a frente com a inauguração da Unidade Básica de Saúde do Itacuruçá em 2014, começaram a vir também médico para a comunidade. Como informa “Azaleia” que no começo a coordenadora da UBS era de Abaetetuba e relata outras informações nas suas falas abaixo.

[...] Aí começou a vir as enfermeiras que são enfermeiras formadas mesmo [...]. Veio uma cubana<sup>165</sup> também, que eu esqueci o nome dela. Veio umas três enfermeiras pra aí... que eram coordenadoras aí...mas era assim vinha um instante, a unidade [UBS] quase que nem funcionava né no período delas, porque elas vinham... chegavam nove horas quando era dez e meia já iam embora. Aí a unidade [...] quase que não funcionava...era... Era mais complicado o atendimento. (Entrevista “Azaleia”, 2023)

---

<sup>165</sup> Veio para o Médio Itacuruçá por meio do “Programa Mais Médicos”

Depois de alguns anos “Azaleia” foi indicada para trabalhar como coordenadora na UBS de Itacuruçá e até hoje ela é a responsável. Houve muitos avanços, mas também algumas dificuldades e contratemplos chegaram. Como “Azaleia” é moradora no Médio Itacuruçá ela era procurada direto, detalhes nos seus relatos abaixo.

[...] Até fora do horário de trabalho... agora graças a Deus eu já consigo dormir mais tranquila porque eu freei. Tinha noites que eu saí daqui três horas da madrugada pra ir atender, era. Aí quando era seis horas eu tinha que levantar para ir pra Unidade era. Aí eu dei uma freadazinha porque se não eu não ia dar conta. (Entrevista “Azaleia”, 2023).

Muita, muita dificuldade porque tem que te virar nos 30. [...] Aí eu graças a Deus eu não sinto mais dificuldades porque... o meu marido me ajuda né. Se ele não me ajudasse eu não sei se eu daria conta. Mas aí graças a Deus ele me ajuda muito então. Mas eu sinto muitas dificuldades porque tem horas assim que... eu fico pra pirar assim sabe que pesa mesmo, pesa bastante. É cobranças daqui, é cobrança... principalmente final de mês. Tem que fazer frequência, tem que fazer... planilha de... de testes, tem que fazer é... reunião com os funcionários, tem que ir para reuniões, tem formação, então tipo... Tem visitas, tem atendimentos, se tu não fazer atendimento é... agora né eles colocaram que os atendimentos né se tu não fazer os atendimentos a Unidade corre o risco de fechar porque exige produção, tu tem que ter produção. Aí ao mesmo tempo tu tem que atender, tu tem que fazer outras coisas ali sabe. Então tu tem que te dividir e fazeresse rotatório lá pra poder é... é tentar... resolver as coisas. (Entrevista “Azaleia”, 2023)

Quando “Azaleia” chegou como coordenadora na UBS havia falta de remédios, materiais de curativos, testes de Infecção Sexualmente Transmissíveis (IST), vacinas entre outros itens essenciais para um bom funcionamento e desempenho no tratamento da atenção básica na UBS. E aos poucos “Azaleia” foi conseguindo repor estes itens com persistência e dedicação no seu trabalho. Atualmente ainda falta melhorar em alguns aspectos para conseguir atender as necessidades dos moradores de Itacuruçá, como ressaltam “Azaleia”, “Jasmim”, “Catinga de Mulata” e “Rosa”.

[...] Porque o médico vem duas vezes por semana. Aí tem muita gente que tá precisando de uma consulta, urgente né aí tem que agendar, tem que ficar esperando. Aí demora muito. Se fosse mais dias [pra ele atender]... Os remédios têm pouco, só mesmo pra “quebrar o galho”. (Entrevista “Jasmim”, 2023)

Olha não. Ela [UBS] não consegue atender tudo né, todas as demandas que deveriam ser atendidas... É... tá faltando muita... tá faltando mão de obra, tá faltando mais é reconhecimento pelos órgãos públicos. Né que eles deveriam investir mais na saúde, pra poder funcionar... de uma forma bem mais... é... é acessível para a comunidade. Falta o nosso posto de coleta de exames, falta mais profissionais... da saúde. Tá sobrecarregando... como a equipe que é pouca, aí tá sobrecarregando. É... tipo só tem dois profissionais da saúde né então acaba, é... sobrecarregando... um e o outro. [...] Eles [prefeitura] deveriam nos dar mais é... apoio nessas, nessas coisas. Ah tá faltando funcionários, vamos contratar, vamos dar uma coisa melhor né. A sala de vacina deveria funcionar todos os dias? Deveria mas não funciona. A... energia, não temos uma energia adequada. Né aí vamos investir... Que tal comprar umas placas solar pra resolver o problema né? Mas até aqui ainda não foi resolvido na da né. A gente tá aí. [...]

Falta bastante remédios. Assim tem o básico mas já teve [tempos] piores porque nem o básico tinha quando eu entrei. Agora já tem o básico. Tá faltando alguns medicamentos? Falta. Mas aí... eu não sei o que é que acontece...mas é isso é o poder público né. (Entrevista “Azaleia”, 2023)

Não. Pra atender as necessidades dos moradores falta muita coisa ainda, porque assim...tem uma médica, tem é...às vezes sim, às vezes não, né tem vezes que passa até três meses sem médico, né. Então assim remédio, nem sempre tem, quando chega não dar nem pra um mês, entendeu, porque chegou...um dia desses chegou remédio aí, aí nós mandamos vê [...] e não tinha mais, entendeu, então...Então assim não consegue atender, sendo que ainda precisa de muita coisa. Ainda precisa de um laboratório, que era pra nós ter aqui mesmo na nossa comunidade, ainda não temos, porque não precisa ir pra abate pra fazer um exame, às vezes um exame de rotina, poderia tá fazendo, né,[na comunidade] um dentista nós devíamos ter [...]. (Entrevista “Catinga de Mulata”, 2023)

Não. Porque olha, quando eles fizeram esse posto tinha todas as coisas ali pra dentista né. Levaram tudo e a gente precisa... tá aí o [...] [dentista] e cadê o material ali, cadê...agora nós temos daqui que se formou, o dentista mas não exerce ali. Era pra tá aqui na comunidade. Mas aí...quando eu conversei com a [coordenadora do Posto], ela disse ‘[...] [“Rosa”] no meu tempo [quando entrou como coordenadora na UBS] já tinham levado [...]’ (Entrevista “Rosa”, 2023)

Com a vinda da UBS a partir de 2014, muitos cursos, palestras e os treinamentos das ACS, demais profissionais e população em geral começaram a chegar na comunidade. Os quais são fontes de aprendizado e fortalecimento dos saberes ancestrais. “Jasmin” informa “Olha a gente teve umas palestras sobre como manusear as plantas. Aí porque antes a gente tinha muito treinamento, aí agora que não teve mais. Mas a gente fazia treinamento sobre isso...porque a pessoa tem que saber pra que serve...”.

Entretanto com a tecnologia, a vinda da modernidade e os medicamentos sintéticos junto com as diversas doenças há uma diminuição no uso das ervas e plantas medicinais pelas pessoas. Como podemos identificar nas falas das interlocutoras. Mas mesmo com a influência das indústrias farmacêuticas algumas pessoas ainda utilizam as plantas ancestrais e medicinais. “Rosa” reforça que “Se tiver, é Silviane as plantas que eu preciso, eu uso. Agora se não tiver, o jeito é o remédio. Né remédio da farmácia. Aí eu já vou e compro pra aquilo. Agora se for problema grave assim, aí eu vou ter que consultar.”

Olha tem algumas [pessoas] que ainda usam [as plantas ancestrais e medicinais]. Mas agora eles já usam mais de farmácia, porque agora como já tem a unidade [UBS] o médico vem, aí eles já consulta e já pega o remédio e já não usa tanto assim [as plantas ancestrais e medicinais] né. Mas tem os que não abri mão, eles usam essas plantas medicinais...mas é o melhor porque o remédio são feitos dessas plantas [...] Tem uns remédios que aceleram o coração mesmo, o ibuprofeno, uns xaropes aí quem tem problema de arritmia e toma isso... (Entrevista “Jasmin”, 2023).

“Rosa” expressa o cuidado das mais velhas fazendo os remédios de plantas ancestrais e medicinais, pastilhas para os mais novos, o que nem sempre é tão valorizado assim. E no meio das histórias contadas por ela, sempre tem aquela que envolve os antigos, os ancestrais.

Difícil...só aquelas pessoas antigas. Essas novinhas não...Se tu bem reparar assim...tu não vê assim...dar uma diarreia, já tão lá no Posto [de Saúde] né. Aí ah fulano tá gripado, tá lá no Posto [de Saúde]. Mas não sabe fazer, ah não deixa eu fazer...um chá...tá tossindo..ah deixa eu fazer um chá de gengibre....ah deixa eu pegar mel com...com um pouco de limão [alho]. Deixa eu fazer uma pastilha [...] um dia desses [...] eu fiz xarope da folha de algodão, da folha de pirarucu, bati tudo e enchi uma garrafinha e disse ‘Toma’. Peguei, fiz xarope de gengibre e fiz pastilha de gengibre. E ela levou [uma das irmãs que veio visitar “Rosa” nas férias]. Ela disse que não iria levar, aí eu ‘Por favor, é pros meus sobrinhos’. Aí ela levou. (Entrevista “Rosa”, 2023).

[...] Ela [tia materna do esposo de “Rosa”] levava forsanque, tú já viu né? Aí ela passava aqui e levava uma garrafa pra Erci. Aí eu dizia ‘Êi irmã, garrafinha’. [tirando brincadeira] Aí ela passou e disse que não ia mais levar porque ela passava aqui e eu chamava pra ela de “irmã garrafinha”. Aí eu disse ‘Meu Deus, eu vou parar’..Dona Eremita! (Entrevista “Rosa”, 2023).

Para fomentar e valorizar o conhecimento ancestral quilombola, está em andamento o projeto “Jirau Medicinal Quilombola na Unidade Básica de Saúde no Território do Itacuruçá, Abaetetuba, Pará” organizado e pensado pelo “Coletivo Mãe Preta: Sementes da Ancestralidade” o qual é composto majoritariamente por mulheres quilombolas pertencentes às sete comunidades que compõem o território de Itacuruçá.

O projeto é apoiado pelo Fundo Casa Socioambiental, com o objetivo de fortalecer e resgatar os saberes das plantas e ervas ancestrais e medicinais deste território quilombola, além de defender uma alimentação saudável pelas plantas, frutas e verduras e as PANC. Fomenta também os cuidados ambientais e agroflorestais, fazendo orientações através de palestras, oficinas de cuidados e manutenção de hortas com adubos orgânicos e compostagem. Para produzir conteúdo sobre essas ações, o projeto prevê construir um Jirau medicinal quilombola na UBS, (o qual já está com a estrutura pronta); a confecção de um caderno com a descrição das plantas, ervas e PANC, seus modos de uso, indicações, formas de preparo e a parte da planta utilizada pelos moradores do território; capacitação de ACS e comunitários de Itacuruçá sobre os conhecimentos e usos das plantas e ervas ancestrais e medicinais.

#### 4.2.2 A pandemia da Covid-19 no território de Itacuruçá

No final do ano de 2019 começa uma crise pandêmica no cenário global com relação à saúde, em face também a problemas socioambientais devido ao processo das mudanças

climáticas. Uma pandemia provocada pela contaminação e disseminação de um vírus, denominado de Novo Coronavírus (SARS-CoV-2 ou Covid-19). Desde o final de 2019 já fazia milhares de vítimas em alguns países.

Atentos e atônitos acompanhamos os noticiários pelos canais de televisão e redes sociais, sentimentos de medo e pavor ao ver as imagens das vítimas de todas as classes sociais. Em 11 de Março de 2020, a Organização Mundial de Saúde (OMS) decretou Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional (ESPII) para a Covid 19, e instaurou medidas de isolamento social para diminuir a propagação deste vírus, aumento das práticas de higiene das mãos e ao espirrar, utilização de máscara facial, evitar aglomeração de pessoas em ambientes públicos, fechamento total de alguns estabelecimentos de serviços não essenciais.

Não estávamos preparados politicamente e os estudos da vacina contra a Covid 19 ainda estava se consolidando, o que aumentou ainda mais as nossas fragilidades no Brasil e no mundo. Em face a todos esses problemas, houve uma escalada de desinformação propagadas por setores religiosos e outros segmentos da direita e extrema direita no Brasil e no mundo, incluindo o então Presidente do Brasil Jair Messias Bolsonaro. Esse presidente propagava fake news sobre a doença em lives abertas ao público, em canais de youtube e até mesmo pronunciamento em rede nacional de televisão, reduzindo-a como apenas uma “gripezinha”<sup>166</sup>, sobre a ineficácia da vacina ou que iria ter complicações de saúde caso alguém viesse a tomá-la<sup>167</sup>. Além disso, houve atraso na compra de vacina pelo governo federal, ódio com relação à jornalistas, propagação de racismo, misoginia, homofobia por meio de discurso explícito, em redes sociais, disfarçado de religiosidade.

Por conta de todos esses embaraços houve o avanço da contaminação, centenas de milhares de pessoas vieram a óbito pois não seguiam as recomendações que eram preconizadas pela OMS expondo-se à contaminação devido a diversos fatores, e conseqüentemente agravamento do quadro de saúde e da doença.

Os hospitais municipais, estaduais e federais, Unidades Básicas de Saúde (UBS), Unidades de Pronto Atendimento (UPA) lotavam cada vez mais e o difícil acesso à médicos em áreas rurais<sup>168</sup>, demora na disponibilização de auxílios emergenciais ou a insuficiência deste auxílio e até mesmo as pessoas que não tinham acesso à internet para o cadastro, tornava

---

<sup>166</sup> Isso pode ter dificultado o entendimento de algumas pessoas sobre a gravidade da doença.

<sup>167</sup> “Catinga de Mulata” informa que “muita gente não queria se vacinar e teve pessoas a quina comunitária de que não se vacinaram mesmo.”

<sup>168</sup> Provocados também pela extinção do “Programa Mais Médicos” pelo governo Bolsonaro, programa este instituído no governo Dilma em 2013.

essa situação de calamidade pública. As pessoas mais necessitadas buscavam trabalhos e meios de garantir sua sobrevivência, “o pão de cada dia” nas ruas não podendo obedecer ao “Fique em casa!”. Esta advertência também era apontada pelo governo federal, como responsável pelo seu fracasso na economia, em uma manobra para se esquivar dos problemas sociais devido ao aumento da inflação, desemprego, fome e empobrecimento, sendo que faltava políticas públicas básicas para a população.

[...] Para que a política de saúde seja, de fato, implementada pela sua importância, não basta ter prédio, dependências, profissionais, equipamentos e insumos, mas, acima de tudo, responsabilidade na gestão do que é público. E em se tratando de saúde, passamos por um momento desafiador, em que nos encontramos apreensivos diante de um inimigo invisível, que trouxe consequências catastróficas na economia, política e social, sobre a nossa história e do mundo todo, causada pelo novo coronavírus (COVID-19). A paralisação das atividades produtivas, de entretenimento e lazer e o colapso no sistema de saúde mostrou-nos a fragilidade em que nos encontramos para o enfrentamento de uma pandemia. Se nos grandes centros as dificuldades foram tremendas, nas comunidades quilombolas, fazer o enfrentamento de uma pandemia foi desafiador, pois infelizmente as comunidades quilombolas são carentes e há falta de praticamente todas as políticas públicas. No território da ARQUIA, objeto desta pesquisa, não foi diferente, e importante fazer um relato especial, pois tivemos vários quilombolas infectados pelo coronavírus, inclusive com alguns óbitos e as comunidades buscaram fazer barreira sanitária, fazendo portões nas estradas, colocando miritizeiros nos rios, proibindo entradas de pessoas que não são das comunidades. Muitos quilombolas buscaram o auxílio emergencial do governo federal para minimizar os impactos causados pela perda das atividades produtivas, mas um dos grandes problemas foi e é o acesso à internet e o número de celular que precisava ser fornecido para receber o código que era enviado pela Caixa Econômica Federal. A MALUNGU, buscou parceria junto a instituições públicas e privadas para tentar minimizar os impactos causados pela COVID-19 nos territórios quilombolas e, juntamente com discentes quilombolas, buscaram solucionar a dificuldade criando grupo de voluntários em todas as regiões do Estado, porém, com sinal de internet ruim e pelo pequeno número de celulares disponíveis nas comunidades e a falta de informações, muitos quilombolas não conseguiram receber o auxílio emergencial. (Santos, S.C.; Santos, E.S.C., 2023, , p.35)

Com essa questão da dificuldade de internet, a partir de 2020 grande parte dos serviços passaram a ser online devido à pandemia da covid-19. Então aumentou muito a demanda dos moradores pelo acesso à rede de internet, o que facilitou o preço e os serviços ficaram mais acessíveis e baratos. Os serviços de rede de internet fibra óptica começaram a ser instalados em 2021 na comunidade do Médio Itacuruçá, sendo que um considerável número de pessoas atualmente já possui acesso na comunidade.

Houve muitas mudanças, na comunidade de Igarapé São João no Médio Itacuruçá, onde foi realizado o estudo, pessoas adoeceram e tiveram que buscar atendimento médico nas UPA e hospitais de Abaetetuba e Igarapé Miri, cidades mais próximas, que ficaram sobrecarregadas devido à grande demanda dos moradores da cidade e ainda das ilhas destes

municípios, reflexos de outras doenças e acréscimo da situação pandêmica da Covid-19. “Azaleia” relata que “No período da covid...nas festividades afetou muito, as festividades. Os cultos nas igrejas...afetou. Os bares...é...reuniões né que antes a gente reunia tudo presencial, era [e naquele período era] tudo online. [...]”. De acordo com os comunitários algumas festas de aniversário e encontros de família eram realizadas através de plataforma como *google meet*, ligações pelo *WhatsApp* etc.

As pessoas não podem se reunir nas igrejas, sejam elas católicas ou evangélicas. Alguns assistem a missas e cultos transmitidos pela internet, organizam aniversários ou reuniões familiares virtuais, mas nem todos têm acesso a essa comodidade. Para amenizar um pouco esse momento tão penoso, tentamos nos colocar o mais próximo possível de parentes e vizinhos, fazendo algumas visitas às casas tomando todos os cuidados possíveis, telefonando, enfim tentando saber o que as famílias estão passando para lhes dar apoio. (Silviane Carvalho, 2021, p. 264)

Os quilombolas de Itacuruçá apresentavam sentimentos diversos em relação à pandemia, como medo, tristeza, indignação e outros, pois “Toda a vida comunitária se modificou, e com isso algumas pessoas vêm tendo problemas psicológicos, principalmente ansiedade [...]” (*Ibid.*, p.262). Ocorreram mudanças que não esperávamos, além da ausência de um amparo e apoio às pessoas e familiares das vítimas por parte do presidente.

Muita [mudança] porque um não visitava o outro, porque... quando tinha medo né...até a Igreja fechou... Não teve culto, eu acho que uns dois meses, pra não ter contato com os outros. Foi uma época muito difícil assim, pra comunidade. Eu fui em uma consulta no hospital das irmãs, nessa época com o Dr.º Valter, médico de osso. Aí ele sentava perto da mesa com a máscara, e mandou eu sentar bem perto da porta com a cadeira e de máscara. Aí de lá ele falava e o pessoal tudo lá e a gente sem privacidade né. Eu digo: ‘Ah essa consulta não deu certo comigo.’ [risadas] Mas era obrigado né. (Entrevista “Jasmim”, 2023)

Mudou, tipo assim...como eu trabalho na igreja e sempre eu tô com as crianças. É... nós tivemos uma regressão no ensino,[as escolas pararam as aulas] né que nós já tínhamos muitas crianças que já tava lendo ali, que é uma beleza!. Aí quando veio a pandemia depois pronto, entendeu já não sabiam mais ler, outros já iam só soletrando, gaguejando, entendeu. Então assim teve uma perda muito grande, uma mudança muito grande aí.[..] Mudou muito também foi tudo. (Entrevista “Catinga de Mulata”, 2023).

O número de mortos no Brasil crescendo rapidamente, a invisibilidade da população quilombola e o descaso do presidente Jair Messias Bolsonaro em relação à pandemia e aos povos tradicionais. Esse descaso tem sido demonstrado em declarações racistas e odiosas sobre o povo quilombola, que banalizam sentimentos associados à morte – medo, pesar, tristeza, indignação. (Silviane Carvalho, 2021, p.262)

Em geral, nas comunidades quilombolas existem muitos obstáculos com relação ao acesso aos serviços públicos de saúde, há “[...] (UBS) com [...] um técnico de enfermagem. Faltam remédios e equipamentos para um atendimento em áreas especializadas” (*Ibid.*, 2021).

Entretanto, na maioria destas comunidades quilombolas não há essa “comodidade”, onde nem o básico não tem. Esses foram um dos problemas que se agravaram durante a pandemia e aumentou ainda mais as nossas fragilidades no território quilombola de Itacuruçá.

Minha comunidade, Igarapé São João, no Médio Itacuruçá, enfrenta dificuldades para manter as medidas de isolamento social devido à localização. Além de ser acessível através do rio e de um ramal [...], ela é passagem para outras seis comunidades que pertencem ao nosso território quilombola, e por isso há uma dinâmica regular de deslocamentos. Então é muito difícil nos organizarmos como outros quilombos que implantaram barreiras sanitárias para evitar o trânsito de pessoas externas. Assim, optamos pelo máximo distanciamento dentro da própria comunidade, suspendendo festas, celebrações religiosas e até reuniões de fim de tarde, quando costumamos conversar com os mais velhos. Entretanto, o isolamento domiciliar é um desafio, pois em uma casa de porte médio a pequeno reside mais de uma família. Assim, quando alguém da família adoce, os demais também tendem a adoecer. [...]. Dessa maneira, todos devem se unir para evitar a propagação desse vírus, impedindo óbitos em decorrência da Covid-19 [...] (Silviane Carvalho, 2021, p. 261- 262).

“Azaleia” comenta que “[...] tanta doença, tanta morte né, era muito difícil tu vê. O meu pai fala que quando tinha morte, essas doenças era epidemia né de malária, a de sarampo que dava no povo. Então era isso que matava mais o povo. Hoje em dia não.”. Com a pandemia da covid-19, houve vítimas em todo o mundo crianças, adultos e idosos. No território de Itacuruçá “Encontramos casos confirmados e muitas pessoas com sintomas da doença, mas que não tiveram acesso ao teste de Covid-19. As mortes também são contadas por nós, que dolorosamente vemos nossos rituais de despedida sendo suspensos.” (Silviane Carvalho, 2021, p.263).

Adoecemos<sup>169</sup> meu esposo, nossa filha e eu evitamos viajar para a comunidade por receio de propagar o vírus. Assim por um ano e meio me mantive longe dos meus parentes e familiares, da comunidade e dos meus pais, meu avô e minha avó materna devido ao avanço da idade deles e também aos seus problemas de saúde. Sempre falava com eles por telefone para saber sobre a saúde, entre outros assuntos corriqueiros, orientava sobre os cuidados em saúde e a proteção contra esse vírus.

Muitas pessoas adoeceram da Covid-19, alguns recuperaram, outros infelizmente vieram a óbito. Dentre estes, meu avô, minha avó, duas tias e conhecidos. Sofremos muito com a perda deles e delas pois eram os nossos idosos, fonte de conhecimento e aprendizado

---

<sup>169</sup>Não conseguimos acesso ao teste, mas apenas analisando os sintomas o médico disse que eram prováveis da infecção pela Covid-19.

os nossos griôs<sup>170</sup>, agora nossos ancestrais. Tiveram grande importância e contribuíram muito com a nossa comunidade nas conquistas que temos hoje. Não tivemos acesso a testes para identificar se os óbitos foram em decorrência do vírus da Covid-19.

Uma grande parte do conhecimento ancestral e saberes eles levaram, e nos deixaram um pouco das histórias que eles contavam ao conversar com os comunitários, e também pela curiosidade, eu perguntava a eles. Sempre fui muito curiosa sobre os antigos e o surgimento da comunidade. Depois que eles ancestralizaram eu me perguntei como que eu posso contribuir para que esses saberes e a memória dos mais velhos continuem sendo contadas e conhecidas pelos mais novos. E a partir desse momento, conhecendo os saberes da comunidade escolhi o tema sobre as relações entre as mulheres, território, memórias e plantas que sintetiza também a nossa trajetória enquanto comunidade ribeirinha e quilombola.

Por eles conheci um pouco da nossa história e carrego a missão de contá-las aos meus filhos e netos seguindo adiante o legado de lutas em busca de um mundo melhor e igualitário. Este trabalho já é uma parte dos saberes que aprendi com eles e elas. Espero contribuir com o tanto de conhecimentos que eles me trouxeram.

Meu avô e minha avó materna moravam sozinhos, por insistência deles, ao lado da casa da minha tia materna. Sempre que precisavam, estávamos perto. Saí da comunidade em 2014 para morar com uma das minhas irmãs em Ananindeua, e estudar o ensino superior na UFPA. Retornava sempre que podia aos finais de semana e feriados. E toda vez que eu voltava para a comunidade eu ia visitá-los. Tive o imenso prazer de conviver com os meus avô e avó maternos. E mais tempo com a minha avó<sup>171</sup> que foi morar por um período com os meus pais. Na comunidade os nossos idosos sempre são cuidados pela família até eles fazerem a sua passagem.

Durante a pandemia eu sempre ficamos apreensiva quando eu via nos noticiários as vítimas da covid-19, e eu pensava nos nossos idosos, crianças e pessoas já acometidas com doenças que estavam sob grande vulnerabilidade, sob risco por conta de seu sistema imunológico já estarem mais debilitado. Compartilhava conteúdos nos grupos de *WhatsApp* do qual eu participava da comunidade, para prevenção e cuidados contra o vírus. Temia pela vida das pessoas.

---

<sup>170</sup>Os mais velhos, que contam as histórias dos nossos ancestrais e a trajetória do nosso povo em comunidade. Os griôs preservam e transmitem a cultura de um povo, por meio da oralidade, de geração em geração.

<sup>171</sup>Depois que meu avô materno faleceu em 24 de dezembro de 2021, a minha avó materna foi morar por um tempo conosco até uma semana antes dela falecer no dia 02 de novembro de 2022.

Na comunidade temos vários saberes ancestrais, aspectos culturais que envolvem a coletividade, as reuniões com os nossos mais velhos, convivência e repassando esses saberes, as próprias reuniões religiosas, e tudo esse isolamento social e as perdas pelas mortes dos familiares e pessoas queridas, afetou o cotidiano em comunidade. O que muitas das vezes a pandemia não pôde proporcionar isso, para nós. Devido ao isolamento social, mas também porque ela levou uma grande parte dos nossos idosos.

O que pude trazer comigo da pandemia da covid-19 foram os últimos anos que vivi e convivi com a minha avó. Nunca tinha passado por uma pandemia, mas isso só me fez pensar no quanto é importante valorizarmos e dar a devida importância às pessoas, suas vivências, sentimentos e seus saberes.

Particpei de forma ativa na organização da vacinação da primeira dose contra a covid-19 no dia 28 de abril de 2021, ocasião que retornei para a comunidade. Estava ansiosa pela vacinação, porque diminuiria o número de mortes e representou a possibilidade de enfim voltarmos a nos reunir coletivamente nos espaços da comunidade, o que fazíamos cotidianamente antes dessa pandemia.

**Figura 10- Cronograma oficial de vacinação da 1ª dose contra a Covid 19 no Médio Itacuruçá**



**Fonte:** Produzido pelos moradores do Médio Itacuruçá.

A comunidade toda foi envolvida, tivemos reuniões online, para decidirmos essa logística e construímos um mutirão de voluntários, para controle do fluxo de pessoas e higienização das mãos com álcool em gel e máscara facial. Decidimos dividir-nos em quatro pontos no espaço da comunidade de acordo com faixas etárias, para evitar a aglomeração de pessoas no momento da vacinação, cronograma organizado pela comunidade do Médio Itacuruçá. Montamos grupos com as/os quilombolas e também universitárias/os da UFPA que

pertencem à comunidade, professoras, jovens e adultos que em sua maioria era composto por mulheres do território.

Em se tratando dos doentes no Itacuruçá, na UBS havia apenas um médico que vinha uma ou duas vezes na semana e com o aumento dos casos o posto de saúde ficava cada vez mais lotado.

Aqui mesmo quem pegou covid...muita gente pegou só que nem soube que era covid né, mas que foi mesmo descoberto que era covid foi o marido da [...] [uma comunitária] que quase ele morre. Ele ficou só pele e osso. [ele ficou internado e mais outras pessoas ficaram internadas também.] [...] Mas eu acho que muita gente pegou covid, só que não foi constatado [...]. [...] Eles não deixavam nem a gente entrar lá. [Algumas pessoas deixavam uma garrafa de álcool em gel na frente de suas casas e andavam de máscara] Até hoje ainda tem. Morreu muita gente que tinha assim, vontade assim de se curar... Olha aquele André da farmácia que tinha conhecimento né, ele morreu de covid. Ele e o irmão dele. Ele morreu em um dia e passou outro dia e morreu o irmão dele. Tú já pensastes? [...] E a pessoa não poderia nem vê [o corpo]...era rápido. Muito triste isso. (Entrevista “Jasmim”, 2023)

Na pandemia...é...deu muita gripe que a gente achava que era gripe, não sei se era gripe ou se era o corona como diz o cara. Eu só sei que foi forte porque não tinha exames, essas coisas. A gente não ficou sabendo se era ou não. Só sei que teve essa virose mas...era dor de cabeça, febre, dor de garganta, aquela coriza.[...] Só tratamos por aqui mesmo. Tomamos remédios pra dor de cabeça, febre. (Entrevista “Catinga de Mulata”, 2023).

Não, não... com o daqui mesmo, aqui. [consultavam com o médico que atendia na UBS da comunidade]. O [...] [filho mais novo de “Rosa”] pegou covid, aí foi tratando. Aí os meninos adoeceu e eu fui tratando em casa, sabe, com remédio, limão, era assim. [ainda não tinha um remédio específico e nem tinha vacina ainda]. Eu sei que nesse tempo, esse...esse paracetamol aí só faltavam jogar na costa da pessoa... o que mais tinha...Era dor de cabeça, febre, dor de garganta, dor no corpo. Aí a gente não sabia. Né...Ele [filho mais novo de “Rosa”] tava aqui, e aí ele pegou e foi embora lá pra [...] [uma comunidade próxima onde mora ele, sua esposa e filha.] Aí falaram é isso, e ficou cuidando, cuidando e tomando remédio. Aí eu sei que ele ficou bom. [...] (Entrevista “Rosa”, 2023).

“Rosa” relata que o filho mais novo que estava doente da covid-19 melhorou e para manter a família (esposa e filha) porque estava desempregado foi trabalhar de coveiro junto com o seu cunhado. Em meio às dificuldades e desemprego muitas pessoas até se horrorizaram com o trabalho que ele fazia, pois era um jovem trabalhando de coveiro na pandemia. Havia o medo de se contaminar, mas também o medo da morte. Abaixo relatos de “Rosa”.

[...] Aí ele [filho mais novo de “Rosa”] foi trabalhar como coveiro. Ele e o cunhado dele foram trabalhar como coveiro. Ele conta, ‘E aí mamãe, tinha uma mulher que ela tava assim mesmo, [e perguntou] ‘mas jovem e...trabalha?’. Aí ele disse assim: ‘Trabalho.’. Ela disse, ‘Em quê?’. Ele disse ‘coveiro’. Aí disque, ela [disse] ‘Coveiro?’...[assustada]. Aí ele disse ‘Olha mamãe, se eu falar que eu sou coveiro, eles se afastam...’. Aí eu disse ‘porque eles tem medo.’. Ele ‘mas a gente só cava a

vala, faz...aí eles jogam lá, e aí a gente chega em casa a gente tira a roupa e fica [a roupa] de molho lá separado. Aí é assim, aí veste outra [roupa]. Tem tudo assim um processo.’. Aí a nora [esposa do filho mais novo de “Rosa”] dizia ‘só entra dentro de casa depois de tomar teu banho, me dar a tua roupa aí tu entra.’. E assim ele fazia...[quando era no tempo da covid eles fechavam o caixaõ e não deixavam abeto também.]. O pai do [...] [genro casado com a filha mais nova de “Rosa”], ele morreu disso. [era bem rápido assim o velório pra não contaminar as outras pessoas]. (Entrevista “Rosa”, 2023)

No período da pandemia, o presidente e alguns setores religiosos e de extrema direita propagavam muitas desinformação e fake news sobre a doença que era uma “gripezinha”, outros falavam sobre as entubações entre outras afirmações, que o povo muitas das vezes evitavam de ir ao hospital para não serem entubados, como relata “Azaleia”.

A maioria se tratava em casa porque...ficavam com medo de ir pra...pro médico e ser entubado e acabar morrendo né que morreu muita gente. E muitas das vezes nem era por covid. Tipo se tu tivesse uma febre, uma pneumonia, tu chegava dentro de um hospital em uma urgência, eles já tratavam como covid. E aí já iam te isolar, já iam te entubar...né. Então acabava morrendo por...pensando que era covid e não era.[...] É o teste já veio, não sei te dizer a data certa mas foi em...dois mil...dois mil e vinte e um...É dois mil e vinte e um, final de dois mil e vinte e um e vinte dois por aí...que veio o teste. [na comunidade do Médio Itacuruçá] (Entrevista “Azaleia”, 2023)

Várias pessoas [adoeceram]. Inclusive a minha mãe quase morre nesse período. [Ela chegou a ser internada?] Não a gente não internou ela porque a gente ficou com medo né de entubarem ela. E aí a gente tratou dela aqui mesmo em casa. Minha mãe passou três meses que não dava conta de ficar em pé. Foi. E várias outras pessoas que adoeceram aqui. Assim não foi comprovado que era covid né porque nesse período não tinha é...até em 2019, 2020 eu ainda não tava trabalhando...né na Unidade e aí não tinha aonde fazer testes. Aí pra fazer testes tinha que ir pra Abaeté, e teve um período que parou. Os ônibus pararam. E aí não tinha como ir pra fazer...pra ir fazer os testes. E aí...mas todos os sintomas ficou claro que era covid. Todos os sintomas. Então teve pessoas aí que...arriaram<sup>172</sup> mesmo. [...] (Entrevista “Azaleia”, 2023).

De acordo com os relatos dos moradores e “Rosa” também comentou que depois que veio a pandemia houve mais a conscientização com a questão de saúde, como as campanhas no Posto de Saúde sobre a proteção contra a covid-19 na comunidade. Com os cuidados, as pessoas passaram a ter uma preocupação maior com a saúde, e na UBS aumentou o número de palestras sobre doenças com vírus e outros agentes causadores de IST, DST’s, Doença de Chagas e outras, como podemos identificar nas falas de “Rosa”.

Era. [sim teve campanhas] Era pra ter cuidado, ixi pra não tá...quando eu me lembro que a gente foi pra abaeté e aí a gente toca em um lugar, Silviane, a gente pega. Aí eu ficava assim, no ônibus a [...] [nora casada com o filho mais novo de “Rosa”] passava assim álcool, passando álcool em gel. Ali no posto tinha aquele cuidado. Teve um cuidado muito grande aqui. O [...] [neto mais novo de “Rosa”] não estudou, estudava

---

<sup>172</sup> Adoeceram bastante.

em casa<sup>173</sup>.[...] Aqui eu acho que o [...] [marido de “Rosa”] pegou mas ele normal... O [...] [filho mais novo de “Rosa”] soube... porque ele não fez o teste mas ele tinha todos os sintomas aí ele disse, ‘Hum, peguei.’. Aí o [...] [filho mais velho de “Rosa”], a [...] [filha mais velha de “Rosa”] eu não sei se ela pegou. Então era assim, a gente não sabia. Depois que a gente foi saber mesmo. (Entrevista “Rosa”, 2023)

[...] É teve mais... foco assim...porque eles passaram a olhar mais assim ...pros interiores. [...] Porque antes eles só diziam assim: ‘ah é...é...é uma gripe, é coisa assim’. E não ligavam aí agora não. Agora tu já vê...Olha tem que vê, se não é dengue, é isso, é aquilo né. Agora já começou esse negócio de...de Doenças de...de...de Chagas. Aí tudo isso. Alertando e tudo. Aí eu falei: ‘Olha, eu até com açaí, as coisas, eu gosto de lavar bem mesmo, e se eu vê, e seu eu vê...é...barbeiro...porque tem aquele que transmite e tem aquele que não transmite. Aí eu não gosto de matar. Eu não gosto de matar. Eu só pego e coloco....coloco dentro de um saco e coloco num lixo em uma coisa assim. Se matar morre aqui e fica aqui dentro... [o protozoário Trypanosoma cruzi, causador da Doença de Chagas, fica nas fezes do barbeiro]. Aí o [...] [filho mais novo de “Rosa”] fala isso, ‘ah mãe não mata, pega assim, enrola no papel higiênico bem, a senhora pode até matar e fica lá, coloca dentro de uma sacola pra jogar, pra queimar. E a barata é a mesma coisa. Porque se tu for matar, chama outro. aí assim não, pega e coloca pra morrer, mata alie não chama outra. (Entrevista “Rosa”, 2023)

#### 4.2.2.1 Saberes e Cotidiano

As plantas sempre estiveram presentes na vivência das comunidades quilombolas de Itacuruçá, como parte da ornamentação, com fins diversos, uso na alimentação e cultivo terapêutico para saúde física, bem estar, espiritual e mental, remédios caseiros e outras utilidades. As plantas ficam dispostas nos quintais, dentro e ao redor das casas. Estão presentes uma diversidade de árvores frutíferas, plantas ornamentais com diferentes espécies de flores, plantas medicinais, hortaliças e temperos variados.

Durante o período de pandemia algumas pessoas se tratavam em casa devido a grande aglomeração de pessoas com sintomas e doentes de covid-19 e outras doenças nos hospitais, UPAS, Pronto-socorro, UBS e etc. Algumas pessoas medicavam-se com remédios sintéticos disponíveis nas mercearias da comunidade, conforme os sintomas iam aparecendo. Outras utilizavam os remédios caseiros e as plantas medicinais, como limão, alho, gengibre, e outras plantas, como expressam as interlocutoras.

No momento de emergência em que necessitavam se tratar, no caso da pandemia de covid-19, quando ainda não tinham acesso à vacina e com o fechamento e a falta de ônibus para se deslocarem até à cidade, muitas pessoas acionaram os saberes que eles conheciam, os saberes dos seus ancestrais através das plantas e ervas medicinais. No tempo dos seus ancestrais, as plantas eram utilizadas devido a ausência de médicos e remédios farmacêuticos

---

<sup>173</sup>Na época os professores passavam atividades para os alunos fazerem na casa a cada 15 dias. Passado esse tempo, os estudantes devolviam os trabalhos e os professores entregavam novas atividades.

e nos tempos atuais durante a pandemia da covid-19, a falta de vacinas e a impossibilidade de transporte levaram os quilombolas de Itacuruçá, a se tratarem com remédios caseiros feitos das plantas que tinham em seus quintais, retorno da memória e os ensinamentos dos antigos, saberes sobre as plantas.

Eu uso quando tem aquele remédio, que eu não sei por onde tá, é o Gota do Zeca, ele é bom pra tudo que é marca de dor ele é bom. [...] Se tu tá com dor de barriga e toma uma dose, tu logo melhora, tem tudo que é erva. [...] Tem muita gente que usa [as plantas]. E tem gente que usa direto. Igual a [...] [uma moradora do Médio Itacuruçá], ela falou que quando ela vai pro mato ela vai trazendo casca de pau, faz chá e coloca na geladeira e vai tomando. Tem gente que se dar melhor com plantas do que com remédio. [sintético]<sup>174</sup> (Entrevista “Jasmim”, 2023)

[...] Uma vez que eu tava ruim, com febre, com tosse e eu tava uma semana e eu me medicando. E eu não queria ir, eu tava tesa pra não ir. Quando eu cheguei lá eu já tava com uma secreção no meu pulmão. Aí eu tomei umas injeções aí a [...] [médica da família] pediu pra eu bater um raio x e levar, ela disse ‘Olha tu já tá com uma secreção no teu pulmão.’ Ela passou uns remédios, aí eu melhorei mas eu mesma tava me medicando né. Ainda mais que era no tempo da covid...e a gente ainda vai se meter em UPA. Aí a febre dava, aí eu tomava o remédio e passava. Aí quando era um tempo aí tornava a voltar. Já tava tipo uma pneumonia. E muito catarro que eu tinha acho que já era isso que já tava prejudicando o meu pulmão. (Entrevista “Jasmim”, 2023).

Eu não tenho mais aqui, Mastruz que eu gosto, pra verme, pra dar pra... [combater] catarro no peito, a folha de algodão, leite de amapá que é bom. Eu tinha uma coisa assim e a Erci me deu uma garrafinha [de leite de amapá], graças a Deus eu fiquei boa...que quando eu respirava fazia assim “Fink” parece um gato eu chiava. Aí depois eu fiquei boa, todo o dia eu tomava com café. Aí graças a Deus eu fiquei boa.[...] (Entrevista “Rosa”, 2023)

Medicinais eu tenho vick, eu tenho a urtiga cheirosa agora [...] O vick ele combate a insuficiência respiratória, a gripe também né, [...] faz o chá ou faz macerado, ou bater a folha e colocar açúcar e fazer o meladinho que chama. É...e a urtiga cheirosa também ela combate a bronquite, ela é anti-inflamatória, anti-oxidante [...] Eu tinha muito mastruz...Aí eu tenho a quina também, eu tenho a chicória, que a chicória também ela serve tanto pra... ela serve pra temperar a comida né, mas também ela é remédio [...] que a gente faz da raiz dela [chá] faz pra gripe. A Quina é pra febre, essas febres bravas que dá, e a Quina ela serve pra isso né. Eu não sei se já tem um estudo mais aprofundado sobre ela mas até então, antigamente eles tratavam pra febre brava, febre de empaldismo, que chamavam. Não sei se tu já ouviu falar na febre de empaldismo, na febre amarela [...] Então era essas febres que tratavam. Hoje em dia já não usa mais [a Quina], mas eu tenho aí no meu quintal [...] Meu hortelã morreu tudinho, aí a minha catinga de mulata tava muito bonita também morreu [...] Porque do meu [Mastruz] eu comprei na feira também, eu plantei esse galho, esse talo aí e ele desenvolveu. Mana ele ficou muito lindo, eu queria que tú visse a touceira que deu assim, entendeu, que ele cresceu aí deu semente tudinho, eu disse ‘Ah eu vou tirar a semente pra plantar’. Só que como eu adoeci, se perdeu. (Entrevista “Catinga de Mulata”, 2023)

---

<sup>174</sup> A filha mais velha de “Jasmim” estava presente e disse que quando estava com dor de garganta, os remédios sintéticos não faziam efeito. Somente quando ela utilizou limão, mel e outras plantas ela ficou logo boa. Relata: "Eu me dou melhor com as plantas do que com remédios. [sintéticos]"

Quando alguém relata alguns sintomas de doenças, fraqueza ou maléficos logo é indicado a receita pelas avós, tias e mães. Geralmente são elas que detém um saber de cuidados pois estão mais presentes nas casas cuidando da alimentação e saúde dos filhos, sobrinhos e netos. Assim o conhecimento ancestral quilombola é repassado para as demais gerações.

**Figura 11- Plantas Pepino-do-Mato e Aranto**



**Fonte:** Fotos registradas pela pesquisadora. À direita planta Aranto utilizada para fazer chá e combate infecções e câncer e à esquerda pepino do mato, utilizado para combater a diabetes.<sup>175</sup>

Não. É porque...olha essa planta é pra tal coisa. Aí a pessoa já vai plantando aí quando precisa já vai e só pega né. Olha aquele noni também ele é bom pra um monte de coisas. Eu tenho uma árvore bem aqui aí como ela ficou muito comprida aí eu cortei. Mas eu quero plantar outra árvore porque ela é boa pra um monte de coisa. Ela cura até câncer.<sup>178</sup> E jucá também ele é bom pra um monte de coisa até pra fermento, pra cicatrizar...Tinha muito atoveran [em planta] pra cólica.... (Entrevista “Jasmim”, 2023)

Utilizo, utilizo o meu capim santo. O capim santo ele é bom pra quem tem problema de pressão alta, então eu faço [com] capim santo, tomo, é mais com que eu controlo a minha pressão porque eu não gosto de tá tomando remédio da farmácia não. [...] Aí eu tenho...Aí quando dar dor nos nervos, a [...] [filha de ‘Catinga de Mulata’ diz] ‘Mãe, tô com dor de urina’. Aí vai e pega a cana fisher e faz chá, toma e trata. Mas é claro que a gente não vai deixar de pesquisar né, cuidar com um médico mas assim de imediato logo a gente [toma o chá]...Se continuar aí leva pra fazer uma pesquisa né, pra saber porque olhando assim a gente não sabe e fazendo um exame a gente já vai saber né até onde a enfermidade tá. (Entrevista “Catinga de Mulata”, 2023)

Limão com mel é bom pra coceira na garganta. Eu coloco mel com meia banda de limão e dei pra [...] [filha mais velha de “Rosa”]. Aí eu dei um pouquinho assim e disse ‘Toma, tu toma porque tu tá gestante e não faz mal. Aí toma uma colherinha e vai tomando.’ Ela disse que não queria alho porque enjoava o alho. Então tem coisas assim que é bom, mas a pessoa diz ‘Não, eu vou pra farmácia.’ (Entrevista “Rosa”, 2023)

<sup>175</sup> Descobri sobre o modo de uso do Pepino-do-mato por meio da minha tia materna. Ela estava em uma das visitas à minha avó materna na casa dos meus pais. Resolvi mostrá-la algumas plantas que eu estava começando a cultivar, estavam dispostas na varanda da casa dos meus pais. Aí ela me perguntou: ‘E essa aqui?’. Eu respondi que era mato e no mesmo momento fui puxar para arrancar, ela rapidamente segurou a minha mão e disse: ‘Não, isso aqui é muito bom pra combater a diabetes, faz o chá das folhas’. Depois fui pesquisar e descobrir o nome da planta, Pepino-do-Mato e que o fruto pequenino também é comestível como o pepino e além disso ele combate a diabetes.

<sup>178</sup> Algumas mulheres do Médio Itacuruçá também relatam que o Aranto é muito bom para combater o câncer.

Durante a estadia da minha avó materna na casa dos meus pais, minha tia materna veio visitá-la e em uma das conversas em família, falavam sobre os remédios feitos de plantas. Meu pai contou que os remédios e a maioria de tudo o que consumimos vem da terra, essa fala me marcou bastante. Como exemplo ele citou uma água espessa, um líquido que fica dentro do invólucro do urucum branco, quando ele está bem maduro. Os antigos utilizavam quando caía algum tipo de cisco, sujeira no olho, ao passar essa espécie de óleo ou apenas para fazer higienização, limpava tudo, melhor até do que o colírio, nas palavras do meu pai. Ao realizar a entrevista com “Rosa”, ela citou um remédio parecido que seu pai utiliza para melhorar a visão.

[...] O papai, ele sabe muita coisa. O médico passa as coisas pra ele, [...] Eu falo ‘Pai, cadê seu óculos?’. Aí ele diz ‘Não! Eu tô bem.’ Aí ele coloca assim maxixe...Ele lava o maxixe...Aí aquela água do maxixe, do maxixe mesmo, né aí tira assim e limpa. Aí eu fiquei assim...e toda vez ele falava ‘Eu fiz...’. Aí eu ‘Pai não faça isso.’ Aí ele [diz] ‘Não, minha filha é muito bom.’ [...] Aí eu plantei o maxixe, o [...] [neto mais velho de “Rosa”] foi capinar... [e cortou o maxixe]. (Entrevista “Rosa”, 2023)

Depois de passar um ano e meio longe do território de Itacuruçá, eu voltei durante a vacinação da 1ª dose contra a covid-19, no dia 28 de abril de 2021. Ao andar pela rua, avistei “Rosa” em sua casa conversamos um pouco e ela me contou sobre como estava a comunidade neste período de pandemia: “No começo, tinha gente que não saía nem de dentro das casas, [...] tinha maior cuidado para não sair, não tocar em ninguém, de máscara etc. [...]”. Ela me contou também que ficou um tempo no hospital porque seu neto mais novo estava com problemas de diarreia, vômito e outros sintomas.

Fiquei mais ou menos uma semana sozinha com ele internado no hospital, e não tinha ninguém para me ajudar, nem que seja levar uma roupa, lençol. Estava em uma cadeia de acompanhante dele. O médico falou que isso poderia ter sido complicações da covid-19. Mas graças a Deus, ele melhorou. (Entrevista “Rosa”, 2023)

A filha mais velha de “Rosa” estava na comunidade para a vacinação e disse que a sogra dela também adoeceu, e ficou ruim. Antes da vinda da vacina ela fez remédios caseiros e depois a sogra melhorou.

Percebi muitas mudanças na comunidade do Médio Itacuruçá, principalmente em relação à quantidade de plantas e ervas ancestrais e medicinais, árvores frutíferas, e plantas ornamentais de flores pelo chão e em vasos enfeitando a frente e os quintais das casas. Até em

lugares inimagináveis e de certa forma “insalubres”, como o telhado de uma casa<sup>176</sup>, existia plantas com frutos.

Ao ver a pimenteira que cresceu no telhado me deu mais vontade de cultivar porque mesmo sem ter cuidados e com obstáculos aquela planta conseguiu atingir seu ciclo, ápice com os frutos. Meu esposo e eu retiramos com cuidado os dois pés da pimenteira, eu fiquei com um e o outro ficou com a minha cunhada (esposa de um dos meus irmãos). Esta foi a minha primeira planta cultivada na comunidade depois que retornamos a morar no Itacuruçá.

**Figura 12- Pimenteira com frutos no telhado**



**Fonte:** Minha cunhada e moradora na comunidade do Médio Itacuruçá, 2021.

O cultivo dessas plantas variadas são realizados por moradores de forma geral e mais principalmente pelas mulheres da comunidade do Médio Itacuruçá, pois são elas que mais utilizam quando há doentes, produzem remédios caseiros, em preparos de chás, batidas e garrafadas e pratos de culinária para dar sabor e cores nos alimentos, além de cultivar plantas ornamentais e flores para aconchego e alegrar a paisagem ao redor de suas casas e até mesmo nos espaços de dentro das residências e nos seus quintais.

**Figura 13- Plantas dispostas ao redor da casa de uma moradora do Médio Itacuruçá**

---

<sup>176</sup> A casa é de dois andares. A encanação da pia da cozinha do último andar fica por cima do telhado da área de serviço de um depósito. A semente da pimenteira pode ter caído no telhado e brotado até começar a dar frutos.



**Fonte:** Foto realizada e cedida pela moradora do Médio Itacuruçá, 2021.

E isso me fez pensar que mesmo em meio às adversidades que ocorreram durante a pandemia, isolamento e reclusão, as (os) comunitárias (os) faziam atividades que lhes davam prazer e que também eram muitas das vezes utilizadas de forma terapêutica tanto no ato de plantar como também a colheita, as flores que alegravam a paisagem. Isso foi um fator muito importante porque com a reclusão em casa onde tivemos bastante tempo para fazer atividades diversas, muitas pessoas passavam situações estressantes, e o cultivo de plantas foi uma forma de apaciar um pouco esse sentimento a partir do contato com a natureza. Essa moradora relata que sempre teve plantas ornamentais com flores variadas em sua residência, mas confessa que nesses dois anos de começo da pandemia aumentou consideravelmente o número destas. No caso dessa comunitária e outras, relatam que gostam de cultivar mais flores, entretanto também tem as mulheres que possuem mais plantas medicinais, e aquelas que associam as duas espécies de plantas em seu quintal.

[...] as mulheres elas se dedicam mais porque por exemplo tu vem aqui em casa [e diz] ‘Ah me dar um galho dessa planta que é bonita, aí tu vai e já planta na tua casa, aí já vai outra [e diz] ‘Ah me dá que eu quero dessa que é bonita.’ Aí já vai minando. Eu acho que as mulheres são mais engajadas assim, nesse negócio de plantar e o homem não se liga muito nisso. (Entrevista “Jasmim”, 2023)

Tenho. Tenho as minhas rosas do deserto. Tenho...é....Eu não sei se eu sei todos os nomes. Tenho Lírio. Tenho...a Azaleia. Tenho.... o Hibisco.<sup>177</sup> [...] [Risadas] É...é porque assim eu quero fazer primeiro...eu quero preparar o local lá, entendeu. É dar uma ajeitada. E a Rosa do Deserto, como ela é plantada no vaso, ela é cara. Ela pode ser roubada. [risadas] É rouba mesmo. É linda. (Entrevista “Azaleia”, 2023)

Não, eu planto flores assim. Aí o que eu ainda não consegui...por causa que assim as flores mais como ampolas, essas outras coisas assim, entendeu. Eu não sei qual é a dificuldade que eu tenho com elas, que elas não funcionam pra mim, não sei. [...] Depende do solo também eu acho, porque aqui mana não vingam. Olha aqui vingou essa espinheira santa ali, ela tá ótima, já até cortei um bocadinho, joguei lá pra...[risadas], lá pra fora porque como é espinho né. Mas assim as outras [de flores] não [vingam], mas eu gosto de plantar de tudo. (Entrevista “Catinga de Mulata”, 2023)

---

<sup>177</sup> “Azaleia” costuma cultivar as plantas de flores e medicinais atrás de sua casa.

As plantas de flores é porque [...] essas árvores dão flores aí fica bonito que mistura uma com a outra... A Dona Eunice falou um dia assim pra mim 'A tua casa é a mais bonita daqui'. Aí eu disse, 'Mas quando? Que eu acho que a minha é a única de madeira.'. Aí ela disse 'Não, essas flores aí na frente fica linda.<sup>178</sup>'. Aí eu falei 'Ah tá'. [risadas] Eu gosto de plantas que dar flores. (Entrevistas "Jasmim", 2023)

Não. Agora que a minha nora trouxe umas flores, umas plantas de flor, roseiras essas coisas de flor, ela quer trazer pra mim uma rosa do deserto. Aí ela quer vê se ela arranja também aquela pytaya. Aí ela disse assim 'Eu vou arranjar minha sogra pra senhora'. [...] O problema é que já tem outras árvores. O que falta mesmo é o espaço né. Eu vou começara colocar pelos lados assim... [risadas] (Entrevista "Rosa", 2023)

**Figura 14- Plantas dispostas nos quintais das casas**



**Fonte:** Fotos realizadas e cedidas pelas moradoras, 2021.

Além disso, ao ver as plantas e ervas medicinais eu lembrei que também, eu já vinha plantando em vasos desde quando adoeci em Ananindeua. A minha sogra tinha algumas plantas que ela fazia remédio e me deu, gengibre, boldo entre outras. Também uma experiência que tive ao visitar uma colega quilombola do curso de pedagogia da UFPA<sup>179</sup> me fez refletir sobre os conhecimentos das plantas e ervas ancestrais e medicinais. Ela me mostrou as diversas plantas medicinais e temperos na área de serviço de sua casa alugada no Bairro do Guamá. Lembrei da minha infância, dos remédios caseiros que minha mãe fazia.

E agora com os cuidados com a minha alimentação que passei a ter depois de descobrir, através dos resultados de exames de sangue, que eu estava com Hipotireoidismo<sup>180</sup>. Essas

<sup>178</sup> "Jasmim" também planta as flores na frente de sua casa fazendo uma paisagem linda.

<sup>179</sup> Ela atualmente mora no território quilombola do Itacuruçá.

<sup>180</sup> Já vinha me sentindo mal com cansaço excessivo no corpo, muita sonolência, coceira e manchas vermelhas na palma da mão e na planta dos pés, queda de cabelo, dor de cabeça, dificuldades para engolir, diminuição da menstruação e de forma irregular, malestar, inchaço e outros sintomas que no começo eu pensava que era sequelas

situações contribuíram para eu decidir que iria começar a plantar para a utilização na minha alimentação como também em remédios, de forma saudável sem uso de produtos químicos, de adubos químicos e nem inseticidas, agrotóxicos. Durante meu trajeto na pesquisa e devido ao meu processo de tratamento também me aprofundei com mais afinco temas voltados para práticas alimentares saudáveis e cuidados em saúde. Precisei evitar comidas ultraprocessadas, congeladas, temperos prontos e embalados, comidas enlatadas, industrializadas com grande quantidade de conservantes, e condimentos, o qual estava acostumada a consumir devido à uma rotina corrida na cidade entre estudos na universidade, cuidados em casa e família.

Durante as entrevistas comentei com “Catinga de Mulata” sobre esses cuidados de evitar comidas ultra processadas que comecei a ter, e ela me disse sobre a sua alimentação e percepção de mudança com o avanço da modernidade que veio trazendo doenças.

Essas comidas [industrializadas] prejudicam é assim [...] Antes era tudo natural, né era tudo natural. Hoje como nós já nos acostumamos com a energia...Então assim pelo um lado, como eu te falei [risadas] ela [a energia elétrica] é boa mas tem um outro lado que é ruim. Né porque olha ontem o [...] [esposo de “Catinga de Mulata”] foi lá na beira e comprou peito de frango, eu não gosto de comprar comida assim congelada. [...] Eu não gosto de comprar comida congelada, aí ontem ele foi e ele trouxe...[“Catinga de Mulata” disse para o esposo] ‘Filho eu não gosto dessas comidas, vem lá do Paraná né e aí o quê que eles aplicam? Eles aplicam hormônios, eles aplicam formol né...eles aplicam tudo isso...pra conservar.’ Então faz mal pra nós. [...] Não tem mais vitaminas, não tem mais nada, entendeu. Não é uma galinha que eu crio aqui, que eu mato que eu como... [sente] o sabor da comida. Entendeu. (Entrevista “Catinga de Mulata”, 2023)

Comecei a estudar os saberes das plantas medicinais e alimentação saudável no Itacuruçá para evitar as doenças e ter mais saúde além de atividades físicas etc. Em uma de nossas conversas minha mãe contou que fez uma garrafada<sup>181</sup>, antes da vinda da vacina, e também tomava Leite de Amapá, a seiva da planta para fortalecer o sistema imunológico e pulmão porque ela ouviu nos noticiários da televisão que a Covid-19 afeta principalmente esses sistemas. E percebi a grande variedade de plantas, e o uso de plantas ancestrais e medicinais pela minha mãe, avó e tias na tentativa de fortalecer a defesa do organismo e evitar e/ou combater as doenças. Quando veio a pandemia esses cuidados se fortaleceram.

#### **Figura 15- Plantas dispostas dentro da casa e na varanda**

---

da covid-19, mas nenhum médico me pediu exames específicos sobre os hormônios da Tireóide. Esses sintomas começaram desde metade do ano de 2021 até o ano de 2022, quando passei a morar na comunidade do Médio Itacuruçá. E foi em uma consulta na UBS do Itacuruçá com o Dr. Hugo, que ele me recomendou exames específicos.

<sup>181</sup> Uma mistura de diferentes plantas.



**Fonte:** À esquerda foto registrada pela pesquisadora. À direita foto realizada e cedida pela moradora.

Abaixo listo algumas plantas e gorduras de animais, seus modos de usos e indicações para qual doença combate.

**Quadro 1- Remédios ancestrais e medicinais, seus modos de usos e indicações.**

	Nome	Classificação	Indicação	Modo de uso
1	Limão	Folha e fruto	Gripe, fortalece a memória, ossos e combate resfriados, aumenta a imunidade.	Chá da folha e Suco do fruto
2	Hortelã	Folhas	Dores, gripe, desinflamatório, cicatrização, calmante. Diabetes, colesterol e gordura do fígado.	Chá
3	Gengibre	Raíz	Dor de garganta, dor no corpo, tira a friagem do corpo, desinflamatório. Xaropada ou garrafada (limão, alho, gengibre e mel)	Chá
4	Boldo	Folhas	Desintoxicação do fígado, estômago, vômitos, tira a dor, Febre, dor de cabeça, desinflamatório	Chá
5	Algodão	Folhas	Gripe, para tirar catarro, para asma.	Batida folha de algodão com mastruz depois coa.
6	Erva Cidreira	Folhas	Calmante, regula a pressão	Chá
7	Capim-Marinho ou	Folhas	Calmante, regula a pressão, desinflamatório e cólica.	Chá

	Capim-Santo <sup>182</sup>			
8	Canela	Folhas, casca e galhos	Tira a friagem do corpo, regula a pressão, indicado para quem tem pressão muito baixa.	Chá
9	Banha de galinha, jacaré		Afumentação para tirar catarro, banha de galinha com cânfora.	
10	Banha de porco e de galinha		Para fritura de comidas e demais usos na culinária.	
11	Verônica	Casca do pau	Desinflamatório, cicatrizante, bom para anemia, banho de asseio para desinfecção genital.	Chá ou só pôr na água
12	Espinafre	Folhas	Fraqueza, Memória,	Na salada ou no feijão, na sopa, no frango guisado ou carne cozida.
13	Leite de Amapá	Seiva	Fortalecer o peito, problema de pulmão, para asma, bronquite.	Toma a seiva, pode ser pura ou misturada com um pouco de água, ou também pode ser misturada no café substituindo o leite convencional
14	Andiroba	Amendôas	Afumentação, dor no corpo, baque, cicatrização	Óleo
15	Pirarucu	Folhas	Garganta, soltar catarro, dor no peito.	Batido e depois coado.
16	Cebola	Fruto e folhas	Anti-inflamatório, antioxidantes	Chá ou picada mistura com limão e mel
17	Alho	Fruto e folhas	Baixar pressão, desinflamatório, espantar mal olhado	Chá ou picado

<sup>182</sup> Segundo “Catinga de Mulata”, há diferenças entre o capim- marinho e capim- limão. O capim- marinho cresce mais baixo e o sabor é mais fraco, já o capim- limão ele é mais alto e o sabor mais forte.

18	Pepino e Pepino do Mato	Folha e fruto	Diabetes	Chá da folha e salada do fruto
19	Forsangue	Folhas	Anemia, fortalece a imunidade	Chá
20	Mel		Substitui o açúcar, tem componentes anti-inflamatórios e combate infecções.	
21	Mastruz	Folha	Catarro no peito, fortalecer o peito, pulmão	Batido e depois coado
22	Água de coco		Desintéria, vômitos e hidratação do corpo	
23	Laranjeira	Fruto, flor e folhas	gripe e resfriado, para coração, calmante	Chá da flor e folha de laranjeira.
24	Coramina	Folha	Coração	Chá
25	Babosa	Folha	Infecção. Hidratação de cabelo, rosto e corpo e limpeza da pele.	Batida e depois coada passa o gel no corpo, rosto e cabelo.
26	Oriza	Folhas	Dor de cabeça,	Chá e afumantação com álcool ou só a folha.
27	Goiabeira	Grelo da goiaba	Diarreia, diabetes, espantar mal olhado	Chá
28	Arruda	Folha	Calmante e espantar mal olhado	Chá
29	Atroveran	Folha	Dor e cólica menstruais	Chá
30	Espinheira Santa	Folha	Dor no fígado, estômago, desintoxicação do fígado	Chá
31	Unha de gato	Pau	Desinflamatório	Chá
32	Jatobá	Casca do fruto	Memória e desinflamatório, aumenta a imunidade.	Chá
33	Cabacinha	Fruto Buxinha	Desinflamar o baque, cicatrizar, só para afumantar porque é muito forte.	Ferve com azeite e passe no local.
34	Amora	Folha	Combate o nervosismo, a ansiedade e tem propriedades calmantes.	Chá

35	Aranto	Folha	Desinflamatório	Chá ou batido e coado
36	Leite de Sucuúba	Seiva, casca	Tirar catarro, dor no peito, limpa o estômago, útero, cicatrização do baque, melhora a inflamação.	Toma a seiva pura ou mistura um pouco com água. Pode ser tomado o chá da casca da sucuúba.

**Fonte:** Produzido pela autora a partir dos relatos dos comunitários.

É importante ressaltar que se pode utilizar estas plantas separadamente ou fazer uma mistura de ervas medicinais como, por exemplo, ferver o boldo, hortelã e gengibre como desinflamatório e para outros benefícios para o bom funcionamento desses atributos das plantas. Minha mãe tem essa prática e relata que: “Quando eu tomo gengibre com a mistura sinto que sai um líquido espesso do canto do olho. E melhora as dores. Também quando a gente toma, as infecções e substâncias ruins do corpo sai na urina.”. Utiliza também a cenoura, beterraba, couve e gengibre e faz um suco no liquidificador, ela não coa, toma pela manhã e se sente bem.

Com a modernidade, vinda da energia elétrica e a UBS, houve mudanças na vida dos comunitários. Com relação aos cuidados de saúde, as interlocutoras apontam que hoje são poucas as mulheres que usam as plantas ancestrais e medicinais. “Azaleia” diz que hoje “Muito poucas pessoas...infelizmente...É mais os antigos. Hoje em dia é tipo assim, tu vai um novato assim que ocorra ficar doente. E se tu for passar um azeite, [ele diz] ‘ah não passa que vai ficar fedorento.’ Aí tem toda essa coisa... Também porque o azeite é cicatrizante né”.

Mudou muito porque assim é... Hoje as pessoas já vão muito pra farmácia... [pessoas] daqui da comunidade mesmo. Tanto que observando a minha mãe, a minha mãe já é difícil, ela fazer um remédio caseiro, tá entendendo, mesmo que a gente [diga] ‘Mãe tal coisa é bom, bora fazer pra a gente beber, que...’. Aí [ela] acha mais fácil eu acho, que é mais fácil sei lá...É... já ir pra farmácia... né. Então... compra mais na farmácia, como ela tem diabetes. [“Catinga de Mulata” diz] ‘Mãe, a água da castanha do...do...como é?...Da andiroba é bom...pra beber, pra diabetes...’. Quem disse? [que ela quer?]...[...]. É fácil meu amor, [...] isso é ótimo pra [combater] diabetes[...] é fácil, barato né, [...] (Entrevista “Catinga de Mulata”, 2023)

Mudou muito...muito porque foi uma cultura que ... quase que tá perdida né. Hoje em dia eles querem mais saber de...é medicamentos industrializados né. Só que eles não sabem também os riscos que esses medicamentos, eles podem nos prejudicar também...né. Aí...É...Eu lembro que quando a gente era criança, é tipo se desse uma febre, desse uma dor de barriga, desse qualquer tipo de dor, dor de cabeça, é...a mamãe saia pra fazer qualquer tipo de remédio chá, né de alguma erva pra gente. E hoje em dia dói a barriga e já vai pro médico. Dar uma febre alta e já vai pra médico.

Então aí já vem... aí chega lá o médico não tem conhecimento das plantas medicinais. O que ele faz? Ele prescreve as industrializadas, que são os medicamentos. (Entrevista “Azaleia”, 2023)

Com o aumento das diversas atividades de trabalho na comunidade, “Azaleia” possui dificuldades para cuidar de suas plantas medicinais, devido ao pouco tempo que tem entre as atividades de trabalho na UBS, da ARQUIA, as atividades da Igreja Neopentecostal Evangélica Assembleia de Deus, do coletivo Mãe Preta: Sementes da Ancestralidade e os cuidados em casa, além de tirar um tempo para o seu descanso. Mesmo tendo poucas plantas medicinais devido ao pouco tempo de cuidar, ela afirma que “Utilizamos. Pouco mas utilizamos.”.

Não. A gente tem muito pouco... A gente tem muito pouco. É... porque assim né mana, vai acabando. Aí tu não tem uma... a gente tem muito pouco planta medicinal. Tem hortelã, a gente tem a... nem sei se ainda vive a... ah eu esqueci o nome, é cheirosa ela... Oriza! Oriza, tem a... coramina. É tem a canela... (Entrevista “Azaleia”, 2023)

“Azaleia” coloca sobre a sua motivação de, mesmo sem tempo, continuar a cultivar as plantas ancestrais e medicinais. E também demarca a importância dos hospitais no trato dos pacientes e respeitarem a cultura dos povos tradicionais, sejam eles indígenas, quilombolas e de outras comunidades.

Olha... uma que eu acho lindo. [a atividade de plantar] Né. Eu acho lindo e outra é porque tipo... me despertou um... um interesse assim de resgatar... a nossa cultura. Que eu penso assim: Porque os indígenas podem até dentro de hospitais, utilizar as ervas deles, e nós quilombolas não. Isso é uma coisa que eu me questiono desde a universidade, eu me questiono isso. Que quando eu ia fazer estágio a gente atendia indígena lá dentro e muitas das vezes eles tinham o... o... a fumento deles lá. Eles tinham assim até a cultura deles lá dentro. Tipo assim, se eles não quisessem dormir na cama, eles poderiam levar rede... lá pra dentro. Né e nós quilombolas não tem esse respeito... Né então é do jeito que vai e não tão nem aí. [...] Mesmo se impõem, pois é. Então isso aí é uma coisa assim que me despertou esse interesse de fazer com que os meus filhos, os meus netos futuros, eles possam ter esses conhecimentos pra não ficar dependendo só de medicamentos de farmácia. Porque medicamentos de farmácia é... exige um custo né. Tem que ter um custo e aí, se não tiver aquele dinheiro pra comprar, tú vai morrer? Sendo que tem uma outra alternativa, é que são as plantas medicinais, que são as ervas. Então... eles sabendo manusear essas plantas, eles vão ter uma outra... autonomia é com certeza. (Entrevista “Azaleia”, 2023)

Dessa forma podemos perceber que as atividades da produção de remédios a partir das plantas ancestrais e medicinais, realizados pelas mulheres ainda não são tão valorizadas. Também porque são as mais antigas que ainda utilizam esses saberes e as mais novas não se interessam, o que pode ser prejudicial ao longo do tempo para as gerações futuras devido a perda dos saberes de seus ancestrais. Um dos motivos que podem contribuir para a desvalorização do trabalho feminino por meio dos remédios feitos de plantas, pode ser ainda

o reflexo do preconceito e racismo religioso. E além disso a produção de remédios caseiros, as hortaliças e verduras, ainda não se têm a cultura de venda destes produtos sendo mais para uso e consumo familiar.

Aqui no interior, eu não falo...cidade porque na cidade é tudo é remédio. Aqui no interior...é planta,né, mas o pessoal não ligam. Eu gostei de vê o doutor Hugo<sup>183</sup>ele diz assim ‘Olha o chá do...do...gingibre, é bom. O chá assim...’ e é. Aí outros [dizem]: ‘Lá quero, eu prefiro remédios. Eu prefiro guaco, eu prefiro outro’. É assim. Porque o remédio da farmácia eles tomam, aí faz bem pra uma coisa e faz mal pra outra. Mas quem tem o conhecimento das plantas, e diz ‘Isso aqui é bom pra isso, e esse é pra esse negócio mas também é pra...’. Aí quem tem o conhecimento sabe [...](Entrevista “Rosa”, 2023)

“Rosa” traz uma receita que ela aprendeu com uma senhora em um balneário na região das ilhas de Abaetetuba que é muito bom para ser tomado no verão, é usado como refresco, mas também é medicinal muito recomendado para gripe, dor de garganta, resfriado e etc. Inclusive toda vez que a filha mais nova de “Rosa”vai visitá-la, ela pede para “Rosa” fazer o suco, apelidado por “Rosa” de “Suricanto”.

Tú já pegou esse limão de massa amarela? [...] Pega aquele limão de massa amarela, aí tu pega um porque se tu usar esse limãozinho aqui, esse aqui olha...Se tu for usar esse limãozinho aqui, passa umas horas, tu sente a resina dele. E esse aqui de massa amarela tu não sente. Aí quando eu vou fazer o suco, se eu fizer de massa amarela eu gosto de deixar passar [um tempo] na geladeira, e esse outro não. Aí eu pego um desse aqui pode ser até maior e pego capim santo, capim marinho né. Aí eu tiro bem e bato no liquidificador. Primeiro eu bato, lavo bem as folhas e bato e coloco, quanto mais gelado e doce pra mim é melhor. Aí ele é bom pro estômago, e ele também é...como é que eu vou te dizer?...É bom pra gripe, e o capim ele ajuda mais tarde tu vai ter um sono tranquilo [calmante], tem a vitamina e calmante. Aí eu fiz aqui, isso. A gente ainda tava no Moleza, a mamãe ainda era viva. E uma mulher de Abaeté, uma senhora, ela disse ‘Eu faço lá...’. É o “suricanto” [risada], que eu chamo. Na hora eu falei, ‘É o suco de limão com capim santo’. Ela disse assim: ‘É bom no verão, vizinha, porque no verão você tá com aquele calor, e aí você toma. Quanto mais gelado, melhor.’ Aí eu peguei quando foi um dia e [“Rosa”] disse ‘Égua, eu vou fazer aqui, eu vou fazer esse suco, eu vou testar’. Aí eu peguei e bati, aí saiu bem verde mesmo [...] Aí eu adocei e coloquei na geladeira [...] Só que eu não bato com a semente, nem com a casca, eu descasco [o limão]. Aí eu peguei, tá bati e dei. Dei pra eles tomarem, a [...] [filha mais nova de “Rosa”] gostou, gostaram muito. (Entrevista “Rosa”, 2023)

Para relatar sobre os efeitos calmantes, “Rosa” conta quando a sua filha mais nova foi fazer o suco para a família do seu esposo.

Aí tá, quando foi uma vez a [...] [filha mais nova de “Rosa”] disse ‘Eu vou fazer o suricanto. Eu vou fazer...’. Aí ela pegou e tinha capim marinho lá, pegou e fez, adoçou e deu pra tudo eles tomarem. O cunhado dela que vai pro serviço a noite, ele toma remédio pra não dormir...porque ele tem que tá dirigindo. E quando ele tá na casa, ele não tem sono de tanto tomar remédio. Aí nesse dia eles tomaram, tomaram. Aí tá

---

<sup>183</sup> Lembro de uma consulta que ele realmente priorizava o remédio natural, uma alimentação saudável com frutas, verduras e legumes. Além de aliar a tudo isso com a prática de atividades e exercícios físicos como caminhadas e outras. Mas também receitava os remédios de farmácia quando necessário.

quando foi de manhã, o cunhado dela disse assim ‘[...] Que praga foi aquilo que tu me deu pra mim tomar? Rapaz, depois que eu, a minha mulher e a minha filha tomamos, nós dormimos.[...] Nós dormimos parece pedaço de pau, mas nós amanhecemos revigorados.’. Então é bom...Aí eu faço, mas eu faço mais assim no verão. Aí o suco da laranja é melhor que o limão também... ele é mais forte.... (Entrevista “Rosa”, 2023)

Esses saberes ancestrais e medicinais precisam ser preservados para que as próximas gerações conheçam outras formas de medicamentos que não o sintético (industrializados) e fortaleçam um saber que veio dos seus ancestrais levando em consideração o bem-estar, de saúde física, mental, espiritual e uma alimentação saudável livre de agrotóxicos e de venenos, o que reduzirá em grande parte as doenças. “Azaleia” denota que “Sim, com certeza. Deveria ter um apoio assim de...dos órgãos públicos né. Pra...pra gente poder cultivar mais essas plantas.”. São necessários mais investimento e incentivo dos governos da esfera municipal, estadual e federal.

Incentivar? Incentivar tipo todos nós podemos incentivar, né. Quando nós ainda não tínhamos esse grupo da FASE, né muitos não planta vam nada. [...] [uma moradora do Médio Itacuruçá] ela sempre falou nos eventos [...] nunca plantava quer dizer...[...] [ela] já plantou açaí, agora ela tá pra cidade estudando mas ela já plantou através desse projeto. A [...] [outra moradora do Médio Itacuruçá] também já plantou através desse projeto. Então assim a gente vê que se a gente começar, por exemplo, tu começa, tu vai incentivando outras pessoas, entendeu. Então o incentivo é para todos nós incentivar. Agora se é...o governo poderia investir, entendeu. O governo poderia investir...pra que isso pudesse continuar e aumentar. O investimento poderia vir do governo, né e o incentivo de nós mesmo. (Entrevista “Catinga de Mulata”, 2023)

Com certeza. Até porque tá se perdendo já [os saberes das plantas e ervas ancestrais e medicinais]. Então a gente precisa é...divulgar mais né, organizar mais, valorizar mais entendeu. [...] A gente precisa assim se aprofundar mais...E as meninas novas não querem buscar esse aprendizado. Então a gente tem que se esforçar pra tá repassando pra elas entendeu, pra vê se abre um pouco a mente [delas]... (Entrevista “Catinga de Mulata”, 2023)

#### **4.3 Fatores prejudiciais ao território de Itacuruçá e as mudanças climáticas**

Rio Itacuruçá, lugar de grande movimento  
Que o povo busca o sustento trabalhando todo o dia  
Vivendo com alegria seja adulto ou criança  
Embora com a mudança na cultura e no clima  
Mas ninguém se desanima, não perdem a esperança.

Lucindo Rodrigues, Poeta Quilombola, Baixo Itacuruçá.

O nosso território vem sendo afetado por alguns empreendimentos que são prejudiciais à saúde da população quilombolas e ribeirinhas de Abaetetuba. Ao longo do tempo o território

quilombola de Itacuruçá foi cercado por: extensas fazendas bovinas<sup>184</sup>, e monocultivo de dendezal. Até mesmo sobreposto ao território quilombola de Itacuruçá, existem Fazendas de dendezal. Esses projetos trouxeram grandes efeitos e desastres socioambientais. O que antes era um conflito velado com os povos tradicionais que habitam essa região, hoje é aparente na comunidade as consequências do crime ambiental que vem ocorrendo de forma intensa nos últimos anos.

No período em que essas empresas entraram em nosso território de Itacuruçá já era reconhecido como comunidade quilombola.

A ARQUIA combateu através de procedimentos junto à Procuradoria de Justiça, foi a juízo contra pessoas físicas e jurídicas que haviam adquirido terras dentro do seu território, contestando a ilegalidade das vendas e solicitando a reintegração daquelas terras a sua origem. E, até os dias atuais, a ARQUIA continua combatendo invasores em seus territórios, seja ajuizando ou informando que essas terras pertencem a um coletivo. Uma das invasões foi efetuada pela Empresa Biopalma S/A, que “comprou” de moradores dois títulos, alguns hectares dentro do território e fez supressão da vegetação nativa, cometendo crime ambiental. A ARQUIA oficializou a Procuradoria do Estado para que tomasse providências sobre a invasão do território. Assim, o ITERPA convocou a empresa a prestar esclarecimentos e mostrou que aquelas terras pertenciam ao território da associação, que ela se retirasse do território, e que ele permutaria uma outra área com as mesmas dimensões em outro lugar e documentaria para a empresa. Isso resolveu o problema com a empresa somente sobre a terra, a plantação da monocultura do dendê está no limite do território quilombola, não somente isso, mas também pelo uso de agrotóxico, destruindo e envenenando nosso solo, água e animais, disseminando isso nos leitos de igarapés e rios, levando algumas famílias a serem monitoradas para verificar até onde estes produtos estão sendo nocivos à saúde dos comunitários. (Santos, S.C.; Santos, E.S.C., 2023, p.46)

O uso de pesticidas e adubos químicos, além do despejo de rejeitos e dejetos de animais das fazendas bovinas nas nascentes de água, às margens das comunidades prejudicam o solo, contaminam os peixes, animais, os rios, o ar, e todo um ciclo de vida na natureza que é modificado, e podem levar a diversas doenças por meio desse desequilíbrio e contaminação. Além da redução do nível de igarapés, que estão ficando cada vez mais secos devido à falta de chuvas e ao clima quente.

Há uma diminuição de animais silvestres, as caças na mata como o tatu, paca, cutia, veado e outros que se afugentam dos agrotóxicos e também a diminuição-eliminação de outros animais no rio como peixes e camarão. No começo de fevereiro de 2025 a situação foi de

---

<sup>184</sup> De acordo com a Agência de Defesa Agropecuária do Estado do Pará (Adepará) (2023), o Pará apresenta o segundo maior rebanho bovino do Brasil com 26.754.388 animais, a primeira posição fica com o Mato Grosso. Site: <https://www.adepara.pa.gov.br/artigos/estado-do-par%C3%A1-det%C3%A9m-o-2%C2%BA-maior-rebanho-bovino-do-brasil-e-o-maior-de-b%C3%BAfalos>

calamidade pública, pois ao longo do rio Itacuruçá os comunitários encontraram uma grande quantidade de peixes intoxicados, mortos e boiando, e um odor que segundo as pessoas relataram era insuportável. Toda a comunidade de Itacuruçá foi afetada. Ninguém poderia entrar na água para se banhar no rio e nem utilizar a água para qualquer tipo de necessidade que tivessem. Algumas pessoas que ainda tiveram contato com a água relataram coceira, febre, dor de cabeça dentre outros sintomas. Vale ressaltar, segundo denúncias dos moradores, que desde que a fazenda se instalou no território acontece o despejo dos dejetos bovinos no rio. E fica mais evidente, piorando o estado da água em período chuvoso, pois a chuva vaza todo o dejetos para o rio e nascentes de águas. Mas nunca houve relatos de peixes mortos ou boiando assim na água como ocorreu em fevereiro deste ano. Mesmo com a chegada do período de maré alta de semana santa em março, os moradores ainda estão encontrando os peixes mortos no rio, apesar da ARQUIA ter acionado todas as autoridades competentes, mandaram fazer análise da água, defesa civil, secretaria de meio ambiente de Abaetetuba e de Igarapé-Miri. Até agora nenhuma resposta foi dada para as comunidades.

A falta de uma alimentação adequada, sem resíduos tóxicos, e do consumo da água potável, provocam diversas doenças nutricionais, gástricas, de pele, coceira e outros sintomas nos moradores.

Com a questão da vinda do dendê eles nos deu muito prejuízo, aquela...aquela coisa que eles colocam o veneno, colocam pra o adubo né, isso faz mal pra...pro peixe e faz mal também pra gente, porque a gente deixa de comer ele né, aquela comida gostosa que você pega né. [...] Aqui existia muito peixe aqui nesse poço aqui, jogava uma malhadeira né. Eu pegava o peixe pra gente... como diz a história pegava pra merenda das 9 horas ou almoçava e ainda levava pra casa pra jantar. Hoje é difícil você colocar uma malhadeira e pegar um peixe. [...] Nós ia lá pra esse outro terreno e trazia dois, três tatu. Teve dias de trazer, três tatu, um veado e uma paca. Hoje você anda a noite toda e é difícil você ver um tatu. (Domingos Pinheiro, O Dendê [...], 2022, Negrita r Produções e Race & Health)

Uma das ACS da comunidade relata que “Com a chegada de grandes empreendimentos ao redor do nosso território, ela tem proporcionado às famílias uma insegurança alimentar.[...]” .

[...] As pessoas das nossas comunidades cada vez mais estão adoecendo e são doenças que a gente sabe que se tivesse uma alimentação saudável né. Boas práticas de saúde, isso não estaria acontecendo né. E a gente observa muito a Anemia Ferropriva [...] E a gente começou a observar que a falta de proteína adequada, de uma alimentação adequada, ela vem ocasionando isso. (Adriana Maciel, O Dendê [...], 2022, Negrita r Produções e Race & Health).

Com a derrubada das matas para a abertura de fazendas, e plantação de dendê o que proporcionou aumentar ainda mais os efeitos das mudanças climáticas afetando a alimentação, agricultura, moradia, tempo de trabalho, aumento de doenças respiratórias entre outros efeitos no cotidiano das comunidades de Itacuruçá.

Como ressalta um idoso da comunidade do Médio Itacuruçá, “Há vinte e cinco, trinta anos atrás você amarrava uma rede aí no meio do cacaoá, e ficava a vontade né. Aquela ventania gostosa. Hoje não se tem isso. Só tem é...é quentura. Muita quentura.”. Com o aumento da temperatura muitas plantas e árvores frutíferas como as de açaí morreram porque suas raízes secaram, tombaram devido a terra estar muito seca. “Azaleia” traz o relato do seu avô, os ancestrais já diziam sobre a quentura do sol, sobre as mudanças climáticas. De acordo com “Azaléia”, “Não, não dava pra perceber essa quentura. O sol parece que não era tão quente quanto é agora.[...]” mas naquele tempo ele já falava sobre isso para a sua família.

E ele falou que...nós podíamos nos preparar que o sol ia aquecer muito...ele falou ‘Daqui com uns tempos, não vai ter quem trabalhe o dia todo.’ E eles trabalhavam o dia todo né. Trabalham de 7, chegavam 7 horas da manhã e paravam 11 pro almoço, almoçavam e voltavam pra trabalhar. Então era assim até o entardecer, aí quando eles já vinham só de tardezinha. Hoje em dia não, o máximo é 10 horas [da manhã]...[...] ninguém aguenta, e ele falava isso. [...] (Entrevista “Azaleia”, 2023).

As mudanças no clima estão cada vez mais perceptível na vida dos comunitários podemos identificar nas falas de “Catinga de Mulata”, algumas transformações no cultivo de açaí devido a queda do fruto do açaí antes do período da safra. “O açaí cai do cacho ainda verde” não chega a complementar o seu ciclo por conta da baixa quantidade de chuva e clima seco.

Com certeza, a questão climática esse aquecimento global ele é geral, né ele afeta sim por causa que o ano de 2023 meu açaí caiu que...desde o ano de 2022 aí, mas o ano de 2023 foi mais grave. E esse ano [de 2024] eu creio que vai ser mais grave ainda, entendeu. O açaí ele caiu antes de amadurecer, secou, teve uns que secou na árvore antes de amadurecer [...], uma quantidade que caiu [da árvore ainda] verde, ficou só a vassoura. Aí esse ano já tem bem menos do que o ano passado. O ano de 2022, e no ano de 2023 deu menos e esse ano de 2024 tá dando menos ainda. Então eu pra mim é esse aquecimento aí que tá, entendeu. (Entrevista “Catinga de Mulata”, 2024)

Em fevereiro de 2024, o açaí chegou a ser vendido a preços exorbitantes na capital, Belém do Pará, custando 1.000 reais a saca porque estava muito difícil encontrar o açaí. “Carlos Noronha, presidente da Associação de Vendedores de Açaí de Belém (Avabel), [...] diz que o preço praticado na venda do fruto para os batedores em 2024 é o maior já registrado

na história.”<sup>185</sup>. Todas as espécies de plantas sofreram muito com a falta de chuvas, e isso também causa a insegurança alimentar e outras consequências no cotidiano das comunidades. “Azaleia” ressalta que “Sim, afeta muito...Mata [por causa do verão]...Eu até faço é...é...tubulação de água né...pra ficar gotejando a água no pé delas. Mas mesmo assim, verão passado [2023] ainda perdi plantas. Mesmo assim eu ainda perdi plantas.”

“Jasmim” fala “Plantava no chão mesmo [...] aqui [quintal] de casa.[...] morreram no verão, que foi muito forte. [...] Aí agora o que eu tenho é o Marupazinho porque ele é resistente, o sol não mata ele, a batata é embaixo da terra. Eu tinha anador, eu tinha coramina”

Ao perguntar sobre o que está causando estas mudanças climáticas, quem são os responsáveis por essas mudanças no clima, “Jasmim” relata que “Ah esses donos de fazenda. Porque a Minerva tá bem aqui né. Tem a minerva, tem a fazenda Pontilhão que já...que já atinge a comunidade do Alto [Itacuruçá] né”. Questionei se elas consideram que os agrotóxicos podem afetar as plantas “Jasmim” afirma que “Sim pode afetar. Porque o dendezal tá bem aqui, eles usam agrotóxico lá né. Eu acho que atinge tudo pra cá porque vem no vento.”

Essas mudanças climáticas... pra mim são os grandes fazendeiros... porque aonde a gente vê, a maior parte de derruba ... né de desmatamento é os grandes fazendeiros. Porque nós não somos [...], cria gado, planta soja, né planta o milho porque quando eles desmatam, eles não desmatam 50 braça, uma equitaria, dois equitaria que é o máximo que nós faz, não, né. São campos e campos, equitarias e mais equitarias, que eles desmatam pra fazer uma plantação, plantam só o milho ou então só a soja. (Entrevista “Catinga de Mulata”, 2023).

Na natureza as árvores maiores conseguem fornecer nutrientes para as plantas menores, pois deixam suas folhas caírem no chão que serve de adubo ao se decompor, não deixam o solo em contato direto com o sol, e também suas raízes conseguem reter água por conta desse benefício. “Catinga de Mulata” explica que se tiver só um tipo de planta, o solo “Empobrece, as árvores maiores que dão o retorno pro solo [...] aí a água também, né as árvores maiores são elas que retém água. Se tem só o milho, como é que vai reter? Como é que vai ter água ali? Não vai.”

Houve um aumento nas dificuldades da produção das roças de subsistência devido ao aumento de insetos e pequenos animais. Os agrotóxicos que jogam nas fazendas de dendê, espantam os pequenos animais, que os fazendeiros chamam de “praga”. E estes afugentam-se na comunidade, o que afeta a plantação, pois houve um desequilíbrio do habitat natural deles.

---

<sup>185</sup> <https://doi.com.br/noticias/para/848199/preco-do-acai-chega-a-impressionantes-mil-reais-em-belem?d=1>.

Um comunitário gravou um vídeo mostrando a grande quantidade de besouros no meio das folhas de uma planta, isso não era frequente no território. “Catinga de Mulata” aponta que dessa forma “eles [as fazendas] mesmo criam [“as pragas”] por conta que só é uma plantação<sup>186</sup> né é a coisa, como é que se diz?... a monocultura. Eles mesmo criam e depois eles espalham... E quem sofre com isso é nós que somos mais [...]”. Nossa alimentação, nosso modo de vida, está sendo ameaçado por grandes empreendimentos, que afetam as comunidades pertencentes à ARQUIA. Debilitando as comunidades quilombolas e modificando dessa forma nosso modo de vida.

Olha esses, esses, bichos que não aparecia por aqui, não aparecia, eu nunca tinha visto, eu via falar muito no barbeiro, entendeu, mas não que eu já tivesse visto o barbeiro aqui dentro da minha casa...sabe uma quantidade de barbeiro que apareceu aqui dentro. É porque foi até eu que falei, e ela foi lá e que vieram fazer essas coisas aqui [campanhas de cuidados sobre a doença de chagas na UBS]. E até eu pisei em cima de um, que não pode pisar e tava cheio de sangue, entendeu. Então pra mim, foi depois desse dendê mana porque não tinha isso aqui. [...]. (Entrevista “Catinga de Mulata”, 2023)

Com a presença desses animais transmissores de doenças como o “barbeiro” no território começaram a ter as palestras no posto de saúde. E vieram alertar os comunitários sobre as diversas doenças e também a Doença de Chagas. Houve orientações e teste para Doença de Chagas, onde algumas pessoas na comunidade do Médio Itacuruçá e Arapapu testaram positivo para essa doença. “Catinga de Mulata” ressalta que a pessoa muitas das vezes “Não sente, ela é silenciosa, por isso ela é tão negligenciada porque ela é silenciosa, e também quando ela já tá avançada, quando ela atinge os outros órgãos, no teste rápido não aparece. [...]”.

Novos procedimentos e hábitos precisam ser adotados pelas pessoas na comunidade devido os testes positivos, “Catinga de Mulata” fala um pouco sobre esses cuidados recomendados para limpeza do açaí, “É a gente lavar primeiro né. Chegou do mato lavar, bem lavado, uma água com um pouco de quiboa né e põe de molho. E depois lava de novo pra poder bater esse é processo que eles falam.[...]”. Ela ressalta também os procedimentos para lavagem da caixa d’água e o armazenamento e manuseio de água para tomar.

Para a gente ter cuidado para lavar a caixa d’água, não deixar aberta. O poço pra gente fechar também,[...], pra gente não deixar o poço aberto. Na lavagem da caixa a gente tem que lavar com quiboa. Pra secar a gente seca com um pano um pouco úmido e

---

<sup>186</sup> Com a agroflorestra há uma autogestão da natureza e um controle com relação aos insetos, que muitas das vezes até contribuem para a manutenção dessa biodiversidade.

com quiboa depois de lavar tudinho e passa pra ficar bem limpinho. E depois encher a caixa, a gente coloca um pouco de quiboa, conforme... é um pingo de quiboa para 1 litro de água [...] É eles deram um vidrinho de hipoclorito, pra cada um que foi lá né eles deram, eu até trouxe. Aí tá tendo esses cuidados básicos. É isso. (Entrevista, “Catinga de Mulata”, 2023).

Ao perguntar para as interlocutoras quais são os principais problemas enfrentados e empreendimentos que afetam a comunidade de Itacuruçá, as respostas de “Catinga de Mulata” e “Rosa” foram sobre as fazendas bovina e o dendezal. “Jasmim” e “Azaleia” as drogas e os bares na comunidade. “Azaleia” fala “ah os bares da vida né [risadas], esses bares, essas bocas de fumo que agora tão...aí né na nossa comunidade que antes não tinha. E hoje em dia é... já tem bastante até.”. “Jasmim” coloca que “O que faz mal pra população?... O que eu acho é a droga que vai envolvendo a juventude né, droga e álcool.”. “Catinga de Mulata” expressa que “[...] o veneno é um dos principais...um dos principais é...vilão também... que a gente sabe que esse veneno quando joga mata as “pragas” e a gente vai se envenenando aos poucos e daqui a pouco vai ser a gente né...”.

Olha tudo isso aí é a mudança de máquinas né.[...] Sabe porque eu fico assim é desmatamento,desmatam...só pra te ter uma ideia, tu pega um ônibus e tu vem de Abaeté, ele não entra no Acaraqui? [...] Quando tu senta assim, tu sente o clima diferente, o vento diferente. O vento frio, aí ele pega aí o dendezal tu sente o calor. Aí tá pra lá o pessoal não mexe lá...mas aí quando tu anda ali, tá todas aquelas árvores ali. [monocultura de dendê]. Aí eu falei assim: ‘O homem ele desmata, ele queima [...] desmata... A culpa é do ser humano mesmo [...] Aí acontece tudo isso, aí olha quando tu vai a fazenda, aí tiraram tudo [as árvores], né e colocaram esses gados [...]’ (Entrevista “Rosa”, 2023)

Olha eu gosto de tomar banho no Igarapé né..aí esse coisa de boi aí... essas fazendas que têm aí. Aí eu fico assim...aí teve um tempo né que eles...porque tava prejudicando assim muitas... Pior que vai e vaza tudinho [...] A empresa ganha. porque eles estão..olha aí..faturam muito mas prejudicam né. Aí eles tavam falando que muitas coisas prejudicam...porque o boi, as fezes, a urina tudo. (Entrevista “Rosa”, 2023)

Pra mim é o dendezal aí e a fazenda lá né no Alto Itacuruçá que prejudica também.[...] Eles jogam, eles jogam ainda esse dejetos no rio, [...] mas agora uma época dessa você não percebe porque é muita chuva...mas a malícia tende a tá lá né [...] Como aqui no nosso ramal o pessoal do dendê, eles usam o nosso ramal. O pessoal da fazenda eles usam o nosso ramal mas nunca fomos compensados né...porque eles nunca ajeitam o nosso ramal, se quiser que o ramal seja ajeitado é o povo mesmo que se une e... [...] Aparentemente filha nós somos livres, aparentemente porque ainda nós não somos livres totalmente.” (Entrevista “Catinga de Mulata”, 2023)

Pra mim é as empresas né, fazendeiros que...são os...Pra mim são eles e a gente pode até causar mas não causa tanto quanto eles né. As fábricas, esses plantio aí de dendê aí que tá bem aqui na nossa porta...vão continuar assim com certeza porque eles não tão nem aí. Pra eles o que visa mais é o lucro. (Entrevista “Azaleia”, 2023).

Há divergências na cosmovisão de território e modo de vida destas comunidades quilombolas e os donos das fazendas de dendê e bovina. No território quilombola privilegiam a vida e toda sua biodiversidade, enquanto que estes latifundiários, fazendeiros possuem uma cosmovisão que validam apenas conhecimentos de produtividade, exploração e lucratividade, sem levar em consideração os riscos socioambientais, à saúde entre outros que podem provocar. Para manter seus benefícios políticos, econômicos e sociais usam diversas artimanhas racistas e desumanizadoras, para desvalorizar o conhecimento dos demais povos.

Ocorre um processo de subalternização da natureza ao mesmo tempo que subjuga os saberes dos povos tradicionais e da floresta. Nas colonialidades do ser, saber e poder também deve-se levar em consideração a questão ambiental, pois na história ocorreram os processos de exploração das drogas do sertão e da extração do Pau-Brasil, primeira matéria-prima a ser traficada juntamente com, de forma imediata, a escravização de indígenas e depois com os povos africanos.

Podemos compreender a partir da teoria decolonial de Quijano (2005, p.122) que o processo de construção política do capitalismo liberal ensejado nas relações sociais passaram a ter a conotação de relações de dominação em dualismos, categorizado em povos humanizados e desumanizados entre “[...] a Europa Ocidental, e o restante do mundo, foram codificadas num jogo inteiro de novas categorias: Oriente-Occidente, primitivo-civilizado, mágico/mítico- científico, irracional-razional, tradicional-moderno.”.

Durante esse ano de 2024 a secretaria de saúde do município de Abaetetuba realizou a coleta e análise da água dos poços na comunidade do Médio Itacuruçá. “Azaleia” diz que “Eles falaram que o que tem nela é...ixi é um nome muito estranho...que é não sei o quê de fezes e o outro é...Nessa de lá da grande...dois tipos de coisas que tem nela. É um nome estranho.”. E “Catinga de Mulata” complementa.

Pois é, essa água lá já saiu o resultado né, tu não soubeste o resultado? [...] Pois é o resultado é que tá contaminada essa água, tá com cocô de animal, essas mais leves. Aí só que eu perguntei pra eles se ia aparecer também a quantidade de veneno que nós estamos consumindo [do dendê] [...] Né, aí ele disse que não. O rapaz que veio fazer a coleta disse que não...por causa que esse é um estudo mais aprofundado, né pra vê se o veneno, se têm veneno e qual a quantidade [...]. Não é eles que fazem, eles só fazem mesmo essa mais leve. Tem que ir registrar uma ocorrência, né pra poder...depois dessa ocorrência registrada, aí que chama o pessoal de Belém pra fazer essa coleta, fazer essa pesquisa porque quem faz é o pessoal de lá de Belém, eles não fazem aqui. [...] Pra tá indo a luta né [...] pois é e essa do dendê é muito bom se fizer, é muito bom porque essa quantidade de veneno que eles joga m lá, só pode tá descendo pro lençol freático, na água, só pode tá porque a quantidade é muito grande [...] e febre, dor no corpo, gripe, que tudo essas coisas, entendeu, tontura, tudo isso. [pode ser consequência dos agrotóxicos]. (Entrevista “Catinga de Mulata”, 2023)

Em meados de 2022, a população das comunidades do território de Itacuruçá começaram a perceber que as águas do rio Itacuruçá estava com aspecto turvas para coloração cinza e em outros locais a água estava limpa, com o passar das semanas a água ficou com aspecto mais escuro, há relatos de que dejetos bovinos da fazenda pontilhão foram escoados para o rio Itacuruçá o que fez ficar assim por alguns meses. A comunidade de Curupéré, comunidade próxima ao Itacuruçá, também denunciam a poluição do rio depois da entrada da fazenda Minerva Foods. Reclama Dona Benedita “Os fazendeiros que tinham aqui antes não sujavam as nossas terras como a Minerva”.<sup>187</sup>

Em um mundo cada vez mais globalizado e os efeitos das mudanças climáticas, provocados pelo aquecimento global em decorrências de emissão de gases de efeito estufa liberados na atmosfera por diversas atividades, estão provocando diversos desastres ambientais, sociais e de saúde. Segundo pesquisa de monitoramento realizada pela plataforma online Sistema de Estimativas de Emissões e Remoções de Gases de Efeito Estufa (SEEG), uma iniciativa do Observatório do clima, as principais atividades mais poluentes são tais como energia, agropecuária, processos industriais, resíduos e mudanças de uso da terra e florestas (inclui desmatamento). As atividades do agronegócio são responsáveis por 74% das emissões de gases poluentes, de acordo com pesquisa realizada pela SEEG e divulgada pelo Observatório do Clima em novembro de 2024. Esse percentual engloba as emissões de metano pelos animais e as mudanças de uso da terra.

O posicionamento do estado a partir da criação de políticas de “preservação e protecionismo” como exemplo o Mercado de Carbono, como solução para este problema,<sup>188</sup> retira a responsabilidade dos agentes principais responsáveis por estas emissões poluentes e coloca os povos e comunidades tradicionais como os “salvadores” do planeta, sendo que todos e em especial os que mais poluem precisam tomar frente nesse processo de diminuição do índice de poluição. Assim, em face ao avanço desenfreado do capital e do lucro, o problema do aquecimento global e as mudanças climáticas ainda permanece vigente no mundo. Como ficam as comunidades quilombolas com relação tanto às mudanças climáticas quanto às políticas que afetam seu cotidiano, modo de vida e atividades socioeconômicas, ambientais e territoriais?

---

<sup>187</sup> <https://amazoniareal.com.br/antes-e-depois-da-poluicao-do-rio-curupere-pela-minerva-foods-no-para/>.

<sup>188</sup> O que também é reflexo da discussão do racismo ambiental e a compensação por danos ambientais.

Os quilombolas do território de Itacuruçá utilizam o que tem e como podem para continuar as suas atividades socioeconômicas e ambientais. Um dos recursos usados para o enfrentamento das mudanças climáticas é o sistema de irrigação, mas nem todos conseguem instalar e principalmente manter devido ao alto custo de construção da estrutura e da caixa d'água, canos e mangueiras. Além do fortalecimento da agricultura por meio da agrofloresta, o qual já fazem desde quando a comunidade teve início, mas com o aumento de insetos fica mais difícil. Como aborda “Azaleia” sobre o dendezal que “Além de tirar a vegetação nativa desmatando ainda jogam agrotóxico que faz mal. O plantio [da agrofloresta] precisa mais de incentivos do governo, das empresas, todos podem ajudar na questão de incentivo no plantio [da agrofloresta]”. É necessário investimentos na agricultura sustentável e agrofloresta como apresenta João Nahum (2011) em sua pesquisa.

É diferente do pessoal do sul, onde o cara faz um projeto para plantar tomate, faz uma horta, o governo aguenta ele aí, safra e safra, se tem geada, problema, o governo aguenta para ele produzir de novo, mas aqui não vem. Se cê vai fazer empréstimo no banco é uma “democracia” do caramba; vem os técnicos olhar tua terra e diz isso aí não presta. (Nahum, 2011, p. 95)

É todo mundo [tem] que ter aquela consciência de Ei...eu vou fazer igual os indígenas, eles cortam mas eles querem que cresça e não deixam acabar porque é de lá que eles vivem. [...] Tipo assim tem uma mangueira, eles vão cortar no tronco, mas eles cortam o tanto que dê pra crescer, né. (Entrevista “Rosa”, 2023)

Diante de todas as dificuldades enfrentadas perante a instalação dessas fazendas bovina e dendezal, as quais contribuem para o aquecimento global e as mudanças climáticas, em decorrência destes empreendimentos, e como consequências trazem o desmatamento, liberação de agrotóxicos, mortes de peixes, camarão e outros animais e os comunitários que necessitam da água do rio, poluição do rio e desequilíbrios ambientais, que contribui com o aumento de insetos que trazem prejuízos à plantação dos comunitários. É necessário projetos e investimentos que beneficiem o modo de vida da população quilombola no território de Itacuruçá, para que se garanta o direito de autonomia, bem estar, cultura, alimentação, religiosidade entre outros aspectos sem prejuízos para essa população. E que se construa formas menos prejudiciais ao meio ambiente nas atividades agropecuárias e fazendas de dendê.

#### 4.3.1 Expectativas sobre o futuro no território quilombola de Itacuruçá

Ao questionar as interlocutoras sobre como seria a sua visão de futuro na comunidade de Itacuruçá, a partir de seu cotidiano e conhecendo os problemas e as dificuldades que enfrentam, as respostas em sua maioria foram com uma visão pessimistas e todas as interlocutoras colocaram suas preocupações em relação aos jovens e as gerações futuras. No entanto, o futuro depende do esforço de cada um de nós quilombolas do território de Itacuruçá.

“Azaleia” coloca que na visão dela de futuro nós teremos algumas melhorias como a estrada asfaltada, e para lazer e diversão uma pracinha e quadra de esportes, mas também ressalta que os problemas virão junto com os benefícios. Ela lembra que as drogas e os bares vieram depois que houve a instalação de energia, e destaca que a violência aumentou quando começou a atingir os jovens.

Mana olha eu assim, eu vejo futuramente o nosso ramal asfaltado.[risadas] O nosso ramal asfaltado. Eu vejo uma equipe maior de profissionais, ali na Unidade [Básica de Saúde]. Eu vejo a quadra nossa funcionando, né. É... eu acredito que futuramente aqui vai se tornar mais povoado ainda né. Eu...eu vejo assim uma vila bem...bem movimentada já, aqui. Eu sonho numa pracinha assim, entendeu [risadas]. Uma pracinha. [E os problemas tu achas que não vai ter?] Vem junto...vem junto. Esses problemas vem junto com certeza. Negócio de fumo né, os bar. [...] A maior parte das coisas que vieram para cá foi depois que foi implantada a energia. Aí já começou mais...essa...essas bocas aí já começaram a aparecer...assim que a gente começou a descobrir né...já em ... dois mil...[...] em 2002 que chegou a energia. Mas as bocas mesmo começaram...assim que a gente começou mesmo a perceber né...Eu não tenho uma data certa mas eu acredito que em 2014 por aí que ficou mais visível né. Porque antes eles usavam mas tipo tinham que se esconder. Eu lembro que...que...[...] eles se escondiam pra poder usar. Não foi bem mais antes... [risadas]. Quando atingiu os jovens que começou mais a violência. (Entrevista “Azaleia”, 2023).

“Rosa” alerta que com a vinda das novas tecnologias, os jovens não sabem trabalhar e outros também não querem, ressalta a questão das drogas e da prostituição. Mas ela também traz algumas soluções, como por exemplo atividades de lazer, esportes como futebol, capoeira, aulas de músicas e outros projetos.

A gente vai ficar mais preguiçoso (risadas). É...muita coisa. olha...Eu fico olhando assim...As minhas filhas eu ensinei elas a apanharem açaí, ensinei elas a andarem no mato assim, que elas iam pegava o terçado e saia né, ia fazer lenha né [...] Os nossos filhos eles faziam as coisas sabe assim... As meninas aprendiam a fazer as coisas na cozinha...faziam café, faziam...chegavam lá aquelas criancinhas olha eu sei fazer isso...sabiam. [...] porque hoje não, hoje não sabem se virar, A mamãe disse ‘Todos vocês vão trabalhar’. Hoje não trabalha, a menina se prostitui, o menino vai se meter em drogas, vai vender drogas. Não sabe mais como trabalhar e muitos não querem. [...] Aí eu olho essa escola e digo ‘Essa escola é...tem que investir ali...porque poxa não tem uma criança ali num...não tem lazer, uma área de esporte, pra criança aprender, né.’. Olha hoje dia de sexta feira no curuperezinho [comunidade próxima], toda sexta feira,

a aula é de manhã Educação Física. Aí [...] [a neta de “Rosa”] não pode faltar. Aí vão pro campo jogam bola. É isso, é o lazer das crianças pra elas fazerem física, bora fazer isso. Dança, isso. Aí eu disse ‘Olha gostei né.’ É o dia de sexta, só que é a parte da manhã né. Aí eu disse: ‘Aqui não, não tem nem, nem a quadra aí.’. Aí o teu esposo tinha dito que queria fazer aulas de músicas. Eu fiquei alegre pra ensinar as crianças, aí vai ter capoeira, essas coisas... mesmo é pra tu se defender, coisas de defesa. Primeiro foi [...] [um sobrinho de “Rosa”] que ia colocar negócio de música e depois aí o teu marido ia, mas precisava da ajuda da prefeitura né. Aí não conseguiu, aí eu disse ‘Poxa...’ [...] (Entrevista “Rosa”, 2023)

“Jasmim” disse que algo, um projeto precisa ser feito pelas entidades e ARQUIA com relação aos jovens e as drogas. Sua filha mais velha que estava presente, colocou seu posicionamento como uma jovem formada pelo PSE Quilombola na UFPA.

Olha daqui com um tempo, eu acho que aqui vai ficar pior do que Abaeté, Belém nas cidades né. Porque os que tão aqui já vão se envolvendo [com drogas]. Aí já vão buscando mais... mais recursos em relação a isso né. [...] É se não tiver... se a... por exemplo a ARQUIA, a comunidade não tomar uma iniciativa né, cada vez vai ficando pior. Um projeto alguma coisa. [...] É quando a mamãe era viva a gente dormia com a janela aberta, agora vai dormir com a janela aberta. [...] Agora melhorou um pouco né mas tinha um tempo com esse negócio de pirata, essas coisas, as pessoas não tinham sossego, não dormia direito porque a qualquer hora... (Entrevista “Jasmim”, 2024)

[...] Aqui em 2001, 2003 por aí a gente ainda dormia com a janela aberta. [...] É por isso que a maioria das coisas que acontece aqui é por isso, porque não tem isso. Não tem um projeto, não tem uma coisa, [alguém dizer] ‘Ah bora fazer uma quadra, tipo pros meninos jogar um futebol à tarde faz um campeonato’. Eles não tem isso. Ai como diz o coisa ‘cabeça vazia é oficina do diabo’. [...] Tú sabias que aqui era pra gente ter uma horta, pra ter uma coisa de criação pra vender pra outros lugares mas não tem. [...] (Filha mais velha de “Jasmim”, 2024)

“Catinga de Mulata” ressalta a questão de vários empreendimentos que irão afetar as comunidades do território de Itacuruçá e os conflitos nas próximas gerações.

Na expectativa | realidade não é fácil... eu sei que nós ainda vamos enfrentar ainda muita luta, muita dificuldade, até porque... nós estamos aí na arrancada de entrar o trem né [...] da ferrovia. Nós estamos esbarrando na ferrovia, nós estamos esbarrando ali na... no estouro do pedral do Lourenço né então com isso o que é que eu vejo?... Ainda tem ali o dendeza, ainda tem ali a fazenda. Então o que é que eu vejo com isso? Ainda são muitos conflitos ainda que nós vamos enfrentar. A próxima geração ainda vai passar por muita tribulação. Olha a minha perspectiva de visão é que a nossa próxima geração vai sofrer mais do que nós. (Entrevista “Catinga de Mulata”, 2023)

Questionei as interlocutoras dessa pesquisa, se caso elas tivessem que sair, por alguma circunstância para ir morar em outro local que não fosse no território quilombola de Itacuruçá, se elas sairiam. Todas foram unânimes em responder que não, já os motivos para justificar a resposta foram diversos. Entretanto, todas disseram que não se acostumam em outro lugar, principalmente na cidade. São acostumadas na comunidade porque tem paz,

plantam, colhem, criam os animais, tem os sobrinhos e se sentem mais acolhidos do que com as pessoas da cidade<sup>189</sup> e também é o lugar das raízes onde os seus ancestrais viveram e tanto lutaram por esse pedaço de terra, a mãe terra.

Não... Porque é o meu cantinho de céu né.[risadas] Meu lugarzinho eu não trocava assim...aqui a gente ainda tem uma paz ainda. A gente ainda pode plantar. Ainda pode...criar né. Então eu não trocava...Principalmente pra ir pra dentro de cidade, pra ir pra dentro dessas coisas aí eu não pretendo. (Entrevista “Azaleia”, 2023)

Não, eu acho que não. Eu me acostumo aqui. Porque eu não me acostumo assim em outro lugar. Eu já estou acostumada aqui. [risadas]. Na cidade eu não me acostumo nem em Belém, eu gosto aqui. Eu queria um lugar que eu tivesse um terreno maior pra plantar e criar, mas que fosse aqui, aqui mesmo. Não assim pra outro lugar. Olha pro Alto eu não me acostumo, pro Arapapuzinho, mas assim eu gosto, eu gosto de tá aqui. (Entrevista “Jasmim”, 2023)

Não. Eu gosto daqui de Itacuruçá. Olha, [...] as minhas irmãs, os meus irmãos eles falaram assim: ‘Poxa [...] “Rosa” tu é a única que tá longe. vem timbora do Itacuruçá, vem morar pra cá. Aí teus filhos, e só fica tu e o [...] [marido de “Rosa”] lá. Te sai.’ Aí a minha irmã [diz] ‘Ei vem pra cá mana.’ Aí eu falo ‘Olha eu gosto de tá com as plantas. Eu gosto do Itacuruçá’....[Elas dizem] ‘Ah! Mas tu fica muito longe.’ Eu disse ‘Eu gosto...E se eu for pra aí, eu vou ficar longe das minhas filhas’ [...] Aí eu disse ‘Mas eu gosto daqui.’ [Elas dizem] ‘Ah! Mas só é os parentes do [...] [marido de “Rosa”]...Eu disse ‘Mas eu gosto daqui, eu gosto dos meus sobrinhos’. Eu disse ‘Eu não tô só’. Eu falei pra minha irmã, ‘Eu não tô só, não.’. Eu disse ‘Se tu soubesse, eu tô longe de vocês mas aqui tá todos os meus sobrinhos. Se eu for pra cá, é sobrinho é...aí eu converso, eu tenho os meus cunhados, as minhas cunhadas. Eu não tô só. né.’. Aí eles dizem ‘Tú não tem vontade?’. Eu digo ‘Eu não.’. Eu não tenho Silviane...vontade. [qual a diferença das pessoas de lá pra cá elas não conversam não?] ...risadas.... A minha irmã gosta de caçoar pra cá, [ela diz] ‘É...lá é tudo atrasado lá.’ Eu disse ‘Já foi, agora tá diferente.’. Eu disse assim ‘Agora mudou. Antes era roça e olaria, roça e olaria. Aí foram criando seus filhos e bora vocês tem que estudar, vocês têm que estudar...quem quisesse terminar continuava, aí foram para Abaetetuba terminar. Aí agora vão fazer a universidade pelos quilombolas (PSE). Aí fomos incentivando os nossos filhos. Aí foram melhorando e hoje os que estão estudando fazendo universidade, eles saíram daqui. E eles já tão ajudando né. Aí nós já que não teve [estudo], era aquele negócio de roça e olaria, hoje a gente tá aposentado né. Hoje a gente tá aposentado... (Entrevista “Rosa”, 2023)

Não [risadas]... Porque assim...é... aqui tá as minhas raízes, entendeu. Então assim eu já fui pra Belém... e de Belém eu já voltei de novo pra cá porque... não dá pra morar em outro lugar sem ser aqui. Na cidade eu já não me acostumo...E mesmo assim na cidade tudo é comprado... aqui não, aqui olha eu tenho meu coco, eu tenho engá, eu tenho cacau, eu tenho cupuaçu então aqui é minha mãe. (Entrevista “Catinga de Mulata”, 2023)

As mulheres quilombolas de Itacuruçá por meio de seus saberes e fazeres aprendidos através principalmente das mães, irmãs, tias, avós ao longo de gerações. Elas estabelecem com as plantas e ervas ancestrais e medicinais relações que envolvem cuidados ambientais, de

---

<sup>189</sup> Alguns têm preconceitos e chegam a dizer que o nosso modo de vida é atrasado e caçoam, as falas de “Rosa” ressaltam que ela se sente melhor no interior com a família de seu esposo do que na própria família de origem dela.

saúde física, mental e espiritual, construções que valorizam a noção de território e ancestralidade quilombola, construções socioambientais. Como é registrado na fala de “Catinga de Mulata”, o território de Itacuruçá são para os comunitários que vivem naquela comunidade quilombola, o lugar onde estão as suas raízes ancestrais, de onde se sustentam e se alimentam, sintetizado na frase “então aqui é minha mãe”. Terra mãe.

Em meio aos problemas e dificuldades os comunitários de Itacuruçá buscam a luta pela (re) existência, pois percebe-se ainda algumas formas de trabalho e organização comunitária dos antigos quilombos, usos de remédios feitos com plantas, olarias, religiões, crenças, costumes, cosmovisões e valores que persistem apesar do tempo, através de gerações.

## 5 CONCLUSÃO

Ao longo desta pesquisa, procurei compreender e valorizar as histórias, memórias e saberes das mulheres quilombolas do território Médio Itacuruçá, cuja relação com a terra, as plantas e as práticas de cuidado em saúde revela um patrimônio cultural de riqueza inestimável. A partir de uma abordagem etnográfica e autobiográfica, foi possível construir uma narrativa que conecta os conhecimentos ancestrais ao contexto atual, trazendo à luz a centralidade do papel feminino no sustento material e espiritual da comunidade.

As entrevistas e vivências compartilhadas evidenciam que a resistência quilombola vai além da luta por território; é uma afirmação da vida e de modos de existência que desafiam as estruturas colonialistas e capitalistas. As mulheres, enquanto guardiãs de saberes, mantêm viva a memória e asseguram a transmissão de práticas que integram cuidado, espiritualidade e sustento, compondo um legado que atravessa gerações.

Apesar de diversas conquistas dos quilombolas de Itacuruçá como a titulação das terras quilombolas, a comunidade ainda enfrenta diversos conflitos devido a supressão de terras e invasões dentro do território quilombola. No entanto desde a fundação da ARQUIA, onde no seu Estatuto determina que “As terras de propriedade da associação não podendo ser vendidas, arrendadas ou loteadas.” (Estatuto da ARQUIA, cap.1º, Art.2º, §2º, 2001). Desta forma a venda de lotes de terras para as fazendas de dendê que está dentro do território de Itacuruçá foi ilegal pois segundo relatos das interlocutoras ocorreram depois da criação da ARQUIA onde este Estatuto já estava em vigência. Podemos perceber que somente a titulação quilombola não garante a ausência de conflitos que ainda existem no Itacuruçá.

Em consequências práticas com relação a instalação das fazendas de dendê e bovina foram o aumento de agrotóxico, mortes de animais e peixes pela contaminação de nascentes de água e rios, e contaminação dos comunitários ribeirinhos e quilombolas que necessitam da água do rio para fazer atividades domésticas e de lazer gerando diversos problemas de saúde e outros. Além do empobrecimento e contaminação do solo, desmatamento o que contribuem para as mudanças climáticas, desequilíbrios ambientais com o aumento de insetos que trazem prejuízos à plantação dos comunitários, afetando diretamente a produção nas roças. A contaminação e falta de animais que antes eram alimentos de caça dos comunitários como tatu, paca, cutia, veado e outros que se afugentam dos agrotóxicos e também a diminuição-|eliminação devido a contaminação de outros animais no rio como peixes e camarão gera cada vez mais uma insegurança alimentar no Itacuruçá.

O território de Itacuruçá aguarda os resultados da análise da água que foi coletada pela defesa civil, e busca resolver os problemas para que retorne ao seu modo de vida ribeirinho e quilombola como antes onde podiam ter o prazer de tomar o banho de rio e retirar a pesca de diferentes espécies de peixes, camarão e outros que eram em abundância, agora estão morrendo intoxicados, como expressa um morador do Itacuruçá no vídeo pedindo ajuda pelos animais que estavam agonizando em sua ponte de casa, “Com essa idade que eu tô, eu nunca tinha visto uma arraia pedindo socorro na minha ponte”. A comunidade de Itacuruçá aguarda resposta e solução foi dada para esse problema.

Agrofloresta é um ponto extremamente importante porque além de contribuir com a riqueza da flora facilita também a fauna, com diferentes tipos de animais, em uma interação sintrópica onde a fauna e a flora são interdependentes, e os comunitários de Itacuruçá garantindo esse equilíbrio permanente. Dessa forma, se ocorre por exemplo uma introdução de algo fora do ambiente natural como os agrotóxicos, esse sistema entrará em desequilíbrio e afetará a comunidade. Os animais passaram a ser vistos como “pragas” e eles se afugentam fora do ambiente natural deles por exemplo, próximos às casas das pessoas como está acontecendo, enxames de abelhas, besouros, baratas e outros. Uma das moradoras relata que nunca tinha aparecido grande quantidade de inseto como o ‘barbeiro’ na sua casa.

É necessário projetos e investimentos que beneficiem o modo de vida da população ribeirinha e quilombola no território de Itacuruçá, para que se garanta o direito de autonomia, bem estar, agrofloresta, cultura, alimentação saudável, animais, os saberes ancestrais dos povos tradicionais, das matas, dos rios e igarapés, a religiosidade entre outros aspectos sem prejuízos para toda a população. Incentivo e fomento à produção de saberes quilombolas e fortaleçam um saber que veio dos seus ancestrais levando em consideração o bem-estar, de saúde física, mental, espiritual e uma alimentação saudável livre de agrotóxicos e de venenos, o que reduzirá em grande parte as doenças.

Há muitos desafios enfrentados pelas comunidades quilombolas, no que se refere a garantia de seu modo de vida, subsistência e (Re)existência intensificados pelas dinâmicas contemporâneas de exploração ambiental, exclusão social e negligência estatal. A preservação desses saberes está diretamente ligada à defesa do território e à promoção de políticas públicas que reconheçam e valorizem os direitos dessas populações.

Faz-se extremamente importante ressaltar os saberes ancestrais e trabalho das mulheres com o cultivo de uma cultura de agrofloresta e também com as plantas e ervas ancestrais e medicinais pois muitas das vezes são as plantas medicinais mais acessíveis do que os próprios

remédios sintéticos, que nem sempre estão disponíveis nos Postos de Saúde. As plantas geram diversos benefícios para a saúde em detrimento de produtos e alimentos enlatados e com conservantes, contribuindo para uma alimentação rica em nutrientes. O ato de plantar é também uma relação de saúde física, psíquica, bem-estar ambiental, espiritual, uma atividade de formas de integração econômica, que gera sociabilidades quilombolas e uma atividade ancestral.

Algumas iniciativas e projetos organizados por coletivos de mulheres e juventudes são essenciais para perpetuar os saberes e fazeres no território de Itacuruçá, como o Jirau medicinal quilombola na Unidade Básica de Saúde do Médio Itacuruçá, organizado e pensado pelo “Coletivo Mãe Preta: Sementes da Ancestralidade”; o grupo de mulheres “Unidos na luta” com projetos de agrofloresta, cozinha comunitária, retiro de farinha comunitário; e o projeto dos jovens do “Coletivo Ubuntu” sobre valorização da cultura quilombola e saberes ambientais.

Entretanto falta ainda incentivo para as mulheres na garantia de uma renda e acesso a empregos levando a uma autonomia financeira à elas. Portanto faz-se essencial a participação das mulheres quilombolas em cargos e espaços de poder de decisão tanto no ensino através das formações em graduações, em pesquisas de pós-graduações, mestrado e doutorado. Mas também em espaços políticos como a ARQUIA, secretarias municipais, prefeituras e outras para garantir políticas públicas para as dores dessa população. Além do fomento à participação das populações LGBTQIAPN+, crianças e juventude, pessoas com deficiências, povos tradicionais, indígenas e de matrizes africanas. Dessa forma garantir a equidade de gênero e de povos em uma luta coletiva pelo bem estar psíquico, físico, ambiental e social.

Esta pesquisa também revelou uma jornada pessoal. Como mulher quilombola, revisitar as memórias de minha infância e os ensinamentos de minhas ancestrais reforçou a convicção de que o reconhecimento de nossa história e cultura é essencial para a construção de um futuro mais justo e sustentável. A prática da escrevivência transforma experiências individuais em narrativa coletiva.

Alguns desafios precisam ser considerados como a ausência de sensibilidade e reconhecimento para a contratação pelos órgãos públicos dos profissionais quilombolas formados tanto na área da saúde como de educação, pois são essas áreas que temos muita demanda. Como preconiza o Resolução nº 8 “Art. 48 **A Educação Escolar Quilombola deverá ser conduzida, preferencialmente, por professores pertencentes às comunidades quilombolas.** [...]”( BRASIL, 2012, p. 16, grifo nosso) para a valorização, participação,

autonomia e o empoderamento dos alunos, através do fortalecimento da cultura negra e quilombola.

Um dos pontos de preocupação ressaltados pelas interlocutoras é a ausência de projetos, empregos, atividades de lazer, esportes como futebol, capoeira, danças, aulas de músicas entre outros projetos voltados para a juventude quilombola, e fortalecimento dos saberes quilombolas para as gerações futuras. A ausência de políticas públicas pode aumentar a violência entre essa faixa etária. Faz relevantes iniciativas coletivas da comunidade, da ARQUIA e apoio do poder público municipal para a garantia de direitos da juventude quilombola em construções coletivas com o território de Itacuruçá.

Espero que este trabalho contribua para ampliar o conhecimento sobre os saberes e práticas quilombolas, sensibilizando pesquisadores, gestores públicos e a sociedade em geral para a importância de proteger e valorizar essas histórias. Que as plantas, tão cuidadas e cultivadas por nossas mulheres, sigam sendo símbolo de resistência e renovação, inspirando gerações a seguirem firmes na luta por autonomia e dignidade.

## REFERÊNCIAS

ABAETETUBA. Projeto Político Pedagógico: EMEIF Raimundo Bandeira. 2020.

ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de. **Quilombos e as Novas Etnias**. Manaus: UEA Edições, 2011.

ÁVILA, Maria Luiza da Silva. Um outro olhar: as experiências oleiras das comunidades das margens do rio Itacuruçá em Abaetetuba- Pa. RELACult – Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura e Sociedade. V. 05, ed. especial, mai., 2019, artigo nº 1522 | [claec.org/relacult](http://claec.org/relacult) | e-ISSN: 2525-7870

BARTH, Fredrik. Grupos étnicos e suas fronteiras. In: POUTIGNAT, Philippe; STREIFF-FENART, Jocelyne. Teorias da Etnicidade: seguido de Grupos Étnicos e suas Fronteiras de Fredrik Barth. 2. ed. São Paulo: Unesp, 1998. p. 187-227.

BRASIL. Lei nº 601, de 18 de setembro de 1850. Dispõe sobre as terras devolutas do Império. Coleção de Leis do Império do Brasil - 1850, Página 307 Vol. 1 pt. I.

\_\_\_\_\_. Lei nº 2.040, de 28 de setembro de 1871. Declara de condição livre os filhos de mulher escrava que nascerem desde a data desta lei, libertos os escravos da Nação e outros, e providencia sobre a criação e tratamento daquelles filhos menores e sobre a libertação annual de escravos. Coleção de Leis do Império do Brasil - 1871, 31 de dez. 1871.

\_\_\_\_\_. Lei nº 3.270, de 28 de setembro de 1885. Regula a extinção gradual do elemento servil. Coleção de Leis do Império do Brasil - 1885, 31 de dez. 1885.

\_\_\_\_\_. Lei nº 3.353, de 13 de maio de 1888. Declara extinta a escravidão no Brazil. Diário Oficial da União - Seção 1, Página 1, 14 de maio de 1888.

\_\_\_\_\_. Decreto nº 50.387, de 28 de março de 1961. Regulamenta o exercício da enfermagem e suas funções auxiliares no território nacional. Diário Oficial da União - Seção 1 - de 29 de março de 1961, p. 3057.

\_\_\_\_\_. Lei nº 4.504, de 30 de novembro de 1964. Dispõe sobre o Estatuto da Terra, e dá outras providências. Diário Oficial da União, 1964.

\_\_\_\_\_. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.

\_\_\_\_\_. Ato das Disposições Constitucionais Transitórias. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao.htm#adct](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm#adct). Acesso em: 17 nov. 2023.

\_\_\_\_\_. Lei nº 9.459, de 13 de maio de 1997. Altera os art. 1º e 20 da Lei nº 7.716, de 5 de janeiro de 1989, que define os crimes resultantes de preconceito de raça ou de cor, e acrescenta parágrafo ao art. 140 do Decreto-lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940. Diário Oficial da União - de 14 de maio de 1997, P. 9901.

\_\_\_\_\_. Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. Diário Oficial da União de 10 de janeiro de 2003.

\_\_\_\_\_. Lei nº 11.947, de 16 de junho de 2009. Dispõe sobre o atendimento da alimentação escolar e do Programa Dinheiro Direto na Escola aos alunos da educação básica; altera as Leis nos 10.880, de 9 de junho de 2004, 11.273, de 6 de fevereiro de 2006, 11.507, de 20 de julho de 2007; revoga dispositivos da Medida Provisória no 2.178-36, de 24 de agosto de 2001, e a Lei no 8.913, de 12 de julho de 1994; e dá outras providências. Diário Oficial da União, de 17 de Junho de 2009.

\_\_\_\_\_. Lei nº 12.513, de 26 de outubro de 2011. Institui o Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego (Pronatec); altera as Leis nº 7.998, de 11 de janeiro de 1990, que regula o Programa do Seguro-Desemprego, o Abono Salarial e institui o Fundo de Amparo ao Trabalhador (FAT), nº 8.212, de 24 de julho de 1991, que dispõe sobre a organização da Seguridade Social e institui Plano de Custeio, nº 10.260, de 12 de julho de 2001, que dispõe sobre o Fundo de Financiamento ao Estudante do Ensino Superior, e nº 11.129, de 30 de junho de 2005, que institui o Programa Nacional de Inclusão de Jovens (ProJovem); e dá outras providências. Diário Oficial da União, de 27 de outubro de 2011.

\_\_\_\_\_. Lei nº 12.711, de 29 de agosto de 2012. Dispõe sobre o ingresso nas universidades federais e nas instituições federais de ensino técnico de nível médio e dá outras providências. Diário Oficial da União de 30 de agosto de 2012.

\_\_\_\_\_. Resolução nº 8, de 20 de Novembro de 2012. Define Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola na Educação Básica. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. Diário Oficial da União, Brasília, 21 de novembro de 2012, Seção 1, p. 26. Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_docman&view=download&alias=11963-rceb008-12-pdf&category\\_slug=novembro-2012-pdf&Itemid=30192](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=11963-rceb008-12-pdf&category_slug=novembro-2012-pdf&Itemid=30192). Acesso em: 02 de Mar. de 2025.

\_\_\_\_\_. Lei nº 13.100, de 27 de janeiro de 2015. Institui o dia 20 de janeiro como Dia Nacional da Parteira Tradicional. Diário Oficial da União - Seção 1, de 28 de janeiro de 2015, p.1.

\_\_\_\_\_. Medida Provisória nº 1.165, de 20 de março de 2023. Institui a Estratégia Nacional de Formação de Especialistas para a Saúde, no âmbito do Programa Mais Médicos, e altera a Lei nº 12.871, de 22 de outubro de 2013. Diário Oficial da União, - Seção 1 - 21 de março de 2023, p.1.

\_\_\_\_\_. Lei nº 14.723, de 13 de novembro de 2023. Altera a Lei nº 12.711, de 29 de agosto de 2012, para dispor sobre o programa especial para o acesso às instituições federais de educação superior e de ensino técnico de nível médio de estudantes pretos, pardos, indígenas e quilombolas e de pessoas com deficiência, bem como daqueles que tenham cursado integralmente o ensino médio ou fundamental em escola pública. Diário Oficial da União de 14 de novembro de 2023.

\_\_\_\_\_. Lei nº 14.945, de 31 de julho de 2024. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional), a fim de definir diretrizes para o ensino médio, e as Leis nºs 14.818, de 16 de janeiro de 2024, 12.711, de 29 de agosto de 2012, 11.096, de 13 de janeiro de 2005, e 14.640, de 31 de julho de 2023. Diário Oficial da União - Seção 1 - de 1 de agosto de 2024, p.5.

BRITO, Diselma Marinho. **A Formação de Jovens e Adultos do Campo: Um estudo da experiência do Sindicato dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais do Município de Abaetetuba-PA.** 2015. p.170. Tese de Doutorado em Educação Brasileira - Programa de Pós Graduação em Educação Brasileira, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2015.

CARDOSO, Ciro Flamarion S.. A “brecha camponesa” no sistema escravista. In: **Escravo ou camponês? O Protocampesinato negro nas Américas.** São Paulo: Brasiliense, 1987.

CARDOSO, Denise Machado. **Mulheres catadoras: Uma abordagem antropológica sobre a produção de massa de caranguejo-Guarajubal [Pará].** 2000. p. 216. Dissertação de Mestrado Acadêmico em Antropologia Social - Departamento de Antropologia, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Pará, Belém, 2000.

CARDOSO, Maria Barbara da Costa. **Saberes ribeirinhos quilombolas e sua relação com a Educação de Jovens e Adultos da comunidade de São João do Médio Itacuruçá, Abaetetuba-PA.** 2012. p.161. Dissertação de Mestrado Acadêmico em Educação- Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Pará, Belém, 2012.

CARVALHO, Jefferson Felgueiras de; SILVA, Gercina Ferreira da; CAMPOS, Danielly Cristinne Barbosa de. INTEGRANDO ESTRADAS E RIOS: Disposições legais da Educação Escolar Quilombola na EMEIF Santo André (Rio Baixo Itacuruçá, Abaetetuba, Pará). In: 40ª Reunião Nacional da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPEd), 10215, 2021, Belém-PA:UFPA, 2021, p. 1-5.

CARVALHO, Silviane Couto de. Depoimentos: Laços. In: CARVALHO, Luciana Gonçalves de; NASCIMENTO, Raimundo Magno Cardoso; NASCIMENTO, Veridiana Barreto do (Org.). **Vulnerabilidade histórica e futuro das comunidades quilombolas do Pará em tempo de pandemia** [recurso eletrônico]. Belém: NUMA/UFPA, 2021. 292 p. Disponível em:<<https://drive.google.com/file/d/1Rjrjrq8fvsCgjCtwurl-jK5nmgySgoN23y/view?usp=sharing>>. p. 261-264.

CASTRO, Edna. Território, Biodiversidade e Saberes de Populações Tradicionais. In: A. C. Diegues (Org.). **Etnoconservação: novos rumos para a proteção da natureza nos trópicos.** São Paulo: Nupaub-USP, HUCITEC. 2 ed. 2000, p. 165-182.

CONVENÇÃO nº 169 OIT- Povos Indígenas e Tribais= ILO CONVENTION No. 169 - Indigenous and Tribal Peoples. 27 de junho de 1989 e entrada em vigor internacional em 5 de setembro de 1991. Disponível em: Convenção nº 169 da OIT - Povos Indígenas e Tribais Agência Nacional de Transportes Terrestres - ANTT. Acesso em: 15 jan. 2023.

ESSE RIO É MINHA RUA. [Compositor e intérprete]: Paulo André Barata e Ruy Barata. Belém: Estúdios Rauland, 1974. Composição feita para a trilha sonora e musical no filme “Os Brutos Inocentes” do cineasta Líbero Luxardo em 1974.

EVARISTO, Conceição. **A Escrivivência e seus subtextos**. In: *Escrivivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo / organização Constância Lima Duarte, Isabella Rosado Nunes; ilustrações Goya Lopes*. 1. ed. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.

FERREIRA, Thiago da Luz. Um estudo das relações produtivas na comunidade quilombola do Itacuruçá Médio Abaetetuba-PA. 2019. p. 76. Trabalho de Conclusão de Curso em Economia- Faculdade de Economia, Universidade Federal do Pará, Belém, 2019.

FUNDAÇÃO CULTURAL PALMARES. Portaria nº 177, de 31 de agosto de 2012. Registrar no Livro de Cadastro Geral nº 14 e certificar que, conforme as declarações de Autodefinição e os processos em tramitação na Fundação Cultural Palmares, as comunidades a seguir se autodefinem como remanescentes de quilombo. Diário Oficial da União, seção 1, Nº 171, Brasília, DF, p. 06, 03 set. 2012.

GAPUIANDO, Identidades e Saberes do Rio-Mar de Abaeté. Direção de Eliana Campos Pojo. Produtoras Associadas Eliana Campos Pojo, Lina Gláucia Dantas Elias, Vivian da Silva Lobato. Abaetetuba: Gravação de Francisco Wey, 2018. 1 Vídeo (24:30 min.) Canal do Youtube: Eliana Pojo. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=oSs2AcUyyzw&t=26s> . Acesso em: 28 ago. 2023.

GODOY, Arilda Schmidt. Pesquisa Qualitativa; Tipos Fundamentais. RAE-Revista de Administração de Empresas, São Paulo, v. 35, n. 3, p. 20-29, janeiro 1995. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rae/a/ZX4cTGqrqYfVhr7LvVyDBgdb/?lang=pt&format=pd> . Acesso em: 22 de maio de 2022.

GOMES, Flávio dos Santos. **Mocambos e Quilombos**: uma história do campesinato negro no Brasil. São Paulo: Ed. Claro Enigma, 2015.

GOMES, Rosenilda Botelho. Território quilombola e o Mercado de Carbono Voluntário. In: REUNIÃO DE ANTROPOLOGIA DO MERCOSUL. 14, 2023, Niterói- RJ. **Anais [...]**. Niterói- RJ: UFF, 2023. p. 1-18.

GONÇALVES, Marco Antonio. Etnobiografia: biografia e etnografia ou como se encontram pessoas e personagens. In: **Etnobiografia: subjetivação e etnografia**. Viveiros de Castro Editora Ltda: Ipanema, 2012. p. 19 - 42.

GUEDES, Ana Célia Barbosa. **Mulheres quilombolas e uso de plantas medicinais: práticas de cura em Santa Rita de Barreira/PA**. Orientador: Hisakhana Pahoona Corbin. 2018. 203 f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Sustentável do Trópico Úmido) – Universidade Federal do Pará, Núcleo de Altos Estudos Amazônicos, Belém, 2018.

MALINOWSKI, Bronislaw. K. Argonautas do Pacífico Ocidental: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné Melanésia. Tradução de Anton Carr e Lígia Cardieri Mendonça, [1 ed., 1922], São Paulo: Abril cultural, 1976.

MARX, K. O capital a crítica da economia política. Tradução de Regis BARBOSA e Flávio R. KOTHE. [S.l.]: Nova Cultural, v. I, 1996. LIVRO PRIMEIRO.

MATTOS, Carmem Lúcia Guimarães de. A abordagem etnográfica na investigação científica. In: MATTOS, Carmem Lúcia Guimarães de., CASTRO, PA., (Org). Etnografia e educação: conceitos e usos [online]. Campina Grande: EDUEPB, p. 49-83, 2011. Disponível em: <https://books.scielo.org/id/8fcfr/pdf/mattos-9788578791902-03.pdf>. Acesso em: 22 de maio de 2022.

MAUSS, Marcel. **Sociologia e antropologia**. [S.l.]: [s.n.], v. 2, 2003. p. 37-184.

MIGNOLO, Walter D. Novas reflexões sobre a “ideia da América Latina”: a direita, a esquerda e a opção descolonial. **CADERNO CRH**, Salvador, v. 21, n. 53, p. 239-252, maio/ago. 2008

MIRANDA, Claudia do Socorro Carvalho, *et al.* O SOME e a educação serpenteada entre ilhas e rios no município de Abaetetuba: Vivências e práticas educativas. In: COSTA, Marina de Sousa; OLIVEIRA, José Ribamar Lira de; NASCIMENTO, Sérgio Bandeira do (Org.). **Educação na Amazônia em repertório de saberes: O Sistema Modular de Ensino**. – Belém, PA: Paka-Tatu, 2020. p. 73- 97.

MOURA, Clóvis. **Rebeliões da Senzala: Quilombos, Insurreições, Guerrilhas**. 4ª Edição. Série Novas Perspectivas-23. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.

MUNANGA, Kabengele. **Origem e Histórico do Quilombo Na África**. Revista USP, v. 28, p. 56-63, 1996. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/28364>. Acesso em: 15 jun. 2023.

NAHUM, J. S. De ribeirinha à quilombola: dinâmica territorial de comunidades rurais na Amazônia paraense. **Campo Território: revista de geografia agrária**, p. 80-103, 2011.

NASCIMENTO, Abdias. **O Quilombismo**. Petrópolis: Vozes, 1980.

NASCIMENTO, Beatriz. Kilombo e memória comunitária: um estudo de caso, 1982. In: RATTS, Alex. *Eu sou Atlântica*. 2007.

NASCIMENTO, Beatriz. O conceito de quilombo e a resistência cultural negra, 1985. In: RATTS, Alex. *Eu sou Atlântica*. 2007.

O DENDÊ chegou, a fartura acabou. Direção: Priscila Sato e Joyce Cursino. Produtor Léo Brandão. Abaetetuba: Produtora: Negritar Produções e Race & Health, 29 de novembro de 2022. 1 vídeo (8: 29 min.) Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=7DCIJJwrF4U>. Acesso em 29 ago. 2024.

OLIVEIRA, João Pacheco de. A luta pelo território como chave analítica para a reorganização da cultura. In: **A reconquista do território: etnografias do protagonismo indígena contemporâneo** / organização João Pacheco de Oliveira. - 1. ed. - Rio de Janeiro: E-papers, 2022.

PARÁ. Lei nº 4.584, de 08 de outubro de 1975. Cria o Instituto de Terras do Pará - ITERPA, extingue a Divisão de Terras da Secretaria de Agricultura, modifica o Decreto-Lei nº 57/69 e estabelece providências correlatas. Diário Oficial do Estado do Pará: Belém, PA, 15 de nov. de 1975.

\_\_\_\_\_. [Constituição (1989)]. Constituição do Estado do Pará. Belém: Assembleia Legislativa do Estado do Pará, 1989.

\_\_\_\_\_. Lei nº 6.165, de 02 de dezembro de 1998. Dispõe sobre a Legitimação de Terras dos Remanescentes das Comunidades dos Quilombos e dá outras providências. Diário Oficial do Estado: DOE Nº 28856, Caderno 1, página 3, Belém, PA, 07 de dez. 1998.

\_\_\_\_\_. Decreto Estadual nº 3.572 de 22 de julho de 1999. Atribui ao ITERPA a execução dos procedimentos administrativos de identificação, demarcação e expedição de títulos de propriedade de terras ocupadas por comunidades quilombolas. Diário Oficial do Estado: Belém, PA, 23 de julho de 1999.

\_\_\_\_\_. Instrução Normativa nº 2, de 16 de novembro de 1999. Estabelece os procedimentos adotados pelo ITERPA. Diário Oficial do Estado do Pará: Belém, PA, 18 de nov. de 1999.

\_\_\_\_\_. Decreto nº 4.054, de 11 de maio de 2000. Cria o Programa Raízes e dá outras providências. Diário Oficial do Estado do Pará: nº 29.212, Belém, PA, 15 de maio de 2000.

\_\_\_\_\_. Lei 7.433, de 30 de junho de 2010. Declara o Brinquedo de Miriti como Patrimônio Cultural Imaterial do Estado do Pará.

\_\_\_\_\_. Resolução nº 4.309, de 27 de agosto de 2012. Aprova a reserva de vagas nos cursos de graduação da UFPA aos quilombolas. Processo n. 011968/2012 - UFPA.

\_\_\_\_\_. Lei nº 7.806, de 29 de abril de 2014. Dispõe sobre a regulamentação e o funcionamento do Sistema de Organização Modular de Ensino- SOME, no âmbito da Secretaria de Estado de Educação- SEDUC, e dá outras providências. Diário Oficial [do] Estado do Pará, Belém, Poder Executivo, ano CXXIV, n 32.63230, p. 5-6, 30 abr. 2014<sup>a</sup>. Caderno1. Disponível em: <<http://www.ioepa.com.br/pages/2014/2014.04.30.DOE.pdf>>. Acesso em: 09 maio 2021.

\_\_\_\_\_. Portaria nº 1.438 de 03 de outubro de 2024, publicada no Boletim do Pessoal, Pró-reitoria de Desenvolvimento e Gestão de Pessoal da Universidade Federal Rural da Amazônia (PROGEP-UFRA). Edital Nº 30|2024 para o Processo Seletivo de Indígenas e Quilombolas (PSIQ/2024) para provimento de vagas nos cursos de graduação da UFRA. Diário Oficial da União de 25 de outubro de 2024. Edição: 208, Seção: 3, Página: 64.

\_\_\_\_\_. Resolução nº 4.152 de 2024 do Conselho Universitário da Universidade Estadual do Pará (CONSUN-UEPA). Extrato do edital nº 115/2024 - UEPA Processo seletivo específico para candidatos indígenas e quilombolas 2025 - PROSEL ESPECÍFICO QUILOMBOLA/INDÍGENA 2025, disponível no Diário Oficial nº 36.008, de sexta-feira, 25 de outubro de 2024, p. 112.

\_\_\_\_\_. Resolução nº 4.176 de 2024 do Conselho Universitário da Universidade Estadual do Pará (CONSUN-UEPA). Extrato do edital nº 115/2024 - UEPA Processo seletivo

específico para candidatas indígenas e quilombolas 2025 - PROSEL ESPECÍFICO QUILOMBOLA/INDÍGENA 2025, disponível no Diário Oficial nº 36.008, de sexta-feira, 25 de outubro de 2024, p. 112.

\_\_\_\_\_. Resolução nº 895 de 15 de outubro de 2024 do Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão da Universidade Federal Rural da Amazônia (CONSEPE-UFRA) de 15 de outubro de 2024. Edital Nº 30|2024 para o Processo Seletivo de Indígenas e Quilombolas (PSIQ/2024) para provimento de vagas nos cursos de graduação da UFRA. Diário Oficial da União de 25 de outubro de 2024. Edição: 208 | Seção: 3 | Página: 64.

\_\_\_\_\_. Lei nº 10.820, de 19 de dezembro de 2024. Dispõe sobre o Estatuto do Magistério Público do Estado do Pará. Revogam-se a Lei Estadual nº 5.351, de 21 de novembro de 1986; Lei Estadual nº 7.442, de 2 de julho de 2010; a Lei Estadual nº 7.806, de 29 de abril de 2014; a Lei Estadual nº 8.030, de 21 de julho de 2014; a Lei Estadual nº 9.322, de 06 de outubro de 2021; o inciso XI do art. 132 e o art. 246 da Lei Estadual nº 5.810, de 24 de janeiro de 1994; e o § 11 do art. 14 da Lei Estadual nº 9.890, de 13 de abril de 2023. Diário Oficial [do] Estado do Pará nº 36.074. p.4-10. Belém, PA, 19 de Dez. de 2024. Disponível em: <https://ioepa.com.br/pages/2024/2024.12.19.EXTRA.pdf>. Acesso em: 02 de Mar. de 2025.

\_\_\_\_\_. Lei nº 10.853, de 13 de fevereiro de 2025. Revoga a Lei Estadual nº 10.820, de 19 de dezembro de 2024, que dispõe sobre o Estatuto do Magistério Público do Estado do Pará, e dá outras providências. Repristinam-se: a Lei Estadual nº 5.351, de 21 de novembro de 1986; a Lei Estadual nº 7.442, de 2 de julho de 2010; a Lei Estadual nº 7.806, de 29 de abril de 2014; a Lei Estadual nº 8.030, de 21 de julho de 2014; a Lei Estadual nº 9.322, de 6 de outubro de 2021; o inciso XI do art. 132 e o art. 246 da Lei Estadual nº 5.810, de 24 de janeiro de 1994; o § 11 do art. 14 da Lei Estadual nº 9.890, de 13 de abril de 2023. Diário Oficial [do] Estado do Pará nº 36.134. p. 4. Belém, PA, 13 de fev. de 2025. Disponível em: <https://www.ioepa.com.br/pages/2025/2025.02.13.EXTRA.pdf>. Acesso em: 02 de Mar. de 2025.

PASTANA, Orquídea Pinheiro. **A história da educação e a aplicabilidade da lei 10.639/03: Um olhar na Escola Municipal Manoel Pedro Ferreira na Comunidade Quilombola de São João do Médio Itacuruçá em Abaetetuba-PA.** 2015. 87 f. (Trabalho de Conclusão de Curso em Licenciatura Plena em História) - Faculdade de História, Universidade Federal do Pará, Abaetetuba, 06 de fevereiro de 2015.

PEIXOTO, Lanna Beatriz Lima. **“Toda planta tem alguém com ela”** – sobre mulheres, plantas e imagens dos quintais de Mangueiras. Orientador: Prof. Dr. Flávio Leonel Abreu da Silveira. 2020. 317f. Tese (Doutorado em Sociologia e Antropologia) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Pará, Belém, 2020.

POLANYI, Karl. **A subsistência do homem e ensaios correlatos.** 1ª. ed. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.

PROTOCOLO DE CONSULTA, Prévia, Livre, Informada e de Consentimento do Território Quilombola do Rio Itacuruçá Alto-Ilhas de Abaetetuba| PA. Organização: Território Quilombola do Rio Itacuruçá Alto – Ilhas de Abaetetuba. 2022. 36 p. Disponível:[https://www2.mppa.mp.br/data/files/9F/75/AC/F7/AB80681088F0AD18180808FF/CARTILHA-PROTOCOLO\\_ALTO-ITACURUCA\\_ABAETETUBA.pdf](https://www2.mppa.mp.br/data/files/9F/75/AC/F7/AB80681088F0AD18180808FF/CARTILHA-PROTOCOLO_ALTO-ITACURUCA_ABAETETUBA.pdf) . Acesso em: 29 Ago. 2024.

QUIJANO, Aníbal. **Colonialidade do Poder, Eurocentrismo e América Latina**. Buenos Aires, CLACSO, 2005.

REIS, João José. Recôncavo Rebelde: Revoltas escravas nos engenhos Baianos. Periódicos da Universidade Federal da Bahia (UFBA), 1992. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/afroasia/article/download/20837/13438> . Acesso em: 28 ago. 2024.

SÁ, Talita Rodrigues de; RIBEIRO, Márcio de Abreu; CUNHA, Renata Feio da; RIBEIRO, Rosanne da Costa. Estudo toponímico de comunidades quilombolas do Itacuruçá e Piratuba no município de Abaetetuba-PA, 2022. **Revista Foco**, v. 15, n. 3, p. e444, out. 2022. DOI: 10.54751/revistafoco.v15n3-022. Disponível em: <https://ojs.focopublicacoes.com.br/foco/article/view/444>. Acesso em: 14 may. 2024.

SABOURIN, E. Práticas de reciprocidade e economia de dádiva em comunidades rurais do Nordeste brasileiro. **Raízes**, p. 41-49, novembro 1999.

SABOURIN, E. Marcel Mauss: da dádiva a questão da reciprocidade. **Revista brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 23, n. 66, p. 131-138, fevereiro 2008.

SANTOS, Salomão da Costa; SANTOS, Érika Suzane da Costa Santos. **Gestão do território das comunidades remanescentes de quilombo das ilhas de Abaetetuba - ARQUIA: Políticas públicas e desafios pós-titulação**. 2023. 52 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Administração) - Faculdade de Administração (FAAD), Universidade Federal do Pará, Belém, 22 de dezembro de 2023.

SILVA, Sueli de Castro. **Conhecimento etnobotânico de moradores da comunidade quilombola Itaboca, município de Inhangapi, estado do Pará**. Orientador: Pro. Dr. Gustavo Góes Cavalcante. 2019. 64 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Antrópicos na Amazônia) – campus Universitário de Castanhal, Universidade Federal do Pará, Castanhal, 2019.

SOUZA, Dayana Viviany Silva de. **Formação de Educadoras Ribeirinhas no curso Pedagogia das Águas: Análise das Experiências de vida e suas contribuições nas Práticas educativas na Escola do Assentamento São João Batista no Rio Campompema em Abaetetuba-Pará**. 2020. p. 210. Tese de Doutorado em Educação- Programa de Pós Graduação em Educação, Universidade Federal do Pará, Belém, 2020.

SUNDFELD, Carlos Ari (Org.). **Comunidades quilombolas: direito à terra**. Brasília: Fundação Cultural Palmares, Ministério da Cultura, Editorial Abaré, 2002, p. 78-79.

UBUNTU, a partilha quilombola: Olarias. Direção de Arthur Santos e Cassandra Oliveira. Produtora Executiva Canal Futura. Abaetetuba: TV Norte Independente, 05 de Fevereiro de 2021. Série de documentários disponíveis no Canal Futura da rede Globo Comunicação e Participações S.A. 1 vídeo (26 min.). Disponível em: <https://canaisglobo.globo.com/assistir/futura/ubuntu-a-partilha-quilombola/v/9243635/> . Acesso em 28 |08 |2023.

WALSH, Catherine. Interculturalidade Crítica e Pedagogia Decolonial: In-surgir, re-existir e re-viver. CANDAU, Vera Maria (Org.). **Educação Intercultural na América Latina: entre concepções, tensões e proposta**. Rio de Janeiro: Sete Letras, 2009.